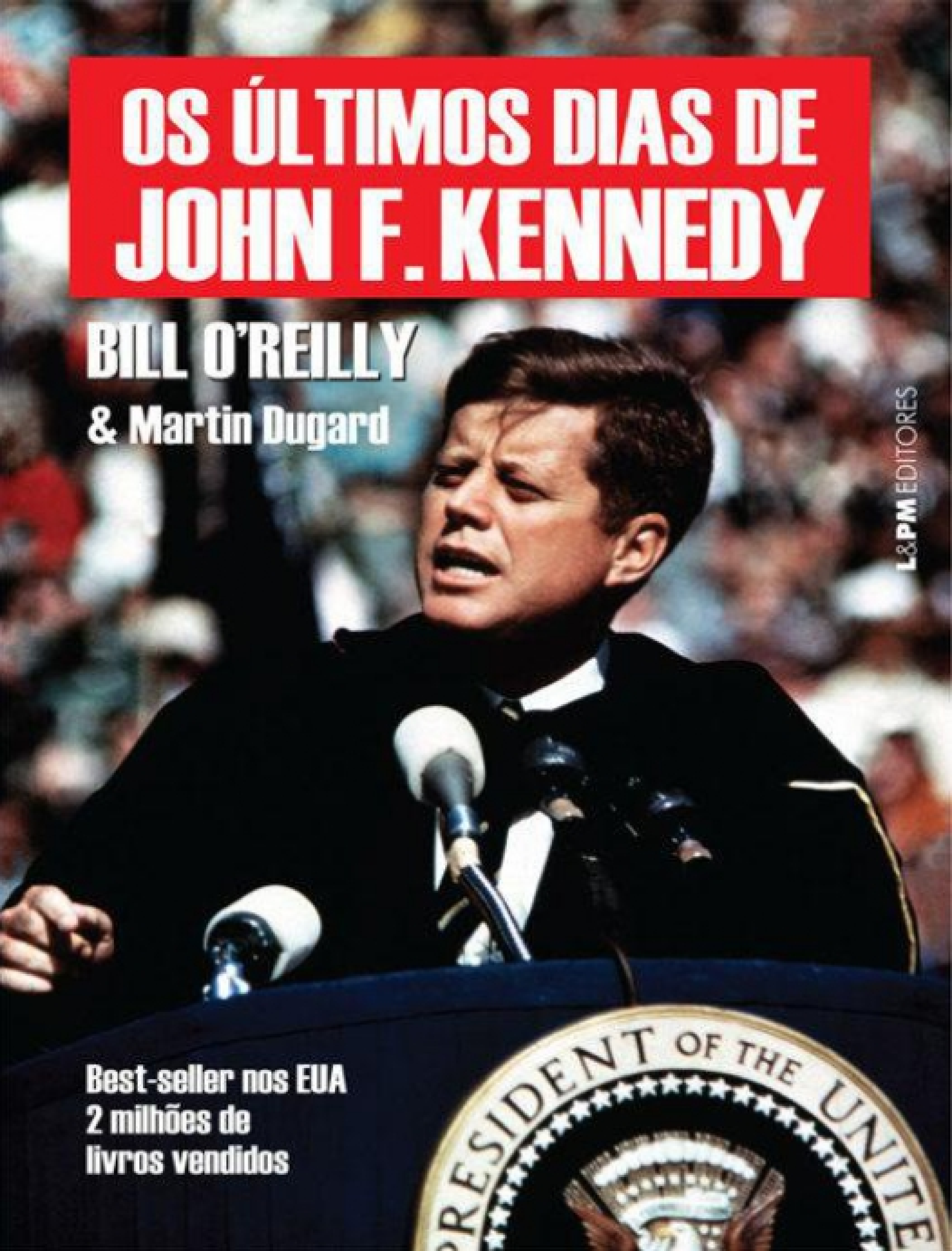
OS ÚLTIMOS DIAS DE JOHN F. KENNEDY

BILL O'REILLY

& Martin Dugard



Best-seller nos EUA
2 milhões de
livros vendidos

L&PM EDITORES

BILL O'REILLY

& Martin Dugard

OS ÚLTIMOS DIAS DE JOHN F. KENNEDY

Tradução de Otavio Albuquerque
e Janaína Marcoantonio

L&PM EDITORES

Este livro é dedicado aos meus antepassados,
os Kennedy de Yonkers, Nova York.
Pessoas esforçadas, generosas e honestas.

UMA NOTA AOS LEITORES

22 DE NOVEMBRO DE 1963
MINEOLA, NOVA YORK
POR VOLTA DAS 14h

Os alunos do primeiro ano ficaram atônitos na aula de religião ministrada pelo padre Carmine Diodati. Pelo alto-falante, um informe da rádio invadiu a classe no Chaminade High School. O presidente John F. Kennedy havia sido baleado em Dallas, no Texas, e levado para o hospital. Pouco tempo depois, todos seriam informados de sua morte. Ninguém soube o que dizer.

A maioria dos americanos que nasceu antes de 1953 sabe exatamente onde estava quando ouviu a notícia do assassinato de JFK. Os dias seguintes àquela terrível sexta-feira foram de muita tristeza e confusão. Por que aquilo aconteceu? Quem realmente matou o presidente? Afinal, em que tipo de país nós vivíamos?

O assassinato de JFK foi um tanto pessoal para mim. Minha avó materna se chamava Winifred Kennedy, e minha família católica irlandesa tinha profundos laços emocionais com o jovem presidente e sua família. Foi como se alguém da minha própria casa tivesse morrido de forma violenta. Como a maioria das crianças de Long Island, eu não me importava muito com as questões da política nacional. Ainda assim, lembro-me claramente das fotos de JFK exibidas nas casas dos meus parentes. Para eles, JFK era um santo. Para mim, ele era uma figura distante que sofreu uma morte terrível, com seu cérebro esparramado em cima do porta-malas de um carro. A cena de sua esposa, Jacqueline, debruçada sobre a traseira da limusine tentando pegar os restos do crânio despedaçado do presidente ficou marcada para sempre na minha memória.

* * *

Martin Dugard e eu ficamos muito satisfeitos com o grande sucesso de *Killing Lincoln*. Nosso objetivo sempre foi tornar a história acessível para todos. Quisemos contar aos leitores exatamente o que aconteceu, de forma divertida e informativa, e por que aconteceu. Depois de narrar os últimos dias de Abraham Lincoln, chegar a John Kennedy foi um passo natural.

Muito já foi dito sobre as grandes similaridades entre esses dois homens. Na verdade, os paralelos são incríveis:

- Lincoln foi eleito pela primeira vez presidente em 1860, e Kennedy, em 1960.
- Os dois foram assassinados em sextas-feiras na presença de suas esposas.
- Seus sucessores foram ambos sulistas de nome Johnson, e ambos atuavam

no Senado.

• Andrew Johnson nasceu em 1808, e Lyndon Johnson, em 1908.

• Lincoln foi eleito para o Congresso em 1846, enquanto Kennedy foi eleito para a Casa dos Representantes em 1946.

• Os dois perderam filhos enquanto cumpriam seus mandatos.

• Booth matou Lincoln em um teatro e depois fugiu para um depósito, enquanto Oswald baleou Kennedy de um depósito onde se escondia e fugiu para um teatro.

Em 1963, poucos americanos compreenderam o quanto o assassinato de JFK mudaria o país. E, em nossos dias, esclarecer eventos históricos que envolvem questões políticas é complicado. Por isso, neste livro, tentaremos deixar tudo isso de lado e mostrar apenas os fatos. Nem todos os fatos, pois alguns, infelizmente, ainda não vieram à tona. Na nossa narrativa, Martin Dugard e eu chegamos até onde as provas concretas nos levaram. Não somos afeitos a teorias conspiratórias, por mais que tivéssemos chegado sim a levantar questões não respondidas e pontos inconsistentes.

No entanto, antes de seguir adiante, saiba que este livro baseou-se em fatos e que parte do que você irá ler aqui nunca antes viera a público.

A verdade sobre o presidente Kennedy tem alguns momentos heroicos e outros perturbadores. A verdade sobre como e por que ele foi assassinado é simplesmente cruel. Mesmo assim, essa é uma história que todos os americanos deveriam conhecer.

Está tudo aqui neste livro. É um grande privilégio para mim oferecê-lo a você.

Bill O'Reilly
Maio de 2012
Long Island, Nova York

29/05/1917 – 22/11/1963

PRÓLOGO

20 DE JANEIRO DE 1961
WASHINGTON D.C.
12h51

O homem com menos de três anos para viver está com a mão esquerda sobre a bíblia.

O chefe de Justiça dos Estados Unidos, Earl Warren, está de pé à sua frente e recita as palavras do juramento presidencial. “O senhor, John Fitzgerald Kennedy, jura solenemente...”

“Eu, John Fitzgerald Kennedy, juro solenemente”, responde o novo presidente com seu sotaque de Boston. Seus olhos estão fixos no jurista cujo nome depois seria conhecido como sinônimo da morte do próprio Kennedy.

O novo presidente, nascido em berço de ouro, tem um estilo refinado ao falar que poderia distanciá-lo do eleitorado. Mas ele é um homem que sabe transmitir entusiasmo e para quem ser simpático é muito fácil. Ele chegou a brincar abertamente sobre a vasta fortuna de seu pai durante a campanha, neutralizando essa polêmica com muito humor e candura para que o cidadão americano comum confiasse no seu discurso que prometia fazer dos Estados Unidos um país melhor. “Homens humildes da Virgínia Ocidental ouviram um homem de Boston dizer que precisava de sua ajuda, e o ajudaram. Nos confins de Nebraska, com o típico gesto incisivo da mão direita, ele explicou que os Estados Unidos poderiam ser uma nação ainda mais grandiosa, e os agricultores entenderam o que ele queria dizer”, comentou um escritor sobre a imensa simpatia de Kennedy.

Nem isso tornava JFK uma unanimidade. Ele venceu Richard Nixon em votação popular por uma margem minúscula, com apenas 49 % dos votos. Aqueles agricultores podiam entender o que Kennedy queria dizer, mas 62 % dos cidadãos de Nebraska haviam votado em Nixon.

“Que executará fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos.”

“Que executarei fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos...”

Oitenta milhões de americanos estão assistindo à cerimônia de posse pela tevê. Vinte mil outros estão acompanhando o evento ao vivo. Vinte centímetros de neve se acumularam como uma camada grossa e úmida ao cair sobre Washington D.C. durante a noite. O exército precisou usar lança-chamas para liberar as ruas. O sol agora brilha sobre o Capitólio, mas um vento brutal açoita a multidão. Os espectadores tentam se proteger com sacos de dormir, cobertores, suéteres grossos e casacos de inverno – qualquer coisa serve para esquentar.

Mas John Kennedy ignora o frio. Ele até tirou o sobretudo. Aos 43 anos, JFK emana uma aura de bravura e vigor. O fato de ele estar sem casaco, cartola,

cachecol ou luvas é um gesto ensaiado, estratégia cuja intenção é enfatizar sua imagem atlética. Ele está em forma e tem pouco mais de um metro e oitenta de altura, olhos verde-acinzentados, sorriso encantador e um forte bronzeado graças a viagem recente à casa de sua família em Palm Beach. Apesar de parecer tão cheio de saúde, o histórico médico de JFK é preocupante. Kennedy já havia recebido extrema-unção da Igreja Católica Romana em duas ocasiões. Seus problemas de saúde continuarão a atrapalhá-lo nos anos seguintes.

"E dará o melhor de si..."

"E darei o melhor de mim..."

Entre o mar de dignitários e amigos em torno dele, há três pessoas de importância vital. A primeira é seu irmão mais jovem, Bobby, escolhido com relutância para o cargo de procurador-geral. O presidente o respeita mais pela sua honestidade como conselheiro do que por suas habilidades jurídicas. Ele sabe que Bobby sempre lhe dirá a verdade, por mais cruel que ela possa ser.

Atrás do presidente está o novo vice-presidente, Lyndon Johnson. Pode-se dizer, e o próprio Johnson também acredita nisso, que Kennedy foi eleito graças a esse texano alto e durão. Sem Johnson em cena, Kennedy poderia nunca ter vencido no estado da estrela solitária, sob risco de ficar, portanto, sem os preciosos 24 votos eleitorais. Ainda assim, a chapa Kennedy-Johnson venceu apenas pela parca margem de 46 mil votos no Texas – uma proeza que precisaria ser repetida, caso Kennedy quisesse ser reeleito.

Por fim, o novo presidente olha para sua jovem esposa logo atrás do ombro esquerdo de Earl Warren. Jackie Kennedy está radiante em seu casacão cinza e chapéu combinando. Cabelos castanho-escuros e uma gola de pele emolduram seu belo rosto. Seus olhos cor de âmbar brilham de empolgação; e ela não mostra nenhum sinal de cansaço, apesar de ter ficado acordada até as quatro da manhã. Não faltou bebida na comemoração pré-posse, que contou com nomes como Frank Sinatra e Leonard Bernstein. Jackie foi para casa em Georgetown muito antes da festa acabar, mas sem seu marido. Quando finalmente voltou, pouco antes das quatro da manhã, John encontrou sua esposa ainda de pé, ansiosa demais para dormir. Enquanto a neve continuava a cair sobre motoristas parados e fogueiras improvisadas nas ruas de Washington, o jovem casal se sentou junto naquele fim de madrugada para conversar. Ele contou sobre o jantar organizado pelo seu pai, e conversaram empolgados sobre a cerimônia de posse. Seria um dia extraordinário, com a promessa de muitos outros ainda por vir.

John F. Kennedy sabe muito bem que o público adora Jackie. Na noite anterior, quando a limusine dos Kennedy passou pela multidão nas ruas nevadas de Washington, o presidente eleito pediu que as luzes dentro do carro fossem acesas para que as pessoas pudessem ver sua esposa. O glamour, o estilo e a beleza de Jackie cativaram os Estados Unidos. Ela fala fluentemente francês e espanhol, fuma em segredo cigarros com filtro um após o outro e prefere

espumante a coquetéis. Como seu marido, Jackie tem um sorriso estonteante, mas faz um contraponto tímido ao jeito extrovertido de John. Ela não confia muito em estranhos.

Apesar de sua imagem glamorosa, Jackie Kennedy já enfrentou grandes tragédias em seus sete anos de casamento. Ela perdeu o primeiro bebê do casal em um aborto espontâneo, e, na segunda gravidez, deu à luz uma menina natimorta. Mas também viveu a alegria de dois partos saudáveis, dando à luz Caroline e John Jr., e a impressionante ascensão de seu belo e jovem marido: de político de Massachusetts a presidente dos Estados Unidos.

Sua tristeza ficou para trás. O futuro parece promissor e sem limites. A presidência Kennedy destina-se a ser, como no bordão de um novo sucesso no Majestic Theater da Broadway, muito semelhante à mítica Camelot, onde "simplesmente não há lugar melhor para um final feliz".

* * *

"Preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos..."

"Preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos..."

O antecessor de Kennedy, Dwight Eisenhower, está ao lado de Jackie. Atrás de Kennedy, estão Lyndon Johnson, Richard Nixon e Harry Truman.

Normalmente, a presença de apenas um desses dignitários em qualquer evento exigiria um aparato de segurança maior. Ter todos eles presentes na cerimônia de posse, sentados tão perto uns dos outros, é um verdadeiro pesadelo para os seguranças.

O Serviço Secreto está em alerta total. Seu trabalho é proteger o presidente. Aos 55 anos, o agente e diretor chefe U.E. Baughman está no comando do Serviço Secreto desde o mandato de Truman. Ele acredita que o estilo atlético de Kennedy e seu gosto por se embrenhar em multidões transformará a tarefa de protegê-lo num desafio inédito na história. O esguio Baughman, com seu característico corte de cabelo curto, quase evacuou o palanque principal três vezes hoje, preocupado com a segurança do presidente. Em uma delas, quando uma fumaça azul começou a subir do púlpito durante a oração inicial, surgiu a preocupação com a possibilidade de uma bomba. Agentes correram para investigar. Logo descobriram que a fumaça vinha do motor que erguia e abaixava o púlpito. Para resolver o problema, bastou desligar o motor. Agora, os agentes de Baughman estão de olho na multidão, ansiosos com a proximidade do imenso público. Um fanático bem treinado com uma pistola poderia matar o novo presidente, dois ex-presidentes e um par de vice-presidentes com cinco tiros certeiros.

Baughman tem plena consciência de outro fato preocupante. Desde 1840, todos estes presidentes eleitos morreram em pleno mandato após um ciclo de vinte anos: Harrison, Lincoln, Garfield, McKinley, Harding e Roosevelt. Nenhum

presidente havia sido assassinado nos quase sessenta anos anteriores, graças à eficiência do Serviço Secreto. No mês anterior, agentes haviam impedido um ataque contra Kennedy. Um frustrado ex-funcionário dos correios planejava matá-lo usando dinamite. Baughman enfrenta um perturbador dilema: essa sequência de mortes presidenciais será quebrada, ou Kennedy será o próximo?

JFK debocha da possibilidade de morrer no mandato. Só para provar que não acredita em superstições, o novo presidente escolheu dormir no Quarto Lincoln durante suas primeiras noites na Casa Branca – aparentemente sem se incomodar com o fantasma de Abe Lincoln.

"Que Deus o ajude."

"...que Deus me ajude."

Terminado o juramento, Kennedy aperta a mão do chefe de Justiça Warren, a de Johnson e a de Nixon. Por fim, ele fica frente a frente com Eisenhower. Os dois abrem sorrisos cordiais, mas há frieza em seus olhos. O apelido condescendente que Eisenhower deu a Kennedy é "Menino Azul", em referência à fábula infantil. Ele o vê como imaturo e incapaz de governar o país e acha uma temeridade um homem que foi apenas um mero tenente na Segunda Guerra Mundial esteja substituindo na presidência o general que comandou a invasão do Dia D. Por sua vez, Kennedy enxerga o velho general como um homem pouco interessado em corrigir os problemas da sociedade americana – a maior prioridade de JFK.

Kennedy é o presidente mais jovem já eleito. Eisenhower, o mais velho. A grande diferença de idade entre eles também representa duas gerações muito diferentes de americanos – e duas visões muito diferentes dos Estados Unidos. Em alguns instantes, Kennedy irá fazer um discurso inaugural, e essas diferenças ficarão mais claras do que nunca.

O trigésimo quinto presidente dos Estados Unidos solta a mão de Eisenhower. Vira-se lentamente para a esquerda e para em frente ao púlpito sinalizado com o selo presidencial. Kennedy olha para as folhas com seu discurso, ergue a cabeça e vê os milhares de rostos gelados à sua frente. Sabe que a multidão está impaciente. A cerimônia começou atrasada, a oração feita pelo cardeal Richard foi extremamente longa e, devido ao sol forte, o poeta Robert Frost, então com 86 anos, não conseguiu ler os versos especiais que havia preparado para a ocasião. Pelo visto, nada acontece como planejado. O que essas pessoas tremendo de frio desejam é um momento de redenção. Algumas palavras que apontem uma mudança nas estagnadas políticas de Washington. Palavras capazes de restaurar uma nação dividida pelo macarthismo, traumatizada pela Guerra Fria e que ainda enfrenta problemas de segregação e discriminação raciais.

Kennedy é um historiador laureado com o Pulitzer, tendo recebido o prêmio pelo seu livro *Profiles in Courage*. Ele sabe o valor de um bom discurso inaugural.

Há meses, rumina as palavras que está prestes a recitar. Na noite passada mesmo, enquanto as luzes dentro do carro estavam acesas para tornar Jackie visível aos olhos dos curiosos, ele releu o discurso inaugural de Thomas Jefferson – e achou o seu fraco. Na manhã de hoje, ele acordou após apenas quatro horas de sono e, com um lápis, revisou seu discurso várias e várias vezes.

Suas palavras ressoam como um bálsamo. "Que não se restrinja a este momento nem a este lugar, e chegue igualmente a amigos e inimigos, a notícia de que a tocha foi passada a uma nova geração de americanos – nascidos neste século, endurecidos pela guerra, disciplinados por uma dura e amarga paz, orgulhosos de nosso patrimônio ancestral..."

Esse não é um discurso inaugural qualquer. É uma promessa. Kennedy está dizendo que os melhores dias dos Estados Unidos ainda estão por vir, mas apenas caso todos se esforcem para fazer sua parte. "Não perguntem o que seu país pode fazer por vocês", exige ele, erguendo a voz para soltar sua frase final, "mas sim o que vocês podem fazer pelo seu país."

O discurso entrará para a história como um clássico. Com menos de 1.400 palavras, John Fitzgerald Kennedy definiu sua visão de país. Ele agora deixa seu discurso de lado, sabendo que é chegada a hora de cumprir a grande promessa feita por ele ao povo americano. Ele precisa gerenciar a crise envolvendo Cuba e seu líder pró-soviético, Fidel Castro. Ele precisa enfrentar os problemas em uma terra distante conhecida como Vietnã, onde um pequeno grupo de consultores militares dos Estados Unidos está tentando manter a estabilidade há muito tempo abalada pela guerra. E aqui, em sua casa, o poder dos sindicatos mafiosos e as cisões criadas pelo movimento dos direitos civis são dois pontos cruciais que exigem atenção imediata. Além disso, em um plano muito mais pessoal, ele também precisa negociar as diferenças entre o procurador-geral Bobby Kennedy e seu vice-presidente, Lyndon Johnson, que se detestam.

JFK analisa a multidão encantada com ele, sabendo que tem muito trabalho pela frente.

Nem todos os convidados à cerimônia compareceram. Os famosos artistas, que estiveram nas comemorações da noite anterior, tinham lugares garantidos neste ponto de virada da história dos Estados Unidos. Devido ao frio e à etílica celebração até altas horas, o cantor Frank Sinatra, o ator Peter Lawford e o compositor Leonard Bernstein – e vários outros – optaram por dormir até mais tarde e acompanhar o evento pela tevê. "Não vou faltar ao segundo discurso de posse dele" é a desculpa comum entre todos.

No entanto, não haverá um segundo discurso de posse, pois John Fitzgerald Kennedy está em rota de colisão com seu terrível destino.

* * *

A aproximadamente sete mil quilômetros dali, na cidade soviética de Minsk,

um americano que não votou em John F. Kennedy está irritado. Lee Harvey Oswald, um ex-atirador de elite dos fuzileiros navais dos Estados Unidos, já está farto de sua vida nesta nação comunista.

Oswald é um desertor. Em 1959, aos dezenove anos, esse enigmático jovem errante de corpo forte, razoavelmente bonito, decidiu abandonar os Estados Unidos da América, convencido de que suas crenças socialistas seriam bem-vindas na União Soviética. No entanto, as coisas não aconteceram segundo seu plano. Oswald queria estudar na Universidade de Moscou, mesmo sem nunca ter terminado o colégio. Em vez disso, o governo soviético o despachou mais de seiscentos quilômetros a oeste, para Minsk, onde vem trabalhando em uma fábrica de eletrônicos.

Oswald gosta de viver na estrada, mas os soviéticos restringiram fortemente suas viagens. Até o momento, sua estada no país tem sido caótica e nômade. O pai de Oswald morreu antes de seu filho nascer. Sua mãe se casou novamente, mas logo se divorciou. Marguerite Oswald era pobre e se mudou muitas vezes enquanto Lee ainda era criança, passando pelo Texas, Nova Orleans e Nova York. Quando abandonou o colégio para se alistar no exército, Oswald já havia tido 22 endereços diferentes e estudado em doze escolas – incluindo um reformatório, onde uma avaliação psiquiátrica institucional o qualificou como retraído e socialmente problemático. Segundo o diagnóstico, ele teria "uma vida fantasiosa, girando em torno de ilusões de onipotência e poder, com as quais tenta compensar suas atuais debilidades e frustrações".

A União Soviética de 1961 não era exatamente o melhor lugar para um homem à procura de independência de poder. Pela primeira vez na vida, Lee Harvey Oswald se viu estagnado. Ele acorda toda manhã e se arrasta até uma fábrica, onde trabalha hora após hora operando um torno mecânico, cercado por colegas cuja língua ele mal compreende. Sua deserção, em 1959, virou notícia nos jornais americanos por ser extremamente incomum: um fuzileiro naval dos Estados Unidos – mesmo um jovem tão pró-soviético que seus companheiros chegaram a apelidá-lo de "Oswaldskovich" – nunca viola o juramento de fidelidade eterna ("Semper Fi") e muda para o lado do inimigo. Oswald agora é apenas um anônimo, o que para ele é algo completamente inaceitável. A ideia de desertar de seu país já não lhe parece mais tão boa. Oswald confidencia em seu diário que está totalmente desiludido.

Lee Harvey Oswald não tem nada contra John Fitzgerald Kennedy. Ele nem sabe muita coisa sobre o novo presidente, nem sobre suas posições políticas. E, por mais que Oswald tenha sido um excelente atirador no exército, poucos detalhes em seu histórico indicam que ele possa ser uma ameaça a qualquer pessoa além de si mesmo.

Enquanto os Estados Unidos comemoram a posse de Kennedy, o desertor escreve para a embaixada dos Estados Unidos em Moscou. Sua missiva é curta e direta: Lee Harvey Oswald quer voltar para casa.

Lee Harvey Oswald em seu requerimento de cidadania soviética em 1959.

(Bettmann/Corbis/AP Images)

PARTE I

ENGANANDO A MORTE

1

2 DE AGOSTO DE 1943
ESTREITO DE BLACKETT, ILHAS SALOMÃO
2h

É fevereiro de 1961. O novo presidente tem um coco em cima de sua mesa. Ele tem sorte por estar vivo, pois já driblou a morte três vezes durante sua curta vida, e esse incomum peso de papel é um lembrete da primeira vez que ele enfrentou a morte cara a cara. Seus assistentes tomaram o cuidado de posicionar o coco em um lugar de destaque ao prepararem o escritório do novo presidente no Salão Oval. Eles sabem que seu chefe quer esse coco muito especial bem à vista, porque ele o lembra de um incidente, agora famoso, que testou sua coragem.

* * *

Dezoito anos antes, em 1943, em uma tranquila noite, três torpedeiros americanos em patrulha cruzam o Estreito de Blackett, no sul do Pacífico, caçando navios de guerra japoneses perto de uma área altamente disputada conhecida como A Fenda. Com seus quase 25 metros de comprimento, cascos de mogno com cinco centímetros de espessura e movidos cada um por três poderosos motores Packard, esses torpedeiros de patrulha (TP) são embarcações ágeis, capazes de cortar as águas perto o bastante para afundar navios de guerra japoneses com uma bateria de torpedos Mark VIII.

O posto de capitão do barco de número 109 é ocupado por um jovem segundo-tenente, que está acomodado em sua cabine e quase dormindo. Ele desliga dois de seus motores para esconder o *TP-109* dos aviões de patrulha japoneses. O terceiro motor continua com um ronco suave, com sua hélice bem abaixo da superfície, não deixando quase nenhum rastro em meio à água iridescente. Ele olha para o mar sob a noite sem a luz da lua ou das estrelas, tentando encontrar os outros dois TPs por perto. Mas eles estão invisíveis em meio à escuridão – como o 109.

O capitão não vê nem ouve o destróier *Amagiri* até já ser quase tarde demais. O navio faz parte do Expresso de Tóquio, um ousado experimento japonês criado para transportar soldados e armas com furtivas entradas e saídas das Ilhas Salomão em navios de guerra ultrarrápidos. O Expresso usa sua agilidade e o véu da noite para realizar essas missões. O *Amagiri* acaba de deixar novecentos soldados em Vila, na ilha Kolombangara perto dali, e está rasgando as águas de volta ao bastião japonês em Rabaul, Nova Guiné, antes que o amanhecer permita que bombardeiros americanos o encontrem e o afundem. A embarcação tem um comprimento maior do que um campo de futebol, mas

apenas nove metros em sua parte mais larga, permitindo que o *Amagiri* corte o mar a incríveis setenta quilômetros por hora.

Na proa do *TP-109*, o alferes George “Barney” Ross de Highland Park, Illinois, também está analisando a noite. Sua embarcação anterior foi afundada recentemente por um bombardeiro americano por acidente, e ele se voluntariou para participar desta missão como observador. No instante seguinte, Ross se espanta ao avistar através de seus binóculos o *Amagiri* a pouco mais de duzentos metros, avançando a toda velocidade contra o 109. Ele aponta para o breu. O capitão vê o navio e gira o leme com força, tentando manobrar na direção do destróier para disparar seus torpedos à queima-roupa – essa é sua única opção, ou os americanos seriam esmagados.

O *TP-109* não consegue ser rápido o bastante.

Em um aterrador instante, o *Amagiri* atravessa seu casco de mogno. O corte diagonal começa pelo lado direito da embarcação, por pouco não acertando a cabine. O capitão é quase esmagado enquanto pensa “Então essa é a sensação de ser morto”. Dois membros da tripulação de treze homens morrem na hora. Dois outros são feridos quando o *TP-109* explode e começa a pegar fogo. Os dois outros torpedeiros americanos na água, *TP-162* e *TP-169*, sabem reconhecer uma explosão fatal quando veem uma, e não esperam para procurar sobreviventes. Eles acionam seus motores e disparam noite adentro, temendo a presença de outros navios de guerra japoneses na área. O *Amagiri* também não para, avançando rumo a Rabaul, mesmo enquanto sua tripulação vê o pequeno torpedeiro americano em chamas ficando para trás.

Os homens do *TP-109* estão sozinhos.

O capitão, homem responsável por ter permitido que um navio tão grande tenha pegado sua embarcação de surpresa, é o tenente John Fitzgerald Kennedy. Ele tem 26 anos, é magro como uma vara e todo bronzeado. Um jovem rico que estudou em Harvard e foi forçado pelo pai a abandonar a inteligência naval para assumir uma posição de combate quando ele soube que a amante dinamarquesa de seu filho poderia ser uma espiã nazista. Como o segundo filho de uma família na qual o primogênito é alvo de enormes expectativas, Kennedy pôde dar-se ao luxo de levar uma vida frívola. Ele foi uma criança de saúde frágil e um rapaz apaixonado por livros e garotas. Mesmo no comando de uma pequena embarcação como o *TP-109*, nunca mostrou qualquer interesse por uma posição de liderança na política – ambição exigida do seu irmão mais velho, Joe.

Nada disso importa agora. Kennedy precisa encontrar uma maneira de salvar a vida dos seus homens. Tempos depois, quando pedirem a ele que descreva o eminente ponto de virada dessa noite, ele responderá, como se não fosse nada: “Foi involuntário. Eles só afundaram meu barco”.

Suas palavras camuflam o fato de que ele poderia ser julgado em corte marcial por deixar que seu barco fosse afundado e dois de seus homens fossem

mortos. No entanto, o naufrágio do *TP-109* mudará a vida de John F. Kennedy – não pelo que aconteceu, mas pelo que está prestes a ocorrer.

Tenente John Fitzgerald Kennedy na cabine do TP-109.
(Fotógrafo desconhecido, documentos de John F. Kennedy, documentos presidenciais, arquivo presidencial, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

A popa do *TP-109* já está afundando nas águas do Blackett, a mais de 350 metros abaixo da superfície. A seção dianteira do casco continua boiando, graças aos compartimentos estanques. Kennedy reúne os sobreviventes de sua tripulação na proa para esperar ajuda. O rastro do *Amagiri* empurra as chamas para longe dos destroços do 109, acalmando os temores de Kennedy de que o fogo possa detonar estoques remanescentes de munição ou seus tanques de combustível. No entanto, com o passar das horas – uma, depois duas e então três – fica óbvio que ninguém virá ajudá-los, então Kennedy percebe que precisa de um novo plano. O Estreito de Blackett fica entre várias pequenas ilhas que agora abrigam milhares de soldados japoneses. Não há dúvidas de que alguém em terra tenha visto a explosão.

“O que vocês querem fazer se os japoneses aparecerem?”, pergunta Kennedy à tripulação. Como o maior responsável pela vida de seus homens, ele está perdido. O casco está começando a afundar, e as únicas armas que ele e seus homens possuem são uma metralhadora e sete pistolas. Entrar em um tiroteio seria suicídio.

Os homens podem ver claramente um acampamento japonês a menos de dois quilômetros de distância, na ilha de Gizo, e sabem que existem duas outras bases de grande porte nas ilhas de Kolombangara e de Vella Lavella, cada uma a apenas oito quilômetros dali.

“Estamos às suas ordens, sr. Kennedy. O senhor é o chefe”, responde um dos tripulantes.

Kennedy não se sente muito confortável nessa posição de chefe. Durante seus meses como capitão do 109, seu trabalho em grande parte se resumiu a pilotar o torpedeiro. Seus homens reclamam que ele parecia estar mais interessado em procurar garotas do que comandar a embarcação. Kennedy se sente muito melhor em um papel de auxiliar. Ele cresceu atendendo as ordens de seu pai dominador e admirando seu carismático irmão mais velho. Seu pai, Joseph P. Kennedy, é um dos homens mais ricos e poderosos dos Estados Unidos e ex-embaixador da Grã-Bretanha. Seu irmão Joe, aos 28 anos, é um belo aviador naval que em breve entrará em ação realizando missões contra submarinos nazistas na Europa.

A família Kennedy recebe todas as suas diretrizes do seu patriarca. John Kennedy um dia ainda irá comparar essa relação a um titereiro e suas marionetes. Joseph P. Kennedy decide como seus filhos devem viver suas vidas,

monitora todas as suas ações, tenta dormir com as amigas de seus filhos e filhas e inclusive chegou a ordenar a lobotomia de uma de suas próprias filhas. Ele já escolheu Joe para ser o político da família. Aliás, ele cuidou de tudo para que seu primogênito fosse um delegado na Convenção Democrática Nacional de 1940. Enquanto isso, antes da guerra, John passava seus dias escrevendo e viajando. Muitos integrantes da família ainda acreditam que ele um dia será escritor.

Mas agora, nesta trágica noite no Pacífico, Joseph P. Kennedy não tem como dizer ao seu filho o que fazer. “Não há nada nos manuais sobre uma situação assim”, diz JFK à sua tripulação, tentando ganhar tempo. “Parece que não estamos mais sob nenhum protocolo militar. Vamos só conversar para decidir o que fazer.”

Seus homens foram treinados para seguir ordens, não discutir estratégias. Eles rebatem a ideia, mas Kennedy se recusa a fazer o papel de comandante. A tripulação estava à espera de um navio de resgate, ou algum avião de buscas. Conforme o dia amanhece, as horas passam e o *TP-109* afunda mais e mais na água. Continuar junto aos destroços significa que eles com certeza em breve serão capturados por tropas japonesas ou serão atacados por tubarões.

Por fim, John F. Kennedy assume o comando.

“Vamos nadar”, ordena ele aos homens, apontando para um conjunto de ilhas verdejantes quase cinco quilômetros a sudeste. Ele explica que embora essas ilhotas possam estar mais longe do que a ilha de Gizo, que parece estar quase ao seu lado, é menor a probabilidade de encontrá-las ocupadas por soldados japoneses.

Os homens se agarram a um pedaço de madeira e o usam como boia para nadar rumo às ilhas distantes. Kennedy, um atleta da equipe de natação de Harvard, leva consigo um tripulante que sofreu graves queimaduras, puxando-o por uma amarra de seu salva-vidas presa entre seus próprios dentes. Nas cinco horas até a ilha, Kennedy engole muita água do mar, mas suas habilidades como nadador permitem que chegue à praia antes de sua tripulação. Ele deixa o tripulante queimado na água rasa e cambaleia pela margem para explorar seu novo ambiente. A ilha não oferece grande coisa: areia, algumas palmeiras e um coral à sua volta. De uma ponta a outra, ela não chega a cem metros. Mas é terra firme. Após quase quinze horas em alto-mar, isso é tudo o que eles poderiam querer.

O resto da tripulação por fim chega à praia. Eles se escondem nas águas rasas enquanto uma barca japonesa passa a poucas centenas de metros da margem. Kennedy está caído à sombra de arbustos mais adiante, exausto pelo esforço e nauseado após engolir tanta água do mar. Ainda assim, apesar de sua condição debilitada, algo nele está diferente. Aquele homem que antes fugia da liderança percebeu que é o único ali capaz de salvar sua tripulação.

JFK se levanta e parte para o trabalho.

* * *

Kennedy olha para a praia. A areia é branca e desce inclinada até a água. Os homens procuraram abrigo sob algumas árvores de copa baixa. Com uma sensação de alívio, ele vê que ali perto está um grande pacote enrolado em um colete salva-vidas de paina, algo que seus homens trouxeram do *TP-109*. Kennedy precisa desse pacote para o que está prestes a fazer.

Dentro do pacote está uma das lanternas do barco. Kennedy cambaleia até seus homens e explica seu plano: ele irá nadar até outra ilha próxima, situada mais perto de um canal conhecido como passagem de Ferguson, uma rota popular entre torpedeiros de patrulha, e usará a lanterna para atrair a atenção de alguma embarcação que por acaso esteja passando por ali à noite. Caso consiga fazer contato, enviará sinais de luz para a tripulação.

Kennedy se prepara para nadar. Ele ainda está passando mal e agora está também tonto por desidratação e fome. Ele tira a camisa e as calças para aliviar o peso e amarra uma pistola calibre .38 em um cordão em volta do pescoço. Tirara os sapatos e também os amarrara em volta do pescoço antes do longo trajeto do *TP-109* até a praia, mas agora ele os calça de novo para proteger os pés contra as afiadas pontas dos recifes. Por fim, Kennedy abraça o colete de paina com força contra o corpo nu, sabendo que a lanterna dentro do colete é crucial para que eles sejam resgatados.

Kennedy volta para o mar. Ele pensa nas gigantescas barracudas que vivem nessas águas. Segundo boatos, costumam surgir das profundezas e arrancar a dentadas os órgãos genitais de banhistas desavisados. Sem as calças, ele com certeza seria um alvo fácil.

Kennedy nada sozinho noite afora até seus pés voltarem a raspar em um coral. Ele se arrasta pela superfície irregular, procurando o inevitável ponto onde o coral termina e a areia da praia começa. Mas o coral parece infinito. Pior ainda, o coral corta suas mãos e suas pernas várias e várias vezes. Sempre que Kennedy dá um passo em falso e afunda na água dentro de um buraco escondido, sua mente logo imagina uma barracuda.

Kennedy nunca encontra as areias da praia. Então, depois de amarrar seus sapatos em seu cinto, ele toma uma atitude corajosa e um tanto imprudente: nada em direção ao mar aberto, com sua lanterna erguida, esperando chamar a atenção de algum torpedeiro.

No entanto, nesta noite, por mero acaso, nenhum torpedeiro dos Estados Unidos cruzará a passagem de Ferguson. Kennedy nada mergulhado no breu absoluto, esperando em vão pelo som abafado de hélices sob a água.

Ele finalmente desiste. No entanto, quando tenta nadar de volta até seus homens, acaba sendo traído pelas correntes. Ele é levado para bem longe pelo Estreito de Blackett, erguendo em desespero a lanterna para atrair a atenção de

seus homens enquanto flutua à deriva. Os membros da tripulação discutem entre si se as luzes que estão vendo não seriam uma miragem criada pela fome e pela desidratação, mesmo enquanto seu capitão é arrastado para ainda mais e mais longe em meio à completa escuridão.

John Kennedy desamarra seus sapatos pesados e os deixa afundar na água, pensando que reduzir seu peso poderá ajudá-lo a nadar com mais facilidade. Mas não funciona. Ele é arrastado para ainda mais e mais longe Pacífico afora. Por mais que ele se esforce, a corrente o leva para o outro lado. Sozinho no escuro, com o corpo agora gelado e a mente tomada por pensamentos conflitantes, Kennedy apenas flutua ao sabor da maré. Ele é um homem enigmático. Apesar de sua reputação de rapaz namorador, teve uma criação católica romana. Sua fé vacilou nos últimos meses, mas agora volta com toda força. Por mais que tudo pareça perdido, Kennedy ainda tem esperanças.

E ele não solta sua lanterna.

A família Kennedy em seu complexo de Hyannis Port, em 1931.

(Foto de Richard Sears, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

Kennedy flutua pelo mar, mais sozinho e impotente do que nunca, durante a noite toda. A pele de seus dedos está enrugada, e seu corpo fica ainda mais frio.

Mas sua hora de morrer não chegou. Ainda não. O sol nasce, e Kennedy fica perplexo ao perceber que as mesmas correntes que antes o puxaram para o mar agora mudaram e o trouxeram de volta bem ao seu ponto de partida.

Ele nada de volta em segurança até seus homens. Após horas sendo usada como um farol no meio da escuridão, a lanterna por fim se apagou de uma vez por todas.

Dias se passam. Kennedy e seus homens sobrevivem engolindo lesmas vivas e lambendo o orvalho de folhas. Eles batizam a nova casa de ilha Bird pela abundância de guano que cobre as folhas das árvores. Às vezes, eles avistam aviões em combate no céu, mas nunca um avião de resgate. Na verdade, mesmo enquanto eles ainda lutam para sobreviver, seus colegas torpedeiros realizam uma cerimônia em sua memória.

Após quatro dias, Kennedy convence George Ross, de Highland Park, Illinois, a tentar a sorte no mar de novo com ele. Dessa vez, eles partem rumo a uma ilha chamada Naru, onde a probabilidade de encontrar soldados japoneses é bem grande. A esta altura, com seus corpos já devastados pela fome e pela sede, ser capturado se tornou um destino preferível à morte certa.

Eles nadam durante uma hora. Em Naru, encontram uma barca inimiga abandonada e veem dois japoneses remando para longe às pressas em uma canoa. Kennedy e Ross vasculham a barca à procura de suprimentos e encontram água, biscoitos e também uma pequena canoa. Após passar o dia escondido, Kennedy deixa Ross em Naru e rema sozinho na canoa rumo à passagem de Ferguson. Sem uma lanterna ou qualquer forma de chamar a atenção de algum torpedeiro de passagem, JFK agora está desesperado, disposto a fazer apostas ousadas. Ainda assim, apesar de suas parcas chances, ele consegue aguentar mais uma noite, remando de volta na canoa até seus homens.

Por fim, ele recebe uma boa notícia. Os homens que ele viu e achou serem japoneses na verdade eram apenas habitantes locais. Eles haviam avistado Kennedy e Ross, e então remaram até a tripulação do *TP-109* para avisá-los sobre a presença das forças japonesas na área.

Kennedy encontra esses ilhéus na manhã seguinte, quando sua canoa afunda no caminho de volta a Naru. Esses homens muito experientes no mar surgem do nada para tirá-lo das águas e o levam em segurança até George Ross. Antes de se despedir dos ilhéus, Kennedy entalha uma mensagem na casca de um coco: “ILHA NAURO... COMANDANTE... UM NATIVO SABE A POSIÇÃO... ELE

PODE PILOTAR... 11 VIVOS... PRECISO DE UM PEQUENO BARCO... KENNEDY."

Com essa mensagem cifrada em mãos, os nativos seguem seu rumo.

* * *

A noite cai. Uma chuva desaba. Kennedy e Ross dormem sob um arbusto. Seus braços e pernas estão inchados com picadas de insetos e cortados pelos recifes. Os ilhéus mostraram a eles onde outra canoa está escondida em Naru, e Kennedy insiste com Ross que eles deveriam voltar ao mar aberto mais uma vez à procura de um torpedeiro.

Só que agora o Pacífico não está tão calmo. A chuva é torrencial. As ondas chegam a quase dois metros. Kennedy dá a ordem de voltar, mas a canoa acaba virando. Os dois homens se agarram ao barco de ponta-cabeça, batendo as pernas com toda força para conseguir guiá-lo de volta à praia. Ondas imensas agora quebram contra o recife. Kennedy é separado da canoa. A força do mar o puxa para baixo e o gira pelas águas. Mais uma vez, ele acredita estar perto da morte. Mas bem quando tudo parece perdido ele consegue voltar à superfície. Ele se debate para chegar ao coral. Ross está perto e vivo. Enquanto a chuva continua a desabar, eles abrem caminho em meio ao acidentado coral e chegam à praia, cortando mais uma vez seus pés e suas pernas.

Dessa vez, eles não pensam em barracudas, apenas em sobreviver. Exaustos demais para se importarem com serem vistos pelos japoneses, eles desabam assim que chegam à areia e caem no sono.

John Kennedy está sem ideias. Ele já fez tudo o que podia para salvar seus homens. Não há mais nada que ele possa fazer.

Como se estivesse vendo uma miragem, Kennedy acorda e vê quatro nativos sobre ele. O sol está nascendo. Os membros de Ross estão terrivelmente desfigurados devido aos ferimentos causados pelos corais, um braço inchado como uma bola de futebol. O corpo de Kennedy também está começando a sucumbir a uma infecção.

"Tenho uma carta para o senhor", diz um dos nativos em um inglês perfeito.

Incrédulo, Kennedy se senta na areia e lê o bilhete. Os nativos levaram o coco até um destacamento de infantaria neozelandês escondido ali perto. O bilhete é do oficial em comando, dizendo que Kennedy deve deixar que os ilhéus os levem em um barco até um lugar seguro.

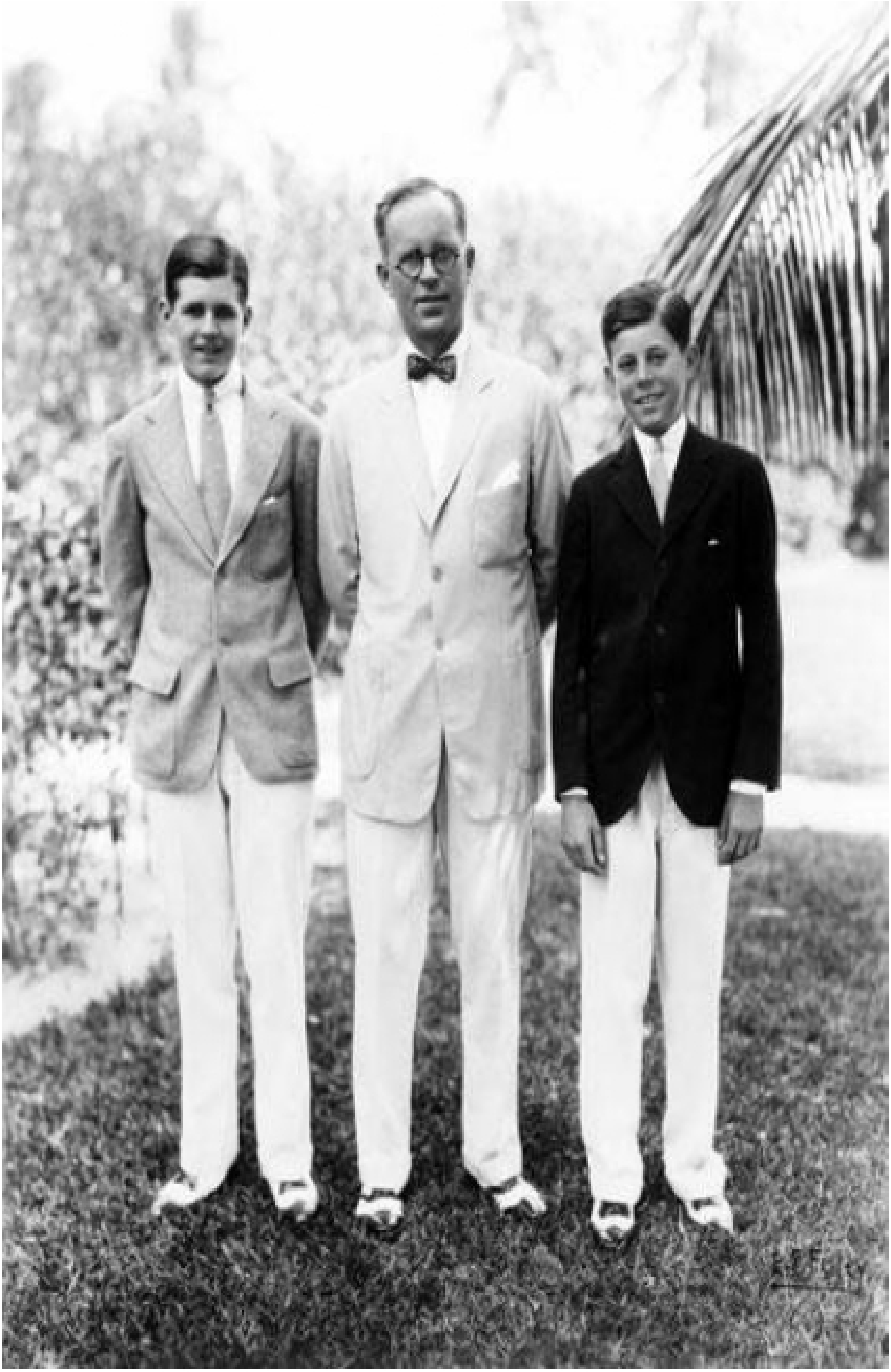
Em seguida, John F. Kennedy é colocado dentro de uma canoa, coberto com folhas de palmeira para escondê-lo de aeronaves japonesas e então levado para um local secreto na ilha de Nova Geórgia. Quando a canoa chega à praia, um jovem neozelandês emerge da mata. Kennedy sai de seu esconderijo e desce da canoa. "Como você está?", pergunta o neozelandês, com um ar formal. "Sou o tenente Wincote", anuncia ele com um sotaque britânico.

“Olá. Meu nome é Kennedy.” Os dois homens apertam as mãos. Wincote acena a cabeça na direção da mata. “Venha comigo até minha barraca, vamos tomar um chá.”

Kennedy e seus homens logo são resgatados pela Marinha dos Estados Unidos. E, assim, a saga do *TP-109* chega ao seu final, justamente com o nascimento de sua lenda.

* * *

Outro incidente influenciou a jornada de John Kennedy até o Salão Oval. Seu irmão mais velho, Joe, não fora tão hábil para driblar a morte. O bombardeiro experimental *Liberator* no qual ele voa explode sobre a Inglaterra em 12 de agosto de 1944. O acidente não deixa corpo para ser enterrado, nem qualquer lembrança da tragédia para adornar a mesa de JFK. Essa explosão marcou o momento no qual John F. Kennedy se tornou um político e começou a jornada para chegar ao posto de poder no qual se encontra agora.



Joseph Kennedy com os filhos Joseph Kennedy Jr. e John F. Kennedy, em Palm Beach, em 1931. Joseph Kennedy esperava que seu filho mais velho fosse o político da família.
(Foto de E.F. Foley, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

Menos de seis meses após o fim da guerra, John Fitzgerald Kennedy já é um dos dez candidatos nas primárias democratas do 11o Distrito Congressional de Boston. Para os políticos veteranos e líderes distritais dessa cidade profundamente partidarizada, ele não tem nenhuma chance de vitória. No entanto, JFK analisa cada um dos líderes distritais, aproveitando sua imagem de azarão. Ele recruta um bem-relacionado veterano da Segunda Guerra. Dave Powers deve ajudá-lo a administrar a campanha. Powers, um nome ascendente na política pelos próprios méritos, a princípio reluta em ajudar esse jovem franzino que se apresentou a ele dizendo "Meu nome é Jack Kennedy. Estou me candidatando ao Congresso".

Mas, em seguida, Powers assiste espantado enquanto Kennedy se apresenta diante de um salão lotado em uma gélida noite de sábado em janeiro de 1946 e faz um discurso impressionante para defender sua campanha. O evento é um encontro das Mães de Estrela de Ouro, mulheres que perderam seus filhos da Segunda Guerra Mundial. Kennedy fala apenas dez minutos, explicando às senhoras ali reunidas por que quer se candidatar. Elas não conseguem ver que suas mãos estão trêmulas de tanta ansiedade. No entanto, todas ouvem suas palavras bem escolhidas enquanto ele as faz lembrar do seu próprio histórico de guerra e explica por que o sacrifício de seus filhos foi tão importante, falando com toda honestidade e franqueza sobre a bravura dos ex-colegas.

Em seguida, Kennedy faz uma pausa antes de se referir ao seu falecido irmão, Joe: "Acho que sei como as senhoras se sentem. Minha própria mãe também recebeu uma Estrela de Ouro".

As mulheres se levantam ao fim do discurso. Com lágrimas nos olhos, elas avançam para tocar nesse jovem que lembra cada uma delas de seus filhos perdidos, dizendo a Kennedy que ele pode contar com seu apoio. E, nesse momento, Dave Powers se convence. Ele começa a trabalhar com "Jack" Kennedy na mesma hora, formando o núcleo do grupo que virá a se tornar conhecido como a "Máfia Irlandesa" de Kennedy. É Dave Powers quem elege a história do *TP-109* como um elemento crucial de sua campanha, enviando aos eleitores um relato sobre aquela noite de agosto de 1943 que revela a bravura altruísta de um jovem abastado no qual eles até então talvez nunca tivessem pensado em votar.

Graças à insistência de Dave Powers em aproveitar ao máximo o incidente

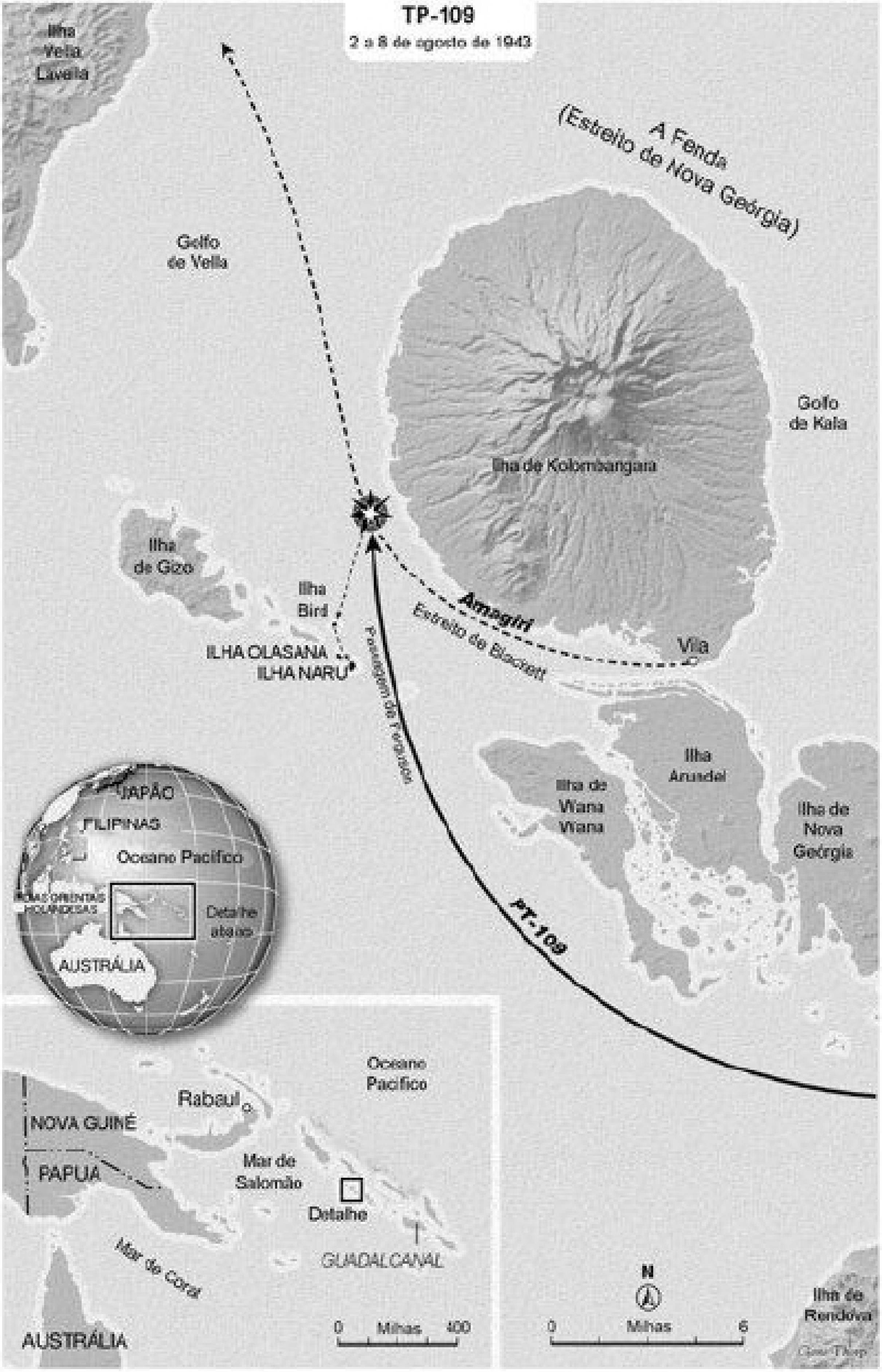
do *TP-109*, John F. Kennedy é eleito ao Congresso.

* * *

Em seus primeiros meses na presidência, o coco no qual Kennedy entalhou seu pedido de resgate serve como uma lembrança do incidente que o pôs no caminho até a Casa Branca.

O coco também é um lembrete diário de que JFK deve a presidência, até certo ponto, à aguda intuição política de Dave Powers. Esse alto sujeito nascido em Boston, com cinco anos a mais que JFK, está na folha de pagamentos de Kennedy desde aquela noite de janeiro de 1946. Como um assistente especial do presidente, ele não é um mero membro do gabinete, ou mesmo um conselheiro oficial – apenas um amigo muito próximo que sempre parece antecipar todas as necessidades do presidente – , mas uma companhia que o sempre leal JFK aprecia muito. Powers já foi descrito como o "bobo da corte oficial" do presidente, e é verdade: seu trabalho oficial na Casa Branca é em grande parte o de intermediar questões sociais. Dave Powers está disposto a fazer de tudo por John Kennedy.

Mesmo com seus notáveis poderes intuitivos, nem Dave Powers seria capaz de saber o que esse "tudo" pode abranger – nem prever que, após testemunhar o primeiro discurso político de Kennedy, ele um dia também presenciará o último.


TP-109
2 a 8 de agosto de 1943
Ilha Vella Lavella
A Fenda (Estreito de Nova Geórgia)
Golfo de Vella
Golfo de Kala
Ilha de Kolombangara
Ilha de Gizo
Ilha Bird
ILHA OLASANA
ILHA NARU
Amagiri
Estreito de Blackett
Vila
Passagem da Fergusson
Ilha Arundel
Ilha de Wana Wana
Ilha de Nova Geórgia
PT-109
JAPÃO
FILIPINAS
Oceano Pacífico
ÍNDIAS ORIENTAIS HOLANDESAS
Detalhe abaixo
AUSTRÁLIA
Oceano Pacífico
Rabaul
NOVA GUINÉ
PAPUA
Mar de Salomão
Detalhe
GUADALCANAL
Mar de Coral
AUSTRÁLIA
0 Milhas 400
N
0 Milhas 6
Ilha de Rendova

FEVEREIRO, 1961
A CASA BRANCA
13h

O presidente dos Estados Unidos está nu e segue sua rotina. Quase toda tarde, precisamente às 13h, ele escapa até a piscina interna – sempre aquecida a terapêuticos 32 graus – entre a Casa Branca e a Ala Oeste. John Kennedy faz isso para aliviar as dores nas costas, um problema que o aflige desde os tempos de estudante em Harvard. O martírio após o incidente com o *Amagiri* exacerbou as dores, fazendo-o a passar por uma cirurgia – que não o ajudou em nada. A dor é constante e tão intensa que Kennedy muitas vezes usa muletas ou uma bengala para se movimentar, ainda que raramente em público. Ele usa um corpete, dorme em um colchão extrafirme e recebe injeções regulares de procaína para aliviar o sofrimento. Seus assistentes sabem identificar a tensão em sua mandíbula como sinal de que as costas do presidente estão criando problemas. A meia hora de nado peito e o calor da piscina são parte da terapia receitada a Kennedy. A nudez nessas sessões de natação deve ser creditada ao conceito que ele tem de masculinidade. Homens de verdade nadam como vieram ao mundo e ponto final.

Os funcionários da Casa Branca jamais conseguiriam imaginar o ex-presidente Dwight Eisenhower nadando nu em qualquer lugar em qualquer situação. O velho general e sua esposa, Mamie, eram muito conservadores. Houve poucas surpresas na Casa Branca nos oito anos em que ela foi habitada pelos Eisenhower.

Mas agora tudo mudou. Os Kennedy são muito menos formais do que os Eisenhower. É permitido fumar na Casa Branca. As formalidades estão sendo abolidas, criando aos funcionários um ambiente mais casual. A primeira-dama está coordenando a montagem de um palco no Salão Leste, para acolher as performances de alguns dos músicos mais renomados dos Estados Unidos, como o violoncelista e compositor Pablo Casals e a cantora Grace Bumbry.

Ainda assim, a Casa Branca é um lugar sério. A rotina diária do presidente cumpre períodos de intenso trabalho seguidos por intervalos de descanso. Ele acorda toda manhã por volta das sete horas e começa imediatamente a ler as notícias do dia na cama, incluindo resumos do *New York Times*, *Washington Post* e *Wall Street Journal*. Kennedy é um leitor rapidíssimo, capaz de absorver 1.200 palavras por minuto. Lê os jornais em apenas quinze minutos quando parte para a pilha de resumos sobre os eventos pelo mundo todo.

O presidente então toma o café na cama. É uma refeição substancial: suco de laranja, bacon, torrada com geleia, dois ovos cozidos e café com creme. Em

geral, ele não é de comer muito. Kennedy mantém seu peso meticulosamente aos (ou abaixo dos) oitenta quilos. É um homem de cultivar hábitos, por isso toma o mesmo café quase todos os dias da semana.

Pouco antes das oito, Kennedy toma um banho rápido. Na banheira, enquanto repassa seu dia, ele tem o hábito de tamborilar o tempo todo com sua mão direita, como se ela fosse uma extensão de seus pensamentos ativos.

O presidente chega ao Salão Oval às nove em ponto. Ele se senta em sua cadeira e então ouve o secretário, Ken O'Donnell repassar os compromissos. Ao longo da manhã, enquanto recebe ligações e escuta os relatos de seus conselheiros sobre o que está acontecendo no resto do mundo, Kennedy é interrompido pela equipe, escolhida a dedo. Além do bobo da corte Dave Powers e do sagaz Kenny O'Donnell, filho do treinador de futebol americano do Colégio da Santa Cruz, há também o assistente especial e professor de história de Harvard Arthur Schlesinger, com seus óculos, Ted Sorensen, nascido em Nebraska, conselheiro e consultor especial, e Pierre Salinger, um ex-jovem prodígio dos pianos que trabalha como secretário de imprensa.

Com a exceção da secretária pessoal do presidente, Evelyn Lincoln, a Casa Branca do governo Kennedy lembra muito uma fraternidade, em que cada homem é totalmente leal ao seu líder carismático. As conversas muitas vezes descambam para impropérios e confirmam o histórico naval do presidente e a expressão "praguejar como um marinheiro". "Eu não chamei os executivos de filhos da mãe", reclamou Kennedy uma vez ao ver suas palavras mal interpretadas pelo *New York Times*. "Eu disse que eles eram babacas."

Seu tom é mais cortês quando há mulheres por perto. O presidente, por exemplo, nunca se refere à sua secretária de qualquer outra forma que não "sra. Lincoln". No entanto, ainda assim, gestos rudes podem ser disfarçados. Certa vez, na presença de sua mulher, Kennedy utilizou uma versão do alfabeto fonético militar para atacar o colunista de um jornal, chamando-o de "Papa-Uniforme-Tango-Oscar".

Quando a confusa primeira-dama perguntou ao presidente o que isso significava, ele com habilidade logo mudou de assunto.

O presidente e David Powers, seu fiel assistente e membro da "Máfia Irlandesa" da Casa Branca de Kennedy, em 1961.
(Abbie Rowe, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

A meia hora de natação no começo da tarde é um eficaz bálsamo para as dores do presidente, mas às vezes ele também usa esses intervalos para trabalhar, convidando funcionários e até membros da imprensa a nadarem com ele. A pegadinha? Eles precisam estar nus também. Dave Powers, um dos seus parceiros regulares de natação, já está bem acostumado com isso. Mas, para alguns dos funcionários da Casa Branca, presenciar essa cena é quase surreal.

Os hábitos aquáticos informais do presidente mascaram o fato que ele tem um estilo completamente oposto ao do seu tranquilo vice-presidente. Lyndon Johnson é conhecido por apertar ombros e distribuir tapinhas nas costas, e Kennedy prefere manter uma distância física entre ele e outros homens. A não ser quando está em campanha, uma tarefa que ele adora, até um simples aperto de mão é um fardo para o presidente.

Após nadar, Kennedy faz um rápido lanche na residência presidencial – um sanduíche ou talvez uma sopa. Em seguida, ele vai para o seu quarto, veste um pijama e cochila por exatos 45 minutos. Outras grandes figuras históricas como Winston Churchill também costumavam tirar sonecas durante o dia. Para Kennedy, é uma forma de rejuvenescimento.

A primeira-dama o acorda e fica ao seu lado para conversar enquanto ele se veste de novo. Em seguida, ele volta para o Salão Oval e trabalha geralmente até as oito da noite. Seus assistentes sabem que, após o horário comercial, Kennedy costuma colocar os dois pés em cima da mesa e disparar casualmente ideias para eles. É a sua parte favorita do dia.

Depois que todos foram embora, Kennedy volta para a área particular no andar de cima da Casa Branca – chamada de "residência" ou "mansão" pelos funcionários – onde fuma um charuto Upmann, saboreia um uísque Ballantine com água e sem gelo e se prepara para o jantar. Jackie Kennedy gosta de organizar jantares sociais de última hora, o que é tolerado pelo presidente.

Na verdade, JFK preferiria estar vendo um filme. O teatro da Casa Branca pode exibir qualquer filme do mundo a qualquer momento a pedido do presidente. Entre os seus preferidos estão os de Segunda Guerra e os faroestes.

A obsessão cinematográfica de Kennedy só é páreo para outro passatempo favorito: sexo.

As dores nas costas do presidente não o impedem de ter uma vida romântica

ativa, o que é ótimo – afinal, como JFK uma vez explicou a um amigo, ele precisa fazer sexo pelo menos uma vez por dia ou fica com uma terrível dor de cabeça. Ele e Jackie dormem em quartos diferentes, interligados por um closet compartilhado – o que não significa que John Kennedy limite suas relações sexuais à primeira-dama. Mesmo tendo um casamento feliz, Kennedy não leva uma vida monogâmica.

* * *

Afora o lado galanteador do presidente, a maior mudança entre as administrações de Kennedy e de Eisenhower é sem dúvida a mulher da casa. Jackie Kennedy, com 31 anos, tem menos que a metade da idade de Mamie Eisenhower. A ex-primeira-dama já era avó quando chegou à Casa Branca, conhecida por ser mão-fechada e passar seu tempo livre vendo novelas na tevê. Em contraste, Jackie gosta de ouvir discos de bossa nova e se exercita pulando em um trampolim e erguendo pesos. Como o marido, Jackie mantém o peso, com rigor, em esguios 54 quilos para o seu um metro e setenta de altura.

Seu verdadeiro vício é fumar um maço de cigarros por dia – Salem ou L&Ms –, do qual ela não abriu mão nem mesmo quando estava grávida. Como o marido faz com seus problemas físicos, Jackie Kennedy é uma fumante em segredo – na recente campanha presidencial, um assistente foi destacado para ficar por perto com um cigarro aceso para que Jackie pudesse dar uma tragada sorrateira sempre que quisesse.

Os pais de Jackie se divorciaram antes dos seus doze anos, e ela foi criada em um lar de riqueza e esplendor pela mãe, Janet. Estudou em internatos femininos caros e depois na Vassar College, antes de passar o primeiro ano de faculdade em Paris. Quando voltou para os Estados Unidos, Jackie conseguiu uma transferência para a George Washington University, em Washington D.C., onde recebeu diploma em 1951.

Nos anos de formação, a primeira-dama foi ensinada a ter um estilo extremamente reservado e a guardar apenas para si mesma suas opiniões. Ela gosta de manter "certo quê de mistério sobre si", comentou uma amiga tempos depois. "As pessoas não sabiam o que ela estava pensando ou fazendo nos bastidores... E ela queria que tudo continuasse assim."

O fato é que Jacqueline Bouvier Kennedy nunca se revela por completo para ninguém – nem mesmo para o seu marido, o presidente.

Jacqueline Bouvier Kennedy, mostrada aqui no baile de posse, em 1961, conferiu glamour ao seu papel de primeira-dama.
(Abbie Rowe, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

Na distante cidade de Minsk, Lee Harvey Oswald está tendo o problema oposto. A mulher que ele ama simplesmente não para de falar.

No dia 17 de março, em um baile para trabalhadores do sindicato, ele conhece uma linda garota de dezenove anos com um vestido vermelho e sapatos brancos, com um penteado que para ela está "à moda francesa". Marina Prusakova reluta em sorrir devido aos seus dentes feios, mas os dois dançam nessa noite, e depois ele a acompanha de volta até a casa da moça – junto com vários outros potenciais pretendentes arrebatados pela loquaz Marina.

Mas Lee Harvey mantém sua postura desafiadora, como sempre. Ele sabe que os outros homens logo se tornarão apenas memórias distantes.

E ele tem razão. "Nós gostamos um do outro na mesma hora", escreve o desertor em seu diário.

Após a morte de sua mãe dois anos antes, Marina, concebida na noite de núpcias de seus pais, foi mandada para morar com seu tio Ilya, um coronel do Ministério Soviético de Assuntos Internos e respeitado membro do Partido Comunista local. Ela recebeu educação para ser farmacêutica, mas abandonou seu trabalho há algum tempo.

Oswald sabe de tudo isso e muito mais sobre Marina, porque entre as noites dos dias 18 e 30 de março eles passaram muito tempo juntos. "Saímos para andar", escreve ele. "Falei um pouco sobre mim, e ela falou muito sobre ela."

A relação entre os dois tem uma guinada repentina em 30 de março, quando Oswald dá entrada no Quarto Hospital Clínico para passar por uma operação de adenoide. Marina o visita várias vezes e, quando recebe alta, Lee Harvey "sabe que precisa ficar com ela". No dia 30 de abril, eles se casam. Marina engravida pouquíssimo tempo depois.

A vida fica cada vez mais complicada para Lee Harvey Oswald.

* * *

No inverno de 1961, o mundo fora da Casa Branca é turbulento. A Guerra Fria estava a pleno vapor. Os americanos estão apavorados com a União Soviética e seu arsenal de armas nucleares. Quase 150 quilômetros ao sul da Flórida, Fidel Castro assumiu há pouco tempo o poder de Cuba e instalou um

regime supostamente aliado aos soviéticos.

No extremo sul dos Estados Unidos, os conflitos raciais não param de crescer.

No mercado, surge um novo contraceptivo conhecido apenas como "a pílula".

No rádio, Chubby Checker incentiva os jovens americanos a dançar o twist, enquanto Elvis Presley pergunta às mulheres por toda parte se estão "se sentindo solitárias esta noite".

Dentro da Casa Branca dos Kennedy, no entanto, Jackie faz de tudo para que nenhuma dessas turbulências políticas e sociais atrapalhe a criação de um ambiente perfeito para sua família. A rotina dela gira em torno dos filhos. Rompendo com o estilo tradicional das primeiras-damas, que deixavam o cuidado das crianças aos funcionários da Casa Branca, ela é totalmente envolvida na vida de Caroline, de três anos, e de John, ainda bebê, e leva os dois consigo para reuniões e outros compromissos.

Ao se acostumar melhor com a Casa Branca, não será incomum ver Jackie camuflada com um cachecol e um casaco pesado com os filhos no circo ou no parque – discretamente seguida pelo Serviço Secreto.

A cena da primeira-dama brincando com os filhos no Jardim Sul também logo se tornará comum, o que leva um observador a comentar que Jackie parece "uma garotinha que nunca cresceu". E, de fato, ela fala com a mesma voz tímida, quase infantil, da atriz Marilyn Monroe.

A primeira-dama gosta de se ver como uma esposa tradicional e é apaixonada pelo marido. No entanto, ela também tem um estilo muito independente e rompe o protocolo da Casa Branca, recusando-se a marcar presença nas miríades de chás e ocasiões sociais enfrentadas pelas outras primeiras-damas. Jackie prefere passar o tempo com os filhos ou desenvolvendo planos para uma dispendiosa reforma da Casa Branca, tarefa que não desperta interesse em seu marido, cujo senso estético não é muito apurado para esses assuntos. Jackie Kennedy se refere à nova casa como "a casa do presidente" e se inspira na Casa Branca de Thomas Jefferson, decorada com grande esmero pelo ex-embaixador da França.

A decoração atual é a mesma desde o governo Truman. Vários elementos da mobília são reproduções em vez de peças antigas originais, dando à residência mais importante dos Estados Unidos um ar barato e simplório em vez de uma aura de grandeza. Jackie está montando uma equipe de colecionadores de primeira para aprimorar a decoração da Casa Branca em todos os sentidos possíveis.

Ela acredita ter anos para terminar o trabalho.

Pelo menos quatro. Talvez até oito.

É o que ela acredita.

Jackie foi uma mãe dedicada aos filhos, Caroline e John F. Kennedy Jr., retratado

aqui brincando com o colar da mãe no Quarto Oeste.
(Cecil Stoughton, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Bos

17 DE ABRIL DE 1961
WASHINGTON D.C./BAÍA DOS PORCOS, CUBA
9h40

Distraído, John F. Kennedy abotoa o paletó. Ele está sentado a bordo do Marine One, helicóptero presidencial dos fuzileiros navais, enquanto a aeronave se prepara para pousar no Jardim Sul da Casa Branca. Ele acabou de passar um final de semana nada relaxante em Glen Ora, a casa de campo 160 hectares alugada pela família em Virgínia, que o Serviço Secreto apelidou de Castelo.

O presidente é meticuloso quanto à sua aparência e irá trocar de roupa totalmente pelo menos mais três vezes hoje, em cada ocasião vestindo outra camisa perfeitamente engomada, uma nova gravata e um terno Brooks Brothers feito sob medida. Seus ternos são todos pretos ou azul-escuros. No entanto, não é a vaidade o que gera a obsessão de John Kennedy pelas roupas. Na verdade, isso vem de um peculiar traço de personalidade que o faz se sentir desconfortável quando usa uma peça de roupa por tempo demais. Ele leva o criado de longa data, George Thomas, à loucura com as constantes trocas de roupa.

No momento, Kennedy não está pensando em sua aparência, embora não deixe de mexer nos cabelos, como sempre, para se garantir de que cada fio esteja no devido lugar. É difícil se livrar de velhos hábitos.

Kennedy está preocupado com Cuba. Quase dois mil quilômetros ao sul de Washington D.C., um campo de batalha está se formando. Kennedy autorizou uma invasão secreta nesta nação-ilha, enviando 1.400 exilados anticastristas para realizar um trabalho que o exército dos Estados Unidos, segundo leis internacionais, não podia fazer com as próprias mãos. O objetivo desses soldados da liberdade é nada menos do que derrubar o governo cubano. O plano vem sendo preparado desde muito antes da eleição de Kennedy. Tanto a CIA quanto a Junta dos Chefes de Estado Maior garantiram ao presidente que a missão seria bem-sucedida. No entanto, é Kennedy quem precisa aprovar a operação – é ele quem será responsabilizado em caso de fracasso.

Assim que o helicóptero UH-34 pousa em apoios metálicos especialmente instalados no Jardim Sul para formar um heliponto, JFK é o primeiro a sair, descendo até a grama recente da primavera. O presidente parece tranquilo e calmo, mas seu estômago está se revirando, literalmente. O estresse da semana, aliado ao planejamento de última hora para o arriscado ataque em Cuba, causou uma forte diarreia e uma violenta infecção no trato urinário do presidente. Seu médico receitou injeções de penicilina e uma dieta de líquidos para tornar o sofrimento mais suportável. Ainda assim, ele está péssimo. Por mais que as coisas não estejam muito bem agora, o presidente sabe que sua segunda-feira

está prestes a ficar ainda pior.

Kennedy atravessa com determinação a serenidade o Jardim de Rosas da Casa Branca, mesmo que os exilados cubanos da Brigada 2506 estejam em grave perigo, acuados em uma faixa de areia em Cuba.

Essa área entrará para a história como a infame Baía dos Porcos.

John F. Kennedy cruza a entrada do Jardim de Rosas para o Salão Oval, com seu carpete cinza e paredes brancas. No inverno, quando as árvores estão desfolhadas, é possível ver o National Mall pelas janelas altas atrás da mesa de Kennedy. Na ponta oposta, ocultado do campo de visão de JFK pelo antigo prédio do Executivo, desponta o Memorial de Lincoln. Kennedy não se senta, nem olha na direção da estátua de Lincoln.

Ele está ansioso demais com a situação em Cuba para se sentar.

* * *

A semana não foi boa para os Estados Unidos. No dia 12 de abril, os soviéticos aturdiram o mundo lançando o primeiro homem ao espaço, provando a todos que possuem foguetes capazes de carregar ogivas nucleares até os Estados Unidos. A Guerra Fria entre as duas nações há mais de uma década agora tem claramente os soviéticos na dianteira. Muitos em Washington acreditam que derrubar o governo pró-soviético de Castro ajudará a reestabelecer o equilíbrio na disputa.

Kennedy sabia que teria o apoio do povo americano quando autorizou a invasão. O medo da disseminação global do comunismo assola os Estados Unidos. Qualquer coisa que ele faça para deter essa ameaça será aplaudida. E, embora invadir outro país traga um imenso risco diplomático, o presidente goza de uma taxa de aprovação de 78 % após seus primeiros meses no cargo, um capital político valioso. Jornais e revistas estão veiculando artigos e mais artigos sobre o jovem presidente, chamando Kennedy de "onisciente" e "onipotente".

No entanto, nenhum homem é capaz de saber de tudo, e mesmo o presidente dos Estados Unidos não é todo-poderoso. Kennedy está prestes a fazer poderosos inimigos com um equívoco colossal. Ao fim do conflito na Baía dos Porcos, entre esses inimigos ele terá não apenas Castro, mas também um dos oficiais de mais alta patente do governo dos Estados Unidos: o sagaz chefe da CIA, Allen Dulles.

* * *

Kenny O'Donnell cumprimenta Kennedy no Salão Oval e lhe faz um rápido resumo da agenda do dia. O presidente então sai por outra das quatro portas do Salão Oval. Em seu caminho, ele passa pela mesa da leal secretária particular, Evelyn Lincoln, para chegar à Sala do Gabinete, onde o secretário de Estado

Dean Rusk o espera.

Homem brilhante, Rusk estudou em Oxford como bolsista de Rhodes e trabalhou como chefe de planejamento do exército no Teatro de China-Burma-Índia durante a Segunda Guerra Mundial, organizando missões secretas muito similares à da Baía dos Porcos. Nascido na Geórgia, Rusk participou do planejamento das várias reuniões que levaram à invasão desse final de semana. Ainda assim, ele não foi a primeira escolha de Kennedy para chefiar o Departamento de Estado, e, há apenas três meses em seu novo cargo, o novo secretário de Estado continua tendo uma postura hesitante com seu chefe, temendo dar opiniões. Neste momento Kennedy precisa, mais do que nunca, de conselhos bem fundamentados, mas Rusk se recusa a compartilhar suas ressalvas quanto à situação da Baía dos Porcos, incluindo sua opinião de que "essa parca brigada de exilados cubanos tem tanta chance de sucesso quanto uma bola de neve teria de sobreviver no inferno".

A relutância de Rusk em aconselhá-lo de forma aberta e sincera é o menor dos problemas do presidente a esta altura. Ao que parece, ninguém ousará ser sincero com Kennedy. Enquanto espera notícias do front de batalha, JFK lamenta não ter a companhia de alguém que possa dizer a ele a verdade nua e crua.

Sentindo a iminência de uma crise, o presidente pega um telefone e começa a discar.

* * *

Cuba.

Esse paraíso farto em rum tempos atrás já foi um dos destinos favoritos entre americanos abastados. As praias de areia branca do país são belíssimas, e seus cassinos são lendários. Ernest Hemingway escreveu sobre os vários encantos de Cuba e se deliciava com seu drinque favorito de rum, o daiquiri. Nos bastidores, chefões do crime organizado americano como Meyer Lansky e Lucky Luciano se sentiam tão à vontade na capital cubana, Havana, quanto na Cidade de Nova York. E, há décadas, corporações americanas tiraram proveito do clima de Cuba e de seu governo completamente corrupto para lá instalar imensas plantações de cana-de-açúcar, campos de petróleo e fazendas de gado.

Na verdade, desde o épico 1898, quando Teddy Roosevelt e seus Rough Riders invadiram San Juan Hill para libertar Cuba da Espanha, o relacionamento entre Cuba e Estados Unidos em geral foi pacífico, livre de tensões e, em uma só palavra, tranquilo.

Isso até 1959.

A corrupção no país chegou ao seu ápice durante o regime pró-Estados Unidos do general Fulgencio Batista, despertando uma revolta entre os cubanos. Após quatro anos de batalha, Fidel Castro, o filho bastardo de 32 anos de um abastado fazendeiro cubano, avançou contra Havana liderando seu exército de

guerrilha e derrubou Batista. (Que morreu de ataque cardíaco enquanto exilado em Portugal, apenas dois dias antes que a equipe de assassinos comandada por Castro pudesse completar sua missão.) Os Estados Unidos responderam à derrubada de Batista reconhecendo oficialmente o novo governo.

* * *

Castro é um homem de muitos segredos. Em seu talvez mais infame episódio, onze dias após a derrubada do governo de Batista, em 1959, 75 prisioneiros políticos foram forçados a marchar no meio da noite na direção de um campo aberto nas proximidades da cidade de Santiago, com as mãos amarradas atrás das costas. Não havia nenhum caminho a ser seguido, e os que ousavam desacelerar ou tropeçavam logo sentiam a firme pontada da baioneta de um soldado em suas costelas. De repente, uma fileira de caminhões do exército acendeu seus faróis, revelando uma trincheira de quase dois metros de profundidade e cinquenta de comprimento. Escavadeiras estavam paradas ao longo da trincheira, com as pás abaixadas e prontas para empurrar os montes recém-escavados de terra de volta ao imenso buraco.

As execuções deveriam ser em segredo, mas as mulheres e namoradas dos prisioneiros descobriram o plano e ficaram de vigília, seguindo a procissão ao longe. Ficaram boquiabertas de horror quando aqueles faróis iluminaram o que logo se tornaria um imenso túmulo coletivo. Enquanto os soluços e prantos das mulheres cortavam a noite, os soldados de Castro enfileiraram seus maridos, filhos e namorados ombro a ombro ao longo da borda da vala, provocando as mulheres com zombarias e vaias. As mulheres choraram e rezaram até o inexorável momento em que as metralhadoras foram disparadas, e os mortos tombaram vala abaixo.

E assim se iniciou o reinado de terror de Fidel Castro. Pouco depois, um juiz cubano foi baleado na cabeça por inocentar pilotos militares que haviam lutado contra as forças de Castro durante seus ataques de guerrilha. Em seguida, Castro ordenou que os pilotos fossem condenados por genocídio. Quando um novo juiz os sentenciou a trabalhos forçados e não à pena de morte, ele também foi executado. O líder cubano, descrito em suas próprias palavras, é "violento, propenso a ataques de raiva, maldoso, manipulador e dado a desafiar todo o tipo de autoridade".

O povo cubano logo percebeu que pagaria um alto preço por apoiar a ascensão de Castro ao poder. No entanto, fora do país, a fachada popular de Castro como um herói revolucionário se manteve firme. Um jornal britânico chegou a escrever que "a figura jovem e barbada de Castro se tornou um símbolo da negação latino-americana à brutalidade e à corrupção. Todos os sinais apontam que ele rejeitará um governo ditatorial e violento". Em abril de 1959, Castro palestrou na faculdade de direito da Universidade de Harvard, em

Cambridge, Massachusetts. Mesmo tendo usado seu conhecimento sobre o direito para revogar as leis do *habeas corpus* em Cuba, e por mais que o massacre de 12 de janeiro tivesse sido relatado no *New York Times*, o discurso de Castro em Harvard foi interrompido diversas vezes por gritos e aplausos empolgados.

Nessa mesma viagem aos Estados Unidos, o líder cubano se reuniu com o vice-presidente Richard Nixon, que ficou imediatamente impressionado com Castro. Na verdade, Nixon chegou a escrever um memorando confidencial de quatro páginas à Eisenhower, dizendo que "uma coisa é certa, ele tem todas aquelas qualidades inidentificáveis que o tornam um grande líder".

John F. Kennedy, na época senador dos Estados Unidos, ainda a meses do início de sua campanha à presidência, sabia que Batista havia sido um déspota cruel responsável pela morte de mais de vinte mil de seus próprios cidadãos. Kennedy não via nada de errado na ascensão de Castro ao poder. E, como Hemingway, ele também gostava de apreciar um daiquiri às vezes.

Em 1959, Kennedy e Castro estavam prestes a se tornar dois dos maiores rivais do século XX. Ambos eram jovens carismáticos e idealistas adorados por seus fanáticos seguidores. Ambos gostam de um bom charuto e passaram por longas séries de vitórias políticas que levaram cada um ao comando de sua respectiva nação. No entanto, ambos também sofreram um revés ao chegarem ao poder – Castro foi preso durante os primeiros anos da revolução; e os graves problemas nas costas de Kennedy e uma condição potencialmente letal em sua glândula adrenal conhecida como doença de Addison quase o mataram. Talvez a semelhança mais marcante entre os dois homens seja que Kennedy e Castro são daquele tipo de macho alfa altamente competitivo que nunca aceita uma derrota, independentemente de qualquer circunstância ou preço.

* * *

Em Cuba, o preço da revolução foi muito alto. Com sangue escorrendo pelas ruas de Havana, foi só uma questão de tempo até os Estados Unidos se darem conta da verdade. Em fevereiro de 1960, treze meses após a ascensão de Castro ao poder, um relatório da CIA para o Conselho de Segurança Nacional já alertava sobre o "apoio ativo" da União Soviética a Castro, lamentando também a desorganização das forças anticastristas. O governo Eisenhower começou em segredo a arquitetar planos para derrubar o regime de Castro, autorizando a CIA a dar início a treinamentos paramilitares de exilados cubanos em uma base secreta na Guatemala.

Castro se tornou um assunto sensível na campanha presidencial de 1960. Kennedy atacou com vigor o governo Eisenhower, usando a situação em Cuba para ilustrar a fraqueza de sua luta contra o comunismo. "Em 1952, os republicanos criaram um programa para baixar a cortina de ferro no leste europeu", alertou Kennedy à nação. "Hoje, a cortina de ferro fica a menos de

150 quilômetros do litoral dos Estados Unidos."

Uma invasão a Cuba deixou de ser algo discutível e passou a ser uma questão de tempo. Em um discurso no dia 31 de dezembro de 1960, Castro alertou que no caso de qualquer tentativa nesse sentido os Estados Unidos sofreriam baixas muito superiores às do Dia D. "Caso eles queiram invadir nossa terra e destruir nossa resistência, não irão conseguir... pois enquanto restar um único homem ou uma única mulher de honra nesta terra haverá resistência", declarou ele. Alguns dias depois, em 3 de janeiro de 1961, Castro despertou os temores de todos os americanos com a Guerra Fria ao anunciar que "Cuba tem o direito de encorajar a revolução na América Latina".

Enquanto John Kennedy se preparava para assumir a presidência, praticamente um de cada dezenove cidadãos cubanos estava preso por motivos políticos. Os Estados Unidos haviam cortado relações diplomáticas com Havana. No dia 10 de janeiro, o *New York Times* publicou uma matéria de primeira página com a manchete "Estados Unidos auxiliam o treinamento de forças anticastristas em base aérea guatemalteca", revelando que soldados estavam sendo treinados em táticas de guerrilha para um futuro ataque contra Cuba. O artigo do *Times* chamou a atenção de Castro, que respondeu ordenando a instalação de minas terrestres em áreas suscetíveis a uma potencial invasão.

Em Washington, a CIA e seu velho diretor, Allen Dulles, desenvolveram uma obsessão pela derrubada de Castro. Estimativas posteriores calculariam quase seiscentos planos criados por eles para assassiná-lo, incluindo métodos nada ortodoxos como ataques ao estilo da máfia e o uso de charutos explosivos. No dia 11 de março, um ano após Dwight Eisenhower ter autorizado o treinamento de forças rebeldes, o presidente Kennedy foi formalmente apresentado aos planos da CIA para uma invasão. O ataque seria realizado durante o dia, e seu local seria uma praia sob o codinome de Trinidad.

A operação trouxe a Kennedy um grande dilema. Por um lado, ele havia baseado sua campanha pela presidência em uma plataforma de mudanças, prometendo à nação um recomeço após as políticas da Guerra Fria de Dwight Eisenhower. Mas, por outro, ele havia ridicularizado a abordagem de Eisenhower ao governo de Castro e sabia que aparentaria fraqueza perante o comunismo se não fizesse nada para derrubar o brutal ditador. No dia 17 de abril, o *New York Times* publicou outra matéria de primeira página, que, dessa vez, falava que os rebeldes cubanos estavam levantando acampamento e se preparando para a invasão, o que levou Kennedy a dizer em particular que Castro não precisava de espiões nos Estados Unidos – ele só precisaria ler o jornal.

No dia 12 de abril, o Partido Comunista na Guatemala relatou a Moscou que os soldados de guerrilha anti-Castro treinados pelos Estados Unidos lançariam sua invasão nos próximos dias. Os soviéticos, no entanto, estavam incertos quanto às informações e não repassaram as notícias a Castro. Nesse mesmo dia, o

presidente Kennedy tentou negar qualquer envolvimento americano em uma invasão, dizendo: "Não haverá, em circunstância alguma, qualquer intervenção em Cuba por parte de forças americanas". Kennedy, com todo cuidado, deixou de citar qualquer ajuda dos Estados Unidos quanto ao financiamento, treinamento ou planejamento de um ataque rebelde.

O jovem presidente americano estava se arriscando em uma ousada manobra diplomática, na esperança de confrontar uma ameaça muito concreta ao não deixar que nenhum oficial militar dos Estados Unidos participasse de fato da operação. Seus comentários exageravam a verdade, mas a mensagem nas entrelinhas não poderia ter sido mais clara: a invasão havia se tornado uma questão pessoal. Aquilo não era mais um conflito entre Estados Unidos e Cuba, e sim entre John F. Kennedy e Fidel Castro, dois homens extremamente competitivos disputando o controle ideológico do hemisfério ocidental. Nos dias seguintes, ambos tomariam as atitudes um do outro como afrontas pessoais. E ambos continuariam determinados a vencer a qualquer custo.

Em Moscou, outro brutal ditador, Nikita Khrushchev, que havia galgado suas posições na política soviética à custa de muito sangue, estava confuso: "Por que um elefante teria medo de um rato?", perguntava-se ele. Suas constantes afrontas aos Estados Unidos vinham garantindo a Castro uma altíssima popularidade em Cuba. Khrushchev sabia que, se a invasão em Cuba fosse bem-sucedida, o povo cubano seria fortemente pressionado a aceitar um fantoche do governo americano como seu novo líder. Um possível conflito guerrilheiro contra os Estados Unidos por parte dos apoiadores de Castro poderia beneficiar a União Soviética, permitindo a consolidação de sua presença militar no hemisfério ocidental para auxiliar o ditador cubano.

Para Khrushchev, tudo isso tinha muito pouco a ver com Castro ou Cuba, é claro. Seu verdadeiro objetivo era a dominação global. Qualquer coisa que pudesse distrair ou diminuir o poder dos Estados Unidos seria ótimo para a União Soviética.

* * *

Nos dias que antecederam a invasão, o presidente Kennedy se opôs ao plano da CIA. A praia de Trinidad lembrava demais as zonas de desembarque na Normandia. O presidente queria que a invasão parecesse ter sido gerada apenas pelos próprios exilados cubanos, para disfarçar o envolvimento americano. Kennedy queria usar uma região isolada onde homens e suprimentos poderiam ser desembarcados em sigilo, para então entrar no país despercebidos.

A resposta da CIA foi oferecer um novo local, conhecido como Bahía de Cochinos – ou "Baía dos Porcos". O desembarque aconteceria à noite. Ao contrário das vastas praias de Trinidad ou mesmo da Normandia, a Baía dos Porcos era cercada por quilômetros de pântanos impenetráveis, e poucas

estradas davam acesso para entrar ou sair da área.

Ainda assim, embora os Estados Unidos tenham um histórico de sucesso com invasões anfíbias de grande escala, poucas delas aconteceram à noite. Há apenas duas formas de a operação ter sucesso. Primeiro, a força de invasão terá que deixar a praia imediatamente e assumir o controle das estradas de acesso. Segundo, os aviões rebeldes precisarão controlar o espaço aéreo, derrubar as aeronaves de Castro e então atacar seus soldados e tanques enquanto eles avançam contra a Baía dos Porcos. Sem um potente reforço aéreo, a missão com certeza falhará.

Kennedy adora romances de espiões – James Bond é seu favorito – e se encanta com o mundo ardiloso dos agentes secretos. O diretor da CIA, Alan Dulles, um cavalheiro cortês e rico, com seus quase setenta anos, é um ícone dessa aura de segredo e intriga. Ele garantiu a Kennedy que o plano dará certo.

A princípio, o presidente acreditou nele. No dia 14 de abril, apenas dois dias após realizar a conferência de imprensa na qual prometeu que não haveria qualquer intervenção em Cuba por parte dos Estados Unidos, Kennedy deu sua aprovação oficial à Operação Zapata, como na época foi chamada a invasão da Baía dos Porcos.

O dia 14 de abril era uma sexta-feira. Após aprovar a invasão, não havia mais nada que o presidente pudesse fazer além de esperar. Ele então foi até Glen Ora para ficar com Jackie e seus filhos, onde passou um final de semana angustiante à espera de notícias sobre Cuba. Quando elas por fim chegaram, quase nenhuma era boa.

Tudo começou na manhã de sábado, quando oito bombardeiros B-26 pilotados por rebeldes cubanos atacaram três bases aéreas cubanas. O plano original pedia dezesseis aviões, mas Kennedy ficou receoso e cortou esse número pela metade.

Como resultado, os bombardeios foram ineficazes e mal chegaram a afetar a Força Aérea cubana. Mas Fidel Castro ficou furioso. Ele contra-atacou imediatamente o governo Kennedy com uma série de acusações públicas sobre o envolvimento dos Estados Unidos no ataque.

As coisas só pioraram depois disso. Um desembarque paralelo no sábado deveria deixar por volta de 160 rebeldes anti-Castro nas praias perto da baía de Guantánamo, mas o plano foi cancelado devido a problemas em um barco crucial para a operação. Em um incidente isolado, forças cubanas prenderam um pequeno grupo de rebeldes que já estavam na ilha com um vasto carregamento de armas.

Na tarde de sábado, o embaixador cubano nas Nações Unidas se pronunciou durante a Assembleia Geral, denunciando os Estados Unidos pelo seu ataque – em resposta a que Adlai Stevenson, o embaixador dos Estados Unidos na ONU, repetiu a promessa de JFK de que tropas americanas jamais atacariam Cuba.

Enquanto tudo isso acontecia, John Kennedy se escondeu no interior. Todos os eventos até então haviam sido apenas um prelúdio da verdadeira invasão. No entanto, a pressão começou a pesar em Kennedy. Ele cancelou uma segunda onda de bombardeios, mesmo estando ciente de que isso poderia arruinar a invasão.

Na calada da noite, pouco após o domingo se tornar segunda-feira, os 1.400 exilados cubanos da brigada 2506 avançaram contra a Baía dos Porcos a bordo de uma pequena frota de cargueiros e embarcações de desembarque. Eles tinham grandes esperanças – seu sonho era recuperar o controle da terra natal.

Muito poucos deles eram soldados de verdade. Eles eram apenas homem de todo o tipo de camada social, treinados por veteranos americanos da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia – e esses experientes soldados americanos ficaram impressionados com o que viram.

No entanto, quando desembarcaram, esses valentes defensores da liberdade não tinham a menor ideia de que o presidente havia cancelado uma segunda onda de ataques aéreos. Agora, os homens da brigada 2506 precisariam tomar as praias sozinhos – uma tarefa quase impossível.

Na manhã de segunda-feira, enquanto esses soldados cubanos encontravam a primeira onda da resistência castrista, o presidente embarcou no Marine One e voltou para Washington, na esperança de que seus defensores da liberdade conseguissem encontrar uma maneira de fazer o impossível.

* * *

O presidente Kennedy e seu irmão, o procurador-geral Robert F. Kennedy, tinham

uma relação contenciosa com o vice-presidente Lyndon B. Johnson.
(Abbie Rowe, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

Além de John Kennedy, apenas dois outros homens têm permissão para adentrar o Salão Oval pela porta do Jardim das Rosas: o vice-presidente Lyndon Johnson e o procurador-geral Robert Kennedy. Esse privilégio, aliado ao desdém mútuo entre eles, é tudo o que esses dois homens têm em comum.

O texano de um metro e 93 de altura é um homem batalhador e político de carreira, um ex-professor colegial cujo imponente físico mascara uma personalidade frágil e às vezes insegura. Aos 51 anos, LBJ, como é conhecido, talvez tenha sido o líder majoritário do Senado mais bem-sucedido e poderoso da história dos Estados Unidos, adepto da construção de parcerias e da fortificação de seu partido, sendo fiel à missão de criar leis relevantes.

Bobby, com um pouco mais de um metro e 75 de altura, fala com o mesmo forte sotaque de Boston de seu irmão. Ele é um homem em plena forma física que nasceu em condições privilegiadas e nunca ocupou um cargo eletivo no governo. LBJ sabe disso e se deleita com o fato de que, como líder do Senado, ele está um nível acima da relativamente inexperiente máquina política de Kennedy.

Os dois têm seus conflitos desde o outono de 1959, quando Bobby Kennedy foi visitar Johnson em seu imenso rancho no Texas. Seu irmão o enviara ao Texas para averiguar se Johnson tentaria enfrentar Kennedy pela indicação democrata em 1960.

LBJ tinha o hábito de levar convidados importantes para caçar cervos em sua vasta propriedade, e com Bobby não foi diferente. A princípio, Bobby e LBJ se deram muito bem – ou melhor, até Bobby acertar um cervo. O coice do rifle o jogou de costas no chão e abriu um corte sobre um de seus olhos. Enquanto se abaixava para ajudar Bobby, Johnson não conseguiu resistir a disparar uma cutucada: "Filho", disse ele a Bobby, "você precisa aprender a atirar como um homem".

Ninguém fala com Bobby Kennedy assim. E é de pequenos momentos assim que nascem grandes conflitos.

Com a chegada da eleição de 1960, foi Bobby quem lutou com mais determinação contra a escolha de Lyndon Johnson como vice-presidente. E também foi Bobby em pessoa quem foi à suíte de hotel onde Johnson estava hospedado durante a convenção democrata em Los Angeles para lhe oferecer esse posto – não antes de tentar convencê-lo a recusar a proposta.

Agora, o caso da Baía dos Porcos marcará o momento em que suas carreiras oficialmente tomarão direções radicalmente opostas. A importância de Bobby logo crescerá muito; seu irmão em pouco tempo chegará a se referir a ele como "o segundo homem mais poderoso do mundo".

Johnson, que em particular se refere a Bobby como "filho da mãe metido a besta", já está começando a se arrepender por abandonar o Senado. LBJ é um homem em declínio. O presidente Kennedy não confia nele e mal o tolera. O presidente nutre tamanho desprezo por Johnson que chega até a comentar com Jackie: "Você consegue imaginar o que aconteceria com este país se Lyndon tivesse sido eleito presidente?".

Ser vice-presidente, certa vez comentou John Nance Garner, o primeiro vice de Franklin Delano Roosevelt, é como ser "um balde de cuspe". John Adams chegou a descrever seu cargo dizendo: "Eu não sou nada". Lyndon Johnson entende muito bem a visão dos seus predecessores. Ele não tem mais apoio eleitoral, nenhum poder político e nem uma gota sequer de autoridade.

Por exemplo, o vice-presidente não tem seu próprio avião. Quando seu trabalho exige uma viagem, Johnson precisa pedir permissão a um dos assistentes de Kennedy para usar o avião presidencial. Mesmo sendo tecnicamente o segundo homem no comando da nação, os pedidos de Johnson não têm mais peso do que os de qualquer outro membro do gabinete. Às vezes, eles são recusados. Quando isso acontece, o vice-presidente dos Estados Unidos pode ser forçado a pegar um voo comercial.

O pior, no entanto, não é o fato de Johnson ter perdido sua força política em Washington, e sim a perda de quase toda a sua influência no Texas, seu estado natal. Apesar do papel crucial em garantir a vitória de Kennedy no Texas na eleição, o senador Ralph Yarborough agora está aproveitando para assumir o controle da política texana, e o secretário da Marinha John Connally já faz planos de concorrer a governador. Um deles, ou talvez os dois, logo terão domínio político sobre o estado da estrela solitária. Johnson está se tornando descartável. Caso Kennedy escolha outro vice quando se candidatar à reeleição, LBJ ficará fora da política para sempre.

Mas, por enquanto, Johnson ainda tem o raro privilégio de entrar no Salão Oval pela porta do Jardim das Rosas. No entanto, quando Kennedy pega o telefone para pedir ajuda na manhã do dia 17 de abril, ele não liga para Lyndon Johnson.

É Bobby Kennedy quem atende o telefone. Ele está na Virgínia, fazendo um discurso. "Acho que as coisas não estão indo tão bem quanto poderiam", diz o presidente ao seu irmão mais novo. "Volte para cá."

John Kennedy focou propositalmente o trabalho de seu irmão em questões de política interna, preferindo buscar outros para aconselhá-lo sobre assuntos internacionais. Apesar de suas frequentes conversas por telefone, o presidente vê seu irmão mais novo como um beneficiado do seu nepotismo, porque foi Joseph Kennedy quem insistiu para que JFK contratasse Bobby como procurador-geral. Mas agora, em um momento de muita insegurança, John Kennedy compreende a sabedoria de seu pai. Por mais que Bobby não tenha recebido um relatório da

CIA sobre a ação em Cuba há três meses, ele é o único homem com quem o presidente acredita que pode contar.

Enquanto isso, Lyndon Johnson se afasta cada vez mais do centro de seu poder político.

* * *

John Kennedy está no Salão Oval, incapaz de deter os acontecimentos aos quais ele mesmo deu início. O presidente poderia ter cancelado a invasão até a noite de domingo, enquanto os homens altamente treinados e os rapazes da brigada 2506 desciam das suas embarcações de transporte e eram transferidos para barcos que os levariam até a praia.

No entanto, cancelar a missão exigiria uma bravura extraordinária. Kennedy perderia o respeito de Allen Dulles, da CIA, de seus consultores particulares e da Junta de Chefes de Estado.

Por outro lado, foi exatamente para fazer esse tipo de decisão impopular que ele foi eleito. E agora a relutância de Kennedy em bancar escolhas difíceis assim está ameaçando derrubar seu governo.

Muito tempo se passou desde seus dias de jovem comandante do *TP-109*. Ele ainda está aprendendo, assim como Abraham Lincoln aprendeu, que a decisão de utilizar a força não deve ser determinada por homens cujas carreiras dependem do seu uso.

Mas não foi a CIA ou a Junta de Chefes de Estado quem ordenou essa invasão; foi John Kennedy.

Após voltar às pressas da Virgínia, Bobby entra no Salão Oval e encontra seu irmão mais velho com um ar pensativo. "Prefiro ser taxado como um agressor a um molenga", lamenta JFK. As notícias vindas das praias cubanas não são boas: os defensores da liberdade não conseguiram tomar as estradas-chave e outros pontos estratégicos. Os homens da brigada 2506 não têm como abandonar a praia. As forças cubanas os acuaram. A invasão enfrenta um impasse.

Confuso, JFK revela abertamente seus temores a Bobby. O presidente sabe que, quando fala com seu irmão, está livre de qualquer vazamento de segurança ou de tentativas de minar sua autoridade. Mas mesmo agora, com Bobby ao seu lado, John Kennedy pode sentir a esmagadora solidão que ser o presidente dos Estados Unidos traz. Foi ele quem criou essa confusão em Cuba, e é ele quem deverá encontrar uma saída para transformar esse potencial fiasco em uma brilhante vitória.

* * *

Mas isso não irá acontecer.

Na terça-feira, 18 de abril, o próprio Castro vai à praia em um tanque T-34

para enfrentar os invasores. Dezenas de milhares de milicianos cubanos estão a postos para conter o avanço dos rebeldes. Os cubanos agora controlam as três estradas principais de acesso à Bahia de Cochinos. E mais importante ainda: graças ao fato de Kennedy ter cancelado o apoio pelo ar, a Força Aérea cubana e seus jatos T-33 facilmente assumem o controle dos céus.

Ao meio-dia, o conselheiro de Segurança Nacional McGeorge Bundy relata timidamente a JFK que "as forças armadas cubanas são mais fortes, a resposta popular foi mais fraca e nossa posição tática é mais frágil do que esperávamos. Os tanques já tomaram uma praia, e a situação está precária nas outras".

Naquela madrugada, em uma reunião na Casa Branca logo após a meia-noite, Kennedy está de gravata branca enquanto ouve outro relatório sobre o fracasso da invasão. Horas antes, ele precisou abandonar um evento na Casa Branca e ir para o Congresso – as obrigações formais de um presidente continuam mesmo durante crises.

A Sala do Gabinete está adornada com um mapa do Caribe, no qual pequenos navios com ímãs mostram a localização das diversas embarcações mobilizadas para apoiar a invasão. E entre elas está o porta-aviões *Essex* e seus navios de escolta.

"Não quero o envolvimento dos Estados Unidos nisso", esbraveja o incrédulo JFK enquanto analisa o mapa.

O almirante Arleigh Burke, comandante da Marinha dos Estados Unidos, respira fundo e diz a verdade: "Por favor, sr. presidente, os Estados Unidos *estão* envolvidos nisso".

Em uma última tentativa de salvar a invasão, o presidente autoriza com relutância uma hora de cobertura aérea – das seis e meia às sete e meia – por seis jatos sem identificação saídos do *Essex*. Os jatos deverão se juntar aos bombardeiros B-26 pilotados pelos defensores cubanos da liberdade para conter os ataques aéreos cubanos. No entanto, os pilotos da Marinha americana não deverão atacar alvos em solo ou entrar em conflitos aéreos diretos – mais um sinal de que JFK estava com medo.

Após a reunião da meia-noite, o presidente sai pela porta do Salão Oval para o Jardim das Rosas, com o peso de todo o mundo livre e do destino de mais de mil homens sobre seus ombros. Ele passa uma hora caminhando sozinho sobre a grama úmida.

Na manhã do dia 19 de abril, novas más notícias chegam: por mais difícil que seja crer, a CIA e o Pentágono não pensaram na diferença de fuso entre Cuba e a base aérea dos defensores da liberdade na Nicarágua. Os jatos do porta-aviões *Essex* e os bombardeiros B-26 da América Central chegam ao local determinado com uma hora de diferença, e os dois grupos de aeronaves não se encontram. Em decorrência disso, vários B-26s e seus pilotos são derrubados pela Força Aérea cubana. Pierre Salinger, o assessor de imprensa do presidente,

descobre Kennedy sozinho na residência da Casa Branca, chorando após ouvir as notícias.

Jackie nunca viu seu marido tão transtornado. Ela só havia visto JFK chorar duas vezes antes e fica surpresa ao vê-lo pôr a cabeça entre as mãos e soluçar. Bobby pede à primeira-dama para ficar por perto, pois o presidente precisa ser confortado. Nesse dia, Kennedy abandona até a preocupação com sua meticulosa aparência, chegando a receber um senador para uma reunião no Salão Oval com o cabelo todo bagunçado e a gravata torta.

Bobby Kennedy se apressa para defender seu irmão quando Lyndon Johnson reclama por não ter participado do planejamento da operação. Bobby anda de um lado para o outro na Sala do Gabinete, disparando um olhar soturno de tempos em tempos para o mapa do Caribe e seus ímãs em formato de navios. “Temos que fazer alguma coisa, temos que fazer alguma coisa”, repete ele várias e várias vezes. Perante o silêncio da CIA e dos líderes militares, ele se vira de repente para todos e diz “Foram vocês os espertalhões que meteram o presidente nisso e, se não fizerem nada agora, meu irmão passará a ser visto como um fraco pelos russos”.

Enquanto isso, o presidente passa o resto do dia mergulhado em sua angústia, sem esboçar qualquer tentativa de esconder sua depressão de todos os funcionários da Casa Branca. “Como eu pude ser tão idiota?”, murmura ele para si mesmo, muitas vezes interrompendo outras conversas sobre outros assuntos para repetir essas palavras. “Como eu pude ser tão idiota?”

* * *

Por volta das 17h30, na noite de 19 de abril, as forças cubanas assumem total controle sobre a Baía dos Porcos. A invasão falhou.

Além dos mortos e prisioneiros feitos em terra, as forças de Castro afundaram quase uma dúzia de navios de invasão, incluindo aqueles carregados de alimentos e munição, e derrubaram nove bombardeiros B-26.

Essa derrota é uma imensa humilhação para os Estados Unidos. Kennedy é forçado a dar uma coletiva de imprensa para assumir toda a responsabilidade. “Há um velho ditado que diz ‘A vitória tem cem pais, e a derrota é órfã’. O que importa é que eu sou o responsável no governo.”

Tempos depois, JFK irá se lembrar desse dia e especular que o fiasco da Baía dos Porcos poderia ter dado ao exército dos Estados Unidos motivo para intervir no governo civil americano, alegando que o presidente não era apto ao cargo.

No entanto, seis meses depois, foi o diretor da CIA, Allen Dulles, quem foi demitido. O líder da CIA fica extremamente ressentido. Esse é um golpe do qual o velho espião e sua agência não irão esquecer tão facilmente.

* * *

Uma semana após o fracasso na Baía dos Porcos, Kennedy chama seus conselheiros, incluindo Bobby, para a Sala do Gabinete. A presença de Bobby em uma reunião sobre política externa é incomum, e a princípio, o irmão do presidente se mantém calado.

O presidente está inclinado para trás em sua poltrona, batendo levemente com um lápis em seus dentes, enquanto o subsecretário de Estado Chester Bowles lê uma longa declaração que absolve o Departamento de Estado de qualquer responsabilidade sobre o caso da Baía dos Porcos.

JFK percebe que Bobby está irritado. Para os dois irmãos, Bowles é um chorão hipócrita.

Após a vida inteira ao lado do seu irmão mais novo, o presidente sabe que ele está prestes a explodir. Ele também autorizou Bobby a falar em seu nome. JFK espera, sem mostrar qualquer tipo de emoção, apenas ouvindo e batendo com o lápis nos dentes.

Por fim, Bobby Kennedy toma a palavra. Ele ataca brutalmente Chester Bowles com um discurso pensado para humilhá-lo.

"Essa é a coisa mais sem sentido e imprestável que já ouvi. Vocês estão tão preocupados em salvar o próprio couro que têm medo de tomar qualquer atitude. Tudo o que vocês querem é jogar a bomba no colo do presidente. Seria melhor se vocês pedissem demissão logo e deixassem outras pessoas cuidarem da nossa política externa", esbraveja Bobby, elevando cada vez mais a voz. O presidente apenas observa, com uma expressão vazia, ao leve som do lápis batucando em seus dentes brancos perfeitos.

"Percebi de repente", escreverá o consultor presidencial Richard Goodwin tempos depois, "que as palavras agressivas de Bobby refletiam as opiniões pessoais do presidente, comunicadas um pouco antes, em uma conversa particular com seu irmão. Mesmo naquela época, eu sabia que John Kennedy escondia uma dureza interior e um temperamento volátil por baixo da postura amigável, atenciosa e cuidadosamente controlada".

Como algum dia será escrito, se Lyndon Johnson é o vice-presidente, Bobby Kennedy em breve se tornará o presidente assistente – mas apenas após a Baía dos Porcos criar um laço ainda mais forte entre os irmãos Kennedy e transformar a forma como JFK trabalha na Casa Branca. De agora em diante, quando o presidente Kennedy quiser expressar uma posição mais controversa ao seu gabinete, ele confiará essa tarefa a Bobby, que falará pelo presidente, assumindo qualquer tipo de crítica ou discussão posterior para não enfraquecer a imagem de seu irmão mais velho.

* * *

Incrivelmente, o índice de aprovação de Kennedy sobe para 83 % após a invasão, provando ao presidente que o povo americano apoia com firmeza suas ações contra Castro. Nos bastidores, os planos americanos para derrubar o líder cubano continuam sendo feitos, e Castro assume uma postura abertamente desafiadora contra Kennedy, tornando ainda mais clara a ideia disseminada de que ambos querem a morte um do outro.

Enquanto isso, embora a alta taxa de aprovação faça de Kennedy um dos presidentes mais populares do século XX, ele sabe que algo precisa ser feito para restaurar o prestígio dos Estados Unidos na comunidade internacional. Em uma entrevista com James Reston, do *New York Times*, Kennedy deixa de lado a situação com Cuba e admite com toda franqueza que, "estamos tendo problemas para dar credibilidade ao nosso poderio, e o Vietnã parece ser um lugar crítico para isso".

Vietnã.

Pequena, e até então quase totalmente ignorada pelos Estados Unidos, essa nação asiática está passando pela sua própria revolução comunista. Mas agora, o presidente Kennedy a vê como um lugar vital para a segurança dos Estados Unidos. Em maio de 1961, JFK despacha Lyndon Johnson em uma viagem investigativa ao Vietnã, enviando-o para mais longe do Salão Oval do que nunca.

Os motivos por trás disso têm tanto a ver com segurança nacional quanto com a noção do presidente do quanto está sendo difícil para o seu vice trabalhar com sua sensação de impotência. "Não aguento mais ver John tão cabisbaixo", confidencia JFK a um senador. "Ele só vem para as reuniões e fica lá com aquela cara fechada. Nunca diz nada. Ele parece estar muito triste."

Quando George Smathers, um velho amigo de Kennedy e senador da Flórida, sugere que Johnson parta em uma viagem internacional, JFK fica muito satisfeito, dizendo que é uma "excelente ideia".

Apenas para reforçar a importância da viagem, o vice-presidente recebe permissão para usar o avião presidencial.

* * *

Mais de 110 homens não teriam morrido se JFK tivesse cancelado a invasão da Baía dos Porcos. E mais de 1.200 defensores da liberdade não teriam sido presos e condenados a cumprir pena nas cruéis prisões de Castro. A Baía dos Porcos não apenas expôs as falhas da política internacional de Kennedy como também minou o poder cedido a ele pelos eleitores – por mais que isso não tenha ficado claro na época. Kennedy foi indeciso em um momento em que deveria ter mostrado firmeza. Ele se deixou ser enganado. É impossível determinar o motivo. Mas não há dúvidas de que, no primeiro grande teste do seu governo, a liderança de Kennedy falhou.

Esse desgastante mês de abril de 1961 ensinou aos irmãos Kennedy uma

lição indelével: eles estavam sozinhos. Seus consultores não valiam as próprias calças. Para restaurar a posição de poder dos Estados Unidos, os irmãos Kennedy teriam que encontrar uma forma para derrotar seus inimigos fora do país e, especialmente, em Washington D.C.

* * *

Enquanto isso, na União Soviética, o departamento de Estado dos Estados Unidos decide devolver o passaporte americano de Lee Harvey Oswald e permitir que ele volte para casa. No entanto, embora esteja ansioso para deixar a União Soviética, Oswald não é mais aquele nômade sem raízes que desertou seu país dois anos antes. Ele adia sua partida até que Marina e seu filho ainda por nascer possam viajar com ele.

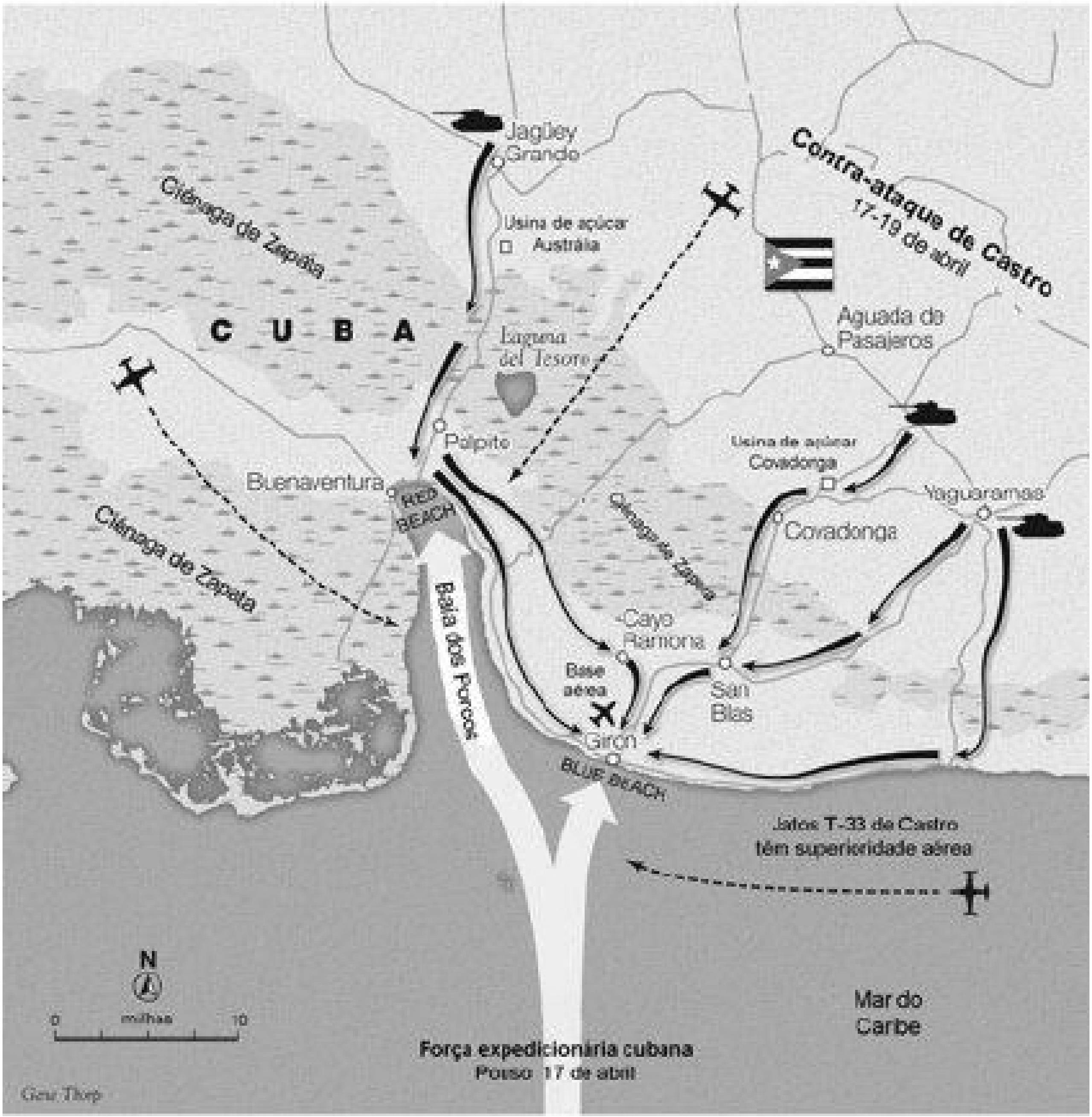
Ele também espera para avisar Marina que planeja levá-la para algum lugar.

Por fim, Oswald se abre. “Minha esposa ficou um pouco espantada”, escreve ele em seu diário em 1º de junho, após finalmente contar a Marina que eles irão deixar a União Soviética, muito provavelmente para sempre, “mas depois me incentivou a fazer o que eu bem quiser.”

Marina está prestes a deixar para trás tudo o que conhece em troca de uma vida incerta com um homem que ela mal conhece. No entanto, ela aceita essa dura realidade porque, àquela altura, já aprendeu uma grande verdade sobre Lee Harvey Oswald: ele sempre faz o que quer, independentemente de qualquer obstáculo que possa encontrar em seu caminho.

Sempre.

Baía dos Porcos
15 a 19 de abril de 1961
Golfo do México
Base aérea Campo Libertad
Havana
Base aérea San Antonio
Pinar del Río
Matanzas
Santa Clara
Detalhe
Montanhas Escambre
Trinidad
Isla de Pinos
USS Essex
Camaguey
CUBA
Holguin
Mar do Caribe
Santiago De Cuba
Bombardeiros B-26 lançam primeiro ataque 15 de abril
Base aérea de Santiago de Cuba
Baía de Guantánamo
Oceano Atlântico
BAHAMAS
0 milhas 100


Jagüey Grande
Ciénaga de Zapata
Usina de açúcar Austrália
Contra-ataque de Castro
17-19 de abril
CUBA
Laguna del Tesoro
Aguada de Pasajeros
Polpito
Usina de açúcar Covadonga
Buenaventura
RED BEACH
Yaguaramas
Covadonga
Ciénaga de Zapata
Ciénaga de Zapata
Baía dos Porcos
Cayo Ramona
Base aérea
San Blas
Girón
BLUE BEACH
Jatos T-33 de Castro têm superioridade aérea
N
0 milhas 10
Mar do Caribe
Força expedicionária cubana
Pouso 17 de abril
Gene Thorp

14 DE FEVEREIRO DE 1962
WASHINGTON D.C.
20h

A primeira-dama atravessa sozinha um corredor, indo direto até a câmera de tevê de um metro e oitenta de altura marcada com o logotipo da CBS. Seu traje e seu batom são de um tom vermelho forte, acentuando seus lábios carnudos e seus cabelos castanhos bufantes. A câmera transmitirá sua imagem apenas em preto e branco, então todos esses detalhes serão perdidos pelos 46 milhões de americanos sintonizados na NBC e na CBS para acompanhar a sua apresentação televisionada da Casa Branca. Esse é o momento de Jackie nos holofotes da nação, uma chance de mostrar seus esforços na reforma de sua amada "*Maison Blanche*".

Jackie finge que a câmera não existe. É assim que ela leva sua vida também, simulando um ar alheio e mantendo uma leve distância de tudo e de todos, com a exceção de alguns poucos confidentes. Apesar do seu aparente desapego, Jackie sabe muito bem o que está fazendo, tendo escrito e editado ela mesma o roteiro do programa, enchendo as margens do texto com pequenas notas sobre a história de certas peças de mobília e os nomes dos ricos senhores que as doaram. Ela está a par não apenas do estado da reforma em cada um dos 54 cômodos e dezesseis banheiros da Casa Branca, como também de toda a história da própria casa de 170 anos em si.

Ainda assim, como os Estados Unidos irão perceber ao longo da transmissão, a primeira-dama não se comporta como uma sabe-tudo pomposa. Na verdade, ela nem gosta de ser chamada de "primeira-dama"; para ela, parece o nome de um cavalo de corrida. Essa habilidade de rir de si mesma garante a Jackie um precioso ar vulnerável e tímido, em vez de indiferente, mesmo enquanto ela fala com seu sotaque aristocrático. Para muitos homens, ela é sensual, e, para várias mulheres, um ícone acessível. Ao longo do primeiro ano da presidência de seu marido, essa postura acessível de Jackie Kennedy conquistou os Estados Unidos e o mundo.

O presidente Kennedy brincou com isso quando os dois foram a Paris, em junho de 1961, em uma visita de Estado para se reunir com o presidente francês Charles de Gaulle. O incidente da Baía dos Porcos havia acontecido apenas seis semanas antes, e a imagem de JFK continuava muito abalada entre vários líderes europeus. Mas não a de Jackie. Quando o Air Force One pousou no Aeroporto de Orly, ela foi aclamada como um ícone de glamour, postura e beleza. Para o presidente, foi impossível ignorar os flashes que acompanhavam os passos de sua esposa. Ao falar perante uma série de dignitários no Palais de Chaillot, JFK abriu

seu discurso com tons melancólicos enquanto fazia uma precisa descrição do seu estado perante os olhos de Paris e do mundo todo. "Acho que não seria totalmente inadequado me apresentar a esta plateia", disse ele com um ar sério, "como o homem que está acompanhando Jacqueline Kennedy em sua viagem à Paris... e estou gostando."

* * *

Após passar pela câmera da CBS, a primeira-dama começa seu passeio televisionado narrando uma breve história da Casa Branca. Os telespectadores ouvem sua voz recatada enquanto desenhos e fotos preenchem a tela. Há um quê de drama em suas palavras, ressaltando sua conexão emocional com o prédio. Ela fala com um tom de aprovação sobre a adição feita por Theodore Roosevelt na Ala Oeste, que levou os escritórios do presidente e de seus funcionários do abarrotado segundo andar da parte residencial da Casa Branca para um ambiente muito mais espaçoso e profissional.

Sua voz ganha um ar trágico ao descrever como a Casa Branca precisou ser esvaziada em 1948. O piso do escritório do presidente Truman começou a tremer como se estivesse prestes a desabar. Uma inspeção revelou que o prédio todo de fato estava à beira de implodir, pois não era reformado nem passava por reforços estruturais há décadas. "Tudo o que havia aqui dentro teve que ser tirado. Só sobraram as paredes", diz Jackie com uma voz ofegante, enquanto fotografias de escavadeiras derrubando pisos e tetos originais do prédio histórico surgem na tela. "Teria sido mais fácil e barato simplesmente demolir tudo. Mas a Casa Branca é um símbolo tão grande para os americanos que as paredes externas foram mantidas."

A primeira-dama termina seu monólogo relembrando que estudou a fundo os detalhes de todas as reformas, do passado e do presente: "Pouco a pouco, o interior da casa do presidente foi remontado. A fachada externa continuou a mesma com a qual os americanos se acostumaram ao longo do século, a não ser pela sacada no Pórtico Sul – adicionada pelo presidente Truman".

Essas palavras memorizadas são uma leve cutucada. Truman foi muito criticado em 1947 por mandar construir essa sacada, que foi vista como uma profanação da fachada externa da Casa Branca. A princípio, o presidente Kennedy ficou nervoso com a reforma de Jackie, temendo que ela fosse ser alvo de denúncias tão severas como Truman. Mas em vez de ceder ao marido, como ela muitas vezes faz, a primeira-dama se recusou a desistir. "Não vai ser como a sacada de Truman", disse ela, garantindo ao seu marido que seus esforços seriam bem recebidos. Seu foco seria no interior do prédio, terminando finalmente o trabalho que aquelas escavadeiras começaram em 1948. Seu objetivo era nada menos do que transformar a Casa Branca, que antes era uma enorme residência de um burocrata, em um palácio presidencial.

Mamie Eisenhower gostava de se referir à mobília e à Casa Branca em si como se fossem de sua propriedade particular – "minha casa" e "meus tapetes". Ela também adorava tons de rosa. Jackie, que não se dá muito bem com sua predecessora, livrou-se de todos os móveis e tapetes baratos comprados por Mamie e pintou de outra cor todas as paredes rosa.

Como os americanos estão prestes a ver por si mesmos, a Casa Branca agora pertence à Jacqueline Bouvier Kennedy.

A primeira-dama entra mais uma vez em frente à câmera para mostrar aos telespectadores sua nova casa, agora seguida pelo apresentador do programa, Charles Collingwood, da CBS. Os toques pessoais de Jackie estão por toda parte, desde novas cortinas, desenhadas por ela mesma, até o novo livro guia produzido por ela como uma forma de levantar fundos para a reforma (que vendeu 350 mil cópias em apenas seis meses). Ela se livrou de várias bizarrices, como as fontes que faziam a Casa Branca parecer mais um prédio comercial do que um tesouro histórico.

A primeira-dama vasculhou os depósitos e a Galeria Nacional, recuperando tesouros de todos os tipos, como pinturas de Cézanne, as canecas de Teddy Roosevelt e os talheres de ouro franceses de James Monroe. A nova mesa do presidente Kennedy foi outro achado de Jackie. A mesa *Resolute,* como é conhecida, foi entalhada com a madeira de um malfadado barco britânico e dada de presente pela rainha Vitória ao presidente Rutherford B. Hayes, em 1880. Jackie a encontrou esquecida na sala de transmissões da Casa Branca, enterrada sob uma pilha de aparelhos eletrônicos, e prontamente a transferiu para o Salão Oval.

Ninguém além dos funcionários mais antigos da Casa Branca conhece seus segredos tão bem quanto Jackie. No entanto, apesar do seu vasto conhecimento, há muitas coisas das quais ela *não quer* saber.

Em primeiro lugar, os nomes das mulheres com quem seu marido vem dormindo. E elas são muitas. Como Judith Campbell, amante e contato clandestino de Kennedy com o chefão da máfia de Chicago Sam Giancana – e que agora reclama pelo fato de JFK ter se tornado um parceiro menos carinhoso desde que se tornou presidente. E a jovem divorciada de 27 anos, Helen Chavchavadze, com quem JFK vem saindo desde antes de sua posse. Há também as garotas trazidas por Dave Powers. Entre as amantes do presidente, existem até algumas amigas e assistentes pessoais de Jackie. A primeira-dama costuma viajar quase todas as quintas-feiras para a casa do casal em Glen Ora, na Virgínia, para passar o final de semana andando a cavalo. Ela só volta na segunda-feira. O presidente fica sozinho na Casa Branca em sua ausência, e a lista de amantes cresce dia após dia.

Jackie Kennedy não é boba. Ela sabe sobre os casos de JFK desde quando ele era senador. Isso a magoa muito, mas ela prefere deixar de lado as

indiscrições do presidente para manter as aparências e o prestígio de ser a primeira-dama, e mais do que tudo, porque ama seu marido – e acredita que ele a ama também.

A primeira-dama é fascinada pela aristocracia europeia e sabe que é comum, e talvez até natural, que homens poderosos na Europa tenham casos amorosos. Seu querido pai, John “Black Jack” Bouvier, também cometia várias escapadas. E seu sogro, Joseph Kennedy, é famoso pelos seus galanteios. A primeira-dama não tem nenhum motivo para acreditar que o presidente dos Estados Unidos, o homem mais poderoso do mundo, se comportará de outra forma. Além disso, é uma tradição da família. “Todos os Kennedy são assim”, ela comentou uma vez com Joan, a esposa do irmão mais novo de JFK, Teddy. “Você não pode se incomodar. Não pode levar para o lado pessoal.”

Certa vez, enquanto passava pelo escritório de Evelyn Lincoln com um repórter francês, Jackie viu a assistente de Lincoln, Priscilla Wear, sentada em um canto da pequena sala. Falando em francês, Jackie informou ao repórter que “essa é a garota que dizem estar dormindo com meu marido”.

No entanto, apesar de sua aparente indiferença, Jackie se magoa muito por dentro com essas traições. De tempos em tempos, suas amigas notam sua silenciosa tristeza com o casamento. Até mesmo agentes do Serviço Secreto, que nutrem apreço e respeito genuínos por ela, podem ver que a primeira-dama sofre.

No entanto, mesmo diante da dor, a primeira-dama é pragmática. Ela faz questão de informar a Kenny O'Donnell exatamente os horários em que irá sair ou voltar sempre que deixa a Casa Branca, só para se garantir de que não irá pegar o presidente em flagrante delito com uma amante.

A primeira-dama já pensou em ter seu próprio amante. Ela muitas vezes janta sozinha com o secretário de Defesa, Robert McNamara. Eles flertam um com o outro e leem poesia juntos. E, quando está em Nova York, Jackie visita o apartamento de Adlai Stevenson, o embaixador dos Estados Unidos na ONU. Eles sempre se beijam quando se cumprimentam e saem para ver peças de balé e óperas juntos.

Esses homens a intrigam, e Jackie sabe que há rumores de que ela teria um caso com o ator William Holden, mas é o amor de seu marido o que ela deseja. Até pouco tempo, suas noites na cama não eram nada de espetacular. Havia pouca preocupação com as preliminares – na verdade, apesar do seu lado sexual aventureiro, o presidente faz amor com Jackie como se fosse um trabalho. Ela muitas vezes até se perguntou por que ele precisa dormir com outras mulheres e começou a pensar que talvez *ela* fosse o problema. Mesmo sendo adorada por milhões de homens no mundo inteiro, devia haver algum motivo para a indiferença do marido aos seus encantos sexuais.

Até que na primavera de 1961, quando Jackie torceu o tornozelo praticando

esportes em Hickory Hill, a casa de Bobby na Virginia, Bobby pediu para que seu vizinho, o dr. Frank Finnerty, cuidasse do ferimento. Finnerty era um cardiologista de 37 anos que lecionava medicina na Universidade de Georgetown. Ele também era muito bonito e carinhoso. Jackie o achou um bom ouvinte. Uma semana depois, com o tornozelo melhor, ela perguntou a Finnerty se poderia ligar para ele de vez em quando, só para conversar. Surpreso, Finnerty ficou mais do que contente em aceitar a ideia.

Jackie com certeza estava pensando em sexo quando fez essa proposta, mas não em sexo com o dr. Finnerty. Ao longo de várias conversas, ela diz a Finnerty os nomes das mulheres com quem seu marido se envolve e admite o quanto está magoada com os casos de JFK. O casamento de Kennedy foi pensado, nas palavras de Jackie, como "uma relação entre um homem e uma mulher, na qual o homem seria o líder e a mulher seria sua esposa e o admiraria como um homem". Esse conceito se estendia ao quarto do casal, onde os prazeres de Kennedy se sobrepunham a tudo. Ela não entendia por que o presidente era tão rápido na cama, sem se preocupar em nada com a satisfação da esposa. Tudo girava em torno dele, e ela ficava de lado. "Ele vai rápido demais e depois dorme", reclamou ela.

O dr. Finnerty pensou em uma solução. Ele roteirizou uma discussão que Jackie poderia ter com o presidente, sugerindo formas para tornar as noites do casal mais equilibradas. Finnerty treinou Jackie para falar abertamente com seu marido e usar descrições precisas sobre o que ela queria e de como ela também poderia dar mais prazer ao presidente.

Fortalecida e mais ainda nervosa, Jackie abordou o assunto com JFK certa noite durante um jantar. Enquanto o presidente a ouvia, espantado, sua esposa em geral tímida e sexualmente inibida detalhou ponto a ponto o que queria dele na cama. Jackie mentiu quando ele perguntou como ela havia ganhado tamanha desenvoltura tão de repente com o assunto, dizendo que havia aprendido tudo com um padre, um ginecologista e vários livros muito detalhados.

O presidente ficou impressionado. Ele "nunca pensou que ela se daria a tanto trabalho para ter prazer no sexo", como Finnerty relembraria depois.

Jackie voltou a falar com o médico, contando a ele sobre os avanços de JFK e que suas ansiedades sobre seu próprio desempenho na cama haviam se dissipado de uma vez por todas.

Não que o presidente tenha abandonado seus casos. Mas pelo menos Jackie agora sabe que ele está tendo prazer com sua própria esposa.

* * *

"Obrigado, sr. presidente", conclui o repórter Charles Collingwood. "E obrigado, sra. Kennedy, por nos mostrar essa magnífica casa e todas as coisas maravilhosas que a senhora está trazendo para ela."

John Kennedy se juntou à sua esposa em frente à câmera para os últimos minutos dessa transmissão especial, explicando a importância dos esforços de Jackie e da Casa Branca como um símbolo dos Estados Unidos. A primeira-dama fica calada enquanto abre um caloroso sorriso para a câmera. Jackie parece estar totalmente inabalável enquanto o programa chega ao fim, sem um fio de cabelo fora do lugar e com as pérolas do seu colar em volta do pescoço perfeitamente alinhadas.

Mas as aparências enganam. O passeio pela Casa Branca na verdade foi gravado um mês atrás, e o especial de uma hora de duração exigiu sete horas de filmagem. Ansiosa, Jackie fumou seus L&Ms um após o outro sempre que as câmeras não estavam gravando e então relaxou após o encerramento soltando seu cabelo bufante e o penteando até ficar liso.

Ela também virou uma dose enorme de uísque.

* * *

O passeio pela Casa Branca de Jackie se torna um dos programas de maior audiência da história da tevê. Na verdade, ele garante até um prêmio Emmy especial à primeira-dama. O país inteiro agora está totalmente impressionado. Jacqueline Kennedy é uma superstar.

Enquanto isso, a reforma da Casa Branca continua. Bem no final da lista de coisas a fazer, estão as cortinas cinza do Salão Oval, que não serão trocadas até o final de novembro de 1963.

24 DE MARÇO DE 1962
PALM SPRINGS, CALIFÓRNIA
19h

John F. Kennedy está cansado, mas alerta. Ele está na cidade turística de Palm Springs, no pátio da casa de estilo espanhol da lenda do show business Bing Crosby. Mas Crosby não está presente esta noite, tendo emprestado sua confortável casa para JFK e seus acompanhantes por todo o final de semana. Kennedy observa enquanto a festa se desenrola em volta da piscina lotada nesta morna noite de primavera. O som de risos e mergulhos toma o ar. Ao longe, o presidente vê montanhas rochosas despontando sobre a propriedade de quase meio hectare, formando um impressionante plano de fundo desértico.

No dia anterior, Kennedy fez um intenso discurso para 85 mil pessoas na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Ele falou sobre democracia e liberdade, temas-chave ao longo da Guerra Fria. Ele então partiu rumo ao sul com o Air Force One até a base aérea de Vandenberg, onde assistiu ao lançamento de um míssil pela primeira vez. O esguio foguete branco Atlas foi disparado sem nenhum incidente, provando que os Estados Unidos estavam avançando na corrida espacial, que continuava muito disputada, com a União Soviética tendo fechado um acordo na mesma semana para colaborar em pesquisas especiais com adversários dos Estados Unidos na Guerra Fria.

Palm Springs, o retiro particular de Crosby, é um lugar perfeito para se passar um final de semana após a agitada viagem pela Costa Oeste. Mais cedo, o presidente teve um breve encontro oficial com Dwight Eisenhower para discutir política externa. Mas agora JFK finalmente pode relaxar com um charuto enquanto toma um ou dois daiquiris.

Apesar do clima favorável, o presidente não está totalmente tranquilo. Ele sabe que ofendeu seu grande amigo e apoiador de longa data Frank Sinatra por ter cancelado os planos de passar o final de semana na casa do cantor e ficado na casa de Crosby, um republicano, o que é pior – mas o presidente irá se preocupar com o significado disso depois. Hoje, ele só quer se divertir.

E muito.

É sábado, o que em geral significa que Jackie e as crianças estão na casa da família em Glen Ora para o final de semana. No entanto, hoje a primeira-dama, como o mundo inteiro sabe graças a várias notícias da mídia, está do outro lado do mundo, em uma visita oficial à Índia e ao Paquistão. O sucesso do seu programa na tevê confirmou o que o marido já sabia há anos: Jacqueline Bouvier Kennedy é o maior trunfo político de John Fitzgerald Kennedy. Ele até já faz planos para alavancar a popularidade da esposa para a campanha pela reeleição

em 1964.

E por mais que seja uma tolice minar seu casamento (e sua carreira) com um ato explícito de infidelidade em público, há momentos nos quais um homem costumeiramente sensato age de maneira impensada e autodestrutiva.

Como agora.

Entre os convidados presentes na casa de Bing Crosby, está a mais glamorosa e talvez a mais perturbada mulher de Hollywood. JFK vem cultivando uma relação com ela há quase dois anos e está certo de que Marilyn Monroe finalmente cederá ao seu charme esta noite.

O presidente dos Estados Unidos dá outra tragada em seu charuto e entra no quarto. Sua esposa está a mais de dez mil quilômetros de distância. Ele pode fazer tudo o que bem quiser esta noite. Tudo. E não há a menor chance de que sua mulher o pegue em flagrante.

* * *

A primeira-dama em um passeio de barco no lago Pichola, no Rajastão, durante visita oficial à Índia e ao Paquistão em 1962.
(Cecil Stoughton, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

"Minha mulher acabou de andar pela primeira e última vez em um elefante!", disse JFK com um ar casual à arena lotada da Universidade da

Califórnia no dia anterior. A plateia vibra e gargalha.

É assim que JFK fala com os americanos sobre sua Jackie: como eles estivessem ouvindo uma conversa particular entre amigos. As pessoas se interessam até pelos menores detalhes sobre seu casamento. Por mais que ele jamais admita em voz alta, os aguçados instintos políticos do presidente lhe dizem que os Kennedy não são apenas o casal mais glamoroso dos Estados Unidos – eles são o casal mais glamoroso do mundo inteiro. A paixão despojada do seu relacionamento serve como inspiração para casais por toda parte.

Eis uma verdade: os Kennedy se amam *muito*. JFK é um pai coruja e um marido que adora sua família. Ele deixa Caroline e John brincarem no Salão Oval enquanto trabalha, e a banheira presidencial costuma estar sempre cheia de patinhos e porquinhos de borracha, pois ele sabe que o jovem John se diverte com isso. Ele passa alguns minutos no quarto de Jackie toda manhã antes de descer para o escritório e gosta quando sua mulher faz o mesmo com ele todas as tardes – ao acordá-lo da soneca, os dois podem conversar sobre as novidades do dia enquanto ele se veste.

A única reclamação do presidente sobre sua esposa é que Jackie não tem qualquer tipo de disciplina financeira. Ela gasta mais dinheiro com roupas do que JFK recebe do governo para ser presidente dos Estados Unidos. (A fortuna estimada de JFK chega a dez milhões de dólares. Ele dedica o salário presidencial de cem mil dólares anuais a organizações de caridade, como os escoteiros e o United Negro College Fund.)

No entanto, mesmo parecendo um conto de fadas, o casamento dos Kennedy tem uma enorme contradição. O voraz apetite sexual do presidente é o elefante em cima do qual JFK anda todos os dias, mas cuja existência finge ignorar.

A primeira-dama não tem como saciá-lo. Ela está ocupada cuidando da família, pensando na reforma da Casa Branca e tem uma agitada rotina social. Jackie precisaria ter poderes sobre-humanos para atender as necessidades físicas do presidente. Além disso, ele nunca se satisfaria com apenas uma mulher. O imenso volume de garotas de programa, socialites, jovens atrizes e aeromoças que são trazidas para dentro da Casa Branca sempre que Jackie e as crianças estão em viagem está totalmente fora dos limites morais e físicos da maioria dos homens deste mundo. A situação chegou a um ponto no qual o Serviço Secreto parou de checar o nome e a nacionalidade das mulheres que Dave Powers trazia para o presidente.

Vários agentes federais acham essa situação perigosa. O vasto número de mulheres que têm acesso ao presidente é uma clara falha de segurança que poderia derrubar JFK, seja por meio de chantagens ou até levando-o a ser assassinado em segredo com uma injeção letal, por exemplo. Esse tema é uma pauta constante nas discussões do Serviço Secreto, mas o trabalho dos agentes é

proteger o presidente, não repreendê-lo. Eles fazem vista grossa para o comportamento de JFK, e alguns até ajudam a acobertar seus passos. Para ser um funcionário da Casa Branca, você precisa se casar com o trabalho. A média de cinquenta a oitenta horas extras a cada mês pode trazer um aumento de quase mil dólares por ano ao contracheque de um agente do Serviço Secreto. Seria uma idiotice para qualquer agente recusar esse dinheiro por questões morais.

O departamento de imprensa da Casa Branca também ignora tudo. A vida particular do presidente não é da conta dessas pessoas, nem do público. Os repórteres da Casa Branca sabem que o presidente valoriza a lealdade e que ele poderia cortar totalmente o acesso ao seu trabalho caso eles o decepcionassem. Nenhuma palavra sobre seus casos extraconjugais é publicada ou transmitida. Na verdade, o editor-chefe da *Newsweek,* Ben Bradlee, um amigo muito próximo do presidente, nunca comentará absolutamente nada sobre os galanteios de JFK.

Enquanto isso, o presidente dorme com a cunhada de Bradlee.

Às vezes, as amantes de Kennedy chegam a trabalhar na própria Casa Branca, como no caso da secretária de Jackie, Pamela Turnure, e da assistente de Evelyn Lincoln, Priscilla Wear. Isso facilita muito os flertes presidenciais em termos de logística e segurança, mas também acarreta alguns perigos.

Por exemplo, o presidente adora nadar de vez em quando à tarde com as duas secretárias de vinte e poucos anos, Priscilla Wear e Jill Cowen – apelidadas de Fiddle e Faddle (algo como "Conversa" e "Fiada") pelo Serviço Secreto. Um agente do Serviço Secreto sempre fica de guarda do lado de fora da porta para garantir que ninguém entre.

No entanto, certo dia, a primeira-dama apareceu na porta da piscina, ansiosa para nadar um pouco. Isso nunca havia acontecido antes. Em pânico, o agente barrou sua entrada e tentou explicar que Jackie não poderia usar a piscina da Casa Branca que ela mesma vinha reformando com tanto amor e carinho.

Do lado de dentro, JFK ouviu o alvoroço, vestiu seu roupão às pressas, e fugiu da piscina pouco antes de ser pego. Tempos depois, alguns agentes comentariam que suas grandes pegadas de água ao lado das menores de suas parceiras de natação deixaram um rastro muito claro, e que Jackie não o viu apenas por ter ido embora irritada.

Os filhos de Kennedy costumavam brincar no Salão Oval enquanto o presidente trabalhava.
(Cecil Stoughton, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

Enquanto uma parte do cérebro do presidente planeja formas engenhosas de derrubar Fidel Castro, Nikita Khrushchev e Charles de Gaulle, outra planeja como ficar com o maior número possível de mulheres sem que Jackie o pegue em flagrante. E, conforme se ambienta cada vez mais à Casa Branca, os casos de Kennedy vão ficando cada vez mais estapafúrdios.

"Chegamos a um ponto que aquilo já não era mais nenhuma novidade", comentou um agente do Serviço Secreto certa vez "Havia mulheres por toda parte. Muitas vezes, dependendo do turno, você as via subindo, ou então descendo pela manhã, enquanto as faxineiras passavam o aspirador e outros funcionários estavam pela casa. Várias se tornaram visitantes regulares. Mas não quando Jackie estava em casa."

Quando passa mais de alguns dias sem nenhuma relação extraconjugal, Kennedy se torna outro homem – tanto que o Serviço Secreto chega a suspirar aliviado sempre que Jackie leva as crianças para passar o final de semana fora. "Quando ela estava em casa, as coisas não eram nada divertidas", admitira tempos depois um agente veterano.

"Ele vivia com dor de cabeça. Dava para ver que ele ficava mal de verdade por não estar dormindo com ninguém. Parecia um galo depois de um banho de mangueira."

O sexo é o ponto fraco de Kennedy. Mas por que ele faria isso com Jackie? E o que ele está fazendo com seu país nesse processo?

* * *

Apenas algumas poucas semanas após ser nomeado procurador-geral, Bobby Kennedy recebeu um arquivo especial das mãos de J. Edgar Hoover, o chefe de nariz achatado e estilo maquiavélico do FBI. Esse documento continha provas dos casos extraconjugais do presidente. Ao que parecia, embora os jornais estivessem fazendo vista grossa, o FBI vinha acompanhando os contatos de JFK desde o final dos anos 40, época na qual estava saindo com uma mulher que supostamente seria uma espiã da Alemanha nazista. O arquivo foi criado por Hoover como um recurso para garantir seu trabalho. Ele quer deixar claro a todos que o FBI nunca ficará para trás – e que não há nada de ilícito acontecendo

nos Estados Unidos que ele não saiba. Por questões de segurança nacional, nem mesmo o presidente dos Estados Unidos está acima da vigilância do FBI.

No início de 1962, enquanto a visita do presidente Kennedy a Palms Springs está sendo planejada, uma investigação do Departamento de Justiça sobre crime organizado revela que o cantor Frank Sinatra está profundamente envolvido com a máfia. Isso é um problema para os Kennedy – os americanos sabem que Sinatra não apenas apoia o presidente como também é um dos seus amigos pessoais. Se isso já não bastasse para comprometer o procurador-geral e o presidente dos Estados Unidos, o marido de sua irmã Patricia, o ator de cinema Peter Lawford, é um membro do famoso conjunto Rat Pack de Sinatra.

Para tornar a situação ainda mais delicada, um novo documento de Hoover foi entregue a Bobby algumas semanas antes da viagem a Palm Springs. Esse arquivo indicava que o presidente dos Estados Unidos está dormindo com uma consorte de Sam Giancana, não apenas um dos mais famosos mafiosos do país como também um dos maiores chefões da máfia que Bobby Kennedy está tentando derrubar. O nome dessa mulher é Judith Campbell, e Hoover a descreve como um imenso risco de segurança. Patricia Kennedy Lawford nem desconfia, mas seu marido conseguiu seu posto no Rat Pack graças ao legado familiar de sua esposa. Há muito tempo, Sinatra queria se aproximar do trono americano. Ao perceber que os Kennedy estavam prestes a se consolidar como a família mais poderosa dos Estados Unidos, Sinatra permitiu que Lawford entrasse em seu círculo íntimo. Além disso, foi Patricia Kennedy Lawford quem bancou o roteiro de *Onze homens e um segredo,* presumindo que seu marido estrelaria no filme ao lado de Sinatra. No entanto, Dean Martin acabou levando o papel. Sinatra enxerga Peter Lawford como um parasita e suspeita que Patricia Kennedy Lawford, como a maioria das pessoas fora da bolha de Hollywood, faria qualquer coisa para aproveitar um pouco do brilho emanado pela fama dos astros de cinema.

E Sinatra tem razão. Apesar de serem constantes alvos de desprezo, os Lawford ainda se mostram ávidos em fazer parte do "estilo de vida" do Rat Pack.

Assim sendo, a mulher que estendeu a JFK o convite de Sinatra para ficar em sua casa em Palm Springs durante sua visita à cidade foi ninguém menos que Patricia Kennedy Lawford.

Após ler o arquivo de Hoover sobre Sinatra, Bobby Kennedy diz ao presidente para ficar em alguma outra casa em Palm Springs. Bobby não se importa com a chance de que essa desfeita possa acabar rompendo uma relação política de longa data com Sinatra, que não apenas fez uma intensa campanha a favor de Kennedy em 1960 como também trabalhou duro para organizar sua festa de posse.

A verdade é que Bobby não tem escolha. Sinatra vem mantendo repetidos contatos com dez dos principais nomes do crime organizado. Os relatos do FBI

detalham não apenas as datas e os horários nos quais o cantor ligou para os chefões da máfia de sua casa, como também revela que os mafiosos estão ligando para o seu número particular. “Em certos casos, a natureza do trabalho de Sinatra pode levá-lo a ter contato com figuras do submundo”, afirma o relatório. “No entanto, isso não justifica sua amizade e/ou seu envolvimento financeiro com pessoas como Joe e Rocco Fischetti, primos de Al Capone, Paul Emilio D’Amato, John Formosa e Sam Giancana – todos listados como grandes mafiosos.”

O FBI acompanha Sinatra desde o final dos anos 40, registrando suas ligações com outros gângsteres famosos como Lucky Luciano e Mickey Cohen. Já em 1947, foram feitos registros de uma viagem sua para Havana com Luciano e seus guarda-costas, onde o trio foi visto junto “em corridas de cavalo, cassinos e festas particulares”. O problema nisso era o fato de que Luciano havia acabado de ganhar liberdade condicional e ser deportado para a Sicília. Aparecer de cara limpa assim em Havana foi uma forma de desafiar a justiça dos Estados Unidos.

A lista de supostas ligações criminosas é imensa. No entanto, o que surpreende Bobby de fato não são as conexões de Sinatra com a máfia, mas sim o fato de o FBI ter provas que ligam a Casa Branca de Kennedy ao crime organizado por meio do cantor. Na verdade, Hoover tem anos e anos de arquivos que documentam laços estreitos entre Sinatra, os Kennedy e grandes mafiosos, como Giancana – que usa um anel de safira no dedo mindinho, um presente de ninguém menos que Frank Sinatra. Os trechos mais preocupantes do relatório afirmam que Giancana visita a casa de Frank Sinatra em Palm Springs com frequência. Agentes apuraram também diversas ligações da grande amiga de Giancana, Judith Campbell, para Evelyn Lincoln, a secretária do presidente, sugerindo um elo claro entre a Casa Branca de Kennedy com o crime organizado.

Frank Sinatra e John Kennedy já dividiram entre si vários momentos de alegria, muitos drinques e, como sugere o FBI, uma ou duas mulheres. Em outra investigação feita em fevereiro de 1960, o FBI encontrou JFK no Sands Hotel, em Las Vegas, com o Rat Pack, registrando que “garotas de programa da cidade toda não paravam de entrar e sair do quarto do senador”. Sinatra e o Rat Pack cantaram o hino nacional na abertura da Convenção Democrata Nacional de 1960 em Los Angeles. Sinatra já visitou a casa da família Kennedy, em Hyannis Port, e certa vez até surpreendeu os convidados improvisando uma apresentação no piano da sala de estar. Sinatra chegou a reformular seu sucesso “High Hopes”, de 1959, para transformá-lo em um hino da campanha de Kennedy.

Há também rumores de que os Kennedy teriam usado a ajuda da máfia para influenciar os eleitores durante a eleição de 1960.

O documento é apenas um alerta: Hoover está avisando a Bobby que a

conexão entre os Kennedy e o crime organizado está prestes a vir a público. E apenas Hoover pode impedir isso.

Apesar do significativo histórico entre os dois, JFK ouve o conselho de Bobby e se afasta de Sinatra sem pestanejar. O cantor se torna uma pedra que poderia derrubar Kennedy e arruiná-lo – e nenhuma amizade vale o posto de presidente. Em geral, Bobby poderia ser descrito como *impiedoso*, mas, de vez em quando, o presidente também é capaz de ter o mesmo sangue-frio.

O presidente Kennedy chegou a ser um amigo próximo de Frank Sinatra, como vemos aqui, na Califórnia.
(AFP/Getty Images)

* * *

Pelo telefone, Bobby avisa Peter Lawford que o presidente não ficará mais na casa de Sinatra. Lawford deve sua carreira ao cantor. Ele tem medo de Sinatra e reluta em fazer a ligação para cancelar a estada do presidente em sua casa pelo final de semana.

O próprio JFK liga então para Lawford. "Como presidente, não posso ficar na casa de Sinatra e dormir na mesma cama que Sam Giancana ou algum outro mafioso já dormiu", disse ele ao seu cunhado. Em seguida, Kennedy exige dois favores. Primeiro, que ele escolha algum outro lugar para que ele se encontre com Monroe no final de semana em Palm Springs. E o segundo é que ele dê a notícia a Frank Sinatra.

Peter Lawford acaba sendo forçado a fazer a ligação. Chris Dumphy, um republicano da Flórida, coloca Lawford em contato com Bing Crosby, resolvendo o seu primeiro problema. Os galanteios do presidente não são nenhum segredo. Crosby, que está viajando, desconfia do que pode acontecer em sua casa, mas não se importa. Ele já está em Hollywood há tempo o bastante para saber que a infidelidade é algo tão comum quanto o nascer do sol.

No entanto, conversar com Sinatra não é tão simples.

O cantor de 46 anos vem esperando essa visita há meses. Ele comprou um novo terreno ao lado de sua casa e construiu chalés para o Serviço Secreto e também instalou fiações especiais de telefone de última geração. Uma placa de ouro foi pendurada no quarto que o presidente iria usar, em uma eterna comemoração pela noite em que "John F. Kennedy Dormiu Aqui". Fotos de JFK foram espalhadas por toda parte na casa principal. Um mastro foi erguido para que o estandarte presidencial pudesse tremular sobre a propriedade toda. Mais do que tudo, Sinatra construiu um novo heliponto especial para o helicóptero do presidente. Sinatra está muito empolgado com essa visita. Tão empolgado, aliás, que não está nem se importando com o fato de que o presidente irá se encontrar com uma ex-namorada sua, Marilyn Monroe.

Na verdade, os Kennedy estão um pouco embaraçados com a ideia que Sinatra tem de transformar sua propriedade na Casa Branca da Costa Oeste. Não é que a família Kennedy não goste de Sinatra – embora Jackie o deteste –, mas eles preferem manter uma distância saudável do charmoso cantor.

Por fim, Lawford explica tudo pelo telefone. Sinatra o ouve, mas apenas por tempo o bastante para perceber que está sendo expulso do círculo de amizade do

presidente. O cantor bate o fone no gancho e arremessa o aparelho no chão. "Sabe onde ele vai ficar?", grita Sinatra para o seu criado. "Na casa de Bing Crosby! Veja só você. E ele é um republicano!"

Sinatra nunca se esquecerá desse dia. Ele usa todos os impropérios imagináveis contra Bobby e em seguida liga de volta para Lawford e o exclui do seu *próprio* círculo de amizades. Sinatra sai correndo pela sua casa, arrancando as fotos de Kennedy da parede, depois pega uma marreta e sai para destruir com as próprias forças o novo heliponto de concreto.

* * *

John Kennedy está ao lado da porta dos fundos, vendo as pessoas entrando e saindo da casa de Bing Crosby. Agentes do Serviço Secreto se esgueiram pelos cantos do jardim, sob as sombras das palmeiras e entre os arbustos que cercam a propriedade. Marilyn Monroe já está ao lado do presidente. Há um quê de intimidade em seus movimentos que não deixa dúvidas de que os dois irão passar a noite juntos.

Monroe andou bebendo. Bastante. Ou ao menos é o que parece.

Aos 35 anos, a estrela do cinema não é uma mulher boba, por mais que às vezes faça esse papel dentro e fora das telas. "Pensei que você era burra", diz um homem ao seu personagem no filme *Os homens preferem as loiras.* "Consigo ser inteligente quando é importante", responde ela, "mas a maioria dos homens não gosta disso."

Essa foi uma fala sugerida pela própria Norma Jean Baker. Após passar grande parte de sua juventude em lares adotivos, ela começou a trabalhar como modelo na adolescência e fechou contrato para fazer um filme em 1946, quando mudou seu nome para Marilyn Monroe. Morena de nascença, ela tingiu o cabelo e começou a cultivar a imagem de "loira burra" que se tornou seu estereótipo. Sua carreira a levou a fazer diversos papéis em filmes importantes, desde *Como agarrar um milionário* e *O pecado mora ao lado* até *Quanto mais quente melhor.* Ela já se casou e se divorciou três vezes e é conhecida por abusar da bebida e de remédios controlados. O abuso de drogas vem destruindo pouco a pouco sua carreira. Mas ela ainda é voluptuosa, cheia de vida e sagaz o bastante para que sua inteligência venha à tona em seus momentos de lucidez

Kennedy conheceu Monroe em um jantar, nos anos 50. A relação entre os dois deu um passo adiante em 15 de julho de 1960, na noite em que ele aceitou a indicação democrata para a campanha presidencial. Os dois flertaram naquela noite, para o desespero da equipe de Kennedy, que logo temeu a possibilidade de que o casal fosse pego tendo um caso durante a campanha. Patricia Kennedy Lawford chegou até a puxar Marilyn de lado e pedir a ela para não dormir com seu irmão.

Mas isso foi há quase dois anos – e, ironicamente, foi Patricia quem

convidou Marilyn e JFK para um jantar em sua casa, em Nova York, no final de fevereiro de 1962. Marilyn chegou atrasada, como de costume. Ela havia bebido xerez. Seu vestido era uma pequena peça de contas e lantejoulas. "Foi o vestido mais justo que já vi em uma mulher", diria o legendário agente Milt Ebbins tempos depois sobre os preparativos de Monroe para a festa – lembrando-se em especial de puxar o vestido por cima da cabeça de Monroe: "Não conseguimos fazer o vestido passar pela sua cintura. Claro, como era típico dela, Marilyn estava sem calcinha também. Então, eu fiquei lá, de joelhos na frente dela... puxando o vestido com toda a minha força, tentando fazê-lo passar por cima do seu traseiro enorme".

Ebbins por fim conseguiu vesti-la, e JFK se aproximou de Monroe assim que ela chegou à festa. Um fotógrafo tentou tirar uma foto dos dois, mas o presidente se virou de costas para não ser capturado junto com ela. Só para garantir, o Serviço Secreto também confiscou o filme.

Antes do fim dessa noite, JFK convidou Monroe casualmente para encontrá-lo em Palm Springs, em 24 de março. Para fechar o acordo, ele confidenciou a ela que "Jackie não estará lá".

* * *

Agora, Marilyn Monroe está com um roupão solto, enquanto a festa continua na casa de Crosby. Ela está "calma e relaxada", na opinião de um dos convidados.

O presidente está hipnotizado pela sagacidade e pelo intelecto da loira, e empolgado para adicionar um símbolo sexual tão famoso à sua lista de conquistas. Ele também a acha carinhosa. Depois de Kennedy reclamar de suas dores crônicas nas costas, Monroe telefona para seu amigo, Ralph Roberts, um ator e massagista especializado em problemas nas costas. Quando ela coloca Kennedy na linha, Roberts não sabe que está falando com o presidente, mas não consegue deixar de perceber que o homem na outra ponta da ligação tem uma voz muito parecida com a de John Fitzgerald Kennedy. Roberts oferece um rápido diagnóstico e desliga após alguns minutos, com a clara ideia de que Marilyn está aprontando alguma coisa de novo.

Em certo sentido, ela não consegue evitar. Monroe já foi casada com dois homens muito conhecidos e poderosos – o jogador de beisebol Joe DiMaggio, e o dramaturgo Arthur Miller –, mas JFK está muito acima de ambos. "Marilyn Monroe é uma soldada", diria ela tempos depois ao seu terapeuta, falando na terceira pessoa. "Seu comandante é o maior e mais poderoso homem do mundo. A principal obrigação de um soldado é obedecer ao seu comandante. Se ele diz 'faça o seguinte', você faz." O procurador-geral também chamou sua atenção. "É mais ou menos como na Marinha – o presidente é o capitão, e Bobby é seu subcomandante", também diria ela depois ao seu terapeuta. "Bobby faria qualquer coisa pelo seu país, e eu também. Eu nunca o envergonharia. Enquanto

eu tiver memória, terei John Fitzgerald Kennedy comigo."

Apesar de sua paixão e beleza, Marilyn Monroe é uma pessoa problemática. Seus três casamentos não são algo socialmente aceitável no mundo católico dos Kennedy, muito menos seu caso com Frank Sinatra. JFK sabe que ela arruinou o casamento anterior de Arthur Miller para poder se casar com o dramaturgo. Pior ainda, o presidente desconfia de que Monroe tem planos de chegar à Casa Branca em breve. Ele chegou a se dar ao trabalho de dizer que "ela não daria uma boa primeira-dama".

Não, Marilyn não irá substituir Jackie, independentemente do que venha a passar pela cabeça da atriz durante as duas noites que ela passa com o presidente em Palm Springs. Marylin dá a JFK um isqueiro cromado Ronson Adonis de presente para lembrá-lo dos momentos especiais que eles passaram juntos, por mais que o presidente com certeza não precise ser lembrado do tempo que passou com o maior símbolo sexual do mundo.

* * *

Se o caso entre Kennedy e Monroe viesse a público, o resultado seria catastrófico. A pergunta que ainda assola as mentes dos homens do Serviço Secreto de Kennedy e dos seus bons amigos da Máfia Irlandesa é por que o presidente continua assumindo esse tipo de risco. Alguns creem que isso seja um resquício irlandês de Kennedy, cultura na qual o líder de um clã em geral tem liberdade para dormir com quantas mulheres quiser fora do seu casamento. Até sofrer seu recente derrame, o pai do presidente, Joseph Kennedy, também se comportava da mesma forma.

Além disso, alguns acreditam que as tragédias pessoais na vida de Kennedy – a morte de seu irmão e do seu filho recém-nascido, e suas próprias experiências quase letais – garantiram a ele uma postura fatalista. Essa ânsia por sexo seria sua forma de aproveitar ao máximo cada dia de sua vida.

Há também a questão de suas dores crônicas. John Kennedy pode ter uma aparência robusta, mas ele sofre de gastrite, dores nas costas e a doença de Addison. Suas atividades físicas se limitam a andar, velejar e a uma ou outra partida de golfe. Ele mal consegue andar a cavalo. E os lendários jogos de futebol americano da família Kennedy não o incluem mais tanto quanto antes.

O sexo é a válvula de escape favorita do presidente. Ele é viciado em adrenalina, e sua psique exige emoções ilícitas. Como ele disse a um amigo da família: "A caça é mais divertida do que o abate".

* * *

"Parabéns a você, sr. presidente."

Dois meses após o final de semana em Palm Springs, Marilyn Monroe está

diante de uma encantada plateia no Madison Square Garden, em Nova York, cantando *Parabéns a você* da forma mais sensual possível. Seu vestido justíssimo deixa pouca margem à imaginação, tanto na frente quanto nas costas, enquanto suas palavras sussurradas deixam milhares de perguntas no ar. Marilyn, ainda ressentida com o duro comentário feito por JFK de que ela nunca daria uma boa primeira-dama, tenta em desespero reacender a chama das noites de romance com o presidente em Palm Springs.

"Parabéns a você", ronrona ela no microfone.

A data é 19 de maio de 1962, dez dias antes do aniversário de JFK. Mais uma vez, Jackie não está presente, mas ela já sabe tudo sobre Marilyn. Mais do que chateada, Jackie sente repulsa pelo caso, pressentindo com razão que o presidente está se aproveitando de uma mulher com problemas emocionais que poderia facilmente ser ludibriada por um homem tão poderoso.

O presidente não chega a fazer contato com a aparentemente ébria Marilyn enquanto ela sobe ao palco do Madison Square Garden. Mas ele dispara um olhar lupino, que um jornalista tempos depois descreveria como "uma cena incrível. Acho que nunca vi maior encanto nos olhos de um homem pela beleza de uma mulher do que nos de John F. Kennedy naquele momento".

Marilyn Monroe se tornou tão obcecada por JFK a ponto de telefonar para a Casa Branca o tempo todo sem ter sucesso. O presidente a deixou para trás e se afasta de Marilyn tanto quanto se afastou de Frank Sinatra.

Como Sinatra, Marilyn é uma armadilha que poderia facilmente derrubar Kennedy e sua presidência. Nesses momentos, o pragmatismo de JFK volta à tona, falando mais alto do que sua libido. Ele se dispõe a grandes riscos pessoais para satisfazer suas necessidades sexuais, mas não brinca quando o assunto é continuar no poder. É melhor ter Monroe, Sinatra e a máfia como seus inimigos distantes do que como amigos que poderiam afundá-lo.

No palco, diante seus partidários na Cidade de Nova York, o presidente adota a postura casta de um coroinha. "Depois de ouvir esse '*Parabéns a você*' cantado com tanta doçura e beleza, acho que posso me aposentar da vida política", diz o presidente no microfone, sugerindo com suas palavras irônicas que está acima de qualquer insinuação sexual boba.

Mas o presidente não abandonou os casos extraconjugais. Na verdade, ele acabou de começar um novo relacionamento com uma garota de dezenove anos, que ele desvirginou na própria cama de Jackie.

"Parabéns a você, sr. presidente" cantou Marilyn Monroe para JFK em seu evento de aniversário, em 1962.
(Getty Images)

* * *

O posto de presidente é desafiador e solitário. Momentos como essa festa no Madison Square Garden oferecem um bem-vindo alívio a toda a pressão. JFK aproveita a celebração do seu aniversário, que acontece em meio a um discurso de campanha que arrecada mais de um milhão de dólares para o Partido Democrata.

O presidente nem imagina que irá celebrar esse dia tão especial apenas mais uma vez na vida.

* * *

Na distante cidade soviética de Minsk, Lee Harvey Oswald finalmente conseguiu vencer todos os obstáculos burocráticos que o impediam de voltar para casa.

Agora, ele só precisa pegar um trem com Marina e June Lee, sua filha de cinco semanas, até a embaixada dos Estados Unidos em Moscou e pegar seus documentos de viagem.

Em 18 de maio, Oswald é dispensado do seu emprego na fábrica de produtos eletrônicos Gorizont (Horizonte). Poucos ficam tristes com sua partida. Para o gerente da fábrica, Oswald é um sujeito descuidado, sensível demais e sem iniciativa. A própria Marina acha seu novo marido preguiçoso e sabe que ele odeia receber ordens.

Os Oswald chegam a Moscou em 24 de maio de 1962, no mesmo dia em que o piloto de testes da Marinha Scott Carpenter se torna o segundo astronauta americano a chegar à órbita da Terra. O presidente Kennedy condecora Carpenter logo em seguida por sua bravura e habilidade, enquanto debate com o Congresso formas de oferecer um sistema de saúde acessível em todo o país.

No dia 1o de junho, em Moscou, os Oswald embarcam em um trem com destino à Holanda. Lee Harvey leva consigo uma nota promissória da embaixada americana no valor de 435,71 dólares para ajudá-lo a recomeçar a vida nos Estados Unidos. Em 2 de junho, enquanto o secretário da Marinha John Connally vence uma disputa para se tornar o indicado democrata nas eleições estaduais do Texas, o trem de Oswald cruza as fronteiras soviéticas em Brest. Dois dias depois, eles embarcam a caminho dos Estados Unidos no *SS Maasdam*, onde passam a maior parte do tempo em suas cabines. Oswald tem vergonha dos vestidos baratos de Marina e não quer que ela seja vista em público. Ele passa a

viagem enclausurado, escrevendo textos indignados sobre sua crescente desilusão com o poder governamental.

O *Maasdam* atraca em Hoboken, Nova Jersey – a cidade natal de Frank Sinatra – em 13 de junho de 1962. Os Oswald passam pela alfândega sem problemas e se hospedam em um pequeno quarto no Times Square Hotel, na Cidade de Nova York. O plano é ficar por lá até que eles consigam ir para o Texas, onde mora o irmão de Oswald, Robert, e eles finalmente poderão se instalar e partir em busca de trabalho.

Na manhã seguinte, no distante Vietnã, soldados sul-vietnamitas são transportados por helicópteros americanos para combater um foco de resistência comunista. Tal empreitada força o presidente Kennedy a recuar publicamente quanto a bancar um envolvimento direto dos Estados Unidos no Sudeste Asiático em uma guerra que ele enxerga como crucial para estancar o avanço do comunismo no mundo todo.

Enquanto isso, graças a um empréstimo de seu irmão, Lee Harvey Oswald e sua família pegam um avião para Dallas. A cidade fervilha com um ódio que em vários sentidos é similar ao próprio descontentamento atual de Oswald. O extremo sul pendeu a favor do presidente Kennedy durante a eleição, mas ainda existem bolsões de revolta militante. Há grupos contrários ao fato de Kennedy ser o primeiro presidente católico romano a mostrar desejo de estabelecer igualdade racial e também o que alguns entendem como aparentes tendências pró-comunistas.

É esse ambiente que recebe Oswald no Texas. Eles pousam em um aeroporto em Dallas chamado Love Field, onde o presidente e a primeira-dama pousarão com o Air Force One meros dezessete meses mais tarde.

Oswald fica chateado pelo seu retorno aos Estados Unidos não ter atraído grande atenção da mídia – ou qualquer atenção, na verdade. Enquanto ele se irrita por não ver nenhum jornalista em sua volta, não faz ideia de que está sendo observado em segredo – por olhos muito poderosos.

Marina e Lee Harvey Oswald com sua filha, June Lee, em 1962.
(Getty Images)

6

23 DE AGOSTO DE 1962
WASHINGTON D.C./BEIRUTE, LÍBANO
MEIO-DIA

Kennedy é um impotente.

Ou ao menos é o que pensa Nikita Khrushchev, líder da União Soviética. Não fisicamente, claro, mas sim na turbulenta arena global política. Khrushchev vem analisando Kennedy desde o episódio da Baía dos Porcos, à procura de novos sinais da mesma mistura de fraqueza e indecisão que marcou seu gerenciamento dessa crise. Aos 68 anos, Khrushchev, que chegou ao poder após uma truculenta batalha política para assumir o posto de Joseph Stalin, sabe bem como avaliar as forças e fraquezas de um oponente. E ele não vê um adversário digno em Kennedy. No próximo setembro, Khrushchev completará dez anos no poder. Ele planeja marcar essa data celebrando o domínio soviético no mundo. E se ele puder humilhar um presidente americano nesse processo, melhor ainda.

Os russos, como os soviéticos muitas vezes são chamados, ostentam a dianteira na corrida espacial lançando não apenas uma, mas duas naves na órbita da Terra ao mesmo tempo. Os cosmonautas no comando de cada foguete em seguida se gabam da avançada tecnologia dos mísseis soviéticos, conversando um com o outro por um aparelho conhecido como radiotelefone.

Como se isso não bastasse, Khrushchev e seu governo demonstram completo desdém pela proibição internacional de testes nucleares, detonando duas ogivas nucleares de quarenta megatons sobre o Ártico, com apenas uma semana de intervalo entre uma e outra.

Eles também estão erguendo um muro de 140 quilômetros de comprimento bem no coração de Berlim, na Alemanha. A muralha separa o setor controlado pelos soviéticos do resto da cidade, que está sob o poder dos Aliados ocidentais. A barreira não foi pensada para impedir a entrada de forasteiros, mas sim para aprisionar os cidadãos da Alemanha Oriental comunista, para que eles não fujam em busca da liberdade da Alemanha Ocidental. Os resultados são aterradores. Em 23 de agosto de 1962, os guardas da fronteira alemã-oriental alvejam um policial ferroviário de dezenove anos que tentava escapar para o lado ocidental por um buraco no muro ainda inacabado. Os guardas apenas observam enquanto o jovem se esforça para rastejar pelos últimos metros em busca da liberdade e não fazem nada para ajudá-lo quando ele por fim desaba e morre.

O mesmo já havia acontecido uma semana antes, quando outro jovem alemão foi morto enquanto tentava escapar da Alemanha Oriental. Mais uma vez, os guardas da fronteira ficaram apenas assistindo enquanto o homem sangrava lentamente até morrer. Ninguém pôde fazer nada para ajudá-lo.

Revoltas eclodiram na Berlim Ocidental em um protesto contra o comportamento soviético, mas seu resultado é nulo.

Diante de tudo isso, o presidente Kennedy se absteve de qualquer ameaça pública ou mesmo crítica às atrocidades soviéticas. Ainda assim, o povo americano continua apoiando JFK com imenso fervor. Ele é o presidente mais popular na história americana moderna, com uma aprovação média de 70,1 % – quase seis pontos percentuais na frente de Eisenhower e incríveis 25 pontos a mais do que Harry Truman chegou a ter. No entanto, o público não deixará passar em branco outro tropeço como o da Baía dos Porcos, forçando JFK a pisar em ovos na complexa arena da política internacional.

* * *

Lyndon Johnson não pisa em ovos quando o assunto é relações internacionais. O vice-presidente – que foi batizado com o codinome de Voluntário pelo Serviço Secreto – agora está de pé no banco do carona de um conversível em Beirute, no Líbano. Essa "Paris do Oriente Médio" o ama. Ele acena para a multidão que cerca as ruas enquanto é levado até o Hotel Phoenicia.

Independentemente do seu destino no mundo, o vice-presidente se embrenha entre o público, distribuindo canetas esferográficas e isqueiros com suas iniciais, LBJ, estampadas. Em seguida, começa a fazer seus discursos. Seja com um leproso em Dakar ou um mendigo sem camisa em Karachi, o vice-presidente está sempre disposto a apertar mãos e dizer aos outros que o sonho americano não é um mito – que há esperança, mesmo em meio à pobreza.

E o melhor é que LBJ acredita mesmo nisso. O próprio Johnson nasceu em uma família pobre. Ele pôde sentir na pele o sofrimento de uma vida negligenciada em condições precárias. Em vários sentidos, o vice-presidente tem uma conexão emocional muito mais profunda com as multidões de despossuídos nas calçadas do que com os abastados diplomatas que irão recebê-lo.

Johnson é um homem grandioso, um imponente dínamo com olheiras enormes e marcas de suor nas axilas. Em Washington, ele pode estar em baixa, lamentando sua falta de poder, mas fora do país ele é um astro. Suas proezas internacionais estão se tornando lendárias, em especial seu hábito impulsivo de parar carreatas para poder descer de sua limusine conversível particular e se embrenhar na multidão e fazer um corpo a corpo.

Em Beirute, não é diferente. Esta é a primeira parada em uma viagem de dezenove dias que também passará por Irã, Grécia, Turquia, Chipre e Itália. A descida em solo libanês deveria ter sido apenas para abastecer seu 707, mas, quando fica sabendo que ele é o oficial americano de maior patente a visitar a Terra dos Cedros, Johnson não se contém. A parada para reabastecer de repente se transforma em uma visita oficial, e o vice-presidente logo é levado do aeroporto para o coração de Beirute.

Enquanto a carreata desacelera, Johnson avista um grupo de crianças em uma banca de melões na calçada. Ele pede para o seu motorista parar. Tirando seus óculos escuros para poder olhar nos olhos das crianças espantadas, Johnson vai até elas e lhes fala sobre o poder do sonho americano. Algumas ficam confusas. Ele diz a um jovem usando um boné das velas de ignição Champion que os Estados Unidos apoiam a "liberdade e a integridade" do Líbano.

A voz de Johnson é retumbante, e ele mexe os braços enquanto fala. Agentes do Serviço Secreto correm para cercá-lo, irritados mais uma vez pelo fato de o vice-presidente ignorar os protocolos de segurança. Em seguida, em um piscar de olhos, Johnson já está de volta ao seu carro, de pé, acenando para a multidão com as duas mãos enquanto continua o caminho até o centro de Beirute.

Lyndon Johnson é detalhista em suas viagens. Além da limusine, ele leva várias caixas de uísque Cutty Sark e um chuveiro especial com um tipo de jato forte e fino de água que ele prefere. Ele exige colchões de dois metros e dez centímetros de comprimento em cada quarto de hotel para acomodar sua figura corpulenta – mas não é que ele durma muito: mesmo um bom tempo após sua equipe ir para a cama, LBJ continua firme no trabalho, fazendo ligações para Washington e lendo memorandos diplomáticos.

No início, Johnson foi contra JFK usá-lo como embaixador itinerante, mas agora ele acabou se apaixonando por essa parte do trabalho. Em Washington, seu desejo por autoridade fez com que vários na Casa Branca começassem a chamá-lo de Seward, em uma referência ao secretário de Estado de Abraham Lincoln sedento por poder. Já na estrada, no entanto, Johnson de fato tem seu poder. Ele fala pelo presidente, mas muitas vezes se desvia da mensagem central e proclama suas próprias ideias, em momentos com os quais ele se deleita.

No entanto, os Kennedy, John e Bobby, estão irritados com Johnson, ainda mais quando ele fala de forma irresponsável. Em uma viagem à Ásia, ele elogiou o presidente sul-vietnamita, Ngo Dinh Diem, um homem responsável por ter torturado e matado por volta de cinquenta mil supostos comunistas. Para surpresa geral, Johnson exalta Diem como o "Winston Churchill asiático", um comentário que gera questionamentos sobre a própria sanidade do vice-presidente.

Na Tailândia, LBJ realiza uma coletiva de imprensa às três da manhã, vestido de pijamas. Durante essa mesma viagem, ele é alertado que o gesto de passar a mão na cabeça das pessoas é tido como uma ofensa na cultura tailandesa – mas logo em seguida ele embarca em um ônibus local e esfrega suas mãos enormes na cabeça dos passageiros.

Johnson apronta uma ainda melhor em Saigon: enquanto dá uma coletiva de imprensa em seu quatro de hotel sob uma névoa de vapor de água, ele de repente surge pelado, enxuga o suor do corpo e então veste um terno limpo – tudo isso enquanto responde a perguntas dos repórteres.

No entanto, não há por que tirar a roupa em Beirute. O Hotel Phoenicia fica a apenas dois quarteirões do azul Mediterrâneo. O calor de agosto é amenizado por uma suave brisa que sopra do mar. Esta será uma das viagens mais longas já feitas por Johnson, mas o vice-presidente está aproveitando cada minuto; afinal, em cada um desses dezenove dias fora dos Estados Unidos, ele será o homem mais poderoso e respeitado da sala.

* * *

Ao mesmo tempo, em casa, Bobby Kennedy concentra-se em uma batalha por poder muito diferente, situação que pode muito bem ser resumida por um incidente ocorrido há sete anos.

Mississippi, 1955. Um garoto negro de catorze anos chamado Emmett Louis "Bobo" Till está visitando seus parentes no delta do Mississippi para conhecer a cidade de Money, onde sua mãe cresceu. Ele teve pólio quando ainda era pequeno, o que lhe deixou como sequela uma gagueira. Apesar do seu um metro e 62 de altura, Emmett tem um ar maduro o bastante para ser confundido muitas vezes com um adulto. Uma olhada mais detida em seu rosto liso é suficiente para se perceber que ele ainda é praticamente uma criança.

A mãe de Emmett o alertou que o Mississippi é muito diferente de Chicago, e ela não está se referindo ao clima. Apenas uma semana antes da viagem de Emmett para o Sul, um negro foi baleado na cabeça na frente de um tribunal de justiça não muito longe de Money. Seus assassinos logo serão absolvidos.

Emmett diz à sua mãe que entende a conjuntura racial do Sul e promete tomar cuidado. Essa é uma promessa que ele não cumprirá.

O adolescente chega à pequena casa de dois quatros do seu tio-avô Moses Wright, um senhor de 64 anos, em 21 de agosto de 1955. Três dias depois, em uma quarta-feira, ele e alguns parentes seus da mesma idade vão até o Mercado e Açougue Bryant, gerido por um casal que tem nos moradores locais a maior parte de sua clientela. São sete e meia da noite. Aos 24 anos, Roy Bryant, um dos donos e um ex-soldado, está de viagem, no Texas, para pescar camarão em uma rota que vai de Nova Orleans até San Antonio. Sua esposa de 21 anos, Carolyn, uma jovem pequena com cabelos e olhos escuros, ficou encarregada de tomar conta da loja nesse meio-tempo.

Emmett está entre oito jovens negros que param em frente ao mercado em um Ford 1946. Todos têm entre treze e dezenove anos. Eles se encontram com outro grupo de jovens negros que já está jogando damas em mesas em frente à loja. Emmett, que está a centenas de quilômetros de casa e ainda se esforçando ao máximo para se encaixar, mostra ao grupo uma foto de uma garota branca em sua carteira e então se gaba, dizendo que havia dormido com ela.

O grupo, que agora chega a quase vinte garotos e garotas, não acredita no que ouve. Esse tipo de interação entre raças diferentes é inédito no Mississippi.

Banheiros públicos, bebedouros e restaurantes são todos segregados. Um negro jamais poderia sequer sonhar em apertar a mão de um branco, a menos que o branco se prontifique ao gesto. Os negros abaixam os olhos enquanto falam com um branco, sempre mostrando respeito e usando palavras como "senhor", "dona" ou "senhorita", sem nunca usar seu primeiro nome. No entanto, Emmett Till está afirmando que não apenas falou com uma garota branca como também tirou suas roupas e se deitou com ela, o que causa um imenso espanto entre todos.

Eles então dizem para Emmett provar sua história. Eles o desafiam a entrar no mercado e falar com Carolyn Bryant. Sentindo o perigo, Emmett tenta recuar. Isso apenas atiça ainda mais o grupo, e eles começam a provocá-lo, chamando-o de covarde. Emmett se rende. Ele abre a porta de tela verde e entra na loja. Ele vai até a cesta de doces, onde pede dois centavos de chicletes. Quando Carolyn lhe entrega o produto, Emmett coloca sua mão sobre a dela e convida a jovem casada e mãe de dois filhos para sair.

Em Chicago, o fato de um homem tocar na mão de uma mulher pode não ser grande coisa. No entanto, no extremo sul, contato desse tipo entre negros e brancos é proibido. Quando há uma negociação em uma loja, um negro deve colocar seu dinheiro no balcão em vez de entregá-lo nas mãos de um branco. O mesmo acontece na hora do troco. E Emmett não apenas tocou na mão de uma mulher casada, ele a convidou para sair.

Carolyn recua, chocada. Emmett estende a mão de novo, desta vez tentando pegá-la pela cintura. "Não precisa ter medo de mim, menina", garante Emmett a ela. "Já fiquei com garotas brancas antes."

Irritada, ela o empurra. Emmett por fim deixa a loja. No entanto, a mulher enfurecida faz o mesmo em seguida e corre na direção de seu carro para pegar a pistola do marido. Está ficando tarde, e ela teme pela sua segurança.

Emmett Till não tinha más intenções. Ele tem o hábito de trocar palavras por assovios quando gagueja, como agora, e assovia para Bryant. Carolyn Bryant fica chocada mais uma vez. Assim como os outros jovens negros, que observam a cena. Eles "sabiam que o assovio causaria problemas", afirmará um relatório oficial do FBI. "Eles fugiram às pressas, levando Till com eles." Quando volta para casa e fica sabendo do ocorrido, Roy Bryant não perde tempo para realizar sua própria investigação criminal. Em 28 de agosto, às duas e meia da manhã, ele bate na porta da casa do tio-avô de Emmett, Moses Wright. Roy está acompanhado de seu amigo, J.W. "Big" Milam.

Big Milam é doze anos mais velho do que Roy Bryant. Ele é um imenso e expansivo homem do Mississippi que abandonou o colégio antes de se formar e lutou contra os alemães na Segunda Guerra Mundial. Cada um deles está com uma Colt .45 – Bryant está com um revólver, e Milam com uma automática. Os dois forçam Moses a levá-los ao "negro que falou".

Assustado, Moses leva os dois homens até um pequeno quarto nos fundos,

onde Emmett e três primos dividem uma cama. Big Milam aponta uma lanterna para o rosto do garoto. "Você é o negro que falou?"

"Sou sim", responde ele.

"Não fale assim comigo. Vou arrebentar sua cabeça. Vista-se."

Moses e sua esposa imploram para que os dois homens desistam, chegando a oferecer dinheiro a eles para deixar tudo de lado, mas Roy e Big não aceitam. Eles carregam Emmett até a picape de Big e o levam embora noite adentro.

O plano de Roy e Big é levar Emmett até um penhasco às margens do rio Tallahatchie para surrá-lo com coronhadas e assustar o garoto, fingindo que irão jogá-lo desfiladeiro abaixo. Sob o breu da noite, Big não consegue encontrar o lugar que queria. Após três horas de tentativas, Big volta com a picape para sua própria casa, onde ele tem um barracão no quintal com dois cômodos para guardar ferramentas. Eles levam Emmett para dentro do lugar e o espancam com coronhadas, acertando o rosto do garoto com força. Mas, em vez de se acovardar, Emmett enfrenta os dois homens. "Seus canalhas. Não tenho medo de vocês. Sou tão bom quanto vocês", afirma ele, com o rosto todo machucado, mas sem sangramento.

Isso deixa Big Milam enfurecido. "Não sou violento", Milam tentará explicar à revista *Look*. "Nunca machuquei um negro na vida. Gosto de negros... em seu devido lugar... sei como lidar com eles. Só decidi que já era hora de ser mais direto com algumas pessoas. Enquanto eu estiver vivo e puder fazer alguma coisa, os negros vão ficar onde merecem."

Ao que parece, Emmett não sabe qual é o seu lugar, porque continua dizendo aos agressores que é igual a eles, e chega até a se gabar por já ter feito sexo com mulheres brancas. Essa crença na igualdade entre negros e brancos, algo que para Emmett é relativamente comum na avançada Chicago, deixa Milam e Bryant furiosos. "Fiquei lá no barracão, ouvindo as besteiras daquele negro", relembrará Milam. "E então me decidi. Eu disse: 'Moleque de Chicago, já cansei de ver sua gente vindo para cá arrumar confusão. Dane-se, vou transformar você em um exemplo... só para todo mundo saber o que nós aqui achamos disso'."

Big e Roy não querem mais só assustar Emmett. Eles agora querem matá-lo.

Big se lembra de que uma companhia algodoeira acabou de trocar o exaustor de uma das suas máquinas processadoras de algodão. A peça trocada é perfeita para o que Big agora tem em mente. O exaustor é enorme – com um metro e meio de diâmetro e quase 35 quilos. Eles vão até a Progressive Ginning Company, roubam o exaustor descartado e seguem até um ponto isolado às margens do Tallahatchie, onde Big gosta de caçar esquilos. Eles forçam Emmett a levar o exaustor até a beira do rio e então o mandam tirar a roupa.

"Você ainda se acha tão bom quanto eu?", pergunta Big.

“Sim.” Mesmo pelado, em frente a homens duas décadas mais velhos do que ele, Emmett Till encontra forças para ser valente. Sangue escorre pelo seu rosto, com alguns ossos quebrados. Um dos seus olhos está saltado para fora.

“Ainda vai me dizer que ‘transou’ com mulheres brancas?”

“Sim.”

Big ergue sua pistola .45 e dispara à queima roupa contra a cabeça de Emmett. A bala abre um pequeno buraco de entrada perto de sua orelha direita e mata o garoto de catorze anos na hora. Big e Roy em seguida enrolam um fio de arame farpado em volta do pescoço de Emmett e o amarram ao exaustor. Eles empurram seu corpo amarrado à enorme peça de metal para dentro do rio, e depois voltam para casa e limpam o sangue empoçado na caçamba da picape.

Mesmo amarrado a um exaustor enorme, o corpo de Emmett flutua com a corrente do rio. Três dias depois, pescadores encontram seu corpo inchado boiando na água pouco mais de doze quilômetros rio abaixo. Sua cabeça está quase achatada após tantas coronhadas.

Quando o corpo de Emmett é levado de volta para Chicago, sua mãe insiste em abrir o caixão no velório, para que o mundo todo possa ver o crime que havia sido cometido contra seu filho. Fotos da cabeça surrada e deformada de Emmett Till são publicadas em revistas no país inteiro. Dezenas de milhares comparece, ao velório, e uma revolta pública contra o assassinato se espalha pela nação.

Mas não no Mississippi. Mesmo tendo sido presos pela polícia, Roy Bryant e Big Milam acabam sendo absolvidos do crime por um júri de seus pares (brancos) três meses depois. Graças ao conceito jurídico do princípio de dupla tipicidade, usado para não permitir que um indivíduo seja julgado duas vezes pelo mesmo crime, os dois homens depois chegam a se gabar para um repórter da revista *Look* sobre o dia em que assassinaram Emmett Till.

* * *

Até 1962, JFK não demonstrou grande interesse em liderar a luta pelos direitos civis, sabendo que assumir uma posição favorável aos negros poderia prejudicá-lo dentro do Partido Democrata. Na verdade, o histórico do presidente quanto a questões raciais é no máximo medíocre no Senado. Desde o histórico caso de 1954, *Brown contra o Conselho de Educação,* no qual a Suprema Corte determinou a integração entre os alunos nas escolas, a tensão entre brancos e negros no Sul dos Estados Unidos havia chegado a um ponto limite. Incidentes como o assassinato de Emmett Till deixaram de ser fora do comum. “O sangue de muitas pessoas pode ser derramado em vários lugares do Sul graças a essa decisão”, profetizou corretamente um editorial de um jornal do Mississippi, pouco após a decisão ser oficializada.

No entanto, a partir do seu discurso no dia 1º de maio de 1961, na Faculdade de Direito da Universidade da Georgia, Bobby Kennedy deixou claro que usaria

seu Departamento de Justiça como uma ferramenta para garantir a aplicação dos direitos civis em todo o país e em especial no extremo sul. Ele está entrando em uma batalha cansativa e sem fim, em uma luta que teve seu início no primeiro dia em que escravos africanos foram trazidos para os Estados Unidos em 1619. Os irmãos Kennedy tomam esse partido sabendo que essa intensa disputa lhes garantirá um novo grupo de perigosíssimos inimigos.

Bobby Kennedy foi crucial para ajudar ativistas pró-direitos civis conhecidos como Cavaleiros da Liberdade a viajarem de ônibus até o sul para lutar contra a segregação em 1961. A Greyhound Company, temendo que seus ônibus pudessem ser vandalizados, havia negado a princípio transportar os ativistas do norte. Kennedy pressionou a Greyhound, e a empresa recuou.

No entanto, JFK não pôde evitar o que aconteceu em seguida. Assim que tentaram descer de alguns dos ônibus, os ativistas foram espancados com canos e porretes por multidões em fúria. Policiais locais não se esforçaram muito para conter as cenas de brutalidade.

Apesar – ou talvez justamente por causa – dessa violência, o Movimento pelos Direitos Civis continua a ganhar impulso, e Robert Kennedy agora está acompanhando de perto o trabalho de um dos seus líderes mais proeminentes, um pastor da Igreja Batista Carismática de 33 anos chamado dr. Martin Luther King Jr.

O reverendo King é tão intenso e enigmático quanto o próprio presidente Kennedy. Ele é um homem de profundos valores religiosos que também corteja mulheres fora de seu casamento. Seu tom de voz e sua retórica são fortes e apaixonados, mas ele defende o mesmo tipo de tática não violenta utilizada por Gandhi na Índia para alcançar seus objetivos. King também parece ser um simpatizante do comunismo. Isso coloca Bobby no inusitado papel de monitorar King para concluir se o reverendo é ou não comunista, mas também de garantir a segurança de King e que ele tenha liberdade de expressão enquanto luta pela causa dos direitos civis. King já sofreu uma tentativa de assassinato, quando uma mulher negra enlouquecida o esfaqueou no peito, em 1958, e há temores constantes de que um dia o reverendo acabará sendo linchado durante uma de suas viagens pelo extremo sul.

Na verdade, o Movimento pelos Direitos Civis é uma enorme dor de cabeça para Bobby Kennedy. Seu principal órgão de atuação, o FBI, tem pouco interesse nas questões dos direitos civis e tampouco em progredir em outra área de grande preocupação jurídica de Bobby, o crime organizado. Em vez disso, J. Edgar Hoover está totalmente concentrado em deter a disseminação do comunismo. Ele se contenta com seu papel de Pôncio Pilatos, lavando as mãos para o conflito racial em curso. Na verdade, em 1962, o FBI tinha apenas um punhado de agentes negros trabalhando em suas repartições.

Hoover está sim interessado no reverendo King – mas apenas devido a uma

noção muito disseminada entre o FBI que o Movimento pelos Direitos Civis faz parte de um plano comunista muito maior contra os Estados Unidos. Um dos chefes de divisão do FBI, William C. Sullivan, chegará a caracterizar King como "o negro mais perigoso para o futuro desta nação em se tratando do comunismo, dos negros e da segurança nacional".

O diretor do FBI, J. Edgar Hoover, criou dossiês sobre vários líderes dos direitos

civis e chegou a preparar um documento sobre o presidente.
(Abbie Rowe, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

A verdade – e Bobby Kennedy sabe disso – é que, em grandes porções do sul, cidadãos negros dos Estados Unidos têm pouca proteção contra o preconceito e a violência.

Embora a tradição dos Kennedy seja colocar a política acima de preocupações sociais, os dois irmãos criados em um abastado ambiente liberal no norte do país desenvolvem um interesse cada vez maior em corrigir os erros da injustiça racial.

J. Edgar Hoover acha essa uma preocupação tola e pensa que as palavras do reverendo King em breve serão esquecidas. Para Hoover, a luta pelos direitos civis é uma mera tendência passageira. Por isso mesmo, ele pretende continuar concentrado no jogo político que vem disputando desde que entrou para o departamento de Justiça na Primeira Guerra Mundial. Ele irá suportar o estilo apaixonado de Bobby Kennedy, assim como continuará registrando, ainda que em silêncio, as indiscrições do presidente. Nem por isso ele perderá o cargo.

Isso não significa que o chefe do FBI precisa gostar dos jovens Kennedy – e ele não gosta mesmo.

Bobby sabe que um dos primeiros atos oficiais de JFK após ser reeleito em 1964 será demitir J. Edgard Hoover. Por isso mesmo, ele aguenta firme, investigando violações de direitos civis sem o apoio do diretor do FBI. Não é fácil. Processos simples como conseguir que o Senado aprove um juiz para um cargo na Corte Federal são atravancados quando um senador responsável pelo subcomitê ordena que o procedimento seja interrompido por tempo ilimitado. Não é nada surpreendente que o juiz em questão, Thurgood Marshall, seja negro. Também não é nenhuma surpresa que o senador responsável pelo adiamento do processo seja branco.

No entanto, Robert Kennedy é o procurador-geral dos Estados Unidos, um homem que jurou defender as leis da nação. E enquanto jovens como Emmett Till estiverem sendo linchados apenas pela cor de sua pele, Bobby não tem escolha a não ser encampar essa batalha.

* * *

Faz um calor brutal em Fort Worth, no Texas, em 16 de agosto de 1962. Os agentes especiais do FBI John Fain e Arnold J. Brown, soldados da guerra de J. Edgar Hoover contra o comunismo, passaram o dia todo esperando para ver Lee Harvey Oswald. Eles estão sentados em uma viatura à paisana, estacionada em

uma rua próxima ao apartamento duplex recém-alugado por Oswald na Mercedes Street, bem na esquina da loja de departamentos Montgomery Ward.

O agente especial Fain está a apenas dois meses de completar vinte anos no FBI. Ele irá se aposentar em Huston, onde viverá com sua pensão, enquanto trabalha ao lado de seu irmão, um cirurgião ortopédico. Essa será mais uma grande mudança de carreira para o veterano agente. Fain é um homem complicado de cinquenta e poucos anos, que já deu aulas, disputou cargos na política e foi aprovado no teste de certificação de advogados no Estado do Texas antes de entrar para o FBI em 1942. O caso de Oswald não é nenhuma novidade para ele. Tempos atrás, quando Oswald desertou para a União Soviética, Fain ficou encarregado de uma pequena investigação sobre a mãe de Oswald, por ela ter enviado 25 dólares para o filho na União Soviética. Quando o assunto é a caça aos comunistas, nenhum detalhe é pequeno demais que deixe de chamar a atenção do FBI comandado por Hoover.

Também foi John Fain quem falou cara a cara com Oswald oito semanas antes, em 26 de junho de 1962. O caso de Oswald foi classificado como uma investigação de "segurança interna", com base na premissa de que sua deserção poderia transformá-lo em uma ameaça à segurança nacional. O trabalho de Fain é descobrir se os russos treinaram e equiparam Oswald para atacar os Estados Unidos. Pelo protocolo do FBI, as investigações de segurança interna devem contar com a presença de dois agentes, para que todas as declarações possam ser corroboradas.

Algo em sua entrevista inicial com o desertor, que durou duas horas, incomoda Fain. Ele não gosta da postura de Oswald, que considera "presunçoso, arrogante... e insolente". E suas respostas à maioria das perguntas parecem incompletas. Fain conhece a fundo a batalha que Oswald enfrentou para voltar aos Estados Unidos e sabe que os russos a princípio não deixaram que Marina e seu filho deixassem o país com ele. No entanto, Oswald se recusou a partir sem sua esposa, e as autoridades soviéticas por fim aceitaram seus pedidos. A única pergunta que Oswald nunca respondeu de forma totalmente sincera foi se os russos exigiram ou não algo em troca por deixá-lo voltar para os Estados Unidos.

John Fain precisa de uma resposta para essa pergunta. Ele é um homem muito minucioso e se encarrega de entrevistar Lee Harvey Oswald mais uma vez

Às cinco e meia da tarde, os dois agentes veem Oswald andando pela rua, a caminho de casa depois de sair do seu trabalho de soldador na Leslie Machine Shop. Oswald mentiu em seu formulário para conseguir esse emprego, inventando que havia sido dispensado da Marinha com grandes honras. Oswald foi expulso da Marinha após cometer uma série de pequenas infrações. Ele também deixou de mencionar ao seu empregador que já havia morado na União Soviética. E mesmo após apenas um mês de trabalho, Oswald já está cansado de

sua posição subalterna. Ele quer pedir demissão e encontrar um emprego melhor em Dallas.

Fain chega com seu carro ao lado de Oswald. “Oi, Lee. Como está?”, pergunta ele pela janela do carro. “Poderia falar conosco um minutinho?”

“Vamos lá para casa”, responde Oswald com toda educação, lembrando-se de sua última entrevista com Fain. O rosto do agente especial Brown é novo para ele. Outro agente estava com Fain em junho passado.

“Bom, podemos conversar aqui mesmo”, responde Fain. “Só nós mesmo, coisa informal, nada demais.”

Brown desce para deixar que Oswald entre no banco de trás. Fain continua no banco do motorista, mas Brown se senta ao lado de Oswald. Fain se vira para explicar que eles não procuraram Oswald em seu trabalho para não embaraçá-lo na frente de seu novo chefe. E que não querem conversar com ele dentro de casa, temendo assustar Marina. Por isso, a breve reunião acontecerá dentro do carro mesmo.

Os três homens conversam durante pouco mais de uma hora. As janelas estão abertas apenas o bastante para aliviar um pouco o sufocante clima úmido. Mesmo assim, os homens ainda transpiram muito – em especial os agentes, com seus paletós e gravatas. Oswald acabou de enfrentar um duro dia de trabalho braçal, e o cheiro de seu suor inunda o carro. Apesar do seu desconforto, Oswald é mais amistoso do que antes, menos defensivo. Ele explica que entrou em contato com a embaixada soviética, mas apenas por ser exigido que cidadãos soviéticos como Marina se apresentem à embaixada do lugar onde moram regularmente. Quando é pressionado a dizer se esse contato envolveu conversas com oficiais de inteligência soviéticos, Oswald recua, perguntando-se em voz alta por que alguém poderia se interessar em discutir espionagem com um sujeito como ele. “Ele não acreditava ter nenhuma relevância para os soviéticos”, relataria depois Fain. “Ele se comprometeu a cooperar conosco e nos repassar qualquer informação que pudesse chegar ao seu conhecimento.”

Fain não fica satisfeito. Ele volta a questionar Oswald repetidas vezes sobre por que a União Soviética foi para onde ele pensou em ir em primeiro lugar. Para o agente, isso não faz sentido. Os fuzileiros navais dos Estados Unidos são conhecidos pelo seu lema, *Semper Fidelis,* “Sempre Fiel”. Por que um soldado renunciaria voluntariamente seu país para ir morar em uma nação que se apresenta como a maior ameaça no mundo aos Estados Unidos?

Essa é uma pergunta que Oswald não responde. Ele contorna o assunto, falando sobre “seus próprios motivos pessoais” e que “foi só uma coisa que eu fiz”.

Às 18h45, Oswald é liberado do carro e entra em sua casa. A conversa com os agentes na verdade veio como um alívio para a tensão em seu próprio lar. Ele e Marina vêm tendo brigas, às vezes bastante violentas, há mais de seis meses. E

as discussões apenas pioraram após o casal ter vindo para os Estados Unidos. No começo, eles brigavam por Marina não poder conversar com nenhuma outra pessoa nos Estados Unidos além de Oswald, por ela não saber falar inglês. Mas agora ela fez novos amigos em uma pequena comunidade de expatriados russos. Entre eles, está um homem chamado George de Mohrenschildt, que não apenas tem conexões com a CIA como também conheceu Jackie Kennedy quando ela ainda era criança. De Mohrenschildt foi um amigo da tia de Jackie, Edith Bouvier Beale. Os novos amigos de Marina acham seu marido um sujeito grosso e tomam seu partido em suas brigas conjugais.

E as brigas são muitas. Oswald gosta de ser o "comandante" do seu casamento, ditando todos os detalhes da vida do casal e se recusando a deixar que Marina aprenda inglês, por medo de perder seu controle sobre ela. Ela tem vergonha de seus dentes tortos e quer se tratar com um dentista, mas ele veta a ideia. Oswald muitas vezes exacerba sua sede de poder batendo em sua mulher quando se irrita.

Marina não é uma mulher indefesa. Ela grita com ele por não ganhar dinheiro o bastante e reclama de sua indiferença com ela. As relações sexuais são tão raras que ela passa a acusá-lo de não ser homem o bastante. Ela implica com Oswald o tempo todo, e, quando ele se compara aos grandes homens das biografias históricas que gosta de ler, ela o ridiculariza com comentários sarcásticos. Marina chega a escrever para um ex-namorado seu na União Soviética, dizendo a ele que cometeu um grande erro ao se casar com Oswald. Para o azar de Marina, sua carta é devolvida por não ter os selos necessários. Oswald abre o envelope e lê a carta e depois bate em sua mulher. Por incrível que pareça, Marina perdoa a violência de Oswald. Mesmo com um foco totalmente deturpado, essa fagulha de paixão é melhor do que o lado frio de seu marido que a frustra tanto.

Conflitos conjugais, combinados a um interrogatório surpresa nas mãos do FBI, em geral seriam o bastante para desencadear um dos discursos típicos de Oswald – nos quais ele é capaz de esbravejar por horas sobre governos opressores. Mas, nesta noite, a nova edição do periódico *Trabalhador* do Partido Socialista dos Trabalhadores dos Estados Unidos o espera em casa. Oswald se acomoda para lê-lo.

É o agente especial Arnold J. Brown, não John Fain, quem prepara o relatório final sobre a conversa no carro. Os documentos são enviados em 30 de agosto de 1962. No entanto, é Fain, o veterano com vinte anos de carreira, quem decidirá se há realmente algum motivo para crer que Lee Harvey Oswald é um agente secreto a serviço da União Soviética infiltrado nos Estados Unidos para atacar o próprio país.

Contente com as respostas oferecidas por Oswald e ansioso para se aposentar, o agente especial John Fain requisita que a investigação de segurança

interna sobre Lee Harvey Oswald seja arquivada. Afinal, Oswald não possui nenhuma arma, nem parece oferecer qualquer tipo de ameaça.

O caso então é arquivado.

Mas os caminhos de Lee Harvey Oswald e do FBI em breve irão se cruzar novamente.

16 DE OUTUBRO DE 1962
CASA BRANCA
8h45

O presidente dos Estados Unidos está rolando pelo chão do quarto com seus filhos. Na televisão, Jack LaLanne diz a JFK, Caroline e John para pôr as mãos nos dedos dos pés. Kennedy está só de camiseta e cueca. O carpete e a poltrona logo ao lado são cor de creme, oferecendo um contraste perfeito para os cobertores de estampa azul na cama com dossel do presidente.

O volume da tevê está "absurdamente alto", nas palavras de Jackie, enquanto JFK brinca com o filho e a filha – fazendo barulho o bastante para fazer com que Jackie venha de seu próprio quarto para ver o que está acontecendo. Ela ama esse estilo despojado do marido e a forma como ele parece se sentir confortável em todo o tipo de situação. Ela pode ver claramente que é nas manhãs com os filhos que John Kennedy se sente mais à vontade do que nunca. Ele mima as crianças, deixando que Jackie seja a figura disciplinadora, e adora passar tempo com eles. Jackie se preocupa com o comportamento bagunceiro dos filhos. Já o presidente acha tudo fantástico. Ele apenas lamenta que suas dores nas costas o impeçam de jogar o menino John para o alto e pegá-lo depois, uma brincadeira que o filho do presidente adora. Infelizmente, JFK depende dos assistentes ou mesmo de dignitários em visita à Casa Branca para brincar assim com o filho.

Como presidente, JFK não precisa mais fazer campanha ou passar horas e horas em seu escritório no Senado. Ele trabalha em casa. O que antes era um solitário ritual matutino hoje se tornou um momento em família. Ele se aproximou muito dos filhos e aproveita cada instante ao lado das crianças. Eles começam todas as manhãs no quarto de JFK, enquanto ele ainda toma banho, barbeia-se, alonga as costas e toma café.

O presidente acabou de tomar banho e logo irá se vestir. As crianças ficam no quarto para assistir desenhos na tevê. Jackie às vezes volta para o seu quarto, ou então se senta com JFK enquanto ele coloca seu colete corretivo antes de vestir a camisa feita sob medida que seu velho criado George Thomas acabou de passar. Em seguida, ele calça os sapatos, contando com um salto ortopédico de meio centímetro no pé esquerdo. Ele então dá uma rápida olhada no espelho do quarto sobre a cômoda para revisar sua aparência. A moldura do espelho é um amontoado de cartões-postais, fotos de família e outras miudezas, como os horários das missas de domingo nas catedrais de St. Stephen e St. Mathew. Kennedy frequenta a missa e comunga regularmente, mas se irrita quando fotógrafos tentam clicá-lo se confessando. O momento de perdão também deve

ser um momento de submissão e privacidade.

Às vezes, durante o dia, John e Caroline visitam o Salão Oval e ficam brincando no chão ou mesmo embaixo da mesa do presidente. Jackie protege a todo custo seus filhos da exposição pública. O presidente, por outro lado, tem uma perspectiva mais ampla e percebe que os Estados Unidos são fascinados por essa família presidencial tão jovem e clamam por qualquer migalha de informação sobre seu cotidiano. Caroline e John se tornaram celebridades por si só, por mais que nem desconfiem disso. Ver fotógrafos, escritores, revistas e jornais narrando suas jovens vidas é apenas parte do dia a dia.

John, prestes a completar dois anos, gosta de parar junto à máquina de escrever de Evelyn Lincoln no caminho até o Salão Oval para fingir que está datilografando uma carta. Caroline, que já tem quase seis anos, gosta de trazer um ou todos os três cães de estimação da família quando aparece para visitar seu pai. Aliás, os filhos de Kennedy transformaram a Casa Branca em uma espécie de zoológico, com seus cães, hamsters, um gato e até um pônei chamado Macaroni. JFK é alérgico a pelo de cachorro, mas nunca reclama.

Às vezes, o presidente retribui o favor com uma visita surpresa a Caroline e seus colegas de escola em seu pequeno colégio particular, no terceiro andar da Casa Branca. O colégio é diferente de qualquer outro, criado por Jackie Kennedy para proteger os próprios filhos e os de sua cunhada, Ethel Kennedy. A primeira-dama contratou dois professores para dar a melhor educação possível às crianças.

À noite, o presidente é um grande contador de histórias, inventando narrativas sobre o gigante “Bobo, o Lobo” e as criaturas devoradoras de meias que habitam as profundezas de “O Tubarão Branco e o Tubarão Negro”.

As visitas ao Salão Oval, as aparições na sala de aula e as histórias de ninar não têm hora marcada, mas rolar pelo chão é uma tradição matinal muito querida. Kennedy, como todos os seus antecessores desde que John Adams se tornou o primeiro presidente a morar na Casa Branca em 1800, logo percebeu que a vida nessa mansão é complicada. As manhãs oferecem os únicos momentos em que o presidente pode relaxar, agir de forma espontânea e, mais do que tudo, *não ser observado* pelo curioso público.

No entanto, nesta manhã de terça, uma batida na porta do quarto do presidente interrompe seu divertimento particular com as crianças. E essa batida irá mudar tudo.

* * *

O consultor de Segurança Nacional McGeorge Bundy adentra o quarto. As dobras perfeitas de suas calças e seus sapatos bem engraxados dão a esse magro acadêmico de óculos uma imagem de total organização, que conflita com o completo caos que domina suas emoções.

Bundy está prestes a dar más notícias. Ele já estava ciente de tudo desde a noite anterior, mas decidiu esperar até este momento para informar o presidente. John Kennedy estava em Nova York, fazendo um discurso, e só voltou à Casa Branca tarde da noite. O consultor de Segurança Nacional queria que Kennedy dormisse bem antes de receber essas informações. Bundy sabe que de agora até o momento em que esse problema for solucionado será muito difícil que o presidente consiga descansar. Afinal, o que Mc George Bundy está prestes a relatar a JFK pode mudar o rumo da história.

"Sr. presidente", diz Bundy, com seus 43 anos e toda calma a Kennedy. "Temos provas fotográficas concretas, que o senhor verá em breve, mostrando que os russos instalaram mísseis bélicos em Cuba."

Aeronaves espiãs U-2 que sobrevoavam Cuba confirmaram a existência de seis bases de lançamento para mísseis balísticos soviéticos de médio alcance e 21 bombardeiros IL-28 de médio alcance a menos de 150 quilômetros dos Estados Unidos. Cada um desses aviões seria capaz de lançar bombas atômicas do alto do céu, assim como cada um dos mísseis balísticos de médio alcance (MBMAs) poderia chegar até o Estado de Montana.

Se detonadas, as ogivas atômicas poderiam matar oitenta milhões de americanos em questão de minutos. Outros milhões morreriam depois devido à radiação.

O presidente já enfrentou várias e várias crises desde que assumiu a presidência 21 meses atrás. Mas nada – nem o caso da Baía dos Porcos, nem a luta pelos direitos civis ou mesmo o Muro de Berlim – poderia sequer ser comparado a isto.

* * *

A Baía dos Porcos, apesar de tudo, acabou moldando a presidência de John Kennedy. Agora, ao ouvir as notícias do consultor de Segurança Nacional Bundy, JFK não fica nervoso, como ficou em abril de 1961. Ele não fica atônito. Em vez disso, ele se comporta apenas como o presidente dos Estados Unidos, um homem que há muito tempo deixou de se definir pela sua filiação partidária.

Kennedy sabe que precisa ser cuidadoso. A Baía dos Porcos será para sempre uma ferida aberta em sua história. Um segundo tropeço em Cuba poderia ser devastador – não apenas para sua presidência, como também para os seus próprios filhos. A simples ideia de perder Caroline e John em um ataque nuclear deixa Kennedy aterrorizado, pois a segurança dos filhos é levada em conta sempre que ele lida com os soviéticos e a probabilidade de uma guerra nuclear. O presidente mobiliza um lobby para banir a prática de testes nucleares e se caracteriza como "presidente das gerações futuras – e não apenas dos americanos de hoje".

Certa vez, em uma visita a uma área de testes nucleares no Novo México,

Kennedy ficou surpreso com uma enorme cratera criada por um teste subterrâneo recente. Ele ficou ainda mais espantado com dois físicos, que explicaram, com largos sorrisos estampados em seus rostos, que estavam projetando uma bomba ainda mais potente que criaria uma cratera muito menor.

"Como eles podem ficar tão contentes com uma coisa assim?", queixou-se o presidente a um jornalista tempos depois, em um gesto que em nada lhe era característico. Kennedy em geral demonstra uma postura amigável, mas contida. Ele não costuma revelar nenhuma emoção interna. Portanto, expressar seus sentimentos assim é um gritante sinal de preocupação. "Eles me dizem que se pudessem fazer mais testes conseguiriam criar uma bomba 'mais limpa'. Mas, se você vai matar cem milhões de pessoas, que diferença faz usar uma bomba limpa ou suja?"

* * *

JFK ordena que McGeorge Bundy agende imediatamente uma reunião sigilosa com sua equipe de segurança nacional. Em seguida, ele liga para Bobby, dizendo que "temos sérios problemas. Quero você aqui". O presidente decide não abandonar seu cronograma normal, para não deixar que as notícias sobre Cuba se espalhem, ao menos por enquanto. Um dos motivos para isso é que ele não quer alarmar o público americano. Ele sabe muito pouco sobre a situação e ainda não tem nenhum plano de ação. Permitir um vazamento prematuro desse assunto em um momento que ele não tem respostas para várias perguntas da imprensa fará com que ele pareça fraco e indeciso.

Outro motivo para manter esse "segundo incidente cubano" em sigilo tem a ver com os interesses políticos do próprio JFK. Há muito tempo, o presidente garantiu ao público americano que não permitiria que os soviéticos criassem instalações bélicas em Cuba. Khrushchev está pondo a palavra de Kennedy à prova a poucas semanas das eleições de meio de mandato para o Congresso. O presidente não tem como saber se os soviéticos de fato planejam usar esses mísseis algum dia, mas sua mera existência mostra que Khrushchev continua determinado a se manter no comando da relação entre Estados Unidos e os países soviéticos.

Isso não pode acontecer. Como em todas as eleições de meio de mandato, os votos que estão chegando às urnas no país inteiro servirão como um referendo sobre as políticas adotadas pelo governo Kennedy. Seu partido detém a maioria na Câmara e no Senado, o que ajuda JFK a promover sua agenda presidencial. Perder essas maiorias complicaria seu trabalho – e poderia até lhe custar a reeleição em 1964.

JFK tem outro motivo, esse ainda mais pessoal, para querer que suas políticas sejam bem vistas pelo público: seu irmão mais novo, Teddy, está concorrendo ao Senado em Massachusetts. Uma catástrofe como um novo

tropeço em Cuba poderia arruinar qualquer chance de vitória para Teddy.

Apesar de seu orgulho pela empreitada política do irmão de trinta anos, JFK preferiu manter-se a uma boa distância. A declaração oficial sobre o tema foi sucinta: "Prefiro que esse assunto seja decidido pelo povo de Massachusetts e que o presidente não se envolva nisso". JFK se irrita com a ampla cobertura midiática da campanha de Teddy, que chega a incluir uma coluna sarcástica no *New York Times* sobre a relativa inexperiência do irmão caçula de Kennedy e outros artigos em jornais alertando sobre a consolidação de uma dinastia Kennedy.

Pessoalmente, nada disso incomoda o presidente de fato. Mas ele sabe que uma derrota de Teddy no Estado natal dos Kennedy trará um impacto para o próprio JFK e sua força política – ou falta de.

O último, e de longe o mais importante, motivo do presidente para manter em sigilo a Crise dos Mísseis em Cuba é que JFK não querer que os líderes russos saibam que ele já está ciente do segredo. Dessa maneira, ele acredita poder recuperar parte do controle sobre essa preocupante reviravolta geopolítica.

Pois na manhã de 16 de outubro, enquanto Kennedy deixa seu quarto e marcha até o Salão Oval para começar o dia, uma coisa está muito clara: caso os soviéticos usem esses mísseis, as eleições de meio de mandato, a campanha de Teddy e até mesmo as opiniões do povo americano não importarão mais, pois Washington D.C. poderá deixar de existir – assim como grande parte dos Estados Unidos da América.

As decisões a serem tomadas agora não têm qualquer relação com posições democratas ou republicanas, mas sim com o que será melhor para o povo americano. Não há sinal mais forte do quanto JFK cresceu desde que assumiu a presidência do que sua determinação neste momento.

O presidente Kennedy com seus irmãos Robert e Teddy.
(Cecil Stoughton, Fotos da Casa Branca, Biblioteca e Museu Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

Às dez da manhã, o presidente sai de uma breve reunião no Salão Oval com Wally Schirra, um astronauta do grupo Mercury que passou nove horas no espaço duas semanas antes. JFK vai até a porta ao lado e entra no escritório de Kenny O'Donnell. O secretário de compromissos chegou a declarar tempos atrás que os eleitores americanos não se importam mais com Cuba. "O senhor ainda acha que a questão de Cuba é irrelevante?", pergunta Kennedy, com um ar inocente.

"Claro. Os eleitores não dão a mínima para Cuba."

O presidente repassa com toda calma a O'Donnell as notícias que recebeu de McGeorge Bundy há apenas uma hora.

"Não acredito."

"É melhor acreditar", diz Kennedy a ele antes de marchar de volta para o Salão Oval.

Duas horas depois, JFK deixa sua mesa mais uma vez. Ele vai até Caroline, na Sala do Gabinete logo ao lado, e então a leva em silêncio até a parte residencial da Casa Branca antes de ir até a reunião altamente secreta sobre os mísseis soviéticos. Ele se acomoda no meio da mesa, não na ponta. Bobby está sentado de frente para ele, assim como LBJ. Onze outros homens estão presentes, todos escolhidos a dedo pela sua experiência e lealdade ao presidente.

Fotos tiradas por aviões espiões U-2 mostram que os mísseis soviéticos ainda estão sendo instalados, mas até o momento provavelmente não contêm as ogivas nucleares que os tornariam letais. A discussão chega às opções militares. Após ouvir as várias opiniões, o presidente elenca sua própria lista. A primeira opção seria um ataque aéreo limitado. A segunda, um ataque aéreo mais amplo, contra um maior número de alvos. A terceira, um bloqueio naval em águas cubanas, evitando que os navios soviéticos carregando as ogivas nucleares cheguem aos mísseis.

Bobby, que se manteve em silêncio durante todos os setenta minutos da reunião, por fim se pronuncia, sugerindo que uma invasão completa à Cuba talvez seja necessária. Essa é a única forma de impedir que os mísseis russos cheguem ao solo cubano.

Enquanto uma intervenção militar aparenta ser a única saída para o impasse, JFK ainda está confuso quanto aos motivos de tudo isso. Por que Nikita Khrushchev tentaria provocar uma guerra contra os Estados Unidos?

O presidente não sabe a resposta. Mas duas coisas estão claras: esses mísseis precisam ser tirados de lá e, mais importante ainda, as ogivas nucleares soviéticas não podem chegar a Cuba.

Nunca.

* * *

É tarde de sábado, 20 de outubro. John Fitzgerald Kennedy está passando o final de semana no centro de Chicago, discursando em um evento do Partido Democrata para levantar recursos.

Dois dias atrás, ele se encontrara em particular com o ministro do Exterior soviético, Andrei Gromyko. Foi Gromyko quem requisitou o encontro, sem saber que os americanos já haviam descoberto a instalação de mísseis soviéticos em Cuba. A pauta da discussão foi sobre os acontecimentos em Berlim e a indefinida visita do líder soviético Khrushchev aos Estados Unidos. Com toda habilidade, Kennedy direcionou a conversa até chegar ao tema das armas nucleares, ao que Gromyko então mentiu descaradamente para JFK, afirmando com toda firmeza que "a União Soviética nunca se envolveria no armamento de Cuba".

É por isso que Kennedy agora chama Gromyko de "canalha mentiroso".

O clima em Chicago é muito diferente da tensão de Washington. Quando o Air Force One pousa no aeroporto O'Hare, o presidente é recebido por uma tropa de tocadores de gaita de fole e políticos locais, além do quase meio milhão de pessoas enfileiradas ao longo da Northwest Expressway para acompanhar a carreata do presidente. Após JFK discursar em um jantar a cem dólares por pessoa para a arrecadação de fundos em uma sexta-feira à noite, um show de fogos de artifício ilumina o céu sobre o lago Michigan. Como em um passe de mágica, os fogos desenham o rosto do presidente de perfil.

A adulação do público contrasta e muito com o caos que corrói John Kennedy por dentro naquele momento. Ele ainda não contou nem à sua esposa sobre a situação em Cuba. O que virá a se tornar conhecido como a Crise dos Mísseis de Cuba tem agora apenas quatro dias, e a equipe do ExComm – abreviação em inglês para o Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional – está muito perto de formular uma estratégia agressiva para evitar um ataque nuclear. Cento e oitenta embarcações estão a caminho do Caribe. A Primeira Divisão de Blindados do Exército está sendo realocada do Texas para a Georgia. O Comando Aéreo Estratégico já transferiu mais de quinhentos aviões de caça e navios petroleiros para a Flórida e está tentando encontrar munição o suficiente para abastecer todos.

O lendário Comando Aéreo Estratégico tem esquadrões de bombardeiros B-47 e B-52 prontos para atacar, com seus pilotos aquartelados em complexos secretos de "Alerta". A maioria dessas bases para bombardeiros de longa distância fica na região norte dos Estados Unidos – Maine, New Hampshire e no

norte de Michigan. O principal motivo disso é simples: essa é a rota mais curta para a União Soviética, que há muito tempo todos imaginam ser o primeiro alvo assim que uma guerra começar. Os pilotos e navegadores conhecem bem as coordenadas da região e vêm treinando na área há anos. Descer até Havana os leva a um território totalmente novo.

De seu quarto de hotel, o presidente liga para a primeira-dama. Jackie e as crianças estão em sua casa de Glen Ora, na Virgínia.

"Vou voltar para Washington à tarde. Quer ir para lá?", sugere ele. Jackie sente "algo de estranho" na voz de JFK.

"Por que você não vem para *cá?*", responde ela, brincando. Jackie e as crianças acabaram de chegar. O ar de outono está morno, e Jackie está tomando um banho de sol enquanto fala com o marido pelo telefone.

Mas alguma coisa no tom de JFK alerta Jackie. Ele sabe o quanto os finais de semana na Virgínia são importantes para que ela possa deixar as pressões da Casa Branca um pouco de lado. Ele nunca havia pedido a Jackie para voltar mais cedo de uma dessas viagens antes.

"Por quê?", pergunta a primeira-dama de novo. Ela depois irá se lembrar do espanto que sentiu ao perceber que, "quando você está casada, e seu marido lhe pede alguma coisa... bom, é para isso que serve um casamento... você precisa sentir a preocupação na voz do outro e não perguntar o porquê de nada".

Mas ela pergunta por que mesmo assim.

"Bom, esqueça", responde JFK, sem explicar a ela seus motivos. "Por que você só não volta para Washington?"

Mas então, de repente, JFK muda de ideia. Em um momento assim, o que ele mais quer é aliviar o estresse e ficar com a família. O presidente por fim revela a Jackie que existe a possibilidade de uma guerra nuclear.

"Por favor, não me mande para Camp David. Por favor, não me mande para lugar algum", responde Jackie. Ela agora pede para ficar com o marido, indiferente à sua própria segurança. Jackie sabe que no caso de um ataque a família será levada para a casa de campo presidencial em Maryland, o que afastará Jackie e as crianças de JFK – talvez para sempre. "Mesmo que não haja lugar para nós no abrigo antibombas da Casa Branca. Por favor, quero só ficar no gramado quando tudo acontecer então. Quero ficar com você, quero morrer com você e com as crianças também."

O presidente garante à esposa que ficará com ela. Em seguida, após instruir Pierre Salinger a dizer à imprensa que ficou resfriado, JFK volta de avião para Washington D.C. O *New York Times* divulgará que "uma leve infecção respiratória" é o motivo pelo qual o presidente irá encurtar sua viagem de três dias; o jornal ignora que o presidente está voltando para Washington na intenção de evitar uma guerra nuclear mundial.

Jackie e as crianças estão esperando quando ele chega.

* * *

Não há diferença entre dia e noite na Casa Branca dos Kennedy enquanto avança o conflito em Cuba. O presidente está com tantas dores nas costas que precisa andar de muleta, o que aumenta ainda mais a tensão. Ele dorme apenas duas horas de cada vez, depois se levanta e passa quatro horas falando ao telefone no Salão Oval, antes de voltar à cama para outra curta soneca. Jackie dorme com ele agora, de dia ou de noite. Às vezes, eles dormem na cama pequena de Kennedy; em outras, no quarto de Jackie, em suas duas camas de casal, que foram colocadas uma ao lado da outra para formar uma cama *kingsize*. Eles muitas vezes ficam conversando até tarde sobre a crise. Certa vez, Jackie acordou e viu Mac Bundy ao pé da cama, pronto para acordar seu marido. Logo em seguida, JFK se levanta imediatamente e some para passar várias horas fazendo ligações telefônicas altamente sigilosas.

Jackie depois irá se lembrar desses dias e noites como a época de maior proximidade com seu marido. Ela passa pelo escritório do presidente o tempo todo, tentando animá-lo com visitas surpresa das crianças. Ela encomenda um jantar preparado pelo restaurante favorito de Kennedy em Miami, com frutos do mar que são trazidos de avião para Washington. Em várias ocasiões, o presidente e a primeira-dama escapam para o Jardim das Rosas, onde podem fazer uma tranquila caminhada, enquanto ele confidencia a ela detalhes sobre a escalada de tensão.

Quando volta ao trabalho, o presidente não fica sozinho – nem Jackie. Enquanto Bobby Kennedy colabora de perto com seu irmão, sua esposa, Ethel, e seus três filhos passam um bom tempo na Casa Branca. É Ethel quem entrega à babá da Casa Branca, Maud Shaw, um panfleto sobre como preparar as crianças para um ataque nuclear – um panfleto que Jackie pouco depois pega de volta e esconde. "Você não percebe que o pânico está se alastrando? E que as crianças são sensíveis a isso?", diz a primeira-dama para repreender Shaw.

Esse tipo de comportamento não é típico da recatada Jackie frente ao público, mas sim de uma esposa e mãe altamente protetora assumindo o controle da casa.

Ao longo de dois dias, o presidente e sua pequena equipe da Casa Branca debatem essa ameaça altamente secreta aos Estados Unidos. Fotos tiradas pelas aeronaves espiãs U-2 mostram que os soviéticos estão trabalhando dia e noite para terminar a montagem das bases para mísseis, o que significa que suas ogivas poderiam ser lançadas contra os Estados Unidos muito em breve. Ninguém "abre o bico", nas palavras do próprio JFK, vazando a informação à imprensa, embora claramente alguns jornalistas já saibam de tudo. Nem mesmo o Congresso é alertado.

Na noite de 22 de outubro, uma segunda-feira, tudo muda. O presidente John

Fitzgerald Kennedy aparece em rede nacional na tevê para informar aos Estados Unidos sobre a presença de mísseis potencialmente letais em Cuba – e o que ele planeja fazer a respeito da situação. Em um momento apocalíptico como esse, não seria a hora de esconder nada dos cidadãos americanos.

* * *

"Boa noite, compatriotas americanos", diz John Fitzgerald Kennedy à nação de seu escritório na Casa Branca. Olheiras profundas marcam seu rosto sob seus olhos verde-acinzentados, dando a ele um ar exausto, em vez do semblante jovem e cheio de vida ao qual a nação está acostumada.

O rosto de JFK está inchado devido ao seu hipotireoidismo crônico. Ele está usando um terno azul impecável, gravata azul e uma camisa branca engomada, embora o público só possa vê-lo em preto e branco. São sete da noite em Washington D.C.

Essa transmissão tem um clima diametralmente oposto ao do passeio de Jackie pela Casa Branca apenas dez meses antes. John Fitzgerald Kennedy precisa fazer o discurso mais poderoso de toda a sua vida. Ele não sorri. Seu rosto está sério. Há um quê de ameaça em seus olhos. Ele não está otimista, nem sequer esperançoso quanto ao que está por vir. Suas palavras saem cheias de ira, com uma veemência que choca alguns de seus espectadores. Kennedy se pronuncia como um homem que foi levado até o máximo dos seus limites. E agora ele irá reagir.

"Ao longo da semana passada, provas inequívocas evidenciaram que uma série de bases para mísseis de ataque estão sendo preparadas na ilha de Cuba. O objetivo dessas bases não pode ser outro exceto garantir a estrutura para um ataque nuclear contra o hemisfério ocidental."

Neste ponto, o presidente faz uma pausa para suas palavras serem assimiladas. Ele então recapitula a visita do ministro do Exterior soviético Andrei Gromyko ao seu escritório na quinta-feira anterior, citando as declarações de Gromyko sobre os mísseis em Cuba – e em seguida lhe chama de mentiroso perante o mundo inteiro.

"Os eventos dos anos 30 nos ensinaram uma clara lição: quando permitimos que atos de hostilidade escalem de forma incontrolada, isso fatalmente leva à guerra. Esta nação é contra a guerra. Mas também honramos nossa palavra. Assim sendo, é nosso objetivo inabalável evitar o uso desses mísseis contra este ou qualquer outro país e garantir que eles sejam removidos ou eliminados do hemisfério ocidental."

A cadência na fala do presidente é mais rápida agora, enquanto ele demonstra cada vez mais e mais irritação. Ele confunde a palavra *Cuba* com *Cuber*.

Após o fim do seu discurso, o presidente jantará em silêncio com Jackie,

Ethel, Bobby e alguns convidados. Ao assistirem ao discurso, os convidados do presidente – dentre os quais estão o designer Oleg Cassini e a irmã de Jackie, Lee Radziwill – ficam espantados ao saberem que seu jantar não será apenas mais uma típica reunião tranquila na Casa Branca. Eles ainda irão beber vinho francês no recém-redecorado Salão Oval, no segundo andar da Casa Branca, e JFK, com seu estilo ameno, fará o papel do gentil anfitrião. A tensão na mesa de jantar será algo de que todos irão se lembrar pelo resto de suas vidas.

* * *

A dois mil quilômetros dali, em Dallas, no Texas, Lee Harvey Oswald está ouvindo o discurso de Kennedy. Ao contrário da maioria dos seus compatriotas, Oswald acredita que os soviéticos têm todo o direito de se instalar em Cuba. Para ele, os russos devem proteger o povo de Castro contra a postura terrorista dos Estados Unidos. Oswald tem plena convicção de que o presidente Kennedy estará colocando o mundo em risco de uma guerra nuclear ao assumir uma abordagem agressiva contra os soviéticos. Para Oswald, JFK é o vilão da história.

Oswald terminou sua mudança de Forth Worth para Dallas no início do mês e alugou uma caixa postal de número 2915 em uma agência dos correios localizada na esquina da Bryan com a North Ervay Street. Algumas semanas antes, Oswald conseguiu arrumar um emprego na empresa de Jaggars-Chiles-Stovall como estagiário fotográfico. Surpreendentemente, essa empresa presta serviços para o departamento de mapas do exército dos Estados Unidos que envolvem o uso de fotografias altamente sigilosas tiradas pelas aeronaves espiãs U-2 sobre Cuba. Foi o amigo de Marina Oswald, George de Mohrenschildt, quem fez os contatos para que Oswald conseguisse o emprego. Se o FBI, em todo o seu esforço para deter a disseminação do comunismo, preocupa-se com o fato de um desertor soviético ter acesso a dados altamente sigilosos como fotos tiradas por aviões U-2 no ápice da Guerra Fria, ele não o demonstrou nesse caso.

* * *

Na tevê, o presidente está prestes a comprar uma briga. "Assim sendo, buscando defender nossa própria segurança e de todo o hemisfério ocidental, sob a autoridade conferida a mim pela Constituição conforme endossada pela resolução do Congresso, ordenei que as seguintes medidas iniciais sejam tomadas imediatamente."

Em seguida, após meses de esforços diplomáticos e demonstrações de fraqueza aos olhos dos soviéticos, o presidente mostra seu verdadeiro brio. JFK promete deixar Cuba em quarentena, usando a potência da Marinha dos Estados Unidos para evitar que qualquer embarcação soviética chegue a águas cubanas. Ele declara que está pronto para tomar ações militares em uma invasão à ilha,

caso necessário. Ele afirma sem titubear que o lançamento de qualquer míssil por cubanos ou soviéticos será encarado como um ato de guerra e que os Estados Unidos irão retaliar usando seus próprios mísseis. Em seguida, o presidente joga toda a responsabilidade nos ombros de seu arqui-inimigo. Todo o discurso foi pensado para culminar neste momento. "E, por fim, peço para que o presidente Khrushchev cesse e elimine essa ameaça clandestina e irresponsável à paz mundial e estabilize as relações entre nossos dois países. Apelo para que ele abandone essa sua busca pela dominação global e coopere conosco em um esforço histórico para encerrar essa perigosa corrida armamentista, transformando assim o rumo da humanidade."

O impacto do discurso do presidente e as terríveis notícias reveladas por JFK ao público gravarão esse momento para sempre nas mentes de todos os seus espectadores. Kennedy chegou a dizer certa vez que "as únicas datas das quais as pessoas se lembram do que estavam fazendo na época são as do ataque de Pearl Harbor e a da morte do presidente Roosevelt".

Sua Crise dos Mísseis cubanos agora entrará para essa lista.

Pelo resto de suas vidas, homens e mulheres irão se lembrar de onde estavam e o que estavam fazendo quando receberam essas aterradoras notícias. Eles irão descrever as pessoas que estavam ao seu lado e suas reações. Eles falarão sobre as manchetes no dia seguinte e como suas vidas foram transformadas pelas traumáticas revelações. De repente, todos passarão a apreciar mais cada pôr do sol, cada sorriso no rosto de uma criança.

Tragicamente, outro evento na curta vida de JFK também logo entrará para essa lista de momentos inesquecíveis. O choque e o horror dessa data eclipsarão as notícias sobre Cuba, seus mísseis e as mentiras soviéticas. John Kennedy, por sua vez, nunca terá consciência disso.

Esse evento ocorrerá em exatamente treze meses. Mas, por enquanto, a Crise dos Mísseis de Cuba já está sendo dramática o suficiente.

John Kennedy, carismático como sempre, é incapaz de encerrar um discurso sem um momento de impacto para reanimar seus ouvintes. Seja em sua fala para as Mães da Estrela de Ouro em Boston na primeira campanha ao Congresso, no discurso de posse em 1961 ou agora na apresentação em rede nacional, JFK sabe como agarrar os ouvintes pelo coração – ou pelos "colhões", como ele muitas vezes gosta de dizer – e garantir apoio emocional.

"Nosso objetivo não é a vitória pela força, mas a defesa do que é certo. Não queremos a paz a custo da liberdade, mas a paz e a liberdade – aqui, neste hemisfério, e, esperamos nós, no mundo todo. Se Deus quiser, esse objetivo será alcançado."

As luzes no escritório da Casa Branca se apagam.

* * *

Tropas americanas espalhadas pelo mundo todo se preparam imediatamente para a guerra. Todos os soldados da Marinha e os fuzileiros estão prestes a ter seu tempo de serviço estendido por um período indefinido. Porta-aviões e submarinos americanos formam um perímetro defensivo em volta de Cuba, preparando-se para deter e vasculhar as 25 embarcações soviéticas que estão a caminho da ilha rebelde.

Na base aérea de Torrejon, na Espanha, os homens do 509o esquadrão bombardeiro de B-47s ouvem as palavras do presidente por alto-falantes em seus quartos, nesse alerta global para todos os militares dos Estados Unidos. O capitão Alan Dugard, um jovem piloto de bombardeiro, estava fazendo as malas para passar uma semana de folga na Alemanha. Quando a condição de prontidão de defesa (Defcon) é atualizada para Defcon 2 – abaixo apenas da Defcon 1, que representa uma guerra nuclear eminente –, o capitão Dugard percebe na mesma hora que não poderá mais aproveitar sua viagem.

Os bombardeiros da Força Aérea Americana já estão no ar em tempo integral. Os pilotos irão circular pelos céus europeus e americanos, indo e vindo, apenas à espera de uma ordem para abandonar seus planos de voo e atacar o coração da União Soviética. Seus rastros de fumaça são um lembrete visível de tudo o que está em jogo.

O esforço incessante dessa brigada aérea significa apenas uma coisa: os Estados Unidos estão prontos para retaliar e destruir a URSS.

* * *

A oito mil quilômetros dali, em Moscou, Nikita Khrushchev, enfurecido, prepara sua resposta à mensagem televisionada de JFK.

O líder soviético é o completo oposto a JFK em termos de aparência e compostura. Ele tem apenas um metro e sessenta, pesa quase noventa quilos e é careca como um palhaço de circo. Khrushchev tem uma verruga enorme sob seu olho direito, uma larga fenda entre os dentes da frente e um hábito nada digno de um estadista de encarar as câmeras. Quando ele desceu de seu avião durante visita aos Estados Unidos em 1959, uma mulher em meio à multidão deu uma breve olhada para ele e exclamou: “Mas que homenzinho engraçado!”.

Só que não há nada de engraçado em Nikita Khrushchev. Ele acredita na diplomacia do “medo”. A decisão de instalar mísseis em Cuba é calculada e mal-intencionada. “Cheguei à conclusão de que se fizéssemos tudo em segredo e os Estados Unidos só ficassem sabendo após os mísseis já estarem a postos e prontos para serem lançados, os americanos teriam que parar e pensar muito bem antes de se arriscarem a tentar destruir nossos mísseis com medidas militares”, escreveria Khrushchev.

No entanto, ao começar sua resposta ao discurso de Kennedy agora, o ditador soviético é astuto e escolhe suas palavras com cuidado. “Você, sr.

presidente, não está declarando uma quarentena", dita Khrushchev para um secretário, "mas sim fazendo um ultimato e uma ameaça de que, se não cedermos às suas exigências, usará a força contra nós. Pense no que está dizendo!"

"O governo soviético entende a violação do livre trânsito pelas águas e pelo espaço aéreo internacionais ser um ato de hostilidade que forçará a humanidade na direção do abismo de uma guerra mundial nuclear", dispara Khrushchev contra JFK. "Naturalmente, não deixaremos passar em branco os atos de pirataria praticados por navios americanos em alto-mar. Seremos, portanto, forçados a tomar as medidas que considerarmos necessárias e adequadas para proteger nossos direitos. E temos todos os meios necessários para isso."

Foi Khrushchev quem criou o plano de instalar mísseis em Cuba. Ele apresentou a ideia ao Comitê Central do governo soviético, e depois para Fidel Castro, apenas três meses antes. Para ele, a presença dos mísseis poderia passar despercebida pelos Estados Unidos e, ainda que eles fossem descobertos, Kennedy não tomaria nenhuma atitude.

Khrushchev também afirma que sua decisão foi tomada para a segurança do povo cubano caso os americanos tentassem outra invasão, como a da Baía dos Porcos. Pela sua própria experiência com a Segunda Guerra Mundial, o líder soviético tem consciência de que a logística necessária para sustentar uma guerra em outro hemisfério é praticamente impossível. Portanto, ele quer seu arsenal o mais próximo possível dos Estados Unidos, e Cuba lhe oferece justamente essa possibilidade. As armas que ele convenceu Castro a aceitar em seu território são soviéticas, administradas por soldados e técnicos soviéticos, armadas com ogivas nucleares soviéticas – e chegaram a Cuba a bordo de navios soviéticos.

Como um ex-comissário político do Exército Vermelho, Khrushchev conhece muito bem o poder das palavras. Ele declara ao mundo que a União Soviética tem "uma justificativa moral e legítima" para instalar mísseis em Cuba, portanto os navios soviéticos teriam todo o direito de entrar em águas cubanas para despachar qualquer tipo de carga que bem entendessem; a atitude dos Estados Unidos ao impor quarentena – um eufemismo para "bloqueio", ou seja, um ato de guerra – é irresponsável. Khrushchev se diz perseguido pelos americanos. Ele vê como um avilte o fato de a União Soviética ter passado por duas guerras mundiais em suas terras, enquanto os Estados Unidos sofreram uma ínfima devastação em seu território. Khrushchev também sabe muito bem que a bomba atômica lançada em Hiroshima tinha a potência equivalente a vinte mil toneladas de dinamite. Isso traz um sorriso ao rosto do ditador soviético: suas ogivas nucleares equivalem a *um milhão* de toneladas de explosivos.

Nikita Khrushchev também está familiarizado com matanças em massa. Ele serviu na Batalha de Stalingrado durante a Segunda Guerra Mundial, onde mais de um milhão de homens morreram – incluindo vários soldados alemães que

Khrushchev interrogou pessoalmente. Mas essas mortes nem se comparam aos métodos sádicos empregados pelo Khrushchev ainda jovem para escalar a hierarquia do Partido Comunista no início dos anos 30.

Quando Joseph Stalin, o assassino de milhões que governou a União Soviética durante trinta anos, ordenou uma "grande purga" de seus inimigos em 1934, Nikita Khrushchev foi um dos mais empolgados participantes de seu plano. Milhões de suspeitos traidores do regime foram executados ou enviados para prisões na Sibéria. Khrushchev pessoalmente deu ordem para milhares de assassinatos e autorizou a morte de alguns dos seus próprios amigos e colegas. Em 1936, ele fez um discurso declarando que essas execuções serviram apenas para livrar a União Soviética de dissidentes que vinham tentando minar o grandioso sucesso do governo. No ano seguinte, Stalin nomeou Khrushchev como líder do Partido Comunista na Ucrânia. Quando a Segunda Guerra Mundial encerrou seu comando no país em 1939, Khrushchev já havia ordenado a prisão e o assassinato de quase todos os membros da liderança do partido local. Centenas de ucranianos foram executados. Poucos políticos sobreviveram.

Um problema persiste: Khrushchev fica surpreso ao ver que seu adversário, John Kennedy, está disposto a defender seu país a qualquer custo. Ainda assim, Khrushchev afirma aos seus associados que não irá recuar. Ele acredita piamente no velho adágio russo: "Quando estiver em uma briga, não poupe energias. Dê tudo de si".

John Kennedy não tinha conhecimento desse adágio dezoito meses atrás na invasão à Baía dos Porcos. Agora, Nikita Khrushchev está apostando que o presidente dos Estados Unidos cometerá o mesmo erro.

Na noite de 24 de outubro, Khrushchev ordena que sua carta seja enviada a Kennedy. No texto, o líder comunista declara com toda calma e firmeza que o bloqueio naval proposto pelo presidente é um "ato de pirataria" e que os navios soviéticos estão sendo instruídos a ignorá-lo.

De seu distante posto no governo soviético, o primeiro-ministro soviético Nikita Khrushchev colaborou com o primeiro-ministro cubano Fidel Castro para desafiar o presidente Kennedy no hemisfério ocidental.
(Associated Press)

* * *

O presidente Kennedy recebe a carta do primeiro-ministro Khrushchev pouco antes das onze horas da noite em 24 de outubro. Ele responde menos de

três horas depois, declarando com frieza que seu bloqueio é necessário. Culpa Khrushchev e os soviéticos por toda a crise.

Está ficando claro que Kennedy *não* irá recuar. Pouco depois, soldados da Marinha dos Estados Unidos embarcam em um cargueiro com destino a Cuba. Por coincidência, um destróier com o nome de *USS Joseph Kennedy Jr.,* batizado em homenagem ao irmão falecido do presidente, é o navio encarregado de garantir a ousada quarentena à ilha.

"Foi você quem preparou isso?", pergunta Jackie, referindo-se ao navio, quando soube da coincidência.

"Não", responde o presidente. "Não é estranho?"

* * *

Enquanto a liderança soviética espera o presidente americano ceder, JFK parte para a ofensiva. Ele passa a sexta-feira, 26 de outubro, planejando uma invasão a Cuba. Nenhum detalhe é pequeno demais. Ele pede uma lista de todos os médicos cubanos em Miami, apenas caso eles precisem ser levados de emergência para Cuba. Ele ordena que um navio de guerra americano carregado com equipamentos de radar se afaste do litoral da ilha, para ficar menos vulnerável a ataques. Kennedy sabe onde cada navio se encontrará para a invasão e chega a analisar até os panfletos que serão lançados por aviões para o povo cubano. Durante tudo isso, o maior medo do presidente é que "quando as hostilidades militares começarem, aqueles mísseis sejam disparados contra nós".

JFK diz aos seus assistentes que agora o que há é um confronto entre ele e Khrushchev, "dois homens sentados em lados opostos do mundo", decidindo "o fim da civilização".

É um duelo. Quem piscar primeiro, perde.

No entanto, John Kennedy já viu Nikita Khrushchev piscar. Nos primeiros dias de Kennedy na presidência, pouco após o incidente na Baía dos Porcos, os dois tiveram um encontro em Viena. Khrushchev tentou intimidar seu jovem adversário na questão de Berlim Ocidental, na esperança de assumir o controle sobre a cidade toda porque mais cidadãos da porção oriental controlada pelos soviéticos estavam arriscando suas vidas em nome da liberdade, fugindo para o território adjacente controlado pelos Estados Unidos e seus aliados da Segunda Guerra Mundial. Kennedy se recusou a recuar, e Khrushchev, subjugado, começou a construir o Muro de Berlim para não perder tanto espaço.

Desta vez, Khrushchev está um passo à frente. A construção das bases para o lançamento de mísseis em Cuba está quase terminada.

Então, enquanto o resto do mundo se prepara para um cataclismo iminente, Nikita Khrushchev aproveita a noite de 26 de outubro no Balé Bolshoi. "O nosso povo e os estrangeiros verão isso, o que lhes deixará tranquilos", declara ele aos seus camaradas da liderança soviética. "Se Khrushchev e outros líderes estão se

divertindo no teatro em um momento assim, é porque podemos dormir em paz."

Nikita Khrushchev, no entanto, é o homem mais ansioso de Moscou, e nunca conseguiria relaxar naquele momento. Pelo menos uma dúzia de embarcações soviéticas já foi interceptada por navios de guerra americanos ou deu meia-volta por decisão própria. Os navios russos com seu parco armamento não são páreo para o poder de fogo americano.

Após o balé, Khrushchev passa a noite inteira no Kremlin – só para o caso de que algum imprevisto aconteça. O líder soviético está mais pensativo do que nunca. Algo o incomoda. Pouco após a meia-noite, ele se senta e dita uma nova mensagem para o presidente Kennedy.

* * *

São seis da tarde em Washington e duas da manhã em Moscou quando a mensagem é entregue. JFK passou o dia afinando sua iminente invasão a Cuba. Ele está exausto, usando suas últimas reservas de energia. Seu corpo dolorido está à beira de um colapso. O presidente sofre há tempos de poliendocrinopatia autoimune de tipo 2, que causou não apenas hipotireoidismo (insuficiência do hormônio da tireoide), mas também doença de Addison, que precisa ser monitorada de perto o tempo todo. A doença de Addison faz com que seu corpo não consiga produzir hormônios como o cortisol, que regula a pressão sanguínea, as funções cardiovasculares e o nível de açúcar no sangue. Caso não seja controlada, a doença de Addison pode causar exaustão, perda de peso, fraqueza e até mesmo a morte. Em 1946, antes de essa condição ser diagnosticada, Kennedy desabou em um evento e ficou com o rosto tão azul e amarelo que chegou a pensar que estava tendo um infarto. Isso não pode acontecer agora.

Portanto, JFK está recebendo injeções de hidrocortisona e testosterona para combater sua doença de Addison. Ele também está tomando medicamentos antiespasmódicos para enfrentar a diarreia e sua colite crônica. E o presidente está sofrendo com outra dolorosa infecção no trato urinário, que exige antibióticos. A tudo isso soma-se a implacável e torturante dor nas costas. Um homem menos determinado teria ficado de cama há muito tempo, mas John Kennedy se recusa a deixar que as constantes dores e angústias pessoais interfiram em seus deveres.

Jackie há tempos decidiu não se preocupar com a fadiga de John, por já tê-lo visto em maratonas de campanha, indo a jantares oficiais tarde da noite e depois acordando antes de o sol nascer para cumprimentar trabalhadores chegando para o turno em uma fábrica. A situação agora é diferente, e ela não sabe mais quanto tempo ele irá aguentar. Ela percebe o jeito estranho com o qual ele se acomoda em sua cadeira de balanço favorita para aplacar as dores nas costas.

Pior ainda, Jackie sabe tudo sobre a vez em que a doença de Addison quase

matou o marido há quinze anos. Ela também se lembra de que, em 1954, uma placa de metal foi colocada na espinha de JFK (para combater uma condição degenerativa), e uma infecção pós-operatória o deixou em coma. Mais uma vez, John Kennedy chegou a receber a extrema-unção da Igreja Católica Romana. E, mais uma vez, ele lutou e sobreviveu.

Até agora, JFK já derrotou a morte três vezes – no caso do *TP-109*, com a doença de Addison e após a cirurgia nas costas. Jackie Kennedy sabe que o marido, o presidente dos Estados Unidos, é um homem muito forte. Ele irá perseverar. Como sempre.

É com os homens do ExComm que a primeira-dama está preocupada. Jackie vem encostando o ouvido na porta da sala para ouvir as reuniões. Ela pôde sentir todo o esforço em suas vozes. Ela acredita que esses homens estão trabalhando no "limite da tolerância humana", para ser eufêmica.

McGeorge Bundy também acha que os homens do ExComm estão todos prestes a colapsar. Eles estão acordados dia e noite há quase duas semanas. Esses homens sempre contidos agora estão emotivos devido à extrema exaustão e criaram opiniões e disputas pessoais que irão definir seus relacionamentos pelos anos seguintes. Uma das vozes mais contundentes entre todo o grupo é o do general da Força Aérea, que não vê nada de errado em simplesmente dizimar Cuba.

* * *

Em seguida, chega a mensagem de Khrushchev. O teor dessa carta é pessoal, em um apelo de um líder para outro para fazer a coisa certa. O líder soviético insiste que não está tentando incitar um conflito atômico: "Apenas um lunático ou um suicida, querendo sua própria morte e a destruição do mundo todo antes de seu fim, poderia fazer algo assim", escreve ele. O ditador soviético ainda se prolonga, questionando os motivos de Kennedy.

Khrushchev encerra sua carta tentando negociar com Kennedy de uma maneira um tanto confusa. O parágrafo que mais se destaca diz: "Caso não tenha perdido sua temperança e entenda ao que essa situação pode levar, sr. presidente, seria melhor que nem nós, nem o senhor puxasse nossas pontas dessa corda à qual o senhor deu o nó da guerra, pois se ambos os lados a puxarem mais forte esse nó ficará. E podemos chegar a um momento no qual esse nó estará tão apertado que nem aquele que o deu terá forças para desatá-lo e será necessário cortá-lo."

A equipe do ExComm não acredita que a mensagem de Khrushchev seja um sinal de capitulação direta. Mas todos concordam que é um começo.

Pela primeira vez em mais de uma semana, John F. Kennedy sente um quê de esperança. Entretanto, ele não recua quanto ao bloqueio. Ainda há quase uma dúzia de navios soviéticos a caminho da linha de quarentena – e todas essas

embarcações não demonstram qualquer sinal de que pretendem dar meia-volta.

A tensão cresce na tarde seguinte, quando JFK recebe a informação de que mísseis terra-ar cubanos derrubaram uma aeronave espiã U-2 americana. O piloto, o major Rudolf Anderson Jr., acabou morto.

Em retaliação, a Junta de Chefes de Estado-Maior exige que o presidente utilize aviões americanos para lançar um bombardeio maciço contra Cuba dentro de 48 horas que será seguido por uma invasão direta.

Pior ainda, fotografias tiradas por uma aeronave espiã agora confirmam que algumas das bases de mísseis soviéticos já estão prontas. Vinte e quatro plataformas de lançamento de mísseis balísticos de médio alcance já estão instaladas, com 42 mísseis balísticos de médio alcance (MBMAs). Assim que tiverem ogivas nucleares, esses MBMAs poderão ser lançados, tendo cada um deles um alcance de mais de 1.600 quilômetros – o suficiente para chegar a Washington. Diplomatas soviéticos em Washington D.C. estão tão convencidos de que a guerra é iminente que começam a queimar seus documentos secretos.

A crise não acabou. A probabilidade de um conflito nuclear nunca foi tão grande. Os Estados Unidos estão tão próximos de uma invasão a Cuba que uma piada infame nas infinitas reuniões do ExComm é que Bobby Kennedy em breve será o prefeito de Havana.

O secretário de Compromissos da Casa Branca Kenny O'Donnell é quem mais bem resume o clima de todos, descrevendo a reunião do ExComm na noite de sábado, 27 de outubro, como "as horas mais deprimentes que qualquer um de nós já passou na Casa Branca durante esse mandato".

O presidente Kennedy envia Bobby para se reunir em segredo com oficiais soviéticos em Washington, comprometendo-se a não invadir Cuba caso os mísseis sejam retirados. Também acena em atender uma exigência de Khrushchev, retirando os mísseis da Turquia, que têm alcance à União Soviética. Os turcos não gostarão disso, e os mísseis tecnicamente estão sob comando da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), mas o presidente está disposto a fazer essa concessão para evitar uma guerra.

Uma guerra que poderia começar em poucas horas.

* * *

Em seguida, Khrushchev pisca.

O líder comunista tem tanta certeza de que Kennedy está blefando que não chega a pôr o exército soviético em alerta geral. No entanto, o Departamento de Inteligência de Khrushchev agora mostra que os Estados Unidos estão levando sua invasão a Cuba muito a sério. Caso isso aconteça, os russos serão forçados a disparar mísseis nucleares. Se recuarem, Khrushchev e a União Soviética irão se tornar motivo de chacota na arena global. Pior ainda: o mundo inteiro irá pensar que John Kennedy é mais poderoso do que Nikita Khrushchev.

O governo e o povo soviéticos jamais suportariam tamanha humilhação. Khrushchev será derrubado do poder.

Apesar dessa possibilidade, o líder soviético acalma a belicosidade. O “homenzinho engraçado” tem uma postura introspectiva quando o assunto é guerra. Sua mulher morreu de tifo na Primeira Guerra Mundial. Khrushchev pode estar pensando em sua amada, Yefrosinia, quando diz que a guerra “devastou cidades e vilarejos, espalhando morte e destruição por toda parte”. O ditador russo percebe que o presidente americano está disposto a partir para uma guerra nuclear caso seja forçado aos seus limites. Sim, os Estados Unidos serão dizimados. Mas a União Soviética também.

No domingo, às nove horas da manhã, a Rádio Moscou informa ao povo da União Soviética que o presidente Khrushchev salvou o mundo da total destruição. Essas palavras também têm como alvo direto JFK quando o radialista declara que os soviéticos decidiram “desmontar as bases que o presidente americano descreveu como ofensivas, para trazer seus mísseis de volta à Rússia soviética”. Após treze longos dias, a Crise dos Mísseis de Cuba chega ao fim.

* * *

Em Dallas, Lee Harvey Oswald segue esses desdobramentos de perto. Sua reação é a de mostrar solidariedade aos russos e cubanos, filiando-se ao Partido Socialista dos Trabalhadores.

Oswald está sozinho no apartamento do prédio de dois andares com fachada de tijolos que alugou na Elsbeth Street e ansioso para que Marina volte para casa. Ela e sua filha, June, estão morando com amigos em Fort Worth, enquanto ele está solitário, apesar da história de conflitos familiares. Quando Marina por fim chega a Dallas, em 3 de novembro, as brigas domésticas recomeçam. Ela chama o esquálido novo apartamento alugado por ele de “chiqueiro”. Eles trocam gritos durante dois longos dias. Oswald jura que vai “surrá-la até aprender” e vai ainda mais longe, ameaçando espancá-la até a morte.

Marina está farta disso. Ela o abandona de novo e se muda para a casa de alguns de seus amigos russos. A separação é tão radical que ela sequer dá seu novo endereço a Oswald. Os membros da comunidade russa em Dallas, que nunca gostaram de Oswald, recusam-se a ajudá-lo quando ele tenta procurar a esposa.

Como um pária, mal compreendido e solitário, Lee Harvey Oswald, que se considera um grande homem, destinado a realizar grandes feitos, cultiva seu ódio em silêncio.

Ele agora está em desespero.

* * *

Em 6 de novembro de 1962, Teddy Kennedy é um dos primeiros a se beneficiar com o fim da crise ao eleger-se senador de Massachusetts. Agora, haverá três Kennedy em Washington. Embora a Crise dos Mísseis de Cuba tenha feito a taxa de aprovação de JFK disparar para 79 %, nem todos estão contentes com a crescente influência de Kennedy. Os membros da Junta dos Chefes de Estado-Maior estão irritados por JFK não ter invadido e não estar mais *disposto* a invadir Cuba. Fidel Castro se sente traído pelos soviéticos e já está vendo sua influência desabar na América Latina por ter sido exposto como um fantoche dos russos. Enfurecido, ele culpa Kennedy.

E com bons motivos. A Crise dos Mísseis de Cuba não marcou o fim dos esforços para se livrar de Castro. Ainda que o presidente tenha prometido a Khrushchev não se envolver em Cuba, isso não significa que a Operação Mangusto da CIA tenha chegado ao seu fim. Criada por JFK, a Operação Mangusto visava infiltrar equipes de exilados cubanos em Cuba para fomentar revoltas contra Castro. O presidente nunca usou a palavra *assassinato* para descrever o objetivo final da operação. Porém, a máfia não é uma organização militar; ademais, o bem documentado envolvimento dela no projeto fez com que a Operação Mangusto, que buscava a princípio derrubar o poder com a ajuda de exilados, passasse para o âmbito de um assassinato político cuidadosamente planejado.

* * *

Os laços entre John e Bobby Kennedy se estreitaram mais do que nunca durante a Crise dos Mísseis de Cuba, enquanto Lyndon Johnson tropeçou mais uma vez. O vice-presidente cometeu o erro crasso de se mostrar desleal ao presidente Kennedy, aderindo a princípio à posição dos generais linha-dura que defendiam uma invasão total à ilha. Enquanto isso, Bobby defendeu um ponto de vista diferente. Para ele, um ataque a Cuba poderia lembrar o mundo de Pearl Harbor – uma opinião com a qual JFK concordava.

Agora, com a crise apaziguada, John Fitzgerald Kennedy está em êxtase. Ele vê uma comparação entre o resultado positivo da Crise dos Mísseis em Cuba com a firme liderança de Lincoln que pôs fim à Guerra Civil. "Talvez seja a minha vez de ir ao teatro esta noite", brinca JFK com Bobby, lembrando-se de que Lincoln foi assistir a uma peça quando a guerra acabou – e então foi assassinado.

Foi uma piada ousada, uma brincadeira com a morte de um colega ex-presidente, quase que uma provocação ao destino, o que não é nada característico de John Kennedy, um homem que parece refletir Lincoln em vários detalhes de sua vida: desde ter dormido no quarto de Lincoln na noite de sua posse, até ter uma secretária com o sobrenome Lincoln, ou mesmo andar em uma limusine conversível Lincoln Continental. Após a tensão da crise, John

Kennedy se sente no direito de usar certo humor negro. Até uma piada tão mórbida parece engraçada após o caso pelo qual ele passou nos últimos treze dias e noites.

O presidente e o procurador-geral riem juntos.

“Se você for ao teatro”, responde Bobby, “eu quero ir junto!”

Mal sabem eles que as palavras contêm um macabro premúncio.

Crise dos misseis de Cuba
16 a 26 de outubro de 1962
CANADÁ
Boston
Nova York
Chicago
Denver
alcance dos MBMAs 1.600 quilômetros
Kansas City
D.C.
St. Louis
Oceano Atlântico
ESTADOS UNIDOS
BERMUDAS
Dallas
Atlanta
Savannah
Bloqueio naval americano
Navios soviéticos a caminho de Cuba
Houston
Nova Orleans
San Antonio
Golfo do México
Miami
MÉXICO
BAHAMAS
Havana
CUBA
Cidade do México
HAITI
REP. DOM.
BEL.
PORTO RICO
GUAT.
HOND.
Mar do Caribe
EL SALVADOR
NIC.
Canal do Panamá
Oceano Pacífico
COSTA RICA
PANAMÁ
VENEZUELA
N
0 milhas 400
COLÔMBIA

Porta-aviões americano
Campo aéreo soviético
Base de Misseis Balísticos de Médio Alcance
Futura base de Misseis Balísticos de Intermediário Alcance

Golfo do México
Havana
BAHAMAS
CUBA
Mar do Caribe
0 100
Baía de Guantánamo

PARTE II

CAI A CORTINA

8

8 DE JANEIRO DE 1963
WASHINGTON D.C.
21h30

Os ombros nus e bronzeados de Jackie Kennedy acentuam o tom rosado de seu vestido Oleg Cassini sem alças. Ela está com brincos de diamantes desenhados pelo lendário joalheiro Harry Winston. Longas luvas brancas sobem até a metade de seu braço. Ela papeia com um homem que adora, André Malraux, o escritor de 61 anos e ministro da Cultura francês. Os olhos da primeira-dama brilham após uma relaxante viagem de Natal com a família a Palm Beach, na Flórida.

Nesta noite, a primeira-dama está absolutamente linda.

E, embora apenas uma pessoa entre os mil convidados que lotam o Salão Oeste de Esculturas da Galeria Nacional de Arte saiba disso, ela também está grávida.

O presidente está a menos de um metro dela sem dar a menor atenção à esposa. Ele está olhando para uma estonteante jovem de cabelos escuros com metade de sua idade chamada Lisa Gherardini. Seus lábios carnudos e vermelhos contrastam sedutoramente com a aveludada pele cor de oliva. O sorriso é tímido. O belo decote do vestido sugere um farto par de seios. Ela guarda uma levíssima semelhança com a primeira-dama.

O lugar está cheio de câmeras de tevê, repórteres de jornais e os mil convidados. Cada gesto do presidente é analisado, mas ele não se acanha e continua a encarar essa sedutora jovem. Ele é o presidente dos Estados Unidos, o homem que acabou de salvar o mundo de uma guerra termonuclear global. Tudo corre ao seu favor. É claro que John Kennedy pode se dar ao luxo de cometer uma pequena indiscrição e admirar essa bela garota de vinte e poucos anos.

Em uma brincadeira com os possíveis observadores, JFK sorri para a jovem Lisa. Mas ele se tornou outro homem desde a Crise dos Mísseis de Cuba, muito mais encantado por Jackie do que por qualquer outra mulher – pelo menos por enquanto. A experiência de uma catástrofe tão iminente o lembrou do tanto de amor que sente pela mulher e filhos.

O novo Congresso começará os trabalhos amanhã, e falta menos de uma semana para o discurso do Estado da União do presidente. Kennedy batalhará por "uma substancial redução e revisão do imposto de renda federal" como "um passo essencial acima de todos" para tornar os Estados Unidos mais competitivos na economia global. No entanto, esse corte de impostos será controverso, um verdadeiro desafio no novo Congresso democrata. Hoje, o fardo da presidência dos Estados Unidos é muito mais urgente do que a diversão com Lisa Gherardini.

O presidente segue adiante.

* * *

Jackie fica para trás, deixando Malraux de lado para observar essa mesma jovem tão bela. Na verdade, Lisa Gherardini não está aqui em pessoa, mas sim em um quadro na parede da galeria. Ela também é conhecida como *La Gioconda,* ou a *Mona Lisa*, uma mulher-esposa e mãe de cinco filhos que posou para esse retrato no início do século XVI.

Jackie se deleita perante a *Mona Lisa,* inundada por uma profunda sensação de triunfo, já que sempre foi seu sonho trazer a pintura mais famosa do mundo para a Galeria Nacional de Arte, em Washington. Quase um ano atrás, ela fez um discreto pedido a Malraux, que então coordenou o empréstimo da obra – para o escândalo dos parisienses, muitos dos quais consideram os Estados Unidos um deserto cultural.

Não é a primeira vez que a *Mona Lisa* deixa sua casa. Napoleão já chegou a pendurá-la em seu próprio quarto, para admirá-la a cada manhã. Em 1911, o quadro foi roubado do Louvre e só devolvido ao museu parisiense dois anos depois. Ela foi transferida em várias ocasiões durante a Segunda Guerra Mundial para não cair nas mãos dos nazistas. E agora, Jackie trouxe a obra-prima de Leonardo da Vinci para os Estados Unidos, onde a "Mona Mania" está prestes a se alastrar. Milhões de americanos farão fila para admirar a pintura antes que seja devolvida à França em março – e tudo graças a Jackie Kennedy.

John Walker, o diretor da Galeria Nacional, foi contra o empréstimo, temendo que sua carreira pudesse ser arruinada caso não conseguisse proteger a *Mona Lisa* de qualquer dano ou tentativa de roubo durante o transporte da frágil pintura de 460 anos na viagem transoceânica no meio do inverno. Na verdade, em 17 de outubro, enquanto JFK e sua equipe começavam a enfrentar a Crise dos Mísseis soviéticos em Cuba, Walker ligou para a primeira-dama e sugeriu gentilmente a ela que trazer a pintura aos Estados Unidos era uma má ideia. O plano o fazia tremer de medo só de pensar.

Mas depois, como o resto dos Estados Unidos, Walker logo se distraiu com a enxurrada de notícias no rádio e na tevê sobre a Crise dos Mísseis em Cuba. Ele ficou profundamente tocado com a natureza maternal de Jackie e com o fato de ela ter insistido em continuar na Casa Branca para ficar ao lado do marido. Walker percebeu que a primeira-dama era uma mulher de brio, não apenas uma jovem rica apaixonada pela cultura francesa.

Isso o fez mudar de ideia. Muito antes de a Crise dos Mísseis chegar ao fim, ele começou a preparar a viagem da *Mona Lisa* para os Estados Unidos.

O trabalho de Walker ficou muito mais fácil quando JFK ordenou que os guarda-costas mais bem-treinados do mundo vigiassem a preciosa obra de arte – ninguém menos do que os mesmos homens dispostos a levar uma bala para

proteger a vida do presidente: o Serviço Secreto.

* * *

O codinome do presidente para o Serviço Secreto é Lancer. O da primeira-dama é Lace. Caroline e John são chamados de Lyric e Lark, respectivamente. Quase tudo e todos os envolvidos na vida da família presidencial têm seu próprio codinome: o de LBJ é Volunteer, o do carro presidencial é SS-100-X, o de Dean Rusk é Freedom e o da própria Casa Branca é Castle. Até elementos que existem apenas temporariamente têm seus codinomes, como Charcoal, residência do presidente quando ele não está na Casa Branca. A maioria dos subconjuntos de nomes e lugares tem a mesma inicial: L para a família do presidente, W para a equipe da Casa Branca, D para os agentes do Serviço Secreto e assim por diante.

A proteção do Serviço Secreto oferecida ao presidente é constante, um acentuado contraste com Abraham Lincoln cem anos antes. Na época, o Serviço Secreto não existia. A agência só foi fundada três meses após o assassinato de Lincoln. E, ainda assim, seu papel mais importante era investigar a falsificação de moeda, não proteger o presidente.

Nos tempos de Lincoln, civis podiam entrar na Casa Branca sempre que quisessem. Não eram raros os casos de vandalismo, enquanto visitantes pouco educados roubavam coisas da casa do presidente para levar como lembrança. O Departamento do Interior reagiu a isso contratando um grupo seleto de oficiais da polícia metropolitana de Washington para proteger a mansão. No entanto, com o crescente número de ameaças de morte contra Abraham Lincoln nos últimos dias da Guerra Civil, esses policiais começaram a focar seu trabalho na proteção do presidente. Dois oficiais ficam ao seu lado das oito da manhã até às quatro da tarde. Outro ficava com Lincoln até a meia-noite, e um quarto homem cobria o turno da madrugada. Cada oficial carregava consigo uma pistola calibre 38.

Mesmo guarnecido, o presidente Lincoln nunca esteve realmente a salvo, como seu assassinato comprovou. Na noite em que Lincoln foi baleado na cabeça, John Parker, o oficial que deveria proteger-lhe, tomava cerveja em uma taverna próxima ao teatro. Por mais que o presidente dos Estados Unidos tenha sido morto após Parker ter abandonado o posto, esse oficial nunca foi condenado por displicência no cumprimento do seu dever – e o mais incrível é que ele continuou trabalhando na polícia.

Antes do assassinato de Lincoln, muitos (inclusive o próprio Lincoln) acreditavam que os americanos não eram o tipo de pessoa capaz de matar seus líderes políticos. No entanto, o tiro disparado por John Wilkes Booth refutou definitivamente essa teoria. Ainda assim, algumas pessoas continuaram acreditando no mito da segurança presidencial. A morte de Lincoln foi vista como uma anomalia – mesmo diante do assassinato do segundo presidente, James Garfield, dezesseis anos depois. A proteção compulsória do *vice-*

presidente só foi oficializada em 1962, reforçando a noção de que a vice-presidência é um trabalho ingrato.

* * *

Os guarda-costas de John Kennedy andam com o volume característico de seus revólveres .38 por baixo de seus ternos. No entanto, todos os outros aspectos de seu trabalho são furtivos. O lema do Serviço Secreto é ser "Digno de confiança e segurança", e seus agentes reforçam essa mensagem com postura e profissionalismo. Eles são homens atléticos, muitos com diplomas universitários e históricos militares. Tomar cerveja em serviço é impensável. Há oito agentes de serviço em cada um dos três turnos de oito horas do dia, e cada agente é treinado para ser capaz de manusear várias armas letais. O quartel general do Serviço Secreto fica na Casa Branca, em um pequeno escritório sem janelas na entrada norte da Ala Oeste, onde há uma armaria com equipamentos para o controle de multidões e metralhadoras Thompson que lhes garante um maior poder de fogo. São muitas as camadas de segurança entre JFK e um potencial assassino, desde agentes nos portões da Casa Branca até no corredor de piso preto e branco em frente ao Salão Oval, onde um agente fica de vigia sempre que o presidente está trabalhando. Caso Kennedy precise chamar esse agente em uma emergência, bastaria ao presidente apertar um botão especial sob sua mesa.

O presidente se torna muito mais vulnerável fora da Casa Branca. Para comprovar isso, o Serviço Secreto só precisaria analisar os recentes eventos na França. O presidente Charles de Gaulle é praticamente intocável dentro do Palácio do Eliseu, onde vive e trabalha. Mas, em 22 de agosto de 1962, terroristas abriram fogo contra sua carreata no subúrbio francês de Petit Clamart. Cento e cinquenta tiros foram disparados. Catorze balas atingiram o carro, furando dois pneus do Citroën de De Gaulle, mas seu motorista conseguiu escapar com toda habilidade para um local seguro. Enquanto a *Mona Lisa* chega aos Estados Unidos, o líder por trás do plano para assassinar o presidente está sendo julgado. Jean Bastien-Thiry, um insatisfeito ex-tenente coronel da Força Aérea, acabará recebendo o veredito de culpado, tornando-se o último homem da história da França a ser executado por um pelotão de fuzilamento.

Para evitar que alguém como Bastien-Thiry chegue ao presidente Kennedy, oito agentes do Serviço Secreto saem antes para revistar o destino do presidente sempre que ele deixa a Casa Branca. Assim que põe o pé para fora da Casa Branca, oito agentes formam um escudo humano em volta do presidente enquanto ele anda.

Para os guarda-costas do presidente, acompanhar o estilo hiperativo de JFK é a parte mais difícil do trabalho.

John Kennedy gosta de passar uma imagem vigorosa em público e muitas vezes arrisca sua vida embrenhando-se em multidões para cumprimentar as

pessoas. Isso aterroriza a equipe de segurança. Qualquer lunático com uma arma e alguma motivação obscura pode atacá-lo em momentos assim. Caso isso venha a acontecer, cada agente está preparado para usar o corpo como um escudo e proteger o presidente, sacrificando a própria vida pelo bem do país.

Ajuda o fato de que os agentes realmente gostam de JFK. Ele os conhece pelo nome e gosta de gracejar com eles. Apesar dessa familiaridade, os homens do Serviço Secreto nunca esquecem que John Kennedy é o presidente dos Estados Unidos. Seu senso de decoro fica visível no modo respeitoso com que se dirigem a Kennedy, um homem cuja vida íntima eles conhecem bem. Cara a cara, eles o chamam de "sr. presidente". Quando dois agentes falam sobre ele, ele é conhecido como "o chefe". E ao falar com visitantes ou convidados, seu segurança pessoal se refere a ele como "presidente Kennedy".

Esses agentes do Serviço Secreto também gostam muito de Jackie. O agente a cargo de sua segurança pessoal, Clint Hill (um metro e 83 de altura, codinome Dazzle), virou seu amigo e confidente.

Por isso é quase natural que a proteção do Serviço Secreto se estenda à *Mona Lisa.* As multidões eufóricas que rodearão a pintura de Da Vinci são similares às que gritam por JFK e Jackie em suas viagens pelo mundo.

A *Mona Lisa* viaja à América em sua cabine de primeira classe a bordo do *SS France,* onde agentes franceses a vigiam 24 horas por dia. Viaja de navio em vez de avião para evitar o risco de uma queda, que destruiria a obra para sempre. Se o transatlântico de luxo naufragar, a caixa especial de metal que abriga a *Mona Lisa* foi projetada para flutuar. Só o capitão do *SS France* sabe que a *Mona Lisa* está a bordo, e a segurança é tão estrita que os hóspedes especulam se a caixa de metal contém uma arma nuclear secreta. Mas, quando finalmente vaza a informação sobre o verdadeiro conteúdo da caixa, os passageiros transformam o navio em uma festa ininterrupta, com tortas especiais e jogos etílicos.

Ao desembarcar em Nova York, a *Mona Lisa* é levada a Washington D.C. por um comboio especial do Serviço Secreto que não se detém por motivo algum. Mais uma vez, escolhe-se uma viagem de carro de quatro horas de duração em vez de um simples voo, por medo de acidentes. Os franco-atiradores do Serviço Secreto estão posicionados em telhados ao longo do caminho, e o agente John Campion viaja pessoalmente ao lado da *Mona Lisa* no furgão preto da Galeria Nacional de Arte. O veículo é equipado com molas resistentes para amortecer os impactos da estrada que poderiam fazer partículas pigmento se desprenderem da tela.

Quando chega a Washington, a *Mona Lisa* é trancada atrás de portas de aço em uma caixa-forte climatizada que mantém a temperatura constante a exatos 16,7 graus. Se houver uma falha na eletricidade, um gerador reserva é automaticamente acionado. Mesmo na caixa-forte, o Serviço Secreto mantém a vigilância, monitorando-a pelo circuito interno de televisão.

A proteção que a obra-prima de Da Vinci recebe é extraordinária. Mas há uma grande diferença entre proteger o presidente e proteger esta carga valiosa: a *Mona Lisa* é só uma pintura. Cidadãos irritados a danificaram pelo menos em três ocasiões – um vândalo certa vez tentou pichá-la, outro a atacou com uma faca e um terceiro atirou uma caneca de cerâmica contra ela – e, é claro, ela foi roubada uma vez. Mas a Lisa Gherardini propriamente dita está no túmulo há quase cinco séculos. Não há forma de ser assassinada com um tiro.

Não se pode dizer o mesmo do presidente.

É por isso que o Serviço Secreto nunca baixa a guarda. Pelo menos, não ainda.

* * *

"A política e a arte, a vida da ação e a vida do pensamento, o mundo dos acontecimentos e o mundo da imaginação são um só", John Kennedy diz a uma multidão notável presente na inauguração da *Mona Lisa*. Em seu acentuado sotaque de Boston, as palavras saem como "Moner Liser".

O presidente e a primeira-dama nunca foram mais populares do que agora, e nunca tão sinônimos de Estados Unidos da América. Além disso, eles estão mais próximos do que nunca como casal. Kennedy parece menos interessado em outras mulheres. Os amigos viram a relação dos dois se afastar da formalidade profissional que marcou os dois primeiros anos de JFK no poder. Há uma nova ternura no tempo que passam juntos e, no modo como eles falam um com o outro, uma transformação que os tornou o primeiro-casal mais poderoso da história. Os Estados Unidos são "a nação mais poderosa do mundo", nas palavras do designer de moda Oleg Cassini, "representada pelo casal mais estonteante que se possa imaginar".

Basta correr os olhos pelo salão lotado para comprovar as palavras de Cassini. Juízes da Suprema Corte, senadores, diplomatas abastados e executivos do ramo do petróleo, estão todos aqui para prestigiá-los. Em seu discurso, o presidente associa, com brilhantismo, a *Mona Lisa* e a política da Guerra Fria, mas é Jackie quem orquestra cada detalhe desta noite tão especial. A *Mona Lisa* pode ser deslumbrante – mesmo escondida atrás do vidro à prova de balas –, mas, em média, os convidados ficam apenas quinze segundos observando a pintura, enquanto alguns passam a noite toda olhando para Jackie. Sua beleza, desenvoltura, graça e glamour são inigualáveis.

Esta noite, é a primeira-dama, e não a *Mona Lisa*, que domina a cena.

* * *

Jackie passou a pensar na Casa Branca dos Kennedy como um lugar mítico – que ela mais tarde descreverá como a "Camelot americana". A primeira-

dama está se referindo ao musical da Broadway, com Richard Burton no papel do lendário rei Arthur, a adorável Julie Andrews como a rainha Guinevere e Robert Goulet como Sir Lancelot. Na peça, Camelot representa um oásis de felicidade idílica em um mundo frio e árduo. Um número cada vez maior de americanos concorda com Jackie que a Casa Branca dos Kennedy é um lugar igualmente mítico e um baluarte de idealismo em meio à Guerra Fria.

Até mesmo o presidente é inspirado por *Camelot*. Muitas noites, como Jackie virá a admitir, ele escuta a trilha sonora da peça da Broadway em seu toca-discos antes de dormir.

Mas Camelot tem um lado obscuro que a equipe de segurança pessoal de JFK conhece muito bem.

As pesquisas de popularidade do presidente têm seu lado B: 70 % da nação podem amar JFK, mas outros 30 % o odeiam. Fidel Castro definitivamente o quer morto. Em Miami, muitos na comunidade de exilados cubanos estão ressentidos com o desastre na Baía dos Porcos e querem revanche. No Extremo Sul, a raiva diante da pressão do presidente por igualdade racial é tão disseminada que os democratas do Sul dizem que sua única escolha política inteligente – se quiserem permanecer no poder – é se manter firmemente contra as políticas internas de JFK.

Bem aqui em Washington, a CIA não está nem um pouco feliz com os rumores de que JFK teria intenção de submeter a agência a uma supervisão presidencial mais estrita, colocando-a a cargo de Bobby Kennedy. Além disso, não são poucos os líderes militares no Pentágono que não confiam no discernimento de Kennedy. O presidente afirmou, com todas as letras, que acredita que os generais são capazes de derrubá-lo.

Finalmente, a máfia, de quem Kennedy já foi tão próximo que o gângster Sam Giancana se referia a ele como Jack em vez de "sr. presidente", está furiosa porque JFK resolveu retribuir seus anos de amizade permitindo que Bobby e o Departamento de Justiça realizem uma caça às bruxas contra a máfia. "Nós demos o sangue por ele", Giancana reclama, "e ele põe o irmão para nos perseguir até a morte."

JFK está ciente de seus inimigos. E sabe que a ameaça não irá desaparecer, por mais que à noite ele silencie o mundo lá fora colocando a agulha sobre o disco e escutando *Camelot*.

* * *

Se o Serviço Secreto sabe algo a respeito de Lee Harvey Oswald, não há registros.

Essa ignorância não é equívoca. Por que o poderoso Serviço Secreto estaria observando um ex-fuzileiro naval de baixa patente morando em Dallas, no Texas?

Oswald e Marina estão juntos novamente. Há sempre uma chama quando eles reatam, e a última vez não foi diferente. Marina Oswald está grávida de novo.

Apesar de terem vidas muito diferentes, Jackie Kennedy e Marina Oswald estão conectadas, afinal são jovens mulheres desfrutando dos primeiros dias de gravidez. O bebê de Jackie é esperado para setembro. O de Marina, para outubro. E há mais uma coisa que as une: como Jackie, Marina considera JFK um homem muito bonito. O que deixa seu marido instável ainda mais ciumento do que já é.

* * *

A vida de Lee Harvey Oswald continua definida por uma combinação de paixão e ódio. Em 27 de janeiro de 1963, quando as multidões enchem as ruas de Washington para ver a *Mona Lisa*, Oswald encomenda um revólver especial calibre 38 por correio. Custa-lhe 29,95 dólares. Oswald enfia uma nota de dez dólares no envelope, e o restante será pago no ato da entrega. Ele mantém a compra em segredo; para que Marina não descubra, ele solicita que a arma seja entregue em sua caixa postal e até usa o pseudônimo "A.J. Hidell".

Oswald não tem nenhum plano especial para sua nova pistola. Ninguém o vem ameaçando de morte e no momento ele não tem intenção de matar alguém. Ele apenas gosta da ideia de ter uma arma – só por via das dúvidas.

* * *

Janeiro chega ao fim, e com ele a temporada da *Mona Lisa* em Washington. Em 4 de fevereiro, outro comboio de segurança máxima leva a pintura a Nova York, onde a "Mona Mania" é ainda maior.

Janeiro foi um mês incrível para o presidente e a sra. Kennedy. O glamour em torno da *Mona Lisa* encobriu temporariamente o temor da Guerra Fria. Depois de dois anos de mandato de Kennedy, está claro para o mundo que John e Jackie estão no comando do destino da América.

Portanto, Jackie Kennedy talvez tenha razão: a Casa Branca poderia ser Camelot – ou pelo menos parte dela. Para ela, a história não tem um lado obscuro – mas, definitivamente, tem.

Quando Jackie pensa em *Camelot*, ela se concentra no ato final da peça, no qual o rei Arthur recupera seu fascínio e esperança. Mas ela ignora o resto da história. *Camelot* está cheia de tragédia, rivalidade e traição. Há perigo e morte. Mais de metade dos cavaleiros da Távola Redonda são assassinados antes de a cortina fechar pela última vez.

E a rainha Guinevere, a heroína com quem Jackie tanto se identifica, termina sozinha.

9

11 DE MARÇO DE 1963
ST. AUGUSTINE, FLÓRIDA
20h

O homem mais solitário em Camelot quer ser presidente dos Estados Unidos.

Lyndon Baines Johnson está sob os holofotes. O discurso datilografado está à sua frente no atril, mas ele não presta atenção às palavras. Está mais interessado nas duas mesas de eleitores em algum lugar da plateia e que poderiam simplesmente fazer com que esse sonho impossível de ser presidente um dia se torne realidade.

O que Lyndon Johnson quer, mais do que tudo, é voltar ao poder. Ele adora o poder. E fará qualquer coisa para ter aquela sensação revigorante novamente.

Qualquer coisa.

O vice-presidente vasculha a sala em busca das "mesas de negros", desesperado para saber se sua aposta política dará resultado.

* * *

Robert Francis Kennedy também quer ser presidente dos Estados Unidos.

A cinco anos das eleições de 1968, um artigo de Gore Vidal na edição de março da revista *Esquire* prevê que será ele, e não Lyndon Johnson, o candidato escolhido pelo Partido Democrata.

Bobby Kennedy se tornou uma força política tão importante que até mesmo o vice-presidente teme ser incapaz de impedi-lo de ganhar as eleições em 1968.

Tudo parece tão fácil: JFK até 1968, então Bobby assume a Casa Branca, ganha de novo em 1972, e talvez até mesmo Teddy em 1976 e 1980. A dinastia Kennedy está pronta para controlar a presidência dos Estados Unidos pelos próximos vinte anos. É quase uma certeza.

Mas não existem certezas na política. E LBJ mal sabe que forças insidiosas possivelmente têm Bobby na mira neste momento – tramando a queda não só do procurador-geral, como de toda a dinastia política da família Kennedy.

* * *

Cinco de agosto de 1962. Marilyn Monroe, nua, jaz de bruços na cama. Ela está morta. Os investigadores policiais não encontram sinais de traumatismo. O médico-legista de Los Angeles mais tarde concluirá que a atriz morreu de uma overdose de barbitúricos. Mas seu estômago está quase vazio, sem resíduo algum de comprimidos.

O público imediatamente atribui a morte de Marilyn a uma vida de

excessos. Os tabloides confirmam que ela era viciada em drogas. Por isso há pouco ruído por uma investigação mais detalhada sobre o que aconteceu à encantadora atriz.

Mas há uma teoria mais obscura circulando nos circuitos do crime organizado. As histórias da máfia insinuam que a antiga conexão entre a CIA e Sam Giancana, datando da época da Operação Mangusto, continua secretamente ativa. Segundo tal teoria, Giancana conspirou para que Marilyn fosse assassinada por uma equipe de quatro sicários, que entraram em sua casa, lacraram sua boca com fita adesiva e injetaram um supositório letal de barbitúricos e hidrato de cloral em seu ânus. Isso foi feito para evitar o vômito que muitas vezes acompanha uma overdose de drogas por via oral. A fita foi removida da boca da atriz quando ela já estava morta, e seu corpo foi limpo.

A motivação de Giancana era vingar as investigações sobre as atividades do crime organizado que o Departamento de Justiça vinha realizando por ordens de Bobby Kennedy. A intenção dos assassinos, de acordo com a mesma lenda da máfia, era implicar Bobby no crime. Mas seus planos foram por água abaixo quando Bobby foi informado por fontes anônimas de que Marilyn Monroe havia morrido de uma hora para outra. O procurador-geral, então, ordenou que Peter Lawford conseguisse que um detetive particular chamado Fred Otash fosse até a casa de Marilyn e passasse um pente-fino para garantir que não houvesse absolutamente nenhum indício de seu envolvimento com o presidente ou com a família Kennedy. Os dois homens limparam tudo, levando até mesmo o diário de Marilyn.

Também havia, no entanto, a questão das gravações telefônicas de Marilyn, que revelariam com quem ela conversou em suas últimas 48 horas de vida. A história continua, afirmando que Bobby Kennedy recorreu a J. Edgar Hoover e ao FBI para que destruíssem essas gravações. Diz a lenda que, não querendo perder a chance de usar a morte de Marilyn para obter vantagens políticas, o chefe de polícia de Los Angeles, William Parker, obteve uma cópia das gravações e a manteve em sua garagem durante anos, como um instrumento de chantagem. As fitas magnéticas, diria Parker, são "minha chave para conseguir o emprego de Hoover quando Bobby Kennedy se tornar presidente".

Peter Lawford mais tarde afirmará que Bobby esteve na casa de Marilyn naquela noite, tendo tomado um avião para regressar da baía de São Francisco, onde estava com Ethel e quatro de seus filhos. A história de Lawford, não confirmada por ninguém, alega que Marilyn estava prestes a revelar à imprensa sua relação anterior com JFK e que Bobby estava em Los Angeles tentando impedir que a história vazasse.

Tanto a versão de Lawford quanto a dos membros da máfia foram esmiuçadas. Nenhuma delas foi comprovada. Tampouco os rumores de que Bobby e Marilyn estavam tendo um caso.

O fato é que Marilyn Monroe telefonou a Bobby várias vezes no verão de 1962. Ela estava transtornada com o fim de sua relação com JFK e falava abertamente sobre isso em Hollywood. A imprensa havia começado a fazer perguntas sobre o suposto romance, e o assunto poderia vir à tona na eleição de 1964. Mas a fazenda no norte da Califórnia onde Bobby estava com a família na noite da morte de Marilyn ficava a uma hora do aeroporto mais próximo, e a cinco horas de carro de Los Angeles. Sendo assim, é extremamente improvável que ele tivesse conseguido sair sem ser notado.

Até hoje, qualquer envolvimento de Bobby Kennedy na morte de Marilyn Monroe, quer tenha sido suicídio ou assassinato, é uma teoria da conspiração sem fundamento.

Mas não há dúvida de que, se Marilyn tivesse ido a público, isso teria sido suficiente para afundar uma campanha presidencial. JFK era visto como um homem dedicado à família. Detalhes de um caso sórdido com uma mulher ostentosa como Marilyn teriam arruinado a imagem de Camelot.

Com tamanho caos em sua bagagem familiar, Bobby Kennedy sabe que sua candidatura à presidência está longe de ser uma certeza. Isso significa que ele deve trabalhar muito mais para desacreditar seu rival, Lyndon Johnson, antes que LBJ faça o mesmo com ele.

Enquanto isso, Bobby Kennedy está silenciosamente retrocedendo em suas investigações contra a máfia.

Não faz sentido irritar velhos amigos sem necessidade.

* * *

LBJ está fazendo novos amigos. Ele está vibrando com a presença de eleitores negros em seu discurso no jantar em St. Augustine. É segunda-feira à noite, e a ocasião é o aniversário de quinhentos anos de fundação da cidade, um evento com o qual LBJ pouco se importa. O que importa são os motivos simbólicos pelos quais ele tomou um voo para a Flórida: conquistar eleitores negros.

Os olhos castanhos de LBJ observam a audiência majoritariamente branca no salão do hotel Ponce de Léon. Finalmente, ele localiza as mesas ocupadas por negros. O vice-presidente insistiu nesse ato de integração quando aceitou fazer o discurso.

Johnson vê as duas mesas bem em frente, um punhado de rostos negros em um mar de sulistas brancos. As pessoas sentadas lá acenam sobriamente com a cabeça enquanto ele fala, gratos só por estar na sala. Esta noite marca a primeira vez que negros são autorizados a jantar neste hotel fabuloso, tudo isso graças a LBJ. Duas mesas não são muito, e a mudança é só por esta noite, mas pelo menos Johnson pode voltar para Washington se gabando de que está na linha de frente da batalha por igualdade racial.

É uma sensação de poder. Mas, de volta a Washington, LBJ quase não se lembra de como é se sentir poderoso. Na estrada, ele é importante. As pessoas se submetem a ele. Ele se reúne com líderes locais. É citado nos jornais da região. As pessoas querem tocá-lo ou desfrutar de um de seus característicos apertos de mão cheios de energia, do tipo em que Johnson envolve com sua mão corpulenta a mão de outro homem e a segura durante todo o tempo em que eles conversam, simulando amizade e, nos velhos tempos do Senado, conquistando um voto.

Ele é invisível em Washington. Para Johnson, a Casa Branca dos Kennedy não é Camelot. Ele compara a experiência com outra palavra com *c*: *castração*. LBJ se refere a si mesmo como um "novilho" ou "cão castrado". O presidente o exclui deliberadamente de reuniões importantes, faz piadas sobre ele pelas costas e o ignora em jantares na Casa Branca – se é que ao menos se dá ao trabalho de convidá-lo.

O presidente não é o único que trata Johnson com descaso. Bobby Kennedy considera LBJ um político charlatão. Jackie Kennedy se mantém à distância. E os funcionários da Casa Branca mal conseguem dissimular seu desdém. "Os Harvard", como Johnson os chama, zombam de seus ternos com mau caimento, de seu cabelo preto lambido e de seu sotaque fanhoso do interior do Texas. Quando Johnson comete a gafe de pronunciar *hors d'oeuvres* ("petiscos") como "*whore doves*" (algo como "pombas promíscuas") em uma festa, ele instantaneamente se torna o alvo das piadas de Washington sobre seus modos campesinos.

Um apelido depreciativo para Johnson é "Uncle Cornpone" ("Tio Jeca"), como se ele fosse um caipira irrelevante, e não o homem que fez Kennedy se eleger em 1960 ao levar consigo o Extremo Sul. Alguns se referem a ele como "juiz Crater", por causa do oficial da cidade de Nova York que desapareceu abruptamente nos anos 20 e nunca mais foi visto. Um funcionário da Casa Branca foi ouvido gracejando em um jantar: "Lyndon? Que Lyndon?".

Mas Johnson está longe de ter sido superado e longe de ser um caipira. Quando líder da maioria no Senado, ele foi mestre em aprovar leis difíceis. Seu verso bíblico favorito, Isaías 1:18, exemplifica sua paixão por construir coalizões: "Venham cá, vamos discutir este assunto".

Verdade seja dita, o vice-presidente é um homem complexo, cujos gostos vão de linguiça de cerdo apimentada a valsas vienenses, passando por uísque Cutty Sark E ele tem uma vida sexual quase tão ativa quanto a do presidente – só que muito mais discreta.

Sua discrição é levada à política. O Johnson sociável reprimiu a própria personalidade, disciplinando-se para ficar em silêncio absoluto durante as reuniões, a fim de evitar ofender o presidente. Ter de tolerar um bombardeio ininterrupto de insultos está matando-o. O vice-presidente se tornou ansioso, deprimido e excessivamente preocupado em agradar. Ele mal se alimenta.

Perdeu tanto peso que seus ternos sempre largos agora ficam enormes nele. Até mesmo o nariz e as orelhas do vice-presidente estão maiores em relação ao rosto – como um cartunista político possivelmente o desenharia em uma caricatura.

LBJ não tem quase nada a fazer. O telefone quase nunca toca. De seu escritório no edifício do Gabinete Executivo, ele pode olhar pela janela e observar o vai e vem na rua em frente à Casa Branca. Às vezes o vice-presidente se levanta e meandra pelos corredores da Ala Oeste, desejando uma reunião à qual comparecer ou uma decisão a tomar. Outras vezes, ele se senta à porta do Salão Oval, na esperança de chamar a atenção de John Kennedy e ser convidado para entrar.

Mas essas ocasiões são cada vez mais raras. O presidente e o vice-presidente passarão menos de duas horas a sós no ano de 1963.

Ainda assim, Johnson tolera o abuso. Porque, sem a vice-presidência, ele não tem nada. Não há nenhuma vaga ao Senado no Texas à qual ele possa concorrer. E o ex-braço direito de Kennedy, John Connally, ocupou a cadeira de governador há apenas quatro meses. Mas, ao final de outros quatro anos, Johnson pode concorrer ao cargo mais importante da América.

E por que LBJ não deveria ser presidente? Ele serviu por doze anos na Câmara dos Representantes, mais doze no Senado, sendo que por seis anos foi líder da maioria democrata. Ele é versado em política externa e em legislação nacional, e pode dar um curso sobre as sutilezas das manobras nos bastidores da política. Não há um político mais qualificado no país.

LBJ está lutando por sua carreira política quando localiza as duas mesas emblemáticas da integração racial naquele salão de hotel em St. Augustine. E, embora a ocasião possa ser oficialmente o aniversário de fundação da cidade, também marca o dia em que Lyndon Johnson assume uma postura pública em favor dos direitos civis.

Os irmãos Kennedy o mantiveram de fora de sua batalha cada vez maior por igualdade racial. Eles sabem que Johnson, sendo um político do Sul, poderia usar a questão para ganhar poder.

Johnson compreende isso muito bem. E faz tudo o que pode para estar à frente da campanha por direitos civis de JFK.

Para Johnson, direitos civis não têm nada que ver com certo ou errado. Abraçar essa causa simplesmente faz sentido do ponto de vista político.

E assim LBJ espera, castrado e macilento, que tudo isso valha a pena.

* * *

Em 4 de março, apenas uma semana antes do discurso de Lyndon Johnson em St. Augustine, o procurador-geral Robert Kennedy responde à história da *Esquire* dizendo à imprensa: “Eu não tenho planos de me candidatar desta vez” – o que a mídia sabe que significa “Eu vou me candidatar”.

Mas ele é qualificado? Bobby Kennedy é um advogado que nunca julgou um caso nos tribunais e um procurador-geral que obteve o cargo graças ao pai e ao irmão. Desde então, ele frequentemente ignorou suas obrigações no Departamento de Justiça para servir como porta-voz e termômetro de JFK. E a CIA certamente não aprova seu desempenho no cargo. Um adesivo de para-choque popular no centro de operações da agência em Langley, Virginia, diz: "Primeiro Ethel, agora nós".

Mas o mundo está mudando drasticamente, e Bobby Kennedy reflete a juventude e a vitalidade de Camelot em vez dos valores ortodoxos da Guerra Fria associados a Johnson. A cultura americana está sob novas influências.

Uma banda de rock and roll britânica chamada Beatles lança seu primeiro álbum.

Um novo personagem de história em quadrinhos chamado Homem de Ferro faz sua estreia.

A escritora Betty Friedan provoca uma nova onda de movimento feminista com seu livro *A mística feminina*.

A cruel penitenciária federal na ilha de Alcatraz está fechada para sempre. Como que para marcar o evento, a CIA expande ainda mais seus poderes sobre o mundo de J. Edgar Hoover, criando uma divisão de operações internas.

Bobby Kennedy está ciente de sua influência cultural; ele entende muito bem o encanto de Camelot. Mas continua obcecado por sua rivalidade com Lyndon Johnson. De fato, ele o odeia. Bobby dissimula tão mal seu ódio que os amigos certa vez o presentearam com um boneco de vodu de Lyndon Johnson, com alfinetes e tudo.

A única coisa que Bobby é incapaz de suportar é um mentiroso, e ele acha que Johnson mente o tempo todo. Ainda assim, há algo em Johnson que inspira respeito em Bobby. Em uma ocasião, ele disse a um funcionário da Casa Branca: "Eu não suporto o canalha, mas ele é o homem mais formidável que eu conheço".

E assim dois políticos intensos e implacáveis se voltam um contra o outro. Mas nenhum dos dois faz ideia da calamidade que está a apenas oito meses de acontecer.

* * *

Lee Harvey Oswald está ficando cada vez mais isolado. Ele transformou um quarto pequeno em sua casa em escritório. Lá, ele escreve diatribes furiosas sobre o mundo que o cerca. Oswald está cada vez mais agitado, e as pessoas estão começando a temê-lo.

Em 12 de março em Dallas, apenas um dia depois do discurso de Lyndon Johnson em St. Augustine, Oswald decide comprar uma segunda arma para acompanhar a pistola que ele mantém escondida em casa. Desta vez é um fuzil,

comprado através da edição de fevereiro de 1963 da revista *American Rifleman*. O italiano Mannlicher-Carcano, modelo 91/38, foi fabricado em 1940 e originalmente desenhado para a infantaria italiana durante a Segunda Guerra Mundial. Não é uma arma concebida para caçar animais, e sim para atirar em homens. Tendo sido um exímio atirador no Corpo de Fuzileiros Navais, Oswald sabe a diferença, assim como limpar, manter, carregar, apontar e disparar uma arma dessas com precisão.

De todas as coisas incríveis acontecendo no mundo em março de 1963, este simples pedido de compra por catálogo pareceria ter pouca importância. Na verdade, nada terá maior impacto nos acontecimentos mundiais do que esse fuzil italiano de ferrolho que custou dezenove dólares.

A arma é entregue em 25 de março. Marina reclama que eles poderiam ter usado o dinheiro para comprar comida. Mas Oswald está feliz com a compra e adquire o hábito de tomar um ônibus até o leito de um rio seco para praticar tiro ao alvo contra a barragem.

Em 31 de março, enquanto Marina está pendurando fraldas no varal para secar, Oswald aparece no quintal dos fundos todo vestido de preto. Sua nova pistola está enfiada na cintura. Ele agita o fuzil em uma mão e segura exemplares de dois jornais comunistas na outra. Exige que Marina tire fotos dele, o que ela faz achando graça. Seu plano é enviá-las para o *Worker* e o *Militant* e assim mostrar que está preparado para fazer qualquer coisa em nome da luta de classes.

Em 6 de abril de 1963, Lee Harvey Oswald é demitido de seu emprego na Jaggars-Chiles-Stovall. Suas arengas comunistas se tornaram ofensivas para os colegas de trabalho, e os chefes alegam que já não se pode confiar nele.

Em 10 de abril de 1963, Oswald decide que é hora de matar alguém.

9 DE ABRIL DE 1963
WASHINGTON D.C.
MEIO-DIA

O homem com sete meses restantes de vida está conversando com Winston Churchill.

John Fitzgerald Kennedy está no Jardim das Rosas da Casa Branca diante de uma grande multidão calorosa. Aos 92 anos de idade, Churchill, o ex-primeiro-ministro cuja coragem inspiradora ajudou a salvar a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, assiste ao vivo por satélite em sua casa em Londres. O propósito da reunião no Jardim das Rosas é tornar Winston Churchill um cidadão americano – o único líder estrangeiro desde Lafayette a receber tal honra.

"Um filho da América, ainda que um súdito da Grã-Bretanha", Kennedy inicia seu discurso, referindo-se ao fato de que a mãe de Churchill, Jenny Jerome, havia nascido nos Estados Unidos, "um amigo firme e leal do povo americano e da nação americana."

O filho de Churchill, Randolph, de 51 anos, está ao lado de JFK. Jackie Kennedy está bem atrás do marido. O Jardim das Rosas está cheio de diplomatas e pessoas próximas dos governantes dos Estados Unidos e da Inglaterra. O pai do presidente, Joseph, que foi embaixador na Grã-Bretanha logo antes da Segunda Guerra Mundial, assiste ao ato dentro da Casa Branca em uma cadeira de rodas, consequência de um AVC dois anos antes.

Mas nem mesmo enquanto John Kennedy está diante dessa reunião idílica, vendo o afeto e os sorrisos inspirados pela honra concedida a um líder mundial tão ilustre e famoso, seus pensamentos se afastam de outro "Churchill" – e de outra guerra que vem ganhando força.

* * *

Foi Dwight Eisenhower quem, pela primeira vez, enviou soldados americanos ao Vietnã para conter o comunismo no sudeste da Ásia. Mas foi John Kennedy quem ordenou um aumento gradativo no número de tropas desde que assumiu a presidência, esperando garantir que o Vietnã não sucumbisse ao comunismo e, com isso, começasse um efeito dominó, levando outras nações asiáticas a darem as costas à democracia.

Mas as boas intenções de Kennedy deram errado. O punhado de "conselheiros" americanos no Vietnã agora aumentou para quase dezesseis mil pilotos e soldados. Pilotos americanos estão jogando bombas de napalm para aniquilar os soldados vietcongues que combatem o regime de Saigon, apoiado

pelos EUA. Milhares de vietcongues foram mortos – e também milhares de camponeses vietnamitas inocentes. "Os corpos carbonizados de crianças e bebês formam pilhas deploráveis no que restou do mercado", relatou a Associated Press após um desses bombardeios.

Os pilotos americanos realizam centenas de missões no Vietnã todos os meses. Teve início um processo sistemático de desfolhação, com aviões americanos pulverizando substâncias químicas sobre a selva para matar toda vegetação que pudesse esconder soldados inimigos. É claro que as plantações de muitos agricultores inocentes são destruídas no processo. Essa política de "terra arrasada" acabará voltando para assombrar os Estados Unidos de várias maneiras.

A CIA se uniu à luta no Vietnã, conduzindo missões secretas de busca e destruição no Norte comunista. Artilheiros de popa a bordo de helicópteros americanos têm carta branca para abrir fogo sobre os camponeses, que fogem quando veem os Hueys se lançarem sobre as copas das árvores. A suposição é que os agricultores fogem porque são inimigos, e não porque talvez sejam supersticiosos e estejam assustados com as aeronaves que invadiram de repente os céus de seus vilarejos primitivos.

John Kennedy acredita que a América precisa pôr um fim ao conflito no Vietnã – mas não está pronto para divulgar isso. "Nós não temos a menor chance de ficar no Vietnã", ele dirá extraoficialmente ao jornalista Charles Bartlett, ganhador do Pulitzer. "Aquelas pessoas nos odeiam. Eles vão nos expulsar de lá a qualquer momento. Mas não posso abrir mão desse território para os comunistas e esperar que o povo americano me reeleja."

Para garantir suas chances de reeleição, o presidente não pode, e não vai, tirar as tropas americanas do Vietnã antes da eleição de 1964. A guerra ainda é popular entre os eleitores. Enquanto isso, ele espera frear o envolvimento americano, lendo seus informes todas as manhãs e rezando para que o presidente sul-vietnamita Ngo Dinh Diem não faça nada estúpido ou irresponsável para inflamar a situação.

Diem é católico, assim como a família Kennedy. Mas sua fé é quase fanática, o que o faz perder o foco no combate ao comunismo. Ele agora está travando uma guerra em duas frentes. A primeira é contra os vietcongues; a segunda é uma guerra sagrada contra a população majoritariamente budista do Vietnã.

Mas é Diem quem o vice-presidente Johnson certa vez elogiou como "o Winston Churchill da Ásia". Os irmãos Kennedy odeiam esse exagero grosseiro. Ao contrário do Winston Churchill real, Diem não é um amigo firme e leal do povo americano nem da nação americana. Ele é um assassino em massa, preocupado unicamente com sua própria glorificação.

Esse narcisismo logo o condenará.

* * *

No Jardim das Rosas, Kennedy termina sua declaração. Ele agora escuta enquanto Randolph Churchill lê um discurso que o pai preparou. "O nosso passado é a chave para o nosso futuro", diz Churchill, em palavras que fazem Kennedy e o ícone britânico soarem como dois estadistas muito similares. "Não podemos permitir que ninguém subestime nossas energias, nossas potencialidades e nossa capacidade permanente para o bem."

* * *

Nem todos os homens acreditam em uma capacidade permanente para o bem.

John Kennedy dificilmente é um homem violento. Ele não gosta de armas e inclusive abomina a caça de animais. Não se pode dizer o mesmo de Lee Harvey Oswald. Agora, em uma noite quente de abril, Oswald se esconde nas sombras de um beco em Dallas. Seu novo fuzil está apontado para o major-general Ted Walker, um anticomunista declarado.

Walker está sentado no escritório de sua casa em Dallas, compenetrado em sua declaração de imposto de renda de 1962. Aos 53 anos, o general formado pela Academia Militar de West Point é um homossexual não assumido e um famoso oponente do comunismo. A data é 10 de abril, e ele está em casa sozinho nesta noite de quarta-feira, tendo acabado de voltar de uma viagem controversa pelo país. A luminária de mesa é a única luz no ambiente. Uma pequena janela dá para a escuridão. Normalmente, Walker abriria a janela para deixar entrar o ar doce da primavera, mas hoje a temperatura superou os 37 graus. Mesmo às nove horas da noite, continua fazendo calor. Walker está com o ar-condicionado ligado.

O esconderijo de Lee Harvey no beco fica a menos de quarenta metros. Ele observa cada movimento de Walker pela mira telescópica de seu fuzil italiano Mannlicher-Carcano. O zunido do ar-condicionado abafa o som dos movimentos cuidadosamente coreografados de Oswald. Ele agora está escondido atrás da cerca dos fundos de Walker, o cano de seu fuzil atravessando as ripas de madeira. Há uma igreja perto da casa de Walker, onde os fiéis se reuniram para uma missa de meio de semana nesta noite de quarta-feira.

A opressão da classe trabalhadora corre pelas veias de Lee Harvey Oswald. Ele encontra força nos ideais do comunismo e do socialismo. Quase um ano depois de ter voltado à América, ele está ainda mais irritado com esta que, a seus olhos, é a grande injustiça do sistema capitalista. Está furioso o bastante para matar qualquer homem que se manifeste contra o comunismo.

E é por isso que ele está apontando seu novo fuzil para a cabeça de Ted Walker com intenção de assassiná-lo. O ex-general está bem no alto da lista de

pessoas que Oswald despreza. Há dezoito meses, Walker foi convidado a se retirar do exército depois de dizer a um repórter que Harry Truman e Eleanor Roosevelt provavelmente eram comunistas. Ele renunciou ao posto em vez de se aposentar, um gesto simbólico de desacato que lhe custou a pensão. Desde então, o veterano da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia se dedica a causas políticas. Ele concorreu ao governo do Texas pelo Partido Democrata – um posicionamento estranho para um direitista como ele, ainda mais morando em Dallas, uma cidade violenta onde os democratas são uma minoria tão ínfima que muitos deles têm medo de expressar abertamente suas crenças.

Depois de ter ficado em último lugar naquela eleição – em que John Connally saiu vitorioso –,Walker viajou ao Mississippi para tentar impedir que um aluno negro fosse admitido na Universidade de Mississippi. Duas pessoas foram mortas e seis agentes federais ficaram feridos no tumulto que se seguiu; como consequência, Walker foi temporariamente enviado a um hospital psiquiátrico e teve de responder a uma acusação federal por sedição. Foi o próprio Bobby Kennedy que ordenou que Walker fosse acusado de atos de violência contra os direitos civis de um cidadão americano.

Oswald não se importa com direitos civis. Ele veio à casa de Walker porque o *Worker*, o jornal comunista que ele assina, se referia ao general como uma ameaça a seus ideais. E por causa da recente participação de Walker na Operação Cavalgada Noturna, uma turnê pelas áreas rurais do país para alertar os americanos sobre a ameaça do comunismo, similar à empreendida por Paul Revere na época da Guerra de Independência dos Estados Unidos para alertar sobre a presença das tropas britânicas. A decisão do grande júri do Mississippi de não fazer acusações formais contra Walker foi a motivação de Oswald para comprar um fuzil. Desde que recebeu o Mannlicher-Carcano, Oswald viajou de ônibus várias vezes à área perto da casa de Walker. Ele percorreu as ruas e vielas, estudando e anotando e reconhecendo o terreno, memorizando rotas de fuga e os horários da igreja. Oswald tirou várias fotos da área e as revelou no trabalho antes de ser despedido, em 6 de abril. Todas as informações foram armazenadas em um fichário azul especial.

Oswald sabe que Walker passa quase todas as noites em seu escritório. Dada a curta distância entre o beco e esse cômodo, é impossível errar o alvo.

Oswald não disse a Marina aonde ia esta noite. Mas, antes de sair do apartamento, escreveu um bilhete detalhando o que ela deveria fazer se ele fosse preso. O bilhete contém informações sobre as contas que ele pagou, quanto dinheiro deixou para ela e onde fica a prisão de Dallas. Oswald escreveu em russo, para ter certeza de que Marina entenderia cada palavra. Ele deixou o bilhete sobre a escrivaninha, em um quarto pequeno que ele converteu em escritório. Ela sabe que não deve entrar lá, mas Oswald tem certeza de que, se ficar desaparecido por muito tempo, ela acabará entrando.

* * *

De volta ao beco, Oswald se posiciona silenciosamente. Walker está de perfil, visto de seu lado esquerdo. O general usa o cabelo escuro escovado rente ao couro cabeludo. Oswald pode ver cada fio através do telescópio. Ele nunca atirou em um homem antes; nem sequer disparou a arma em um momento de fúria. Mas passava horas no polígono de tiro em sua época de fuzileiro naval e, nestas últimas semanas, praticou com diligência no leito seco do rio Trinity, usando a barragem como escudo. É quase cômico que um homem tramando um assassinato tome o ônibus para ir e voltar de sua prática e para ir e voltar da própria cena do crime. Mas Lee Harvey Oswald não tem escolha. Ele não tem carro.

Walker está sentado, atônito diante dos números na declaração do imposto de renda. Oswald inspira profundamente e solta o ar devagar. Ele sabe exalar antes de atirar e coordenar o aperto do gatilho com o fim da exalação. Ele também sabe aumentar aos poucos a pressão no gatilho, apertando-o sem pressa.

Quando era fuzileiro naval, ele quase nunca levava a sério a prática no polígono de tiro, rindo abertamente da bandeira vermelha que era erguida cada vez que ele errava um tiro. Mas é capaz de atirar muito bem quando quer, como comprova sua qualificação de "atirador de elite" no Corpo de Fuzileiros Navais.

Agora ele quer.

Oswald aperta o gatilho. Ele dá apenas um tiro. Então vira as costas e corre para longe, o mais rápido que pode.

* * *

– Eu atirei em Walker – Oswald diz a Marina, ofegante. São onze e meia da noite. Ela já leu o bilhete e está preocupadíssima.

– Você o matou? – ela pergunta.

– Não sei – ele responde em russo.

– Meu Deus, a polícia vai chegar a qualquer momento – ela grita. É um medo irracional, pois a polícia não faz a menor ideia de quem atirou em Walker. – O que você fez com o fuzil?

– Enterrei.

Oswald liga o rádio para saber se virou notícia. Marina, enquanto isso, está assustada e aflita. Ela anda de um lado para outro, enquanto o marido, exausto, finalmente deita na cama e cai num sono profundo.

* * *

Na manhã seguinte, o atentado contra Walker está nos jornais e no rádio. Oswald se detém em cada palavra, embora esteja chocado por saber que errou o

alvo. Testemunhas oculares afirmam que viram dois homens fugindo do local do crime em um carro, e a polícia de Dallas está à procura de uma arma com um tipo de munição totalmente diferente da que Oswald usou. Oswald está desapontado. Ele atirou em Walker porque queria ser um herói aos olhos do Partido Comunista; ele queria ser especial. Agora não só ele errou o tiro mais fácil da história como a polícia está procurando um homem totalmente diferente. A polícia, mais tarde, irá supor que a bala ricochetou após bater na vidraça, passando a menos de oito centímetros da cabeça de Walker. A mira telescópica do fuzil, projetada para longas distâncias, possivelmente obscureceu a vidraça para Oswald, o que significa que ele nem sequer sabia que ela estava no caminho quando mirou e atirou.

Mas nada disso importa para Lee Harvey Oswald agora. Ele é pior do que um fracasso; ele é anônimo.

* * *

Três dias depois, Lee Harvey Oswald queima seu fichário azul. A casa de Walker está sendo vigiada 24 horas por dia, e um segundo atentado contra ele seria quase impossível. Ainda assim, Marina sabe que o marido é instável e obstinado. Seu ódio por aqueles que se opõem ao comunismo é intenso e real.

Assustadíssima, ela propõe algo drástico: mudar-se com a família para Nova Orleans. Ela acredita que a polícia baterá à porta a qualquer momento. Tendo crescido sob o Estado repressor soviético, ela vive com medo de ser levada para a prisão no meio da noite e desaparecer para sempre.

Em 21 de abril, Marina vê Oswald se aprontando para sair de casa com uma pistola enfiada na cintura. É domingo. Ele está de terno. Furiosa, Marina exige saber aonde ele vai.

– Nixon está chegando – Oswald lhe diz. – Eu vou averiguar.

O ex-vice-presidente acabou de virar manchete ao exigir a remoção de todos os comunistas de Cuba. Como o general Walker, Richard Nixon vem adquirindo notoriedade política por denunciar comunistas.

– Eu sei como você averigua – diz Marina. Ela sabe que, para o marido, averiguar uma situação significa dar um tiro num ser humano. Está bem claro que Lee Harvey Oswald precisa ser protegido de si mesmo.

Então, mostrando como ela consegue ser forte quando é levada ao limite, Marina empurra o marido para dentro do banheiro minúsculo e o obriga a permanecer ali. O marido é feito prisioneiro durante o resto do dia. Quando ela o liberta, está claro que, para o seu próprio bem, Lee Harvey Oswald precisa ir embora de Dallas.

* * *

Cinco dias depois do discurso de John Kennedy no Jardim das Rosas, o presidente e a primeira-dama anunciam formalmente que ela está grávida. Isso marca a primeira vez que a esposa de um presidente terá um bebê durante o mandato do marido desde que a esposa de Grover Cleveland deu à luz em 1893.

Os americanos reagem com afeto e entusiasmo – e com grande surpresa. Pois embora tenha completado o quarto mês de gestação, Jackie ainda não mostra o menor sinal de estar grávida. O bebê dormirá no mesmo berço branco que John Jr. usou ao nascer. Um pequeno aposento na residência receberá cortinas e um novo tapete, transformando-se no quarto do bebê.

A cada momento que passa, os Kennedy parecem estar vivendo uma vida idílica, onde tudo dá certo e cada dia é mais glamoroso que o anterior. Ao contrário de Abraham Lincoln, cujos ombros caíram e cujo rosto ficou marcado e cansado devido às tensões de ser presidente, John Kennedy realmente gosta do trabalho – e demonstra isso. Os amigos notam o quanto ele cresceu como líder desde que tomou posse e o vigor com que ele encara as tarefas.

Mas a América está mudando depressa. John Kennedy logo será forçado a usar cada uma dessas habilidades presidenciais, adquiridas com tanto esforço, para enfrentar épocas turbulentas. Os tensos desafios que atormentaram seu mandato – Cuba, Vietnã, o poder da máfia, os direitos civis e até mesmo sua vida pessoal – não desapareceram.

Por enquanto, esses problemas estão apenas cozinhando em fogo brando – e, quando a primavera virar verão em 1963, eles explodirão.

11

3 DE MAIO DE 1963
BIRMINGHAM, ALABAMA
13h

"Nós vamos caminhar, caminhar, caminhar. Liberdade… Liberdade… Liberdade", entoam os manifestantes enquanto saem pelas grandes portas de carvalho da Igreja Batista da Sixteenth Street. É sexta-feira, e esses jovens estudantes negros deveriam estar na escola. Em vez disso, eles se reuniram para protestar pelos direitos civis. Alguns têm menos de dez anos de idade. A maioria é adolescente. São jogadores de futebol, rainhas de baile, célebres corredores e animadoras de torcida. Quase todos estão bem-vestidos, os meninos usam camisas convencionais e calças limpas, as meninas usam vestidos e laços.

Os manifestantes são mais de mil. Todos cabularam aula para estar aqui. Alguns deles até saltaram portões. Seu objetivo é viver algo que seus pais jamais conheceram: uma Birmingham integrada, onde lanchonetes, lojas de departamentos, banheiros públicos e bebedouros estão abertos a todos.

A Cruzada das Crianças, como será batizada pela revista *Newsweek*, se espalha e marcha pelo extenso parque Kelly Ingram. "Nós vamos caminhar, caminhar, caminhar", continuam entoando. Eles são pacíficos, quase espirituais. Mas a eletricidade corre pelo grupo, pois o que estão fazendo é ilegal. "Liberdade… Liberdade… Liberdade."

Os manifestantes planejam marchar até o distrito comercial dos brancos e entrar pacificamente em lojas e restaurantes. Mais de seiscentos estudantes foram presos fazendo a mesma coisa ontem. O mais jovem tinha apenas oito anos de idade. Isso fez a Cruzada das Crianças ganhar notoriedade nacional. A cerca de 1.600 quilômetros dali, o procurador-geral Bobby Kennedy repreendeu os líderes dos direitos civis dos negros que haviam organizado a marcha das crianças, declarando que "estudantes participando de protestos de rua é uma atividade perigosa. Uma criança ferida, mutilada ou morta é um preço que nenhum de nós quer pagar".

Até mesmo Malcolm X, um dos líderes negros mais exaltados da América, criticou a Cruzada das Crianças, afirmando que "homens de verdade não colocam suas crianças na linha de fogo".

Mas essas crianças querem estar aqui. Muitas vieram contra a vontade dos pais. Nada pode detê-las. Elas sabem que, se mães e pais fossem ao protesto, eles seriam presos e poderiam perder o emprego, ou dias e semanas de salário.

Eles sabem que essa marcha não se deve apenas a banheiros públicos; essa marcha é um ato de desacato. Alguns dias antes de assumir o cargo, há apenas quatro meses, o governador do Alabama, George Wallace, deixou uma coisa

muito clara: “Eu vou fazer a raça ser a base da política neste estado, e vou fazer com que seja a base da política no país”. Mais tarde, em seu discurso inaugural, ele proclamou: “Eu estive onde Jefferson Davis um dia esteve, e fiz um juramento ao meu povo. É, portanto, muito apropriado que deste berço da Confederação, do coração desta Grande Pátria Anglo-Saxônica do Sul, rufemos hoje o tambor por liberdade (…) Devemos atender ao chamado do sangue amante de liberdade que há dentro de nós (…) Em nome do maior povo que já pisou esta terra, eu risco uma linha no chão e desafio a tirania. E digo: Segregação hoje! Segregação amanhã! Segregação sempre!”

Aquelas palavras são um chamado às armas para negros e brancos que discordam de Wallace. O reverendo Martin Luther King Jr. viajou a Birmingham no começo da primavera para lutar pela integração racial. Os líderes negros locais, temendo a retaliação dos credores brancos, disseram a King que não o queriam na cidade. O líder do Movimento pelos Direitos Civis ridicularizou tais temores, insinuando que eles eram covardes, fazendo que se sentissem envergonhados e se unissem à luta.

Mas apesar de todos os esforços de King e de seu grande amigo Ralph Abernathy, a luta por Birmingham está paralisada há uma semana. Após meses de protestos e prisões, a mídia nacional perdeu o interesse. Já não havia dinheiro para pagar a fiança pelas centenas de pessoas presas. E os protestos diminuíram de tamanho. Os segregacionistas, liderados pelo encarregado de segurança pública de Birmingham, Eugene “Bull” Connor, estavam prestes a ganhar. Aos 65 anos de idade, Connor, um ex-membro do Ku Klux Klan, aprecia muitíssimo essa batalha e se deleita com a ideia de manter os negros “em seu lugar”.

A primeira marcha das crianças, em 2 de maio, alterou os planos de Connor. Quando esta termina, milhares se reúnem na Igreja Batista da Sexta Avenida para escutar o reverendo Martin Luther King Jr. falar sobre a coragem das crianças. E King jura que os protestos vão continuar. “Estamos prontos para negociar”, ele diz à imprensa. “Mas pretendemos negociar resistindo.”

Mas Bull Connor tem outros planos.

* * *

“Vamos caminhar, caminhar, caminhar. Liberdade… Liberdade… Liberdade.” A Cruzada das Crianças agora chegou às sombras dos olmeiros do parque Kelly Ingram. A temperatura atingiu úmidos 27 graus. À frente, os protestantes veem barricadas e fileiras de carros de bombeiro. Pastores alemães, treinados pela polícia para atacar, latem e rosnam com a aproximação dos jovens estudantes, e uma enorme multidão de espectadores brancos e negros contorna o lado leste do parque, para ver o que acontecerá depois. Os adultos negros provocam a polícia, enquanto os protestantes começam a cantar “We Shall Overcome” [Nós vamos superar].

Martin Luther King Jr. falou aos protestantes antes de eles saírem da igreja, lembrando-os que a prisão era um preço pequeno a pagar por uma boa causa. Eles sabem que não devem revidar à polícia nem provocar o confronto se provocados. Seus esforços serão em vão se a marcha se transformar em uma baderna.

Bull Connor não pode permitir que essas crianças entrem no distrito de compras dos brancos. Ele deu ordens para que os bombeiros de Birmingham acoplem suas mangueiras a hidrantes e estejam prontos para abrir os esguichos e jogar água sobre os manifestantes a toda força – uma potência tão grande que é capaz de remover a casca de uma árvore ou o cimento de um edifício. Se os manifestantes chegarem ao distrito de compras, o uso das mangueiras poderia danificar as fachadas caras das lojas. Os manifestantes devem ser detidos imediatamente.

As primeiras crianças no grupo se deparam com um jato de mangueira a meia potência. Ainda é força suficiente para parar muitos deles no caminho. Algumas das crianças simplesmente se sentam e deixam a água atingi-las, seguindo as ordens de não ser violentas – e de não recuar.

Connor, percebendo que medidas parciais não funcionarão com essas crianças determinadas, dá ordem de esguichar com potência total. Cada um dos manifestantes é derrubado. Muitas crianças são levadas pelas ruas e calçadas, os corpos raspando contra a grama e o concreto. Suas roupas se rasgam. Aquelas que cometem o erro de pressionar o corpo contra um edifício para se esquivar das mangueiras logo se tornam alvos perfeitos. “A água açoitava como um chicote e golpeava como um canhão”, uma criança recordará mais tarde. “A força era tanta que nos derrubava como se pesássemos só dez quilos, empurrando as pessoas como se fossem bonecas de pano. Nós tentamos nos segurar no prédio, mas não funcionou.”

Então Connor solta os cães policiais.

A mandíbula de um pastor alemão morde com 145 quilos de pressão – metade da força de um grande tubarão branco ou de um leão. Mas o pastor alemão é muito menor que esses predadores. Proporcionalmente, os cães policiais de Birmingham são incomparáveis quanto à força de sua mordida.

Bull Connor observa com alegria enquanto os pastores alemães arremetem contra as crianças, arrancando suas roupas e rasgando sua carne. Connor, um homem calvo, de óculos e em forma de pera, parece ser uma pessoa afável. Mas, na verdade, ele é um sulista branco cruel cujas crenças são ainda mais racistas do que as do governador Wallace. O encarregado de segurança pública entra com os dois pés na ação, encorajando os policiais a abrirem as barricadas para que os cidadãos brancos de Birmingham possam ver melhor os cães policiais fazendo seu trabalho.

Às três horas da tarde, tudo parece estar terminado. As crianças que não

foram presas voltam mancando para casa em suas roupas ensopadas e rasgadas, o corpo machucado por incontáveis jatos à queima-roupa dos canhões de água. Já não ousadas nem desafiantes, são agora apenas um punhado de crianças que precisam explicar aos pais, furiosos, sobre as roupas destruídas e um dia de aula perdido.

Mais uma vez, Bull Connor ganhou. Ou pelo menos é o que parece.

Mas entre os presentes em Birmingham esta tarde estava um fotógrafo da Associated Press chamado Bill Hudson. Ele é considerado um dos melhores no ramo, disposto a correr todo tipo de perigo para obter uma boa foto. Ele desviou de balas durante a Guerra da Coreia e se esquivou de tijolos enquanto cobria o Movimento pelos Direitos Civis.

Nesse dia em Birmingham, Bill Hudson tira a melhor foto de sua vida. Como vem a calhar, a foto é em preto e branco. Ele a tira a apenas um metro e meio de distância. Retrata um policial de Birmingham – com ares de autoridade, de camisa bem passada, gravata e óculos escuros – encorajando seu pastor alemão a tirar um pedaço do estômago de Walter Gadsden, um estudante colegial negro.

Na manhã seguinte, a fotografia aparece na primeira página do *New York Times*, ocupando três colunas, na metade superior.

E é assim que John Kennedy, começando a manhã, como sempre faz, lendo os jornais, vê essa imagem de Birmingham. Nauseado com o que vê, Kennedy faz questão de dizer aos repórteres que a foto é “repugnante” e “deplorável”.

Basta uma olhada e JFK instintivamente sabe que a América e o mundo ficarão horrorizados com a imagem de Hudson. Os direitos civis certamente serão uma questão crucial na eleição para presidente em 1964. E Kennedy agora entende que já não pode ser um observador passivo do movimento pela integração racial. Ele precisa tomar uma posição – não importa quantos votos isso possa lhe custar no Sul.

Enquanto isso, a reputação de Martin Luther King Jr. está em alta. Ele logo verá a situação em Birmingham ser solucionada a seu favor, graças à Cruzada das Crianças. Após a “vitória” inicial de Bull Connor, a pressão pública contra as autoridades do Alabama se torna tão intensa que a mudança é inevitável.

Apesar do triunfo, Martin Luther King Jr. e John Fitzgerald Kennedy não estão em sintonia. De fato, eles estão em rota de colisão.

Esta fotografia de um manifestante não violento pelos direitos civis sendo atacado por cães policiais trouxe à atenção nacional a brutalidade da força policial de Bull

Connor.

(Bill Hudson/Associated Press)

* * *

A desobediência civil não está limitada ao Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos.

Cinco dias depois de as crianças de Birmingham marcharem pacificamente rumo àquela parede de canhões de água e cães policiais e dois dias depois de um tenente do exército americano ser morto pelos vietcongues nas proximidades de Saigon, uma multidão de budistas se reúne na cidade sul-vietnamita de Hué. É 8 de maio de 1963, o 2.527o aniversário de Buda.

Os manifestantes vieram para protestar contra uma nova lei implementada pelo presidente Ngo Dinh Diem que torna o budismo ilegal no Vietnã. O grande desejo de Diem é converter o país ao catolicismo e é fundamental para esse esforço a subjugação sistemática da maioria budista da nação. Diem – cujo regime o presidente Kennedy apoia há tempos, mas cuja postura antibudista é contrária à política externa americana – nega promoções a funcionários sabidamente budistas e faz vista grossa quando padres católicos organizam exércitos particulares que saqueiam e demolem os templos onde os budistas cultuam suas crenças. Para dar credibilidade à sua cruzada aos olhos do governo americano, Diem insiste que o budismo e o comunismo são uma coisa só – uma afirmação similar à crença silenciosa de J. Edgar Hoover de que os direitos civis e o comunismo são sinônimos.

Agora, quando três mil manifestantes budistas desarmados se reúnem perto do rio Perfume para expressar suas frustrações, as tropas e a polícia do governo atiram na multidão. Balas e granadas dispersam os manifestantes, matando uma mulher e oito crianças.

Na indignação pública que se segue, Diem culpa seus oponentes vietcongues pelas mortes – mas a polícia e o exército eram claramente sul-vietnamitas. A chamada crise budista se agrava quando Diem se recusa a punir os homens responsáveis pelo tiroteio.

As tensões crescem em todo o Vietnã em maio. Diem, como Bull Connor em Birmingham, parece estar em vantagem. Nada pode ser feito para pôr fim a seu reinado de terror. Em 3 de junho, as tropas do governo voltam a atacar budistas em Hué, usando gás lacrimogêneo e cães policiais para dispersar os manifestantes. Mas a multidão não desiste e volta a se reunir. Agora os budistas ficam violentos, gritando impropérios contra os agressores do governo. Finalmente, as tropas sul-vietnamitas derramam um líquido vermelho não identificado na cabeça dos budistas que estão sentados nas ruas rezando. Sessenta e sete desses homens e mulheres são levados a hospitais com queimaduras no couro cabeludo e nos ombros.

Incapazes de controlar os manifestantes por mais tempo, os soldados de Diem colocam toda a cidade de Hué sob lei marcial.

Apesar disso, assim como o movimento pela integração racial em Birmingham estava perdendo força quando a Cruzada das Crianças lhe deu nova vida, a crise budista começou a cansar os membros da imprensa internacional. A perseguição aos budistas empreendida por Diem virou notícia velha.

Mas em 11 de junho de 1963 um monge budista de 73 anos dará àqueles repórteres algo sobre o que escrever.

* * *

São quase dez horas da manhã quando Thich Quang Duc se senta em uma rua movimentada de Saigon. Ele está usando um manto laranja. Duc é um membro do clero budista, um monástico que vive uma vida meditativa de pobreza. Esta manhã, ele escolheu protestar contra a repressão do governo às suas crenças ateando fogo em si mesmo.

Esta não é uma decisão impulsiva. Muitos na comunidade budista procuraram alguém que sacrificasse a própria vida para chamar a atenção para sua causa. Tal gesto impressionante inevitavelmente atrairia a cobertura da mídia em todo o mundo. De fato, no dia anterior, membros da imprensa internacional foram avisados para estar em frente à sede da missão diplomática cambojana no dia seguinte se quisessem ver algo especial.

Não muitos jornalistas aceitam o convite, de modo que poucos estão por perto para testemunhar o sedã Austin cinza dirigindo lentamente rumo ao cruzamento do Bulevar Phan Dinh Phung e da Rua Le Van Duyet. Trezentos e cinquenta manifestantes budistas, carregando faixas em vietnamita e em inglês que denunciam o regime de Diem, seguem logo atrás.

O Austin para no cruzamento. Thich Quang Duc desce do carro, recolhendo o manto para junto do corpo. Uma almofada é colocada na rua, e o velho monge se senta. Ele assume a postura de lótus e começa a recitar as palavras "Retorno à eterna morada em Buda" repetidas vezes.

Duc escolheu estar ali, mas nada o preparou para o momento em que um companheiro despeja gasolina sobre sua cabeça careca. O combustível empapa seu manto e escorre pelas costas até encharcar a almofada em que ele está sentado.

Os manifestantes formam um círculo em torno de Duc para evitar que a polícia interfira. Em uma mão, o monge segura um cordão de contas de carvalho. Na outra, ele segura um fósforo.

Duc acende o fósforo.

Não é preciso encostar a chama em seu corpo, porque os vapores são suficientes para fazê-lo pegar fogo. Seu rosto, visto através das chamas, é uma máscara de pura agonia. Mas Duc não grita e não emite nenhum som. Sua pele

fica preta. Suas pálpebras se fundem. Um minuto se passa, e mais um, e ele ainda não morre.

A polícia não pode chegar até ele, impedida pelo círculo protetor de manifestantes. Quando um carro de bombeiro tenta se aproximar o suficiente para jogar água sobre ele, outros monges se atiram sob as rodas do veículo para detê-lo.

Finalmente, após dez minutos agonizantes, Thich Quang Duc cai para a frente, morto.

Seus companheiros erguem o corpo carbonizado e o colocam no caixão que trouxeram para este momento. O corpo destruído não entra, e um dos braços de Duc fica para fora enquanto eles o carregam de volta ao templo Xa Loi. Como descobrem mais tarde, seu coração, apesar da intensidade das chamas, quase não foi danificado. Os monges o retiram da cavidade torácica de Duc e o colocam à mostra em um cálice de vidro.

Nos meses seguintes, outros monges também se tornarão mártires. E um oficial sul-vietnamita cometerá o erro de dizer a um repórter: "Deixe eles queimarem, que nós aplaudimos".

Como em Birmingham, este momento é o começo do fim para os que detêm o poder em Saigon. E, mais uma vez, uma fotografia da Associated Press fará a diferença.

Malcolm Browne, o editor-chefe da Associated Press em Saigon, foi um dos poucos jornalistas a testemunharem a autoimolação de Thich Quang Duc. Sua foto do monge em chamas horroriza pessoas no mundo inteiro. Assim como a foto de Bill Hudson retratou cães policiais atacando manifestantes inocentes, esta se tornará uma das imagens mais emblemáticas dos anos 60.

Mais uma vez, John F. Kennedy lerá os jornais matinais horrorizado com a fotografia. No mesmo instante, o presidente sabe que seu problema no Vietnã acabou de se agravar. Ele já não pode apoiar o presidente Diem. O mundo se voltará contra o líder vietnamita ao ver uma imagem tão terrível.

Diem precisa sair.

A questão diante de John Kennedy, seu colega católico, é: como?

Esta foto chocante de um monge budista praticando autoimolação é uma das mais emblemáticas imagens de protesto contra a Guerra do Vietnã.
(Malcolm Browne/ Associated Press)

* * *

São 17h45 do dia 29 de maio em Washington D.C. O presidente John Kennedy teve um dia ocupado com reuniões consecutivas no Salão Oval. Mas sua gravata vinho está bem ajustada em volta do pescoço e seu paletó azul-

marinho feito sob medida continua tão impecável quanto quando ele o vestiu depois da soneca da uma da tarde. Neste exato momento, JFK é solicitado no restaurante da Marinha, no andar de baixo da Casa Branca. Ele se levanta lentamente de sua mesa, alonga as costas e então começa a breve caminhada até o andar de baixo.

O presidente não tem ilusões sobre o que está prestes a acontecer. Hoje é seu 46o aniversário. Seus funcionários desapareceram de repente, o que o leva a acreditar que eles já se dirigiram ao restaurante da Marinha para aquela que deveria ser uma festa surpresa.

As preocupações do mundo nunca estão longe dos ombros de Kennedy, mesmo durante um momento de celebração. Assim, enquanto ele caminha para uma festa em sua homenagem, há uma terceira situação incendiária pairando sobre seu governo. Esse problema não tem nada que ver com raça ou religião ou guerra. Tem que ver com o mais primitivo de todos os anseios humanos: sexo. E tem muito mais potencial para pôr um fim ao seu mandato do que Birmingham ou até mesmo o Vietnã.

JFK há muito está ciente de que as revelações sobre seus casos extraconjugais arruinariam não só sua imagem cuidadosamente lustrada de homem de família como também seu futuro político. Agora basta ele olhar para a Grã-Bretanha para ver exatamente como seria essa derrocada. John Profumo, um elegante político e herói de guerra britânico de 48 anos, foi pego tendo um caso com uma garota de programa de 21 anos chamada Christine Keeler. Profumo é casado, e sua esposa, a ex-atriz de cinema Valerie Hobson, escolheu perdoá-lo. Se Profumo fosse qualquer outro homem, é bem possível que a história embaraçosa terminaria aí.

Mas John Profumo é também ministro de Guerra da Grã-Bretanha e um dos homens mais poderosos no governo do primeiro-ministro Harold Macmillan. E Christine Keeler não só está dormindo em sua cama, como também está fazendo sexo com um adido naval soviético. Na primeira ocasião em que foi questionado sobre seu caso na Câmara dos Comuns, Profumo negou. Em 5 de junho, ele será obrigado a admitir que mentiu. Desacreditado, será evitado pelos colegas e forçado a renunciar.

Profumo desaparecerá do governo e da alta sociedade. Sua humilhação será tão absoluta que ele tomará medidas extraordinárias em busca de redenção. Ele se oferecerá para limpar banheiros em um abrigo para pobres em Londres – uma penitência que continuará a pagar até muito depois de a rainha Elizabeth restituir seu status social em 1975 nomeando-o comandante do Império Britânico.

O primeiro-ministro Macmillan não é culpado de uma indiscrição sequer, mas é, em última análise, o homem responsável por qualquer segredo que Profumo possa ter deixado vazar para a amante. Entre os britânicos, 71 % estão a favor da renúncia de Macmillan ou da oportunidade de escolher um novo

primeiro-ministro através de uma eleição geral imediata.

John Kennedy fica hipnotizado pelo escândalo. As similaridades entre ele e Profumo são muitas para serem ignoradas: ambos têm quase a mesma idade, ambos têm esposas glamorosas, ambos são veteranos condecorados da Segunda Guerra Mundial e ambos atendem pelo apelido de Jack.

Mas não há comparação em seu adultério. As indiscrições de JFK vão muito mais longe que as de Profumo. John Kennedy tem muita sorte de que até agora nenhuma mulher veio à luz para se gabar de ter dormido com o presidente. E ele não tem nenhum motivo para pensar que alguma das mulheres que passaram a noite na Casa Branca fosse uma espiã. Mas, como alerta seu irmão Bobby, basta uma mulher ir aos tabloides para arruiná-lo. O dano iria muito além das insinuações que Marilyn Monroe espalhou em Hollywood antes de sua morte prematura.

A ironia é que, com a gravidez de Jackie, John Kennedy está mais dedicado à família do que nunca. Os funcionários continuam a ver o presidente e a primeira-dama de mãos dadas e passando muito mais tempo juntos – embora Jackie seja a única a testemunhar o presidente de joelhos fazendo suas preces noturnas. Em março, os agentes do Serviço Secreto ficaram impressionados quando JFK apareceu no aeroporto para receber Jackie, Caroline e John quando eles voltavam de viagem. "Era visível que o presidente sentia falta da família e estava louco para vê-los", mais tarde escreveria o agente Clint Hill.

À medida que a gravidez de Jackie se torna mais visível, os Kennedy estão passando mais fins de semana juntos em Camp David, o retiro presidencial em Maryland que Dwight Eisenhower assim batizou em homenagem ao neto. Distribuído em cinquenta hectares nas montanhas Catoctin, o retiro com densa vegetação tem quilômetros de trilhas para caminhada, uma grande cabana principal conhecida como Aspen Lodge, instalações para a prática de golfe, uma área para a prática de tiro ao pato, cavalariças e uma piscina aquecida ao ar livre. Cercas de arame patrulhadas por guardas do Corpo de Fuzileiros Navais circundam todas as instalações. E o que é melhor de tudo para a família Kennedy, Camp David é o único lugar no mundo onde um agente do Serviço Secreto não está por perto a cada minuto do dia. Os fuzileiros navais são suficientemente temidos para proteger a família do presidente.

Agora, no restaurante da Marinha, é Jackie quem lidera o coro do "parabéns" no instante em que o marido entra na sala. Ele finge surpresa enquanto uma taça de champanhe é enfiada em sua mão e os funcionários o rodeiam para entregar uma porção de presentes divertidos.

Mas Jackie Kennedy tem mais surpresas na manga. Pois a festa, mais tarde, é trasladada do restaurante da Marinha ao *Sequoia*, o iate presidencial. Somente a família e alguns poucos amigos íntimos são convidados. À medida que o *Sequoia* navega lentamente pelo rio Potomac, a reunião tranquila se transforma em uma

grande festa. Dom Perignon 1955 corre solto, e no salão da popa retumba o som de um trio musical. O twist saiu de moda, mas é o ritmo favorito do presidente e por isso a banda toca Chubby Checker sem parar. O agente do Serviço Secreto Clint Hill mais tarde dirá que nunca viu John e Jackie Kennedy se divertindo tanto juntos, "dançando twist, chá-chá-chá e o que viesse".

O cruzeiro está programado para terminar às dez e meia da noite, mas JFK está se divertindo tanto que pede ao comandante que prossiga por mais uma hora. E mais uma. E mais uma, o tempo todo ignorando os relâmpagos e a chuva que mantêm Bobby, Ethel, Teddy e o resto da festa do lado de dentro.

São uma e vinte da manhã quando o *Sequoia* finalmente atraca. Washington está dormindo. John e Jackie Kennedy estão imersos no romance de uma noite muito especial. Os Birminghams e Vietnãs e Profumos voltarão a confrontar o presidente na manhã seguinte, mas agora esses problemas estão muito distantes.

O homem com seis meses restantes de vida não vê isso, mas os mais próximos dele se lembrarão de sua última festa de aniversário como a melhor de todas.

Apesar de suas infidelidades, o presidente Kennedy era dedicado à família, como registra esta foto no domingo de Páscoa de 1963.
(Cecil Stoughton, Fotografias da Casa Branca, Museu e Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston)

12

22 DE JUNHO DE 1963
WASHINGTON D.C.
FIM DA MANHÃ

–Você leu sobre Profumo? – John Kennedy pergunta a seu convidado.

O presidente e Martin Luther King Jr. caminham a sós pelo Jardim das Rosas na Casa Branca. Esta é a primeira vez em que eles se encontram. Kennedy eleva-se sobre o líder dos direitos civis de um metro e 68 de altura. Hoje é sábado e marca o início de uma série de encontros cuidadosamente orquestrados entre a Casa Branca e alguns grupos de negócios poderosos a fim de mobilizar apoio ao movimento pelos direitos civis. Em poucas horas, o presidente estará a bordo do Air Force One para uma viagem à Europa, deixando temporariamente para trás o inferno racial. Com isso, as atividades na Casa Branca estarão a cargo de Lyndon Johnson e Bobby Kennedy, cujas hostilidades nunca estiveram tão acirradas.

Antes de ir, JFK tem uma observação importante a fazer ao reverendo King. O presidente tem sólidos indícios, fornecidos por J. Edgar Hoover, de que o líder do Movimento pelos Direitos Civis tem algo em comum com o desonrado político britânico John Profumo.

Em poucas palavras, o presidente está alertando King para ser esperto e controlar sua libido.

Para o bem de ambos.

John Kennedy depositou o poder de seu mandato no movimento pelos direitos civis, mas não sem relutar. O presidente não tem amigos negros. O mais perto que ele chega de reverenciar a cultura negra é quando dança ao som de Chubby Checker. No mundo de John Kennedy, os negros são primordialmente criados, cozinheiros, garçons e arrumadeiras. Seus antepassados foram imigrantes pobres irlandeses que logo aproveitaram as liberdades da América para alcançar a prosperidade. Para JFK, as liberdades são algo natural, enquanto gerações e gerações de crianças descendentes de escravos jamais conheceram tais oportunidades.

Bobby Kennedy é a força propulsora por trás da nova postura do irmão. Bobby se tornou tão entusiasta dos direitos civis que seu primeiro nome é considerado um insulto no Sul. O fato de que John Kennedy finalmente tenha decidido defender os negros também é uma vitória para Bobby.

Maio de 1963 foi um mês difícil, marcado por uma sucessão de confrontos em Birmingham incitados por George Wallace, o governador racista do Alabama. As batalhas continuam. Em 11 de junho, depois de conseguir que a Universidade do Alabama passasse a admitir alunos negros, JFK falou sobre

direitos civis em cadeia nacional. Em um discurso escrito às pressas e parcialmente improvisado que um dia seria considerado um de seus melhores, o presidente prometeu que seu governo faria todo o possível para acabar com a segregação. Ele instou o Congresso a "promulgar uma lei dando a todos os americanos o direito de ser atendidos em instalações abertas ao público".

No dia seguinte, o ativista dos direitos civis Medgar Evers é morto com um tiro na entrada da garagem de sua casa no Mississippi.

A integração racial, no entanto, não é só uma questão de fazer a coisa certa. O comprometimento de JFK tem grandes implicações. Por exemplo, alguns americanos associam direitos civis ao comunismo. A última coisa de que Kennedy precisa no auge da Guerra Fria é ser rotulado de comunista *e* simpatizante dos negros – mas ele sabe que muitos no Extremo Sul imediatamente farão essa associação improvável.

E há também a vida adúltera de Martin Luther King Jr. Esse fato é bem conhecido em todo o Movimento pelos Direitos Civis. King passa a maior parte dos dias longe de casa e da esposa, Coretta, que sabe que não deve confrontá-lo sobre suas infidelidades. Segundo o FBI inspecionou e seu bom amigo Ralph Abernathy admite, King tem relações sexuais com prostitutas, oportunistas e até mesmo mulheres casadas. Quando pressionado pelos amigos, ele não nega as indiscrições, explicando que precisa de sexo para aliviar a ansiedade em momentos intensos, quando ele quase sempre está muito sozinho. (Quase uma década depois de Martin Luther King Jr. ser assassinado em 1968, os arquivos do FBI sobre sua vida pessoal serão lacrados até 2027.)

O diretor Hoover acredita que King é comunista, e por isso o FBI vem grampeando telefones de King em quartos de motel há um ano e meio. Hoover está obcecado em derrubar King. O chefe do FBI descreve o líder dos direitos civis como um "garanhão com desejos sexuais degenerados". Hoover fica furioso quando King é escolhido pela revista *Time* o Homem do Ano em 1963. (Kennedy foi escolhido em 1961; Johnson será em 1964.) J. Edgar Hoover passa horas escutando as gravações secretas dos encontros amorosos de King. Tanto o presidente quanto o procurador-geral são informados do que está sendo gravado. Mais tarde, Jackie Kennedy, para quem King é um impostor, lembrará de quando o marido lhe confiou o conteúdo de uma gravação em que King "estava telefonando para todas essas garotas e combinando uma festa com homens e mulheres, ou seja, uma espécie de orgia no hotel e tudo o mais".

A gravação mais infame de King acontecerá em 6 de janeiro de 1964 no hotel Willard, em Washington. Conforme relatado em *Pillar of Fire*, de Taylor Branch, escuta-se King dizendo: "Estou [fazendo sexo] por Deus. Não sou um negro esta noite!".

Normalmente, nenhuma dessas peripécias interessaria a John F. Kennedy. O que King faz entre quatro paredes só diz respeito ao reverendo. Mas o

presidente se uniu ao Movimento pelos Direitos Civis. Kennedy e King, sua voz mais proeminente, estão politicamente algemados um ao outro – gostem ou não.

E o presidente não gosta nem um pouco. Sua aliança com King vai contra cada fibra cautelosa de seu DNA político. Há grandes paralelos entre os dois homens. Kennedy pode ser impulsivo em alguns aspectos de sua vida, mas ele é preciso e cuidadoso quando se trata de se preparar para uma eleição. As infidelidades de King, sua suposta simpatia pelo comunismo e sua luta incansável pelos direitos civis fazem com que a associação pública entre os dois seja um enorme risco político. Até mesmo estar aqui na relativa privacidade do Jardim das Rosas com Martin Luther King faz Kennedy suar. "King é tão explosivo", segredou a Bobby um JFK exasperado antes da chegada do reverendo, "que é como se [Karl] Marx viesse à Casa Branca."

Martin Luther King Jr. não dá a mínima para o desconforto do presidente. De fato, ele está tornando as coisas ainda mais explosivas. O reverendo está planejando uma manifestação massiva para agosto, no Passeio Nacional de Washington. Com isso, a batalha pelos movimentos é trasladada do Extremo Sul para bem diante da vista do Salão Oval. "E se eles urinarem no Monumento de Washington?", diz Kennedy horrorizado ao ouvir a notícia.

As palavras do presidente revelam uma verdade dolorosa: ao contrário da Crise dos Mísseis em Cuba ou mesmo da invasão fracassada à Baía dos Porcos, a situação dos direitos civis é um problema sobre o qual John Kennedy tem pouco controle direto. Martin Luther King Jr. está na linha de frente nessa batalha. Depois de sua vitória em Birmingham, é King quem está no comando – e os dois homens sabem disso.

Agora JFK quer parte daquele poder de volta.

– Eu presumo que você saiba que está sob vigilância estrita – ele alerta o líder do Movimento pelos Direitos Civis.

King não sabe. Mas ele não se abala facilmente. O reverendo é gordo perto da esbelteza de Kennedy, além de baixo para a estatura elevada do presidente. A educação que receberam não poderia ter sido mais diferente. Mas Martin Luther King Jr. é tão instruído, bem-informado e politicamente astuto quanto JFK. Ele não chegou até aqui fazendo concessões a homens brancos.

King ri da advertência. Kennedy fica ainda mais preocupado.

Mas o Air Force One o espera. Esta será a primeira visita do presidente à Europa desde a Crise dos Mísseis em Cuba. A situação da Guerra Fria ainda é muito tensa. JFK estará saindo de um atoleiro político e entrando em outro.

Antes de partir, JFK precisa saber se King entende o problema. Kennedy enfrenta a postura evasiva do reverendo. Ele usa o caso de Profumo para explicar a relação potencialmente volátil entre sua presidência e a cruzada de King.

JFK pode ser vago ao falar, permitindo, com diplomacia, que os ouvintes

tirem suas próprias conclusões. Mas agora ele é incomodamente direto. Não pode haver mal-entendidos: King deve cortar seus laços com os comunistas e ser cuidadoso quanto às suas infidelidades.

– Você deve tomar cuidado para não perder sua causa – alerta o presidente. A advertência não poderia ser mais clara. – Se eles o derrubarem, também nos derrubam. Portanto, tenha cuidado.

O presidente dos Estados Unidos deu seu recado. Não há mais tempo. JFK interrompe a conversa e corre para tomar o avião. Martin Luther King Jr. tem mais cinco anos de vida pela frente. John Fitzgerald Kennedy tem precisamente cinco meses.

* * *

Nesse meio-tempo, tem início a batalha pelo controle da Casa Branca. Enquanto começa a reunião vespertina na Sala do Gabinete, o presidente Kennedy já está a caminho da Europa, levando consigo a maior parte de seus altos funcionários. Cabe a Lyndon Johnson e a Bobby Kennedy concluir a pauta dos direitos civis de 22 de junho.

Lyndon Johnson é o centro das atenções. Na última hora, o presidente o colocou no comando, temendo um confronto caso não o fizesse. O vice-presidente está sentado na cadeira presidencial no centro da mesa elíptica na Sala do Gabinete. Notável por seu apoio para cabeça em meio a um mar de cadeiras com encosto alto, essa cadeira é o reconhecido centro de poder. Bobby Kennedy está sentado do lado oposto. Vinte e nove líderes do Movimento pelos Direitos Civis enchem a pequena sala. Não há cadeiras suficientes. Muitos são obrigados a ficar em pé junto das paredes. Resta dizer que nunca houve tantos rostos negros na Sala do Gabinete.

Para Bobby Kennedy e Lyndon Johnson, esta é a oportunidade ideal para mostrar aos presentes quem é o chefe.

O vice-presidente faz isso por meio de seus discursos, provando para os líderes do Movimento pelos Direitos Civis que ele é um aliado. Lyndon Johnson mantém a boca fechada sempre que possível quando o presidente conduz uma reunião. É sua forma de controlar sua paixão por grandes discursos. Mas, agora que está no comando, Johnson fala sem parar sobre direitos civis, um assunto pelo qual se tornou entusiasta desde seu discurso em St. Augustine. Ele descobriu isso durante outro discurso, sobre o Memorial Day, no campo de batalha de Gettysburg na Pensilvânia.

Aquele discurso eloquente foi um triunfo. Ocorrido no fim de maio, teve o efeito de colocar Johnson em competição com os Kennedy pela liderança da questão dos direitos civis. Ao regressar a Washington, Johnson havia implorado por "quinze minutos a sós com o presidente", a fim de tirar proveito daquele sucesso. Kennedy concedeu. Johnson usou esse tempo para se embrenhar ainda

mais na batalha pelos direitos civis.

O discurso prolixo de Lyndon Johnson na Sala do Gabinete não agrada Bobby Kennedy. Os direitos civis são um assunto *seu*, e foi, em grande parte, por incentivo seu que JFK se uniu à causa. Bobby quer Lyndon não só fora dos direitos civis, como fora da Casa Branca. Com o poder político de Johnson caindo rapidamente no Sul, os Kennedy talvez não precisem dele na chapa em 1964. Há uma boa chance de eles ganharem na Califórnia, que, com seus 32 votos eleitorais, mais do que compensa a perda dos 25 votos que Johnson poderia obter com o Texas. Além do mais, há cada vez mais indícios de que Johnson se tornou tão fraco em seu estado natal que o Texas estará perdido, mesmo se LBJ permanecer na chapa.

Fala-se inclusive em uma chapa Kennedy-Kennedy em 1964.

Portanto, Bobby, sentado de frente para Johnson na Sala do Gabinete, é destemido – destemido o suficiente para ser rude.

O procurador-geral faz um sinal com o dedo, chamando Louis Martin, o editor de um jornal para negros.

– Tenho um compromisso – ele sussurra quando Martin se aproxima. – Pode pedir ao vice-presidente para ser breve?

Martin fica apavorado. Ele sabe que os dois homens são capazes de grande fúria. Com diplomacia, Martin volta ao seu lugar perto da parede.

Bobby não perde tempo. Ele chama Martin de novo.

– Eu não falei para você dizer ao vice-presidente calar a boca?

Agora Martin não tem escolha. Ele deve a Bobby Kennedy um favor – um grande favor. Quando seu amigo Martin Luther King Jr. foi preso por manifestações em prol dos direitos civis em 1960, Bobby obteve apoio à causa de King fazendo um telefonema solidário à esposa do reverendo, Coretta. É claro que aquele telefonema também ajudou os Kennedy politicamente, influenciando os negros a apoiarem JFK.

A sala não é grande o suficiente para esconder o desconforto de Martin. É óbvio para todos ao redor da mesa que alguma coisa está acontecendo. Lyndon Johnson está falando de seu púlpito na cadeira com o apoio para cabeça, enquanto Bobby chamou Martin duas vezes para o seu lado.

Martin, aos cinquenta anos, inspira tanto respeito e admiração que um dia será conhecido como "o padrinho da política dos negros". Portanto, este que Bobby intimou não é um mero subordinado. É um homem conhecido por todos. E, claramente, o procurador-geral sussurrou algumas palavras ásperas no ouvido de Louis Martin.

Martin manobra com cuidado entre os muitos corpos e cadeiras. Lyndon Johnson finge não perceber – embora seja um homem que percebe tudo.

Martin é cuidadoso. Seu avanço ao redor da mesa não é rápido, e ninguém tira os olhos dele.

Lyndon Johnson está falando como se nada de estranho estivesse acontecendo. É verdade que todos os olhos estão sobre ele – mas só porque Louis Martin finalmente está de pé atrás dele.

Martin se inclina para a frente e coloca os lábios perto da orelha de Johnson. Em nenhum momento o vice-presidente para de falar.

– Bobby precisa ir embora e quer encerrar – sussurra Martin.

Johnson vira a cabeça e olha diretamente nos olhos de Louis Martin. O vice-presidente o encara com frieza, mas não para de falar nem por um instante.

De fato, para irritação de Bobby Kennedy, Lyndon Johnson continua falando por outros quinze minutos.

Essa batalha pelo controle da Casa Branca não tem relação com os dez dias em que JFK estará na Europa, e sim com o lugar crucial na chapa para as eleições de 1964. E, embora Lyndon Johnson tenha terminado seu discurso, a atitude de Bobby fez com que todos soubessem quem realmente tinha o poder na sala.

Bobby Kennedy está ganhando essa guerra. Quanto mais Lyndon Johnson percebe isso, mais doente e deprimido ele fica. Invertendo sua perda de peso anterior, LBJ ficará obeso no decorrer do verão, em virtude de seu abatimento. Seu rosto ficará cheio de manchas, levando alguns a pensarem que ele começou a beber.

Os irmãos Kennedy destruíram o homem que um dia se considerou o grande mediador político de Washington D.C.

Bobby Kennedy foi a força propulsora por trás da nova postura do presidente com relação aos direitos civis. Aqui, Martin Luther King Jr. e outros líderes do Movimento pelos Direitos Civis são retratados com Bobby e o vice-presidente em uma visita oficial à Casa Branca em 1963.

(Cecil Stoughton, Fotografias da Casa Branca, Museu e Biblioteca Presidencial de John F. Kennedy, Boston)

* * *

Lee Harvey Oswald tem duas paixões no verão de 1963: ler e mentir.

Ele passa o mês de junho trabalhando como técnico de manutenção para a Reily Coffee Company, em Nova Orleans. Oswald recebe o auxílio-desemprego mesmo estando empregado. Ele escreve para a comissão Fair Play for Cuba em Nova York contando o que está fazendo por eles. Ele imprime cartões de visita com o nome fictício A.J. Hidell em que ele consta como presidente da comissão, e até tenta obter um passaporte falso. Lee Harvey Oswald se tornou um comunista fervoroso, com a intenção de cometer mais um ato ousado para promover essa causa política.

Os empregadores de Oswald não estão satisfeitos com seu desempenho no trabalho, reclamando que ele passa muitas horas lendo revistas sobre armas.

Marina vive com ele em outro apartamento que ela não suporta. A família dorme em colchões de palha, e todas as noites ela borrifa um círculo de repelente no chão para manter as baratas afastadas. Ela sabe que o marido está tentando obter um visto que lhes permitiria voltar para a União Soviética, embora ela não queira ir. De fato, como ele está tentando obter seu próprio visto separadamente, pareceria que sua intenção é mandar Marina, grávida, e a filha, June, de volta à Rússia sem ele.

Lee Harvey Oswald está longe de ser o grande homem que ele acredita que será um dia. Neste exato momento, ele é um vagabundo que passa o tempo livre tentando fazer vinho com amoras silvestres, mal se mantendo no emprego e tratando a família como se fosse uma moléstia.

A leitura alimenta sua raiva. Ele devora vários livros por semana. Os assuntos variam de uma biografia do presidente Mao Tse-Tung a romances de James Bond. Então, quando o verão de 1963 chega ao fim das primeiras semanas, Oswald escolhe ler sobre um assunto que nunca havia explorado antes: John F. Kennedy.

De fato, Lee Harvey Oswald está tão encantado com o best-seller *Portrait of a President*, de William Manchester, que depois de devolvê-lo à Biblioteca Pública de Nova Orleans resolve dar uma olhada em *Profiles in Courage*, de Kennedy.

A coleção de ensaios, que rendeu a John Kennedy o prêmio Pulitzer em 1957, é sobre a vida e as ações de oito grandes homens.

Mesmo em meio à esqualidez e à depressão que definem o verão dos Oswald em Nova Orleans, Lee Harvey Oswald lê as palavras cuidadosamente escolhidas de JFK e é inspirado a ter esperanças de que, um dia, ele também mostrará esse tipo de coragem.

* * *

No sétimo dia de sua viagem à Europa, John Kennedy anda em um conversível ao ar livre pelas ruas estreitas e tortuosas de Galway, na Irlanda. A multidão está alucinada e se amontoa em direção ao Cadillac. As muitas curvas fechadas forçam o motorista do presidente a desacelerar o carro e avançar lentamente. Alguns agentes do Serviço Secreto acreditam que cidades portuárias como Galway são ambientes mais perigosos do que as cidades do interior por causa de sua numerosa população de imigrantes, mas, como sempre acontece quando o itinerário do comboio obriga o carro do presidente a desacelerar para uma curva, o cruzamento foi inspecionado previamente por uma equipe de agentes.

Mas as curvas fechadas não são o único perigo: os edifícios ao longo do caminho são quase todos de dois andares. A distância entre suas janelas superiores e o comboio presidencial é um terço da distância entre o general Ted Walker e o beco onde Lee Harvey Oswald se escondeu na noite de 10 de abril de 1963.

De fato, John F. Kennedy está passando pela zona ideal para um assassinato. Um homem com uma arma poderia disparar um tiro e fugir em meio à multidão em uma questão de segundos. E, nitidamente, o presidente tem consciência de que algo desse tipo poderia acontecer. Ele vem pensando muito em mártires nos últimos tempos e passou a gostar de citar um verso do poeta irlandês Thomas Davis:

> Nós pensamos que você não morreria – tínhamos certeza de que você não partiria; e nos deixa, quando mais precisamos, para o golpe cruel de Cromwell – rebanho sem pastor quando a neve encobre o céu – Ah, por que você nos deixou, Eoghan? Por que você morreu?

Mas hoje o espectro da morte não parece importar. É sábado, 29 de junho de 1963. Estima-se que cem mil cidadãos irlandeses tomam as ruas dessa turbulenta cidade portuária na costa Oeste da Irlanda. Seiscentos guardas estão lá para conter as multidões eufóricas.

Por seu histórico de gestações conturbadas, Jackie Kennedy não acompanhou JFK na viagem à Europa, como havia feito dois anos antes de forma tão memorável. Desta vez, John Kennedy tem a adulação das multidões só para si.

Muitos questionaram por que o presidente iria à Europa em um momento tão delicado. O título de um editorial na edição do último domingo do *New York Times* perguntava: “Esta viagem é necessária?”.

“Diante de tantas opiniões contrárias e boas razões para não ir”, continuou o editorial, “o presidente Kennedy prossegue com sua viagem à Europa no momento mais inapropriado.”

Mas John Kennedy conhece a força de uma boa oportunidade política, e a viagem é um tremendo sucesso. Num momento em que a controvérsia em torno dos direitos civis ameaçou prejudicar seu mandato, a viagem à Europa prova que ele é, sem dúvida, o homem mais popular e carismático do mundo. Mais de um milhão de alemães saiu às ruas para acompanhar o comboio presidencial em Cologne quando JFK chegou à cidade, uma semana atrás. Outros vinte milhões de europeus o assistiram pela televisão. E mais um milhão o recebeu em Berlim Ocidental. Lá, aos gritos de “Ken-ne-DEE”, ele conquistou a multidão com um discurso marcante pró-democracia. “Todos os homens livres, onde quer que vivam, são cidadãos de Berlim”, disse o presidente. “E portanto, sendo um homem livre, eu tenho orgulho de dizer: ‘*Ich bin ein Berliner*’.”

A multidão foi ao delírio.

O discurso de JFK em Berlim foi um pesadelo para o Serviço Secreto. O presidente ficou sozinho e desprotegido em um palanque enquanto milhares o observavam. A multidão não foi inspecionada em busca de armas, e muitos assistiram do alto de um telhado ou de uma janela aberta. John Kennedy, nas palavras de um agente, era um “alvo fácil”. Ou, nas palavras de outro agente: “Tudo o que é preciso é um tiro fortuito”.

* * *

Em Moscou, o primeiro-ministro soviético Nikita Khrushchev, temendo que a popularidade de Kennedy desgastasse o apoio em Berlim Oriental, logo tomou um voo para a cidade dividida para reafirmar as demandas do seu país. Ele e Kennedy não se encontraram. De fato, a presença de Khrushchev na cidade mal foi notada por um público ínfimo em comparação com os que receberam Kennedy, salientando a incrível popularidade de JFK e enviando uma mensagem clara de que o poder de Khrushchev estava em decadência.

A presença de John F. Kennedy na Europa afeta até mesmo o arrogante presidente francês, Charles de Gaulle. De seu poleiro em Paris, De Gaulle se tornou o mandachuva da política da Europa Ocidental, mas ele encontrou um páreo duro em JFK, levando um redator do *New York Times* a se admirar de que, “pela primeira vez, o presidente De Gaulle foi confrontado por um líder ocidental cujas ideias sobre o futuro são tão firmes quanto as suas, cuja confiança no triunfo definitivo de suas ideias é igualmente grande, e alguém que, finalmente, fala em nome da nação mais poderosa na comunidade”.

Kennedy e De Gaulle não se encontraram nessa viagem, mas o líder francês observa cada passo do presidente.

* * *

E então vem a Irlanda.

– Se você for à Irlanda – observa o assessor especial Kenny O'Donnell quando Kennedy acrescenta o país em seu itinerário pela Europa – as pessoas dirão que é uma viagem recreativa.

– É exatamente o que eu quero – responde o presidente. – Uma viagem recreativa à Irlanda.

Ele foi aclamado em todos os lugares por onde passou nesta pequena nação insular, recebido como um filho vitorioso voltando à casa.

A visita a Galway ocorre em seu quarto dia no país e, por seu sorriso tranquilo e pelo modo brincalhão com que ele interage com os locais, está claro que as pressões dos assuntos internos, os problemas internacionais e o nascimento iminente de seu terceiro filho parecem estar a quilômetros de distância.

Trezentas e vinte crianças do convento de St. Mercy saúdam o helicóptero do presidente quando este pousa em um campo gramado perto do mar às onze e meia da manhã. Cada uma das crianças está vestida de laranja, verde ou branco e, juntas, elas formam a bandeira irlandesa.

Então ele entra em uma limusine conversível para o breve percurso até a Eyre Square, no centro da cidade. Em uma casa, Kennedy ordena que o motorista pare, para que ele possa passar alguns minutos conversando com a mulher à porta.

O discurso que JFK faz na Eyre Square é o mais pessoal e afetuoso de todo o seu mandato, remetendo à emotividade do começo de sua carreira política em Boston. O presidente está completamente à vontade enquanto olha para os milhares que enchem a praça, que um dia será rebatizada em sua homenagem. Esta visita não é uma parada de campanha, um jantar para angariar fundos ou mesmo uma dessas importantes ocasiões históricas que ele possivelmente marcaria com um discurso cheio de seriedade e palavras sóbrias.

Esta é a visita de um homem cujo coração foi tocado pelas pessoas de sua terra natal num momento em que ele precisava muito disso e que espera que suas palavras possam fazer o mesmo por elas. "Se o dia estivesse limpo, e vocês fossem até a baía e olhassem para o oeste, se tivessem boa visão, veriam Boston, em Massachusetts", ele diz à multidão fascinada.

"E, se pudessem", continua, "vocês veriam lá, trabalhando nas docas, alguns Dougherty e Flaherty e Ryan e primos seus que foram para Boston e prosperaram."

E então o presidente pede às pessoas que levantem a mão, perguntando se elas têm algum parente na América. A praça instantaneamente se enche de

mãos erguidas para o céu. Sentindo-se identificada, a multidão vibra de alegria e irrompe em aplausos. O presidente é mesmo um deles.

O impacto é avassalador. As palavras de Kennedy atestam a crença no sonho americano. Mas aquelas palavras são mais do que um sonho para essas pessoas. Nenhum filho de imigrante na história do mundo regressou à sua terra natal e desfrutou desse tipo de adulação. Olhar para Kennedy enquanto ele contempla a multidão é uma prova de que uma família pode vir à América sem nada e algum dia chegar ao nível mais alto. John F. Kennedy, um filho da Irlanda, é hoje o homem mais poderoso do mundo.

* * *

O que não foi dito é que os imigrantes negros na América ainda não têm essa oportunidade. Mas Kennedy está trabalhando para isso.

"Se algum dia vocês vierem à América", encerra o presidente, depois de falar sobre os dias felizes que passou na Irlanda, "venham a Washington. E, quando chegarem, se perguntarem quem vocês são, digam que vêm de Galway. Todos saberão e, ao dizer isso, vocês terão '*Cead Mile Failte*'– Cem mil boas-vindas".

"Obrigado e adeus."

Kennedy é conduzido de volta pela cidade até seu helicóptero, apenas 45 minutos depois de chegar. O amor à terra natal corre por suas veias. No comboio, o presidente não tem nada a temer dessas pessoas.

Nesse dia, tiram-se milhares de fotos de JFK. Muitas delas continuam penduradas nos bares e lares de Galway.

13

7 DE AGOSTO DE 1963
OSTERVILLE, MASSACHUSETTS
MANHÃ

Desfrutando do verão da Nova Inglaterra, Jackie Kennedy, gravidíssima, reclina sobre uma cerca à altura do peito para assistir a Caroline, de cinco anos, em sua aula de equitação. A primeira-dama e as crianças estão passando o verão em uma casa de campo alugada chamada Brambletyde, não muito longe do complexo residencial da família Kennedy em Hyannis Port. Normalmente, a família do presidente ficaria em sua própria casa, adjacente à casa principal.

Bobby Kennedy possui uma casa bem ao lado da do pai. Há tempos, esse enclave é o oásis da família para planejar campanhas, celebrar casamentos ou simplesmente jogar uma partida animada de futebol americano recreativo. A presença de Kennedy colocou Cape Cod, Massachusetts, no mapa.

Tanto que as hordas de turistas agora invadem a área todo verão. As multidões ruidosas adquiriram o hábito de pisotear arbustos e tumultuar o trânsito nas ruas estreitas em frente à praia em seu desejo de conseguir pôr o olho em JFK e Jackie. A segurança da propriedade em Hyannis Port também é um pesadelo para o Serviço Secreto, e é por isso que a família do presidente alugou uma residência mais isolada para o verão de 1963. Jackie e as crianças estão lá o tempo todo, e o presidente vem de Washington nos fins de semana.

Brambletyde está escondida por bosques densos e só é acessível de carro por uma estreita estrada de pedra. Tanto por privacidade quanto por segurança, alugar a casa faz muito sentido.

Há outra razão pela qual Jackie escolheu Brambletyde: ela não quer ninguém da imprensa tirando fotos de sua gravidez. A primeira-dama nem sequer vai à cidade, cabendo a Clint Hill, o encarregado de sua segurança pessoal, trazer os tabloides que ela secretamente ama ler.

Hoje é quarta-feira. Hill tomou o dia de folga. O agente veterano está sempre alerta em sua tarefa de proteger a primeira-dama. Ele trabalha seis dias por semana, às vezes dezesseis horas por dia. Mas agora o agente especial Paul Landis está em seu lugar. Landis está perto da pista de equitação, mantendo um olho treinado na primeira-dama, enquanto o agente especial Lynn Meredith, encarregado da segurança pessoal das crianças, está por perto para proteger Caroline.

De repente, Jackie sente uma dor aguda no abdômen. E mais uma. Logo, a dor será constante.

– Sr. Landis, eu não me sinto bem – ela diz, pressentindo uma crise. – Acho que é melhor me levar de volta para casa.

– É claro, sra. Kennedy. – Mas não há nenhuma urgência nos movimentos de Landis.

– Já, sr. Landis – Jackie ordena. Há certa aspereza em sua voz ofegante.

Landis corre para o carro e abre a porta traseira. O rosto de Jackie tem um olhar assustado quando ela desaba no banco de trás. A dor vem do útero. O pânico cada vez maior é causado pelas memórias dolorosas de suas duas gestações difíceis que terminaram com a perda dos bebês. Jackie teve um aborto em 1955. Sua segunda gravidez resultou, em 23 de agosto de 1956, em uma bebezinha natimorta, a quem ela e o marido batizaram Arabella. A perda de um filho é desconcertante. A perda de dois, ainda mais. Mas perder um terceiro bebê, particularmente após dar à luz duas crianças saudáveis, seria insuportável para Jackie.

Assim, embora a primeira-dama esteja a apenas algumas semanas do fim da gestação, ela não descuida de nada quando se trata do bem-estar de seu bebê não nascido.

Caroline fica com o agente Meredith enquanto Landis dirige a 130 quilômetros por hora pela estrada estreita, ao mesmo tempo em que se comunica por rádio para ter um médico e um helicóptero de prontidão.

A ansiedade da primeira-dama aumenta quando fica claro que ela está entrando em trabalho de parto.

– Por favor, vá mais depressa – ela pede.

Chegou a hora de ir para o hospital – imediatamente. Se Landis não conseguir chegar a tempo, é bem provável que o agente do Serviço Secreto seja forçado a encostar o carro na beira da estrada e ele próprio auxiliar no parto do bebê do presidente, no banco de trás de um sedã do governo. O agente Landis pisa fundo no acelerador.

* * *

Em Washington, o presidente John Fitzgerald Kennedy enfrenta outro tipo de problema. As pesquisas de opinião mostram que sua popularidade no Texas, um estado crucial, atingiu o menor índice de todos os tempos – e continua a cair. O estado está se tornando cada vez mais conservador e republicano. Lyndon Johnson perdeu todo o poder político na região. Isso afeta não só os eleitores em potencial, como também o orçamento. Há tempos, o Texas é uma importante fonte de recursos para o financiamento das campanhas do Partido Democrata, graças aos bolsos cheios dos homens do petróleo e de outros grandes empresários. E antes era possível contar com LBJ para obter esse dinheiro. Mas agora o governador do Texas, John Connally, um democrata conservador, é quem controla o dinheiro – nos bastidores, ele não é um grande fã de Kennedy.

Aí reside o problema: JFK começou a pressionar Johnson para organizar uma viagem ao Texas com o objetivo de levantar fundos. Mas Johnson sabe que

uma viagem como essa revelará sua falta de influência, tornando óbvio para o presidente que será Connally quem trará os grandes doadores para a campanha de Kennedy. Isso deve corroer ainda mais qualquer chance de Johnson permanecer na chapa.

Para complicar ainda mais as coisas, não só LBJ evitou deliberadamente organizar uma viagem do presidente ao Texas como o governador Connally também está tentando evitar que Kennedy vá ao estado. Ambos são democratas, mas o governador sabe que qualquer aparição pública que ele faça com Kennedy lhe custará caro com os eleitores do Texas.

Mas John Kennedy precisa do Texas e de seu dinheiro. Ele está determinado a concretizar a viagem.

Este é o problema pairando sobre a cabeça do presidente na manhã de 7 de agosto. Em um instante, será esquecido quase por completo.

* * *

O agente do Serviço Secreto Jerry Behn vai até a mesa de Evelyn Lincoln. São 11h37 da manhã.

Discretamente, o agente especial Behn informa à secretária do presidente que Jackie está sendo levada de avião ao hospital na base aérea de Otis, perto de Falmouth, Massachusetts, no limite ocidental de Cape Cod. O agente também diz a Evelyn que a primeira-dama não quer que o marido seja incomodado caso as dores do trabalho de parto sejam um alarme falso.

Evelyn Lincoln, sabendo do profundo envolvimento emocional do presidente na gravidez de Jackie, entra no Salão Oval mesmo assim.

– Jerry me disse que a sra. Kennedy está a caminho de Otis – ela diz num tom calmo, repassando a mensagem sem intenção de preocupar o presidente ou os convidados sem necessidade.

Não funciona. A reunião é imediatamente adiada. Uma série apressada de telefonemas confirma que Jackie está sendo sedada e prestes a dar à luz o novo filho de Kennedy por uma operação cesariana. O presidente convoca o Air Force One. Mas nenhum dos quatro aviões presidenciais está disponível hoje.

JFK não se importa. Ele exige um avião, qualquer avião, agora mesmo.

* * *

Uma hora depois, quando o presidente dos Estados Unidos, sua equipe de segurança pessoal e funcionários seletos correm para a base aérea de Otis apinhados dentro de uma pequena aeronave JetStar para seis passageiros, Patrick Bouvier Kennedy dá seu primeiro suspiro. O segundo filho homem do presidente pesa apenas 2,11 quilos.

Há grande preocupação quanto à respiração do bebê. Parece rasa e difícil.

O bebê ronca ao exalar. Sua pele é azulada, e sua parede torácica é retraída. O recém-nascido é imediatamente colocado em uma incubadora.

O bebê Patrick é designado a um agente do Serviço Secreto, embora esteja claro que a única ameaça direta à vida do recém-nascido vem de seu próprio corpo. Os pulmões estão entre os últimos órgãos a se desenvolverem no útero, e o jovem Patrick está sofrendo de uma doença da membrana hialina, a forma mais comum de morte entre bebês prematuros.

A primeira-dama ainda está sedada devido à cesariana e não sabe do problema. Assim que o presidente chega, ele assume o comando. Ele se reúne com o dr. John Walsh para discutir a situação do filho. O doutor explica que Patrick corre risco de morte. No mesmo instante, Kennedy chama o capelão da base para batizar Patrick e assim garantir que seu filho vá para o céu, conforme os ensinamentos da Igreja Católica.

Então, o dr. Walsh sugere que Patrick seja levado ao Hospital das Crianças em Boston, que tem instalações de última geração para tratar a doença da membrana hialina. O presidente concorda sem titubear.

Às 5h55 da tarde, enquanto Jackie ainda está se recuperando da moleza provocada pela sedação, Patrick Bouvier Kennedy é colocado em uma ambulância para a viagem de uma hora até Boston.

Essa criança é uma carga preciosa. Muito mais do que a *Mona Lisa*. Como ocorreu com a obra famosa, Patrick faz o percurso escoltado por uma equipe de policiais de Massachusetts. As sirenes apitam quando a ambulância sai do hospital da Força Aérea. A caravana não para. É preciso salvar a vida do bebê.

* * *

Agora vem a espera. Jackie Kennedy permanece na suíte da maternidade, se recuperando. Assim, é o presidente quem vai a Boston para ficar de vigília no Hospital das Crianças. Este é um homem muito diferente daquele que, em 1956, esperou três dias antes de voltar da Europa para ver a esposa depois que ela abortou. Agora ele olha impotente para a câmara experimental de alta pressão, com menos de dez metros de comprimento, onde o pequeno corpo de seu filho arfa em busca de ar. Patrick pode ser visto claramente através das pequenas janelas da câmara. A unidade de terapia intensiva é esvaziada de visitantes sempre que JFK está no andar, o que só aumenta a solidão do presidente.

– Como vão as coisas com o pequeno Patrick? – Evelyn Lincoln pergunta num tom amável. Ela viajou a Boston para ajudar o presidente a administrar os muitos detalhes de seu ofício que ainda precisam de sua atenção.

– Ele tem 50 % de chance – responde JFK.

– Isso é tudo de que um Kennedy precisa – ela assegura, sabendo que seu chefe de longa data apreciará esse tipo de alento.

Líderes mundiais e bons amigos bombardeiam Kennedy com telefonemas e

mensagens, mas ele nunca deixa de prestar atenção ao filho recém-nascido. O presidente nutre um amor profundo por crianças. Este bebê, concebido logo após a Crise dos Mísseis cubana, tem um significado especial. Esta é a criança que nunca teria vindo ao mundo se a crise tivesse acabado em uma guerra termonuclear global. Patrick Bouvier Kennedy, batizado em homenagem ao avô paterno de JFK e ao pai de Jackie, tem sido uma fonte de orgulho e preocupação desde o dia em que a primeira-dama anunciou que estava grávida.

O presidente tem um quarto no Ritz-Carlton com vista para o parque Boston Common, onde ele se hospeda durante a primeira noite da vida de Patrick e, inquieto, passa as horas devorando os documentos para um Tratado de Proibição de Testes Nucleares. Mas, na segunda noite, ele prefere ficar mais perto do filho doente e se muda do luxo do Ritz-Carlton para um quarto vazio no hospital.

Às duas horas da manhã de 9 de agosto, o agente do Serviço Secreto Larry Newman o desperta gentilmente. JFK se levanta em um instante e toma o elevador do hospital até a unidade pediátrica no quinto andar, acompanhado do dr. Walsh e do agente especial Newman. O veterano do Serviço Secreto já viu muita coisa como parte da equipe de segurança pessoal na Casa Branca e conhece muito bem o temperamento e as questões pessoais do presidente. Newman, que admite não chorar com facilidade, se viu à beira das lágrimas durante essa provação dolorosa.

Agora o agente especial Newman vê a angústia pesando nos ombros do presidente. O dr. Walsh está informando a JFK que Patrick está em estado grave e é improvável que sobreviva até a manhã seguinte. Os pulmões subdesenvolvidos do bebê não estão funcionando de maneira adequada. Ele começou a sofrer períodos prolongados de apneia, em que seu corpo se recusa a respirar.

A porta do elevador se abre. O corredor é escuro e vazio a essa hora da manhã. John Kennedy começa a lenta caminhada até a unidade de terapia intensiva para ver o filho moribundo.

Então o presidente ouve o som de risada de crianças. Curioso, JFK enfia a cabeça na sala de onde vem o som. Duas garotinhas estão sentadas na cama. Elas são pequenas, apenas três ou quatro anos de idade. Ambas têm bandagens cobrindo grandes partes do corpo.

– O que elas têm? – ele pergunta ao dr. Walsh.

– São vítimas de queimadura – explica o médico, e acrescenta que uma das meninas talvez perca a capacidade de usar as mãos.

O presidente vasculha os bolsos à procura de uma caneta, mas não encontra. Isso não é atípico. A única coisa que ele carrega nos bolsos é um lenço.

O agente especial Newman e o dr. Walsh lhe oferecem uma caneta. Uma enfermeira, percebendo que o presidente não tem nenhum papel, encontra uma folha na sala de enfermagem. Então JFK escreve um bilhete às crianças, dizendo

a elas para que sejam corajosas, deixando que saibam que o presidente dos Estados Unidos se importa com seu bem-estar. A enfermeira lhe garante que entregará o bilhete aos pais. “Nada jamais foi dito sobre isso”, Newman se lembrará mais tarde. “Ele simplesmente continuou a fazer o que tinha de fazer – ver o filho. Isso era parte da dicotomia do homem – o diamante bruto.”

Patrick Bouvier Kennedy morre apenas duas horas depois.

– Era um bebê tão bonito – lamenta o presidente para seu assistente Dave Powers. – Ele enfrentou uma tremenda batalha.

Kennedy está segurando a mão do pequeno Patrick quando o bebê dá seu último suspiro. Quando o presidente assimila esse momento terrível, ele está bem ciente de que seu luto não é mantido na intimidade. As enfermeiras, os médicos e seus próprios funcionários estão observando para ver como ele lida com essa situação dolorosa. Lentamente, JFK deixa a sala e caminha pelo corredor do hospital, guardando sua dor para si mesmo.

* * *

No mundo lá fora, há tantas coisas acontecendo. Um filme sobre o velho barco de Kennedy, o *TP-109*, é um grande sucesso no verão, lustrando ainda mais a imagem heroica do presidente. A situação política no Texas é uma confusão cada vez maior que o próprio presidente tentará solucionar visitando o estado daqui a alguns meses. Em Chicago, o gângster Sam Giancana jura revanche contra os irmãos Kennedy por aumentarem a vigilância sobre seu suposto comportamento criminoso. A 150 quilômetros da Flórida, Fidel Castro está furioso com as atividades secretas americanas em Cuba. Na capital do país, Martin Luther King Jr. está prestes a conduzir centenas de milhares de manifestantes em prol dos direitos civis ao Passeio de Washington. No Vietnã, o déspota católico Diem, fumando um cigarro após o outro, está fora de controle. E, finalmente, em Nova Orleans, um imprestável chamado Lee Harvey Oswald está preso por distribuir literatura comunista, levando o FBI a reabrir as investigações sobre sua conduta. Mas, agora, nada disso importa para John Fitzgerald Kennedy.

O filho do presidente morreu. Ele viveu apenas 39 horas. A tristeza é tanta que é quase insuportável.

JFK toma o elevador de volta ao quarto em que estava dormindo. Lá, ele se senta na cama, abaixa a cabeça e chora. “Ele só chorou e chorou e chorou”, Dave Powers recordará mais tarde.

* * *

Cem quilômetros ao sul, Jackie também é tomada por uma tristeza agonizante. A imprensa pulula do lado de fora do hospital na base aérea de Otis.

Algumas horas depois, o presidente chega para ficar com a esposa.

Mesmo em meio a sua dor incrível, a primeira-dama é capaz de perceber o quanto o marido também está sofrendo. Amavelmente, ela lembra-o que eles ainda têm um ao outro, e também a John e Caroline.

– O único golpe que eu não poderia suportar – Jackie diz a JFK – seria perder você.

14

28 DE AGOSTO DE 1963
WASHINGTON D.C.
TARDE

"Há cem anos, um grande americano, cuja sombra simbólica hoje paira sobre nós, assinou a Proclamação da Emancipação", começa Martin Luther King Jr. Suas palavras seguem um roteiro. Seus maneirismos são atipicamente formais, como condiz com um homem falando diante de uma audiência tão grande pela primeira vez.

A icônica estátua de mármore branco de Abraham Lincoln, esculpida por Daniel Chester French, agiganta-se sobre o ombro de King. Um dos punhos de Lincoln forma o sinal da letra *A*; o outro exibe a letra *L*. Os ombros do Emancipador estão curvados, e sua cabeça está um pouco abaixada, como se ele ainda carregasse o grande fardo de ser presidente. Passaram-se cem anos desde que Lincoln libertou os escravos, e agora King está dizendo a uma multidão de centenas de milhares que os negros americanos ainda não são livres.

A multidão está em silêncio quando ele começa a falar. Ele pode ouvir sua inquietação. Os aplausos – quando há – são discretos e educados. King recorda que a América continua sendo uma nação segregada, cem anos depois de os escravos terem sido libertados. É uma ideia poderosa, mas o tom prosaico com que ele diz isso faz as palavras perderem seu verdadeiro impacto.

King continua falando, o sistema de som carregando sua voz pelo Passeio Nacional e as câmeras de televisão transportando voz e imagem aos lares de todo o país.

John Kennedy é considerado um grande orador, em virtude das palavras e frases cuidadosamente escolhidas de seus discursos, assim como Martin Luther King. Mas, em seus melhores dias, o reverendo King leva sua oração a um patamar ainda mais elevado que Kennedy, usando as técnicas que aprendeu nas incontáveis manhãs de domingo falando do púlpito: trovoada e sussurro conforme sua voz sobe e desce, o ritmo inconstante conforme o reverendo acelera e desacelera para manter o ouvinte atento a cada palavra, o prolongamento ou o encurtamento de sílabas para chamar a atenção para um certo ponto. King, em particular, gosta de acentuar a letra *t* quando deseja enfatizar algo.

Normalmente, a fala de King é destemida e segura, transformando palavras de extrema fúria em uma prece cheia de esperança.

Mas hoje seu discurso é morno. As sílabas longas e as palavras preparadas não soam diferentes das de nenhum dos outros oradores do dia. Martin Luther King Jr., verdade seja dita, é maçante.

Ele fala sobre pobreza e sobre o fato de que a América separa os negros dos

brancos. Hoje faz oito anos que Emmett Till foi assassinado. As palavras de King atestam que pouco mudou desde então.

Muitos na multidão viajaram centenas de quilômetros para estar aqui hoje. Negros e brancos. O dia foi longo, horas e horas de discursos – muitos dos quais foram absolutamente entediantes.

Mas Martin Luther King Jr. é o homem que eles esperavam ouvir. E a fadiga e o calor e a claustrofobia, tudo isso é esquecido à medida que essas 250 mil pessoas se esforçam para ouvir cada uma de suas palavras. Elas vieram pela causa dos direitos civis, mas também para ouvir o grande orador definir este dia. Enquanto escutam o discurso, a voz melíflua de King se propagando por sobre os espelhos d'água entre o Memorial de Lincoln e o Monumento de Washington, os ouvintes sabem, lá no fundo, que King os conduzirá à grandeza.

Esta é sua expectativa: que antes de o discurso terminar, Martin Luther King Jr. diga alguma coisa tão marcante que este dia jamais será esquecido. A multidão escuta atentamente, mas o discurso de King já passa dos nove minutos e ele não disse quase nada que os entusiasmasse.

Dois minutos depois, tudo isso muda.

* * *

Enquanto isso, na Casa Branca, John Kennedy assiste ao discurso de King pela televisão. Faz exatamente três semanas desde que Jackie entrou em trabalho de parto com o bebê Patrick. Ela vive sua dor em reclusão em Cape Cod, seu sorriso fácil substituído por um olhar solene de tristeza, seus olhos escondidos detrás de grandes óculos escuros. O presidente tem ficado atento e sai de Washington sempre que possível para estar com ela.

Mas hoje, uma quarta-feira, é um dia em que ele realmente precisa estar em Washington. Bobby Kennedy e seu irmão Teddy, o novo senador por Massachusetts, unem-se a JFK quando King começa a falar.

O procurador-geral é um grande defensor do Movimento pelos Direitos Civis, mas sua relação com o reverendo King é tensa. Isso se deve, em parte, ao fato de que ele escutou as gravações telefônicas de King obtidas por J. Edgar Hoover, e em parte porque Bobby está tentando proteger o presidente.

Desde que King anunciou a Marcha sobre Washington há três meses, foi Bobby quem, relutante, passou a organizador do evento. Ele sabe que a incursão de JFK pelos direitos civis irá fracassar se o comício no Memorial de Lincoln se tornar hostil ou atrair pouca participação. Portanto, o procurador-geral, trabalhando em conjunto com seus funcionários no Departamento de Justiça, tratou de dar forma à marcha para que se pudesse controlá-la facilmente. Ele providenciou para que o Memorial de Lincoln fosse o lugar onde King faria o discurso, porque está delimitado de um lado pelo rio Potomac e do outro pela Tidal Basin. Isso tornaria mais fácil controlar a multidão no caso de um tumulto,

e também manteria os manifestantes longe do Capitólio e da Casa Branca.

Bobby também se assegurou de que os cães policiais de Washington não estariam presentes, porque isso faria as pessoas se lembrarem de Bull Connor e de Birmingham. Ele cuidou para que todos os bares e lojas de bebidas estivessem fechados no dia, que houvesse banheiros químicos disponíveis de modo a evitar o temor do irmão de as pessoas urinarem em lugares públicos, e de que houvesse tropas de prontidão nas bases militares próximas para o caso de a multidão se revoltar. Para não dar a impressão de que o Movimento pelos Direitos Civis era apoiado unicamente por negros, Bobby trabalhou com o Sindicato de Trabalhadores da Indústria Automotiva para encorajar a participação de seus membros brancos. E ele até providenciou que um assistente se posicionasse abaixo da plataforma do orador com uma cópia de "He's Got the Whole World (in His Hands)", na voz de Mahalia Jackson, e a colocasse para tocar no sistema de som no instante em que um dos oradores do dia dissesse algo incitante ou antiamericano.

Não se pode fazer nada que prejudique a imagem da Casa Branca ou seu apoio tardio aos direitos civis.

E tudo isso para apoiar Martin Luther King Jr., a respeito de quem Bobby fez o ácido comentário na noite anterior: "Ele não é uma pessoa séria. Se o país soubesse o que sabemos sobre as atitudes de King, ele estaria acabado."

Assim como os Kennedy estariam acabados se o país soubesse das atitudes do presidente.

Tanto é que o presidente e seus irmãos assistem ao discurso de King com muito interesse, rezando para que seu improvável aliado político cumpra a promessa de uma grande Marcha sobre Washington.

* * *

"Não podemos estar satisfeitos enquanto um negro no Mississippi não puder votar e um negro em Nova York acreditar que não tem motivos para votar", prega Martin Luther King Jr. – e isso é exatamente o que ele está fazendo agora, prestes a se afastar de seu discurso preparado para citar uma passagem do livro de Amós, do Velho Testamento.

A ansiedade de King é tanta que, muitas vezes, ele tem fortes dores de estômago antes de um grande evento. Mas agora esse nervosismo se foi. Sua voz começa a se elevar. Suas sílabas longas se tornam staccato. Ele enfatiza a letra *t* da palavra *gueto*.

Olhando para o Passeio Nacional, King pode ver que o cansaço daquelas centenas de milhares de pessoas escutando seu discurso desapareceu. Sua voz se eleva. Até agora, ele falou em parágrafos, mas, à medida que as palavras começam a fluir, aqueles parágrafos se transformam em frases simples e impactantes.

Martin Luther King Jr. encontrou seu ritmo.

A monotonia se foi. O tom prosaico em sua fala também. Ele agora está de pé no púlpito, um pastor exortando seu rebanho. A voz de King resplandece.

E então, pela primeira vez, ele profere a frase que virá a definir este dia para sempre:

"Eu tenho um sonho!", King proclama.

Agora Martin Luther King é dono da multidão. Todo o Passeio Nacional vai ao delírio.

E então ele lhes conta sobre esse sonho. King descreve um paraíso terreno em que negros e brancos não estão divididos. Ele sonha que até mesmo um estado sulista hostil como o Mississippi conhecerá tais maravilhas.

Nesse momento, o sonho de King é uma grande fantasia na América. Mas ele está colocando em palavras o objetivo final do Movimento pelos Direitos Civis. E, para as pessoas na multidão, ouvir isso sendo afirmado de maneira tão clara e poderosa os enche de emoção e orgulho. Negros e brancos, todos prestam atenção a cada palavra de King. Em um discurso que dura apenas dezesseis minutos, King provou que hoje é, como ele esperava, o grande dia para os direitos civis na história americana.

Quando King se aproxima do grande final, ele está gritando no microfone, e gotas de saliva espirram de sua boca. A imagem de Lincoln olhando por cima de seu ombro é profundamente comovedora quando King invoca o espírito da Proclamação da Emancipação. Está claro para todos os que permanecem no Passeio Nacional que King planeja terminar o que Lincoln começou há tanto tempo, e que os dois homens – divididos por um século de injustiça racial – estarão, desse dia em diante, unidos para sempre na história.

"'Liberdade, finalmente! Liberdade, finalmente!'", ele cita um canto religioso negro, "'Agradeço a Deus, Todo Poderoso, nós finalmente somos livres'."

Enquanto a multidão no Passeio Nacional irrompe em aplausos, sabendo que acabou de presenciar um momento significativo na história da nação, John Kennedy vira para Bobby e avalia o que acabou de ver:

– Ele é impressionante!

* * *

Uma hora depois, Martin Luther King Jr., exultante, encontra John Kennedy no Salão Oval. Há outras onze pessoas presentes, entre as quais Lyndon Johnson, de modo que a visita não é uma reunião de cúpula entre o presidente dos Estados Unidos e o homem mais influente do Movimento pelos Direitos Civis. Mas Kennedy trata de fazer com que King saiba que ele está prestando atenção aos acontecimentos do dia.

– Eu tenho um sonho – ele diz a King, com um aceno de cabeça para

mostrar que aprovou o discurso e que, por enquanto, deixou de lado seus temores com relação a King.

* * *

Mas a Marcha sobre Washington não muda a batalha racial acontecendo no Sul do país. Às 10h22 da manhã do dia 15 de setembro de 1963, menos de três semanas depois de os americanos terem escutado o sonho de Martin Luther King Jr. sobre meninas e meninos negros de mãos dadas com meninas e meninos brancos no Alabama, 26 crianças negras são levadas ao porão da Igreja Batista da Sixteenth Street para a missa da manhã de domingo. Elas estão prestes a ouvir um sermão infantil sobre "o amor que perdoa".

A Igreja Batista da Sixteenth Street é a mesma congregação que lançou a Cruzada das Crianças em Birmingham em maio de 1963. Fica bem em frente o parque onde os cães policiais de Bull Connor atacaram crianças e adolescentes negros inocentes, e atraiu um ódio especial dos grupos defensores da supremacia branca que continuam lutando para impedir a integração racial em Birmingham.

As crianças presentes na igreja nessa manhã de domingo não têm como saber que quatro membros do Ku Klux Klan colocaram uma caixa de dinamite perto do porão. Portanto, a explosão que destrói a calma espiritual da missa é totalmente inesperada. A força da dinamite é tão grande que não só destrói o porão, como também explode a parede dos fundos da igreja e estilhaça todos os vitrais da edificação – exceto um. Esse único vitral sobrevivente contém uma imagem de Jesus Cristo pregando para um grupo de criancinhas.

A janela é simbólica em certo sentido, porque quase todas as crianças no porão nessa manhã de domingo sobrevivem à terrível tragédia. Quatro delas – Addie Mae Collins, Cynthia Wesley, Carole Robertson e Denise McNair – morrem.

O sonho delas chegou ao fim.

2 DE SETEMBRO DE 1963
HYANNIS PORT, MASSACHUSETTS
MEIO-DIA

"Ó, Deus", diz uma pequena placa dada ao presidente, "o mar é tão grande e meu barco é tão pequeno" .

Neste Dia do Trabalho, John Kennedy vê um pequeno barco balançando à distância quando tira seus óculos escuros American Optical Saratoga e se acomoda em uma cadeira de vime na grama do pátio de frente para a praia em Brambletyde. Sentado bem na frente do presidente, o jornalista da CBS Walter Cronkite faz o mesmo, preparando-se para uma das maiores entrevistas para TV da sua vida. Hoje, o assunto são as águas turbulentas em que o presidente dos Estados Unidos navega. Ambos usam ternos escuros, mesmo com o sol de setembro batendo em cheio sobre eles. Cronkite cruza as pernas, e as de Kennedy estão esticadas à frente. O vento bagunça o cabelo cuidadosamente penteado de JFK, obrigando-o, de tempos em tempos, a levantar a mão distraído para arrumá-lo. Cronkite, encalvecendo, não tem esse problema.

Aos 46 anos, quase a mesma idade de Kennedy, Walter Cronkite é considerado o mais importante jornalista de televisão do país. Ele e o presidente têm uma boa relação, e JFK está tão confortável que reclina na cadeira almofadada durante partes da entrevista, como faz quando está pensando em um problema difícil no Salão Oval.

Os dois homens fazem brincadeiras ocasionais enquanto os microfones são instalados em suas roupas, e então se sentam calmamente um de frente para o outro durante a contagem regressiva de dez segundos para a filmagem. Cronkite identifica um sinal fora da câmera, e a entrevista começa.

O locutor dirige suas perguntas a JFK alternando entre um tom elevado de barítono e uma fala arrastada e suave. Seu estilo de entrevistar é afável e até mesmo cálido, não importa o quão ásperas sejam as indagações. Em virtude disso, Kennedy continua completamente à vontade. A entrevista parece uma conversa entre dois amigos bem informados sobre a política americana. E, verdade seja dita, isso não dista muito da mentalidade de Cronkite. Ele é um democrata devoto, embora consiga ocultar esse fato dos espectadores.

– Você acha que vai perder algum estado no Sul em 1964? – Cronkite pergunta.

– Bem, eu perdi alguns em 1960, então suponho que vá perder algum, talvez mais de um, em 1964 – Kennedy sorri tristemente, forçado a revelar uma dolorosa debilidade política. Cronkite está contando aos americanos um segredo só conhecido pelos pesquisadores de opinião pública e por políticos veteranos. –

Eu não sei. É cedo demais para dizer, mas eu diria que... bem, não tenho certeza de que sou a figura mais popular no Sul hoje em dia. Mas está tudo certo. Acho que vamos ter de esperar para ver daqui a um ano e meio...

Agora, há um espírito competitivo nos olhos do presidente. Só de falar sobre a próxima eleição ele fica entusiasmado. JFK ama a emoção da batalha política. E ama ser presidente. Ele é viciado em adrenalina, saboreando a euforia de disputar o poder.

Cronkite pressiona o presidente.

– Quais você acredita que seriam as dificuldades em 1964?

– Bem, é claro, no exterior seria a segurança dos Estados Unidos. Nosso esforço para manter essa segurança. Preservar a causa da liberdade. Em casa, acho que é a economia. Empregos. Oportunidade para todos os americanos.

O presidente, sem consultar anotações, declama uma longa lista de estatísticas. Ele defende a redução de impostos, para evitar uma recessão, diz, e corrobora isso com especificações financeiras detalhadas sobre como reduzir a carga tributária poderia estimular a economia.

Cronkite finalmente aborda o assunto delicado do Vietnã. A cada dia que passa, os americanos ficam mais preocupados com o envolvimento dos Estados Unidos nessa nação conturbada. A tão noticiada opressão aos budistas fez alguns americanos esquecerem que o comunismo é a principal razão pela qual as tropas estão no Vietnã. Há cada vez mais clamores para que a América saia do sudeste asiático e deixe os vietnamitas travarem sua própria guerra.

– Todos disseram que o governo usaria a diplomacia no Vietnã – começa Cronkite, enfatizando o *ã* da segunda sílaba –, o que presumi que vínhamos tentando o tempo todo. O que podemos fazer nessa situação que parece ser similar a outras tentativas fracassadas de lidar com governos impopulares?

Cronkite tem uma presença reconfortante diante da câmera que costuma inspirar a confiança dos espectadores. O presidente sabe que convencer esse jornalista de suas visões sobre o Vietnã é o mesmo que convencer os eleitores assistindo em casa.

– A guerra está indo melhor – começa JFK. – Mas isso não significa que os acontecimentos dos dois últimos meses não sejam nefastos. Eu não acredito que se não houver mais esforço por parte do governo seja possível ganhar essa guerra. No fim das contas, a guerra é deles. São eles que têm de ganhar ou perder.

O presidente se abstém de dizer que as tropas americanas devem ser removidas, apesar do fato de que dezenas de americanos já foram mortos travando as batalhas de outro país. Ele expressa sua preocupação de que, se o Vietnã sucumbir aos comunistas, o resto da Ásia também o fará. JFK lista os países que serão abatidos, começando com a Tailândia e seguindo até a Índia.

– Estamos em uma luta desesperada contra o comunismo – ele insiste –, e

não quero que a Ásia passe para o controle dos chineses.

A voz de Kennedy se intensifica, mostrando seu desprezo por Diem, o presidente do Vietnã, e pelos inimigos que espalhariam o comunismo pelo mundo. Este não é o John Kennedy que alguns consideram um jovem agradável que foi eleito graças à boa aparência e ao dinheiro do pai. JFK se transformou em um verdadeiro líder mundial. Ele combina disciplina com uma poderosa ética do trabalho, conhecimento, coragem e compaixão.

A entrevista termina depois de vinte minutos. Em seguida, o presidente tira os óculos escuros do bolso do paletó e os coloca de volta. Ele e Cronkite trocam algumas palavras sobre o custo de produzir um programa de TV de meia hora, mas sua atenção logo se volta para um pequeno veleiro que desliza preguiçosamente pela água. É um ponto num oceano que se estende pelo horizonte até o infinito. Ambos os homens são velejadores, fascinados pela água.

O clima na baía é calmo. A turbulência não está muito longe. A entrevista fluiu de maneira impecável. O presidente agora pode relaxar com a família durante o resto da tarde, desfrutando de um momento de paz em meio a toda a tristeza e comoção do mês anterior.

Kennedy e Cronkite mudam a conversa para veleiros, até que é hora de retirar os microfones. Em Brambletyde, a apenas alguns metros dali, Jackie Kennedy, de luto, se esconde das câmeras – e do mundo. O presidente vem passando mais tempo não só com Jackie, mas também com Caroline e John, nadando no mar, permitindo que eles viajem no helicóptero presidencial e assistindo às aulas de equitação de Caroline. Ele encoraja a esposa a fingir para a mídia que está tudo bem, mas ela simplesmente não está pronta.

Jackie logo interromperá a reclusão que impôs a si mesma. Ela decidiu passar algumas semanas na Grécia com a irmã, Lee Radziwill, para aliviar a dor. A mera perspectiva dessa viagem, que só ocorrerá daqui a um mês, traz um raro sorriso ao rosto da primeira-dama.

* * *

Walter Cronkite e John Kennedy se despedem. E nesta tarde perfeita de Dia do Trabalho, com o vento soprando do Atlântico e o sol aquecendo seus rostos, nenhum dos dois homens pode saber que será Cronkite quem aparecerá em cadeia nacional daqui a apenas doze semanas para fazer uma declaração que chocará o mundo.

25 DE SETEMBRO DE 1963
BILLINGS, MONTANA
FIM DA TARDE

Os dias 21 e 22 de novembro estão se aproximando.

Essas datas estão na memória de John F. Kennedy quando ele está na pista de rodeio no centro de exposições do condado de Yellowstone, dirigindo-se a uma grande multidão. Billings, Montana, tem apenas 53 mil habitantes, e a impressão é de que cada um de seus cidadãos veio receber o presidente. Uma banda marcial confere ainda mais pompa ao evento.

"O potencial deste país é ilimitado", Kennedy começa, e é quase como se ele estivesse falando sobre si mesmo. Só nos últimos cinco dias, ele ajudou os agricultores de Montana, aprovando uma grande venda de trigo para a União Soviética, intermediou uma proibição global ao teste de armas nucleares, reduziu as alíquotas do imposto de renda e até esteve diante da assembleia geral das Nações Unidas prometendo enviar homens à Lua. O discurso de JFK naquele dia foi tão marcante que até os soviéticos aplaudiram. Agora, em Billings, a luz do sol está diminuindo, mas ainda aquece enquanto o presidente fala na arena de terra ao ar livre, as Rocky Mountains grandiosas ao fundo. O dia tem cheiro de outono. O casaco e a gravata de Kennedy parecem excessivamente formais em comparação com os jeans e as botas de vaqueiro que a maioria do público está vestindo, e seu sotaque de Boston é quase dissonante neste icônico cenário no Oeste do país. E quando Kennedy fala sobre as maravilhas do Oeste americano, ele cita Henry David Thoreau – um homem de Massachusetts que nunca atravessou o Mississippi.

Mas os bons cidadãos de Montana não se importam nem um pouco. Eles prestam atenção a cada palavra do presidente, emocionados que John Fitzgerald Kennedy tenha vindo à sua cidade como parte de sua turnê por onze estados do Oeste. O objetivo do presidente é conseguir apoio para sua próxima campanha. Em 1960, Nevada foi o único estado do Oeste onde Kennedy ganhou. Ele não só perdeu Montana e seus quatro votos eleitorais, como o condado de Yellowstone votou contra JFK em uma proporção de 60 % para 38 %.

Mas isso foi há três anos.

Hoje, o presidente foi cercado pela multidão quando o Air Force One aterrissou no aeroporto de Billings. Homens e mulheres de todas as idades se aglomeravam para apertar sua mão. Kennedy, para desespero dos guarda-costas do Serviço Secreto, colocou a vida em risco ao se embrenhar na multidão com entusiasmo. Ele sabia que nada faria essas pessoas mais felizes do que ir para casa esta noite e dizer que haviam tocado o presidente. Milhares seguiram o

comboio até o centro de exposições, incluindo homens a cavalo.

Parecia que JFK poderia ganhar Montana se a eleição acontecesse amanhã. E o sucesso no Oeste é uma parte fundamental da estratégia de reeleição de Kennedy. Uma vitória no Texas, por exemplo, quase garantiria sua vitória em 1964.

E, por isso, o assessor especial Kenny O'Donnell escolheu os dias 21 e 22 de novembro como as datas prováveis da tão esperada viagem de Kennedy ao Texas para levantar fundos para a campanha.

O presidente prevê uma grande turnê pelo estado, com paradas em cinco cidades importantes: San Antonio, Fort Worth, Dallas, Houston e Austin. O governador do Texas, John Connally, o democrata conservador que vem mantendo uma discreta distância política do presidente, é secretamente a favor de um itinerário menos ambicioso. Dallas, por exemplo, não é território de Kennedy. É uma cidade onde se veem adesivos de para-choque com a frase "K.O. the Kennedys" [Fora os Kennedy]. E jogos sobre "qual dos Kennedy você mais odeia?" são lugar-comum. As crianças vaiam o nome do presidente nas salas de aula, e um cartaz de Kennedy popular na região, concebido para parecer uma ficha policial, contém os dizeres: "Procurado por traição. Este homem é procurado por atividades desleais contra os Estados Unidos".

Ainda mais nefastas são as piadas pró-assassinato – uma situação ainda mais problemática considerando-se o elevado índice de homicídio em Dallas. Mais assassinatos são cometidos no Texas do que em qualquer outro estado, e ocorrem mais homicídios em Dallas do que em qualquer outra cidade do Texas. O estado não regula nem registra as armas de fogo, e 72 % dos assassinatos são por tiros.

Não há dúvida de que a visita de John F. Kennedy à "capital do ódio", como Dallas era chamada, é cheia de complicações.

Na próxima semana, o presidente discutirá com John Connally, na Casa Branca, essa questão e outros detalhes da viagem. Em mais uma confirmação de que Lyndon Johnson não tem lugar nos planos futuros de John Kennedy, o vice-presidente não foi convidado para a reunião e nem sequer informado a respeito.

Uma estatística sobre a viagem ao Texas é a mais gritante de todas: mais de 62 % dos eleitores de Dallas rejeitaram John Kennedy em 1960.

Mas JFK adora um desafio. Se Billings, Montana, pode ser conquistada, por que não Dallas?

* * *

Enquanto isso, no exato momento em que o presidente Kennedy está falando em Montana, Lee Harvey Oswald já está a caminho do Texas – e além. Vestindo uma calça casual e uma jaqueta com zíper, Oswald viaja no ônibus 5121 da Continental Trailways com destino a Houston. De lá, ele tomará outro ônibus para a Cidade do México, ao sul. Ao contrário das forças americanas (que

incluíam o jovem Ulysses S. Grant e Robert E. Lee), que levaram um ano para concluir o percurso em 1846 durante a guerra entre o México e os Estados Unidos, Oswald fará a viagem em apenas um dia.

Oswald está viajando como alguém que jamais voltará. Ele não tem casa, porque acabou de abandonar seu esquálido apartamento em Nova Orleans. Quando a proprietária veio cobrar os dezessete dólares de aluguel atrasado, Oswald a dispensou com uma mentira e logo depois desapareceu na calada da noite.

A soma de todas as posses de Oswald agora está dividida entre sua carteira e as duas malas de roupas armazenadas no bagageiro do ônibus.

Quanto à família, Oswald já não tem mais. Há dois dias, ele mandou Marina, grávida de oito meses, e June, sua filha de dezenove meses, para morar com Ruth Paine, uma amiga de Marina, nos arredores de Dallas. Marina, sem saber, foi um títere nas mãos de Oswald durante os últimos meses; sua cidadania soviética era fundamental para o objetivo do marido de retornar à União Soviética. Não está claro se ela sabe que ele está viajando para o México – ou que ele teve de deixar o país.

Mas Oswald bolou um novo plano brilhante – que não requer Marina. Então, assim como abandonou o apartamento, agora ele também abandona a família. Cada quilômetro que o ônibus percorre pelos bosques de pinheiros e pelas terras pantanosas da via costeira do Texas coloca Lee Harvey Oswald um quilômetro mais longe das algemas de seu casamento tumultuoso e amargo.

Por enquanto, Oswald abandonou seu plano de voltar à União Soviética. Em vez disso, ele sonha em viver em Cuba, o paraíso tropical dos trabalhadores. Mas, nos Estados Unidos, é impossível obter um visto para ir a Cuba porque os dois países cortaram relações diplomáticas. Por isso, Oswald está tomando o ônibus para a Cidade do México, a fim de visitar a embaixada cubana lá.

Lee Harvey Oswald nunca se encaixa, não importa aonde vá. Ele não é um pária porque isso significaria ser aceito em um grupo para então ser rejeitado. Em vez disso, ele é algo muito mais imprevisível – e mais perigoso: é um membro paralelo da sociedade, um lobo solitário extremamente suscetível, atuando no seu próprio ritmo e segundo suas próprias regras, sempre à procura daquele lugar onde ele possa se entrincheirar, daquela identidade que lhe permita ser o grande homem que ele tanto deseja ser. Oswald acredita que Cuba é o lugar. E, em sua cabeça, ele fez muitas coisas para impressionar o ditador cubano, Fidel Castro. A época de Oswald em Nova Orleans distribuindo panfletos para a comissão Fairplay for Cuba foi sua maneira de demonstrar lealdade a Fidel. Marina Oswald mais tarde dirá que Lee Harvey planejou até mesmo sequestrar um avião que o levaria direto a Havana.

Às duas da manhã de 26 de setembro, Lee Harvey Oswald troca de ônibus em Houston, passando ao 5133 da Continental Trailways. Um dia depois, ele

chega à Cidade do México. Durante toda a jornada ele é conversador – prepotente, até –, desesperado para impressionar os demais passageiros. Ele os entretém com histórias de sua época na União Soviética e seu trabalho com a comissão Fairplay for Cuba. Ele inclusive faz questão de lhes mostrar os carimbos soviéticos em seu passaporte. Sempre que o ônibus faz uma parada para uma refeição, Oswald, magérrimo, devora pratos da cozinha mexicana. Ele não fala espanhol, que precisará aprender para sua nova vida em Cuba. Então, por enquanto, escolhe a comida colocando um dedo aleatoriamente sobre um item do cardápio e esperando ter sorte.

Na carteira, Oswald carrega quase duzentos dólares, um visto de turismo mexicano que lhe permite uma viagem de quinze dias ao país e dois passaportes – um da época em que vivia na União Soviética e o outro novo, recém-emitido pelo governo dos Estados Unidos. Em sua bolsa esportiva azul, Oswald enfiou um dicionário inglês-espanhol, notícias recortadas de jornal que provam que ele foi preso enquanto atuava como agitador político em nome de Cuba, sua permissão de trabalho em russo, de sua época em Minsk, e prova de seu casamento com uma cidadã soviética. Ele também carrega um caderno contendo anotações nas quais explica que fala russo e que é um amigo devoto do Partido Comunista.

Como todos os verdadeiros comunistas, Lee Harvey Oswald é um ateu declarado, e portanto não reza para que sua viagem seja um sucesso. Em vez disso, ele deposita sua fé no calhamaço de documentos que carrega.

Oswald sabe que a jornada é uma aposta. Pode ser que ele faça todo o percurso até a Cidade do México e tenha seu visto recusado. Se isso acontecer, os dólares preciosos gastos em viagem, comida e alojamento terão sido desperdiçados. É um risco que ele precisa correr.

O ônibus chega à Cidade do México às dez horas da manhã. Em seguida, Oswald se separa de seus novos conhecidos e está outra vez à deriva. Ele faz o check-in no Hotel de Comercio, a apenas quatro quadras do terminal de ônibus, pagando 1,28 dólar por noite. E, embora esteja exausto após as cansativas 24 horas de viagem, ele caminha imediatamente até a embaixada cubana.

* * *

John Kennedy está viajando para o oeste. Lee Harvey Oswald está viajando para o sul. E Jackie Kennedy está viajando para o leste. Ela e a irmã, Lee, estão a caminho da Grécia. Elas passarão duas semanas a bordo do iate *Christina*, pertencente ao misterioso mulherengo Aristóteles Onassis, um homem que vem sendo investigado pelo FBI há quase vinte anos por suas práticas de negócio inescrupulosas. Entre outras coisas, Onassis foi investigado por fraude contra o governo americano e por violação das leis americanas de navegação em meados dos anos 50. Não é de admirar que, em 1961, quando a primeira-dama foi sozinha ao exterior em uma viagem beneficente, o presidente Kennedy deu

instruções muito claras ao encarregado da segurança pessoal de Jackie: “O que quer que aconteça na Grécia, não permita que os caminhos da sra. Kennedy e de Aristóteles Onassis se cruzem”.

O magnata grego, um grande empresário da marinha mercante, é moreno, mais de vinte anos mais velho que Jackie e quase oito centímetros mais baixo. Ele também é um dos homens mais ricos do mundo. Seu iate tem sido palco de muitas funções sociais, e homens como JFK e Winston Churchill estiveram a bordo dele. A última vez em que a primeira-dama esteve a bordo do *Christina* – que, com seus cem metros de comprimento, é famoso pela opulência como torneiras de ouro maciço – foi há quase dez anos, como convidada com JFK. Na época, Jackie Kennedy achou o barco vulgar e considerou particularmente de mau gosto os assentos dos bancos do bar, feitos de bolsa escrotal de baleia. Mas agora sua irmã está interessada em Onassis, embora o grego imponente esteja tendo um caso com a estrela de ópera Maria Callas. Entendendo a situação, Jackie acompanha a irmã para dar apoio emocional.

A primeira-dama jamais se atreveria a ser fotografada de biquíni em solo americano. Uma imagem sua em um traje de banho revelador seria um escândalo, talvez até politicamente nociva para o marido. Mas a Grécia fica a meio mundo de distância das restrições e dos cuidados de ser uma primeira-dama.

Jackie precisa de um tempo de tudo aquilo. Durante as próximas duas semanas, tudo que ela quer é ser mimada e agir de forma espontânea. A primeira-dama perdeu todo o peso que ganhou durante a gravidez. Seria uma pena não exibir a nova silhueta esguia na privacidade de seu ambiente opulento. Portanto, ela pede à equipe que coloque um biquíni em sua mala antes de embarcar no TWA 707 rumo à Grécia em 1o de outubro.

Faz exatamente 52 dias desde que ela padeceu a tragédia da morte de seu bebê Patrick. Faltam exatamente 52 dias para ela padecer outra tragédia inominável.

6 DE OUTUBRO DE 1963
CAMP DAVID, MARYLAND
10h27

O presidente dos Estados Unidos está furioso. John Kennedy dirige um carro de golfe até o restaurante militar de Camp David para a missa de domingo. O caminho pavimentado atravessa um bosque denso, fazendo-o passar pelas cabanas de hóspedes, Hawthorn, Laurel, Sycamore e Linden, em seu percurso de três minutos. Com ele, estão Caroline, de cinco anos, e John Jr., que completará três no mês que vem. Mas não é a política que ocupa os pensamentos do presidente – sua viagem para o Texas está planejada. (Após uma reunião com o governador John Connally há dois dias, a tão necessária incursão política é um negócio fechado.) Tampouco as pressões do Gabinete. E certamente não foram as crianças que perturbaram JFK – o presidente está entusiasmado por estar passando um fim de semana a sós com Caroline e John. Ele até pediu ao famoso fotógrafo da revista *Look*, Stanley Tretick, que tirasse algumas fotos informais dos três se divertindo.

Não, o que está deixando o presidente tão irritado é a primeira-dama. Ela não atende o telefone.

Como se não bastasse Jackie Kennedy estar se divertindo pelo Mediterrâneo com Aristóteles Onassis, um homem em quem o presidente não confia, as fotos de suas aventuras na Grécia são notícias de primeira página do mundo inteiro, levando muitos a perguntarem por que o presidente está permitindo que a esposa esteja em companhia de um homem investigado por fraude contra o governo americano. Mas possivelmente o pior de tudo é que Aristóteles Onassis é um famoso galanteador.

Uma simples conversa telefônica com Jackie poderia aliviar a tensão de Jack. Mas agora a primeira-dama está inalcançável. Mesmo planejando um horário e levando em conta a diferença de fuso, o homem mais poderoso do mundo não consegue falar com a esposa. JFK não sabe se ela o está evitando ou se o *Christina* realmente não conta com tecnologias de comunicação modernas.

A situação está deixando Kennedy não só irritado como também com ciúme.

Apesar das objeções do marido, a primeira-dama passou duas semanas como hóspede no iate Christina, *do magnata grego Aristóteles Onassis, em 1963.* (Associated Press)

* * *

Quatro meses. Quatro longos meses. É o tempo que Lee Harvey Oswald

terá de esperar para obter um visto soviético, o que se mostrou necessário para que as autoridades cubanas lhe concedam os documentos de viagem.

Oswald não tem dinheiro suficiente para esperar quatro meses. Ele precisa ir para Cuba agora.

E então ele fica cara a cara com o cônsul Eusebio Azcue no consulado cubano na Cidade do México, discutindo com ele sobre o visto soviético. A conversa há muito deixou de ser civilizada. Oswald está "extremamente agitado e furioso", aos olhos de um funcionário do consulado cubano. Em vez de ser respeitoso para com o homem que controla sua entrada no país comunista, Oswald está gritando com ele.

Finalmente, Azcue perde a paciência. O diplomata que há nele desapareceu, e ele se dirige ao americano com toda a franqueza:

– Uma pessoa como você – Azcue diz a Oswald em inglês macarrônico –, em lugar de ajudar a Revolução Cubana, está prejudicando.

Azcue conclui dizendo a Oswald que ele nunca obterá a permissão de trabalho para entrar em Cuba.

O cônsul vira as costas e retorna ao seu escritório, deixando Oswald arrasado: seu sonho de escapar para Cuba chegou ao fim. Uma funcionária consular entrega a Oswald um pedaço de papel com seu nome e as informações de contato da embaixada, para o caso de ele querer tentar novamente.

Desanimado, Oswald passa o fim de semana na Cidade do México, empanturrando-se da comida local e indo a uma tourada. Mas seu desespero é cada vez maior.

Então, ele toma o ônibus de volta a Dallas, onde aluga um quarto no YMCA e procura trabalho. Envergonhado, telefona para Marina, que continua morando com a amiga Ruth Paine e está prestes a dar à luz o segundo bebê. Paine é uma dona de casa quacre que foi apresentada aos Oswald por George de Mohrenschildt, o russo bem-educado com possíveis conexões com a CIA que Oswald conheceu no verão de 1962.

Ruth Paine fala um pouco de russo, o que ajuda a fazer Marina se sentir mais em casa. Todos os bens de Marina estão guardados na garagem de Ruth. Entre eles, há um cobertor verde e marrom enrolado, no qual está escondido o fuzil de Lee Harvey Oswald. Ruth Paine, sendo uma quacre pacifista, jamais permitiria uma arma em sua garagem, mas ela não faz ideia de que o fuzil está lá.

Oswald diverte Marina com histórias sobre o México, mas também admite que a viagem foi um fracasso. Marina escuta e acredita que o marido tem chance de melhorar. Mas ela se recusa a morar com ele. Então, enquanto procura emprego, Oswald telefona à esposa sempre que pode, e às vezes pega carona de Dallas até a residência dos Paine para vê-la.

Finalmente, graças a uma recomendação gentil de Ruth Paine, ele encontra

um emprego. É um trabalho servil para um homem como Oswald, com um QI relativamente alto (118), e consiste apenas em encaixotar livros para remessa. Mas ele e Marina estão felizes. Talvez seja o sinal de um novo começo.

Às oito horas da manhã do dia 16 de outubro, uma quarta-feira, Lee Harvey Oswald se apresenta para o seu primeiro dia de emprego no Texas School Book Depository, um depósito de livros escolares. O edifício de tijolos vermelhos de sete andares fica na esquina da Elm Street com a North Houston e tem vista para a Dealey Plaza, assim batizada em homenagem a um ex-editor do *Dallas Morning News*. Por sorte, o Hospital Parkland Memorial fica a apenas seis quilômetros e meio dali, para o caso de Marina entrar em trabalho de parto durante o turno de Oswald.

No dia 18 de outubro, Oswald recebe uma surpresa de aniversário: inexplicavelmente, a embaixada cubana na Cidade do México voltou atrás e lhe concedeu um visto de viagem. Mas é tarde demais. Ele partiu para outra.

Em 20 de outubro, Audrey Marina Rachel Oswald nasce no Parkland Memorial. Lee Harvey não vai ver a esposa e a filha imediatamente, temendo que o hospital o presenteie com uma conta que ele não poderia pagar.

Essa ausência da vida da filha recém-nascida é algo com que Marina e a bebê terão de se acostumar. Porque Lee Harvey não estará por perto para ver a jovem Audrey Marina Rachel Oswald crescer.

* * *

Jackie Kennedy está de volta a Washington. Entre seu verão em Cape Cod, duas semanas de setembro em Newport, Rhode Island, e as duas semanas na Grécia, ela esteve ausente da Casa Branca por quase quatro meses. A data é 21 de outubro, e é hora da ceia na Casa Branca. A primeira-dama convidou o correspondente da *Newsweek*, Ben Bradlee, e sua esposa, Tony, para cear com eles. A refeição será servida na residência da família no segundo andar da Casa Branca, que Jackie remodelou em 1961, tendo escolhido a dedo o papel de parede antigo com cenas que retratam a Revolução Americana.

E, embora a refeição desta noite seja leve e a conversa animada, este cômodo tem fantasmas. O presidente William Henry Harrison morreu aqui, em seu leito, de pneumonia em 1841. Aos onze anos de idade, o filho de Abraham Lincoln, Willie, adoeceu e morreu aqui em 1862. E o próprio Lincoln foi embalsamado neste recinto depois de ter sido assassinado. E, logo antes da virada do século, este aposento com pé direito alto serviu como o quarto de William McKinley, que também foi morto pela bala de um assassino.

Este jantar de improviso é o tipo de reunião que a primeira-dama tanto apreciava antes da morte do bebê Patrick. Faz tempo que os Kennedy não recebem amigos só por diversão. E, embora Jackie tenha cancelado todas as obrigações sociais formais até janeiro de 1964, este jantar simples é uma

tentativa de recomeçar uma vida normal. Ela esperou até o fim da tarde para confirmar que a agenda do presidente estava livre. Os Bradlee só receberam o convite às sete horas da noite, mas ficaram muito felizes em deixar tudo e vir.

O presidente teve um dia terrível. O conflito racial ocorrendo em Birmingham e as disputas ferrenhas em torno da legislação sobre direitos civis em Washington o deixaram de péssimo humor. Mas os Bradlee possivelmente são os amigos mais próximos dos Kennedy em Washington, e o presidente sabe que, com eles, suas palavras ficam entre quatro paredes. Sendo assim, Jackie fez bem em convidar Ben e Tony. JFK, sentado à mesa em manga de camisa, toma um drinque e alivia as tensões falando de política. Grande parte da conversa gira em torno do que ele planeja fazer se for reeleito. "Talvez depois de 1964", Kennedy diz repetidas vezes. "Talvez depois de 1964."

Mas 1964 talvez não seja um ano de vitória, e John Kennedy sabe disso. As coisas estão se tornando obscuras em Camelot. Até as férias recentes de Jackie acabaram se revelando um inconveniente. Sua adoração pela cultura e pela moda europeia há muito contrastam com as sensibilidades mais pragmáticas do público americano. A popularidade extraordinária da primeira-dama um dia a tornara imune a ataques políticos. Este já não é o caso.

Menos de dois meses depois de ela ter sofrido a dor brutal de perder um filho, os republicanos no Congresso decidiram que ela é um alvo legítimo. Eles a atacam publicamente por sua viagem à Grécia, acusando a primeira-dama de não passar de uma hedonista. "Por que a primeira-dama não visita mais o seu próprio país em vez de perambular pela Europa?", pergunta o membro do Congresso Oliver Bolton, de Ohio.

A imprensa também está escrevendo histórias longas sobre as festas frequentes no iate de Onassis. Alguns repórteres estão pintando a primeira-dama como alguém sempre em busca de prazeres. "Esse tipo de comportamento parece adequado para uma mulher de luto?", pergunta o *Boston Globe*. Uma fotografia publicada mostra Jackie contente sendo auxiliada a embarcar no *Christina* por um membro da tripulação – um rapaz jovem, sem camisa, forte e bronzeado. Outra imagem, de Jackie tomando sol de biquíni, foi estampada nas primeiras páginas do mundo inteiro. Pela primeira vez, a família do presidente está sob o cerco da mídia.

A agência de notícias United Press International está questionando inclusive a moral da primeira-dama, insinuando que seu banho de sol é excessivamente sensual. "A sra. Kennedy se permite ser fotografada em posições e poses que jamais se permitiria nos Estados Unidos", diz a matéria. O repórter prossegue, acrescentando, com malícia, que seria amável da parte do presidente e da primeira-dama retribuir a hospitalidade convidando Aristóteles Onassis à Casa Branca da próxima vez em que ele vier aos Estados Unidos.

Agora, na mesa de jantar da Casa Branca, o bronzeado intenso da primeira-

dama é o lembrete mais óbvio da fragilidade política de seu marido. Mas ela parece não perceber a dor que está causando. Jackie defende Onassis para o marido e os Bradlee, dizendo a eles que o grego é uma pessoa "atenta e cheia de vida" – o que, é claro, só deixa o presidente com mais raiva.

John Kennedy não sabe tudo o que aconteceu, ou não, a bordo do *Christina*. Ele sabe sobre as massagens, os jantares com caviar e os tragos de vodca. Ele também entende que a esposa esteja atraída pela opulência do *Christina* e pela grande riqueza de Aristóteles Onassis. O que o presidente não sabe é se sua esposa foi infiel, embora seja bem provável que não, sobretudo estando acompanhada da irmã, que tinha planos com relação a Onassis. Mas o presidente sente que algo está perturbando a primeira-dama e já confidenciou a Ben Bradlee os "sentimentos de culpa de Jackie".

Agora ele usa essa culpa em vantagem própria.

– Quem sabe agora você vem ao Texas conosco no próximo mês – o presidente diz com um sorriso circunspecto.

Ele está obstinado com que Jackie faça essa viagem. E não só para responder as acusações de que ela visitou mais a Europa do que a América. A primeira-dama é muito mais popular no Sul do que ele, principalmente entre as eleitoras. Jackie não faz uma aparição em campanha desde 1960, mas sua presença no Texas poderia dissipar parte da animosidade em torno da visita do presidente. "Jackie ensinará àquelas moças do Texas uma ou duas coisinhas sobre moda", diz JFK.

O fato é que Jackie *quer* estar ao lado dele – aconteça o que acontecer. Ela está cansada de estar distante do marido.

Foi nesse espírito que Jackie revelou seus sentimentos mais profundos a JFK em uma carta escrita à mão em 5 de outubro, logo depois que o *Christina* levantou âncora.

"Se eu não tivesse me casado com você, minha vida teria sido trágica, porque a definição de trágico é desperdício", ela escreve na privacidade de sua cabine pessoal, batizada com o nome da ilha grega Chios. Como é seu costume, Jackie substitui a pontuação normal por hífens. A primeira-dama prossegue, admitindo que lamenta pela filha, Caroline, pois será impossível para ela se casar com um homem tão maravilhoso quanto o pai.

O casamento dos Kennedy pode ser comedido, às vezes; muitas coisas não são ditas. Mas, em outras ocasiões, a paixão fervilhando é tão palpável que o povo americano a sente só de ver JFK e Jackie lado a lado. O amor entre o presidente e a primeira-dama é inegável, e esse sentimento flui pelas palavras que ela escreve. Nesse dia, no *Christina*, Jackie escreve uma linha após a outra, até que o simples bilhete de amor se transforma em uma carta de sete páginas.

"Eu te amei desde o primeiro dia em que te vi", confessa a carta de Jackie. Seu aniversário de dez anos de casamento havia sido em 12 de setembro. "Dez

anos depois, eu te amo ainda mais."

Agora, duas semanas depois, na Casa Branca, esse homem que ela tanto ama a quer em uma viagem ao Texas. Como ela poderia dizer não?

– É claro, Jack, eu vou. Nós faremos campanha – a primeira-dama responde. O que quer que tenha acontecido no *Christina* ficou no passado. O futuro está olhando intensamente para ela com aqueles belos olhos verde-acinzentados que ele tem. – Eu farei campanha com você onde você quiser.

Então, a primeira-dama pega sua agenda vermelha e anota a palavra *Texas* nos dias 21, 22 e 23 de novembro.

PARTE III

O MAL VENCE

24 DE OUTUBRO DE 1963
DALLAS, TEXAS
NOITE

Jacqueline Kennedy não faz nem ideia. Se ela pudesse ver o inferno que seu amigo Adlai Stevenson está passando em Dallas nesta noite agradável, ela talvez não estivesse tão otimista quanto a viajar ao Texas com o marido.

Conhecida como "Big D", Dallas é uma cidade seca e poeirenta, insuportavelmente quente no verão e incomodamente fria no inverno. É cercada por algumas das paisagens menos notáveis da América. É uma cidade dura, sustentada pelo comércio e pelo petróleo, e motivada por uma única coisa: dinheiro. A série de televisão *Dallas* um dia será vista como uma caricatura dessa fixação por riqueza extravagante, mas a Dallas real não é diferente.

Em cinquenta anos, Dallas será uma metrópole cosmopolita, lar de uma população diversa e de uma ampla gama de corporações multinacionais. Mas em 1963 seus 747 mil habitantes são predominantemente brancos, 97 % protestantes, e a cada dia mais numerosos e conservadores, à medida que abundam migrantes do Texas rural e da Louisiana.

Dallas é uma cidade da lei e da ordem. Ou quase. Multas pesadas sobre os delitos fazem as prostitutas migrarem a Fort Worth, perto dali, onde os assassinatos estão aumentando. Dallas está cheia de igrejas batistas e metodistas, mas também é o lar do Carousel Club, um bar de strip-tease no centro da cidade pertencente a um mafioso de 52 anos chamado Jacob Rubinstein – também conhecido como Jack Ruby. Neste lugar, tiras e jornalistas costumam beber lado a lado.

Acima de tudo, Dallas é uma cidade que não confia nos forasteiros ou em suas visões políticas – principalmente as dos ianques liberais. E os cidadãos locais não disfarçam o menosprezo. As lojas de judeus às vezes são desfiguradas por suásticas.

Nesta noite em particular, Adlai Stevenson está vivenciando na própria pele o que alguns chamam de "atmosfera de ódio" de Dallas. Ele é um democrata convicto que concorreu duas vezes com Dwight Eisenhower, tendo sido derrotado em ambas. Definitivamente, o Texas não é território de Stevenson, mesmo que uma grande multidão esteja agora sentada no auditório do Memorial. A ocasião é o Dia das Nações Unidas. Na noite passada, o general Ted Walker, um fanático direitista, falou no mesmo local, fazendo um discurso violento contra as Nações Unidas. O homem que certa vez tentou matá-lo estava presente: Lee Harvey Oswald.

Agora, quando Stevenson tenta falar, ele mal é ouvido. Repetidas vezes é

importunado e vaiado por um grupo extremista conhecido como National Indignation Convention. De propósito, eles pronunciam mal o nome do nobre diplomata, chamando-o “Addle-Eye” (algo como “Olho Estragado”).

Stevenson tolera pacientemente o abuso, permanecendo quieto no púlpito, esperando que a calma se restabeleça. Mas isso parece impossível. Então, ele por fim encara um dos importunadores:

– Sem dúvida, meu caro, eu não preciso vir de Illinois até aqui para ensinar bons modos aos texanos, preciso?

É quando as coisas pioram.

Robert Edward Hatfield, de 22 anos, corre até o palanque e dá um grande cuspe no rosto de Stevenson. Quando os policiais capturam Hatfield, ele cospe neles também. Adlai Stevenson já viu o suficiente. Enxugando o rosto, ele sai do auditório. Mas o caos não termina. Aguardando do lado de fora, uma multidão de manifestantes contra as Nações Unidas o enfrenta. Em vez de deixar Stevenson caminhar de volta ao hotel pacificamente, os manifestantes bloqueiam a passagem e caçoam dele. Uma agitadora, Cora Frederickson, de 47 anos, golpeia o embaixador na cabeça com seu cartaz de protesto.

Ainda assim, Stevenson tenta ser diplomático. O político de 63 anos de idade dispensa a polícia de Dallas, que corria para fazer a segunda detenção da noite.

– Qual o problema? – Stevenson pergunta à mulher que o golpeou. – Posso ajudá-la em algo?

– Se você não sabe qual o problema, eu não sei por quê. Todo mundo sabe – ela grita furiosa, com seu fanhoso sotaque texano.

John Kennedy não gosta de Adlai Stevenson. Mas o presidente se abala quando fica sabendo dos ataques cruéis. Agora, as muitas notícias negativas que ele ouviu sobre Dallas estão sendo confirmadas. Amigos de confiança persuadiam-no a cancelar esse trecho da viagem ao Texas. Já em 3 de outubro, o senador William Fulbright, do Arkansas, havia confidenciado a John Kennedy que estava com medo de entrar em Dallas, referindo-se à cidade como “um lugar perigoso”. “Eu não iria até lá”, ele disse a JFK. “Não vá.”

O evangelista Billy Graham também está recomendando ao presidente que fique longe de Dallas. Henry Brandon, do *Sunday Times*, de Londres, tem tanta certeza de que a visita de Kennedy será explosiva que ele próprio está fazendo a viagem. Quer relatar a tensão. Os dois irmãos do congressista Ralph Yarborough, do Texas, moram e trabalham em Dallas, e ambos insistem em dizer a ele que a cidade odeia Kennedy. E, no início de novembro, Byron Skelton, membro do Comitê Nacional Democrata pelo Texas, terá uma premonição de que JFK pode estar se colocando em grave perigo ao ir a Dallas. Em várias ocasiões, Skelton alertará o presidente para não ir.

Mas John Kennedy é o presidente dos Estados Unidos da América – de todos eles. Não deveria haver um só lugar neste vasto país que ele devesse temer

visitar.

Como ele gosta de dizer antes de tentar uma tacada difícil no golfe: "Sem perfis, só coragem". JFK decidiu visitar a Big D. Não há volta.

* * *

A meio mundo dali, é Dia de Finados em Saigon. Esta é uma época de reza na Igreja Católica, de modo que Ngo Dinh Diem, presidente do Vietnã, recebe a comunhão ao lado do irmão, Ngo Dinh Nhu.

Mas há outro motivo para os irmãos rezarem juntos, e John Kennedy deveria saber por quê. Um golpe apoiado pelos Estados Unidos derrubou o governo de Diem. Enquanto a ação militar acontecia, JFK se reuniu com seus conselheiros especiais para discutir o futuro do Vietnã – e o destino de Diem e do irmão. A reunião se arrastou por tanto tempo que Kennedy até escapou na metade para ir à missa, regressando antes do final.

De maneira muito mais frenética, o presidente Diem e o irmão escaparam do palácio presidencial durante o golpe, literalmente correndo para preservar a própria vida. Como JFK, eles foram à missa: agora os irmãos estão se refugiando dentro do santuário da Igreja Católica de São Francisco Xavier, em Saigon.

Logo após as dez horas da manhã, eles são reconhecidos, e o presidente e o irmão se preparam para ser presos e deportados do país. Diem se preparou para este momento enchendo uma maleta com cédulas americanas.

O general Mai Huu Xuan, do Exército da República do Vietnã (ARVN), lidera um comboio, consistindo de um veículo blindado de transporte pessoal e dois jipes, até o pátio da igreja. Diem se rende, pedindo apenas que o comboio pare no palácio antes de levar ele e o irmão ao aeroporto. O general Xuan recusa, e ordena que os prisioneiros sejam levados imediatamente aos quartéis do exército. Então, os soldados atam as mãos do presidente e do irmão, e os dois são colocados dentro de um veículo blindado de transporte pessoal – aparentemente para sua própria proteção. Dois oficiais do ARVN se juntam a eles na parte de trás do veículo antes de a pesada porta de aço se fechar.

O comboio para em um cruzamento da estrada de ferro. Então, calmamente, um dos oficiais do ARVN coloca o dedo no gatilho de sua semiautomática e dispara na parte de trás do crânio do presidente Diem.

1o DE NOVEMBRO DE 1963
IRVING, TEXAS
14h30

É tarde de sexta-feira, e James Hosty Jr., exausto, toca a campainha na casa de Ruth Paine. Aos 35 anos de idade, o robusto agente do FBI passou o dia investigando casos em Fort Worth, ali perto. Neste momento, ele está lidando com quase quarenta investigações, reunindo pequenos fragmentos de cada uma delas. Mas todo caso envolvendo a batalha de J. Edgar Hoover contra o comunismo tem prioridade, e é por isso que Hosty parou à porta da sra. Paine em vez de voltar direto para Dallas para começar seu fim de semana. O agente está à procura de Lee Harvey Oswald. A agência recebeu uma pista da CIA sobre a visita de Oswald à embaixada cubana na Cidade do México no mês passado, e agora os federais estão ansiosos para encontrá-lo.

A sra. Paine abre a porta. Hosty mostra seu distintivo, explicando que é uma agente especial do FBI, e pergunta se eles podem conversar.

Esta é uma fase difícil para Ruth Paine. Depois de cinco anos de casados, o marido a deixou e está pedindo o divórcio. Talvez para aliviar a solidão, Ruth convidou Marina Oswald para morar com ela, apesar de saber que a jovem mãe não tem como ajudar com as despesas. Mas o pequeno ônus financeiro não é nada comparado com o comportamento estranho do marido de Marina, Lee Harvey, que vem visitá-la nos fins de semana. Ruth Paine se recusa a deixá-lo morar na casa. Ela não confia nele.

Mas a sra. Paine é muito amável com James Hosty. Ela o convida a entrar e comenta, entusiasmada, que é a primeira vez que conhece um agente do FBI.

Mas Hosty não é um agente qualquer. É um ex-bancário graduado pela Universidade de Notre Dame e trabalha na sucursal do FBI em Dallas há quase dez anos. Portanto, está familiarizado com a cidade e seus subúrbios em expansão. Ele também é um investigador diligente e não se incomoda de sair de seu caminho para ir até a casa de Ruth Paine, embora sua jornada de trabalho nesta sexta-feira esteja terminando.

Mas, acima de tudo, o agente especial Hosty é o especialista do FBI em Lee Harvey e Marina Oswald. Em março, ele havia aberto um inquérito sobre Marina a fim de vigiar a cidadã soviética. Mais tarde naquele mesmo mês, Hosty solicitou a abertura dos arquivos de Lee Harvey em virtude da simpatia que Oswald nutre pelo comunismo. O agente rastreou os Oswald de apartamento em apartamento, de Dallas a Nova Orleans e de volta a Dallas. A sucursal do FBI em Nova Orleans manteve Hosty informado da prisão de Oswald e de seu comportamento pró-Cuba. Mas agora o rastro de Oswald se perdeu.

Hosty pergunta a Ruth Paine se ela sabe onde encontrá-lo. Paine admite que Marina e as duas filhas dela moram em sua casa. Após hesitar por um instante, ela declara que não sabe onde Oswald mora, mas sabe que ele trabalha no Texas School Book Depository, no centro de Dallas. Paine pega uma lista telefônica e procura o endereço: Elm Street, número 411.

Hosty toma nota de tudo.

Marina entra na sala, recém-desperta de uma soneca.

Falando em russo, Ruth Paine lhe informa que Hosty é um agente do FBI. O rosto de Marina adquire uma expressão desolada, temerosa. Hosty costuma ver esse tipo de comportamento em pessoas criadas em países comunistas e sabe que a sra. Oswald acha que ele é alguma espécie de policial secreto que veio para levá-la. No mesmo instante, ele instrui Paine a dizer a Marina que não está lá com o propósito de "machucá-la nem maltratá-la, e que o trabalho do FBI não é fazer mal às pessoas. Nosso trabalho é proteger as pessoas". Ruth Paine traduz. Marina sorri e se acalma.

Hosty se levanta para ir embora. A entrevista durou quase 25 minutos. Hosty tem mais alguns casos para averiguar antes de voltar para Dallas. Mas enquanto anota seu nome e número de telefone para Paine, para o caso de ela ter alguma informação sobre o paradeiro de Oswald, o agente especial Hosty mentalmente classifica a investigação sobre Oswald como de baixa prioridade. Ele conclui que Lee Harvey Oswald é apenas um jovem com problemas conjugais, uma queda pelo comunismo e um hábito de mudar de emprego a toda hora.

Não há necessidade de urgência. Lee Harvey Oswald aparecerá mais cedo ou mais tarde. O agente especial Hosty tem certeza disso.

* * *

No dia 11 de novembro, a segunda-feira após a visita de Hosty à casa de Ruth Paine, o agente especial Winston G. Lawson, da equipe de segurança da Casa Branca, é informado da viagem que o presidente fará a Dallas.

Lawson, um veterano da Guerra da Coreia em seus trinta e poucos anos, é especializado em planejar as viagens oficiais de Kennedy. Como em todas as visitas desse tipo, suas principais responsabilidades são identificar os indivíduos que poderiam ser uma ameaça ao presidente, tomar medidas contra qualquer um que possa ameaçar e planejar a segurança para o itinerário do comboio e para os discursos do presidente.

Ainda está sendo discutido se haverá um comboio pelo centro de Dallas, o que seria um pesadelo para o encarregado de segurança, por causa das mais de vinte mil janelas ao longo das principais vias de trânsito da cidade. Quanto mais janelas, mais lugares para um franco-atirador almejar a limusine do presidente.

Mas, por enquanto, Lawson deixa essa questão de lado. Ele começa a

investigar as possíveis ameaças passando um pente-fino nos arquivos do Serviço Secreto. Esses arquivos listam todos os indivíduos que ameaçaram o presidente ou possam ser potencialmente perigosos para ele. Uma inspeção feita por Lawson em 8 de novembro mostra que não existe ninguém com essas características na área de Dallas.

Lawson, então, viaja de Washington ao Texas e entrevista órgãos de segurança pública e outras agências federais da região, continuando sua busca por indivíduos que poderiam ser uma ameaça à vida de John F. Kennedy. De particular interesse são os manifestantes envolvidos no incidente de Adlai Stevenson há poucas semanas. Lawson obtém fotografias dessas pessoas, que serão distribuídas ao Serviço Secreto e à polícia de Dallas no dia da visita do presidente. Os indivíduos de aparência semelhante a esses serão revistados caso se aproximem do presidente.

A diligência de Lawson logo é recompensada quando o FBI aparece com o nome de um residente da área de Dallas que poderia ser uma séria ameaça à vida de John Fitzgerald Kennedy.

O agente especial James Hosty Jr., no entanto, não fornece esse nome, mas se sabe que não é o de Lee Harvey Oswald. Em vez disso, é de um conhecido encrenqueiro local que não tem absolutamente plano algum de matar o presidente dos Estados Unidos.

* * *

De volta à capital do país, 11 de novembro é um dia fresco, marcado por raios de sol pálidos e um vento que estica as muitas bandeiras hasteadas no Cemitério Nacional de Arlington, do outro lado do rio Potomac, em frente o distrito de Columbia. Uma multidão de centenas de soldados e civis assiste ao presidente dos Estados Unidos na celebração do Dia dos Veteranos colocando uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido. John Kennedy, ele próprio um veterano de guerra condecorado, fica em posição de sentido quando o corneteiro dá o toque de silêncio, o tradicional movimento sonoro que encerra as cerimônias militares. O nome do corneteiro é sargento Keith Clark. Ele é o principal trompetista da banda das Forças Armadas dos Estados Unidos e conhece muito bem essa triste canção. Clark executa o solo com maestria, as notas solitárias ecoando dolorosamente por sobre o mar de lápides brancas e grama verde.

O presidente Kennedy fica comovido com a história e o drama que o cenário compõe. Arlington já foi o berço da família de Robert E. Lee e foi transformado em cemitério por tropas da União durante a Guerra Civil, para que o general dos confederados jamais fosse tentado a morar na mansão da família que ainda domina a região. Kennedy consegue entender por que isso foi uma perda tão grande para Lee, pois os montes permitem avistar Washington do outro

lado do rio, onde o ritmo acelerado e os acordos de bastidores são um drástico contraste com a quietude e paz do cemitério.

“Este é um dos lugares realmente bonitos no mundo”, o presidente diz mais tarde ao congressista Hale Boggs. “Eu poderia ficar aqui para sempre.”

Não é um pensamento fugaz. Kennedy repete o sentimento do ministro de Defesa, Robert McNamara. “Acho que, algum dia talvez, aqui é onde eu gostaria de estar”.

13 DE NOVEMBRO DE 1963
CASA BRANCA
TARDE DA NOITE

O homem com nove dias restantes de vida admira Greta Garbo enquanto ela tira os sapatos e deita sobre o colchão no Quarto de Lincoln. Há um jantar em Camelot esta noite, e a atriz sueca famosamente reclusa é a convidada de honra. Jackie Kennedy, como ela mesma admite, está “obcecada” por Garbo, por quem sente afinidade. Mas foi o presidente quem se ofereceu para guiar a beldade de 58 anos por uma visita àquela que seus funcionários chamam simplesmente de “Mansão”.

Durante o jantar, Greta Garbo, nervosa, bebeu de um só trago um copo de vodca atrás de outro. Mas o presidente foi a imagem da abstinência, não fumando um único charuto nem tomando uma gota de álcool. “Eu me senti uma condenada quando acendi um cigarro”, Greta Garbo recordará mais tarde.

John F. Kennedy está encantado por Greta Garbo, e ela por ele. Em vez de escapar da festa logo após o jantar para desfrutar de alguns momentos de tranquila solidão antes de ir para a cama, como é seu hábito, JFK fica por “mais tempo do que já fiquei desde que me tornei presidente”.

O presidente e a atriz nunca haviam se encontrado antes desta noite, mas eles logo se tornaram grandes amigos, graças a uma peça que JFK pregou em Lem Billings. Na adolescência, os dois foram colegas de quarto na escola preparatória Choate, e até hoje Billings é o melhor amigo do presidente. Eles são como irmãos, e Billings passa a noite na Casa Branca com tanta frequência que mantém algumas roupas em um quarto no terceiro andar. Em 1960, o publicitário de 44 anos voluntariamente se afastou por um ano de sua carreira profissional para ajudar Kennedy a concorrer à presidência, sem pedir nada em troca. JFK lhe ofereceu um emprego como chefe do recém-criado Corpo da Paz. Billings recusou, temendo que isso mudasse a amizade entre os dois.

Billings conheceu Greta Garbo durante o verão, enquanto passava férias no Sul da França. De volta aos Estados Unidos, Billings, um homem solteiro, se gabava com tanta frequência de como ele e Greta Garbo se deram bem que até Jackie disse para ele parar de falar na atriz de cinema.

O presidente não resistiu. Pregar uma peça em Billings só aumentaria a emoção da visita de Greta Garbo. Ele telefonou para a atriz, fazendo-lhe uma proposta: “Meu amigo Lem está sempre se vangloriando do quanto vocês se conhecem. Então, quando ele chegar, finja que jamais se viram antes”. JFK persuadiu Greta Garbo a chegar cedo ao jantar na Casa Branca a fim de ensaiar suas falas para o truque.

"Cedo" em Camelot normalmente significa algo em torno de oito e meia. Esta noite não foi nenhuma exceção.

Isso porque o presidente teve mais um dia tipicamente exaustivo de trabalho. A jornada começou com uma reunião às quinze para as dez da manhã com a colunista Ann Landers sobre a campanha de Selos de Natal de 1963 e terminou com uma reunião às seis e meia da tarde com John A. Hannah, líder da Comissão Americana pelos Direitos Civis. Entre uma e outra, houve uma reunião com o presidente da Checoslováquia; uma apresentação de gaita de fole e tambores da Guarda Negra (o regimento real escocês) nos jardins da Casa Branca; uma reunião de quinze pessoas sobre a pobreza no leste de Kentucky; e uma reunião menor sobre política externa com Dean Rusk, McGeorge Bundy e o ex-secretário de Estado Christian Herter, no fim da tarde.

Como de costume, o presidente nadou à uma e dez e almoçou à uma e quarenta da tarde, mas fora isso o ritmo nunca abrandou. Foi uma reunião atrás da outra, em que Kennedy deveria não só estar presente, como também bem informado e capaz de tomar decisões sobre cada um dos muitos assuntos que lhe eram apresentados. Em nenhum instante saiu de seus pensamentos a viagem da próxima semana ao Texas.

Quando JFK chegou à piscina para seu segundo nado diário, eram sete e quinze da noite. Enxuguou-se e subiu ao quarto quando eram 20h03. Greta Garbo já havia chegado. Kennedy teve seu tempo para tomar banho e se trocar, sabendo que Jackie explicaria à atriz que ele havia se atrasado.

Lem Billings ficou em êxtase quando viu Greta Garbo.

– O quê? Greta! Ah, meu Deus. Como você está? – ele exclamou.

Greta Garbo olhou para ele com uma expressão vazia no rosto, e então voltou os olhos para Jackie.

– Você deve estar enganado. Eu não me lembro de tê-lo visto antes – ela falou.

Quando o presidente chegou, Greta Garbo repetiu que não conhecia Billings. O velho amigo do presidente estava cada vez mais consternado e, ignorando JFK, não se cansava de recordar a atriz de onde eles haviam se conhecido e dos amigos que tinham em comum. Quanto mais Billings falava, mais parecia que Greta nunca o havia visto. Nesse meio-tempo, JFK relaxou, deixando de lado as preocupações do Gabinete enquanto se divertia com as conversas animadas do jantar e a brincadeira inventada por ele. Lem Billings não perceberá que lhe pregaram uma peça até a manhã seguinte.

Logo depois que o jantar terminou, JFK levou todo o grupo a um passeio pela Casa Branca. Agora, Greta Garbo, embriagada, não quer sujar a colcha no Quarto de Lincoln, e por isso tira os sapatos antes de se deitar no colchão. O passeio termina no Salão Oval. Algo que a maioria dos americanos não sabe é que JFK tem o hábito de colecionar arte em marfim. Não raramente, de forma

anônima, oferta lances por essas peças de dente de baleia com inscrições. Elas estão expostas em um estojo em seu gabinete. Quando Greta Garbo admira a coleção, o presidente abre o estojo e lhe oferece uma peça de presente. Ela aceita de bom grado.

Assim é a vida em Camelot: um dia inteiro resolvendo os problemas do mundo, duas sessões de nado terapêutico sem roupa, celebridades à mesa para a ceia e um passeio pela residência mais famosa da América com uma glamorosa ex-atriz de cinema. Em que outro lugar no mundo acontece algo desse tipo?

Mas a noite termina de maneira abrupta.

– Preciso ir para casa. Estou ficando bêbada – declara Greta Garbo antes de desaparecer para o hotel.

Assim acaba o último jantar oferecido em Camelot.

A memória desta noite mágica irá perdurar, e nem mesmo uma pessoa tão famosa como Greta Garbo está imune aos encantos de Camelot: "Foi uma noite extremamente atípica que passei com vocês na Casa Branca", ela escreve em seu bilhete de agradecimento a Jackie Kennedy. "Foi realmente fascinante e encantadora. Eu pensaria que foi um sonho se não tivesse o 'dente' do presidente diante de mim."

Mas Camelot não é um sonho. É realidade – e essa realidade está prestes a tomar um rumo que transformará a América para sempre.

16 DE NOVEMBRO DE 1963
DALLAS, TEXAS
13h50

Sterling Wood, um garoto de treze anos, aponta seu fuzil Winchester para a silhueta da cabeça de um homem. Ele expira e aperta o gatilho, e então olha para o alvo ao longe. É um sábado. Sterling e o pai, Homer, vieram ao polígono de tiro Sports Drome Rifle Range treinar a pontaria para a temporada de cervos.

O jovem Sterling observa um homem jovem parado na cabine de tiro ao lado dele. O homem está apontando para uma silhueta similar. O adolescente lê uma porção de livros sobre armas e tem certeza de que o rapaz está disparando uma carabina italiana. Parece que o cano do fuzil foi serrado para ficar mais curto, ainda assim é alguns centímetros mais comprido que o Winchester de Sterling. A julgar pelo número de arranhões na coronha, o adolescente precoce de Dallas suspeita que a arma seja sobra do exército. Tem até uma tira para que um soldado de infantaria possa carregá-la mais facilmente, e uma mira telescópica com 4x de aumento para fazer o alvo parecer mais próximo e mais fácil de ser atingido com precisão milimétrica.

– Papai – Sterling sussurra para o pai. – Parece uma carabina italiana 6,5.

O homem atira. Saltam chispas da ponta da arma por causa do cano encurtado. Sterling pode sentir o calor da explosão. O atirador retira o cartucho gasto e o coloca no bolso, como se não quisesse deixar indícios de que esteve ali. Sterling acha estranho o atirador fazer isso depois de cada disparo.

O adolescente fica impressionado com o fato de que quase todos os buracos de bala do atirador estão agrupados ao redor do que seria o olho se o alvo de papel fosse um homem de verdade.

– Senhor, essa é uma carabina italiana 6,5? – Sterling pergunta ao estranho.

– Sim – o homem responde.

– E essa aí é uma mira telescópica com 4x de aumento?

– É, sim.

O atirador fica apenas o tempo necessário para disparar "oito ou dez" tiros, na estimativa de Sterling – só o suficiente para queimar sua munição e ter certeza de que o fuzil e a mira são precisos. Sterling mais tarde confirmará que esse homem é Lee Harvey Oswald.

* * *

Neste sábado de novembro, a primeira página do *Dallas Morning News* traz uma matéria sobre a visita do presidente Kennedy a Dallas, que será daqui a seis

dias. O jornal especula sobre o trajeto que o comboio de Kennedy percorrerá pelo centro da cidade. O Air Force One pousará em Love Field. De lá o presidente será conduzido a um grande centro comercial conhecido como Trade Mart, onde fará o discurso. No caminho, ele passará pelo Texas School Book Depository, o local onde Lee Harvey Oswald trabalha.

Oswald é um ávido leitor de jornais e já há algum tempo sabe que John Kennedy virá a Dallas. Neste dia, Oswald decidiu passar o fim de semana na cidade em vez de ir ao subúrbio para ver Marina e as filhas. Oswald fez 24 anos há apenas um mês. Ele tem pouco a mostrar por sua passagem pela terra. Está perdendo a esposa e as filhas. Tem um emprego sem importância. E, apesar de seu intelecto brilhante, não tem educação superior. Não sabe se quer ser americano, cubano ou russo.

Ainda assim, ele espera ser um grande homem. Um homem importante. Um homem cujo nome jamais seja esquecido.

John Wilkes Booth, antes de atirar em Abraham Lincoln, também queria ser um homem importante. E, assim como Booth praticou tiro ao alvo nos dias que antecederam o assassinato, Lee Harvey Oswald também pratica.

Sterling Wood é a primeira pessoa em muito tempo a ficar impressionada com Oswald. Hoje, Oswald foi realmente brilhante – brilhante ao disparar vários tiros na silhueta da cabeça de um homem.

* * *

A destruição de Camelot poderia ter começado com a Baía dos Porcos, quando John F. Kennedy fez de Fidel Castro um inimigo permanente e enfureceu a própria CIA.

Ou poderia ter começado naquela noite de outubro de 1962 quando JFK cortou relações com Sam Giancana, Frank Sinatra e a máfia, e não fez nada quando seu irmão Bobby combateu diligentemente o crime organizado.

O fim de Camelot poderia ter se originado na Crise dos Mísseis em Cuba, quando JFK obteve uma vitória diplomática decisiva sobre Nikita Khrushchev e o Império Soviético. Ao mesmo tempo, frustrou seus generais superiores e aquele que Dwight Eisenhower chamava de "complexo militar-industrial" por se recusar a iniciar uma guerra. A destruição de Camelot poderia ter começado de várias maneiras. De fato, começa em 18 de novembro, quando o agente especial Winston G. Lawson, da equipe de reconhecimento do Serviço Secreto, Forrest V. Sorrels, da sucursal do Serviço Secreto em Dallas, e Jesse Curry, chefe da polícia de Dallas, dirigem por dezesseis quilômetros cuidadosamente selecionados de Love Field ao Trade Mart. "Inferno", diz o agente especial Sorrels, olhando para as milhares de janelas acima deles, "seríamos um alvo fácil."

Entretanto, os agentes decidem que este será o itinerário do comboio presidencial.

Toda vez que o presidente dos Estados Unidos percorre uma cidade movimentada, há um cuidadoso equilíbrio entre proteger sua vida e garantir o espetáculo, reservando espaço para ele se misturar com o povo americano. A segurança consiste em fazer com que ele atravesse a multidão com vida, o que é difícil nos dias em que seu conversível está sem o teto transparente. Um trajeto perfeito para o comboio é livre de janelas altas para que um franco-atirador possa apontar uma arma e ter rotas alternativas para o caso de algo sair errado. Além disso, ruas amplas que mantêm as multidões afastadas do veículo e poucas curvas fechadas – de preferência, nenhuma – ajudam a proteger o presidente. O trajeto do comboio em Dallas viola cada um desses princípios. Para fazer uma curva com o veículo presidencial, William Greer, o agente do Serviço Secreto que quase sempre é o motorista de JFK, é obrigado a desacelerar a limusine consideravelmente. Isso torna o presidente um alvo fácil para um atirador. O protocolo do Serviço Secreto estipula que, sempre que um comboio precisar desacelerar para uma curva, os agentes devem fazer uma verificação prévia de todo o cruzamento. Algo simples como uma curva de noventa graus, que o comboio de Dallas encontra na esquina da Main Street com a Houston, pode levar Greer a pisar fundo nos freios. Uma curva fechada de 120 graus, como na esquina da Houston Street com a Elm, pode fazer a limusine de Kennedy reduzir a velocidade para poucos quilômetros por hora.

Esse é o ritmo de uma caminhada revigorante e, através da mira potente do fuzil de um assassino, uma velocidade tão baixa pode tornar o corpo do presidente um alvo muito fácil. Quando isso ocorre, os agentes do Serviço Secreto devem se posicionar entre o presidente e a multidão, atuando como escudos humanos, como manda o protocolo e a prática exaustiva do treino. Ao fazê-lo, eles estudam a paisagem e olham para as janelas dos edifícios à procura de sinais de um atirador ou de um cano de fuzil. A limusine tem estribos de ambos os lados, que permitem que os agentes protejam o presidente enquanto realizam a busca. Eles se seguram às hastes metálicas para se equilibrar. No entanto, JFK não gosta que os agentes fiquem de pé nos estribos porque isso impede que as multidões o vejam. Por esse motivo, eles costumam dirigir outro carro logo atrás.

Mas toda essa proteção pode ser burlada quando um atirador conhece o percurso exato do comboio. Assim, quando os agentes especiais do Serviço Secreto, Sorrels e Lawson, escolhem o itinerário do presidente em 18 de novembro e divulgam essa informação para o público, qualquer um que queira causar dano ao presidente pode começar a planejar o lugar e a hora do ataque. Dito de outra forma: muitas pessoas gostariam de ver John F. Kennedy morto. Mas antes da segunda-feira, 18 de novembro, não existia nenhuma área em Dallas que fosse especialmente vulnerável a armas de fogo. Agora existe.

21 DE NOVEMBRO DE 1963
A BORDO DO AIR FORCE ONE
14h

Em suas últimas horas de vida, o presidente John F. Kennedy está voando com estilo a bordo do Air Force One. Ele examina os documentos confidenciais da inteligência que transbordam de sua velha pasta executiva preta de pele de crocodilo. JFK faz leitura dinâmica à velocidade habitual de 1.200 palavras por minuto, os óculos equilibrados na ponta do nariz, concentrado em seu estudo. No sofá encostado na parede oposta ao escritório de bordo de JFK, Jackie Kennedy fala suavemente em espanhol, praticando um discurso que fará esta noite em Houston para um grupo de mulheres latino-americanas.

O rom-rom em castelhano da primeira-dama é um acréscimo bem-vindo ao santuário particular do presidente a bordo do avião. John Kennedy está tão feliz que Jackie esteja viajando ao Texas com ele que até teve o gesto pouco usual de ajudá-la a escolher as roupas que vestirá em suas muitas aparições públicas. Um dos trajes, um tailleur de lã rosa da Chanel combinando com um pequeno chapéu redondo sem aba, é o favorito da primeira-dama. A moda normalmente não interessa a JFK, mas o design e a decoração do Air Force One receberam grande parte de sua atenção. Havia três aviões presidenciais disponíveis quando ele assumiu o Gabinete. Qualquer um deles poderia ser batizado de "Air Force One" sempre que o presidente estivesse a bordo. Mas esses aviões pareciam mais da Força Aérea do que presidenciais. De fato, as palavras *Military Air Transport Service* [Serviço Militar de Transporte Aéreo] estavam gravadas nas laterais. A característica predominante era a fuselagem de metal não pintado.

Mas a aeronave número 26000, em que John Kennedy viaja agora, apresenta evolução notável. Essa nova versão presidencial do Boeing 707 foi entregue em outubro de 1962. E, assim como Jackie supervisionou a reforma da Casa Branca – mais um detalhe está sendo aprimorado enquanto os Kennedy voam para o Texas: ao regressar, JFK terá cortinas novas no Salão Oval –, John Kennedy também supervisionou a reforma do Air Force One. A fuselagem e as asas, por exemplo, apresentam uma ousada nova paleta de cores em azul-claro e branco, com as palavras *Estados Unidos da América* orgulhosamente exibidas acima da fileira de 45 janelas ovais de passageiros. Dentro, o carpete é exuberante e os confortos materiais são muitos, incluindo um escritório particular, uma área de conferência e um quarto onde a pintura de uma casa de campo francesa pende sobre o colchão extrafirme do presidente. O selo presidencial parece adornar cada detalhe. JFK gosta tanto do novo avião que

voou 120 mil quilômetros a bordo do 26000 em apenas treze meses.

A jornada de hoje começou às nove e quinze da manhã, quando John Kennedy se despediu de Caroline antes de ela ir para a escola no terceiro andar da Casa Branca. John Jr., que fará três anos na próxima semana, teve o privilégio de viajar no helicóptero com os pais quando eles foram levados da Casa Branca até o Air Force One. O pequeno usava um casaco London Fog para se proteger do frio de novembro e adorou o passeio.

Mas, quando o Marine One pousou na pista perto do avião presidencial, o pequeno John implorou para seguir viagem.

– Eu quero ir – ele disse ao pai.

– Você não pode – respondeu o presidente em um tom amável.

– São só alguns dias – disse a primeira-dama à criança, que chorava. – E, quando voltarmos, será o seu aniversário.

John Jr. começou a soluçar.

– John, como a mamãe disse, em poucos dias estamos de volta – o presidente explicou. JFK então beijou o filho e virou para o agente do Serviço Secreto a cargo da proteção do menino: – Tome conta de John por mim, sr. Foster – ele ordenou gentilmente.

Bob Foster achou isso pouco usual. O presidente Kennedy nunca fazia isso, não importava o quanto o seu filho chorasse à hora de se despedir.

Às onze horas da manhã, o presidente deu um último abraço em John Jr. e pisou na pista de decolagem antes de subir as escadas rumo ao Air Force One. A primeira-dama estava ao lado dele. Cinco minutos depois, o avião decolou de Andrews para o voo de três horas e meia até o Texas. John Kennedy Jr. observou o grande jato subir ao céu e desaparecer na distância.

O Air Force One pousará primeiro em San Antonio. Então, partirá para Houston e depois para Fort Worth, onde o presidente e a primeira-dama passarão a noite. Dallas virá amanhã. O piloto pessoal de JFK, o coronel Jim Swindal, levará os Kennedy de Fort Worth até Love Field, em Dallas. O voo será curto, apenas treze minutos. Mas a imagem simbólica do Air Force One descendo dos céus para pousar nessa cidade conturbada terá muito mais impacto do que se John Kennedy atravessasse os 56 quilômetros de pradaria em uma limusine.

Agora o presidente faz uma pausa em sua leitura para acender um charuto. Jackie foi à sua cabine particular para trocar de roupa. JFK fuma pensativo. A visita ao Texas será politicamente delicada. Não há como saber se as multidões serão hostis ou receptivas, e ele quer que Jackie desfrute da viagem. Este poderia ser um grande teste para saber se ela estará disposta a fazer campanha com ele em 1964. JFK se levanta e volta ao aposento da família presidencial. Ele bate de leve na porta e enfia a cabeça.

– Você está bem? – ele pergunta a Jackie. Eles logo estarão aterrissando. A esposa está usando um vestido branco impecável.

– Estou – a primeira-dama responde, olhando-se no espelho para arrumar a boina que acompanha o vestido e seu cinto preto.

– Eu só queria ter certeza – ele diz, fechando a porta. O presidente sente uma leve inclinação quando o Air Force One começa a descer. Ele olha pela janela. Oito quilômetros abaixo, a paisagem plana e árida do Texas ergue-se lentamente para recebê-lo.

* * *

No solo, em Dallas, Lee Harvey Oswald enche caixas de papelão com livros enquanto preenche pedidos no Texas School Book Depository. Mas hoje ele está distraído, e um mapa do itinerário do comboio presidencial impresso na primeira página da edição vespertina do *Dallas Times Herald* chama sua atenção. Oswald só precisa olhar pela janela mais próxima para ver precisamente onde a limusine do presidente fará uma lenta curva para a direita, da Main Street para a Houston, e então uma curva ainda mais lenta para a esquerda para entrar na Elm Street, onde passará quase debaixo das janelas do depósito. Dar uma boa olhada no presidente será tão simples quanto olhar para a rua logo abaixo.

Mas Lee Harvey Oswald está planejando fazer muito mais do que dar uma olhada. De fato, ele está tramando atirar no presidente. Há apenas um mês, poucos dias antes do nascimento de sua segunda filha, Marina percebeu sua fascinação pelos filmes *Meu ofício é matar* e *Resgate de sangue*. Ambos tratam do assassinato de uma autoridade do governo – no caso de *Meu ofício é matar*, do presidente dos Estados Unidos. O casal assistiu aos filmes junto, e Oswald inclusive disse a Marina que o filme parecia autêntico. Ela achou a observação estranha.

Oswald não odeia o presidente. Ele não tem nenhum motivo para querer JFK morto. No entanto, ele se ressente do fato de que um homem como John Kennedy tenha tantas vantagens na vida. Oswald entende bem que é mais fácil para homens que nascem com privilégios se distinguirem. Mas além de certa dose de inveja, ele não fala mal do presidente. De fato, Oswald gostaria muito de imitar JFK. Acima de tudo, ele quer ser um grande homem.

* * *

– Pode me dar uma carona até a sua casa esta tarde? – Oswald pergunta casualmente a seu colega de trabalho Wesley Frazier.

A casa do jovem de dezenove anos fica a meia quadra de onde Marina Oswald mora com Ruth Paine. Oswald costuma pegar carona até o subúrbio de Irving no Chevrolet preto quatro portas de Frazier na sexta-feira e voltar para Dallas com ele na segunda.

– Claro – responde Wesley. Eles estão no primeiro andar do Texas School

Book Depository, perto de uma mesa grande. – Você sabe, como eu falei, pode ir para casa comigo sempre que quiser, quero dizer, sempre que quiser ver sua esposa, por mim tudo bem.

Mas então Frazier percebe que hoje não é sexta-feira. É quinta – e Oswald nunca vai a Irving às quintas-feiras.

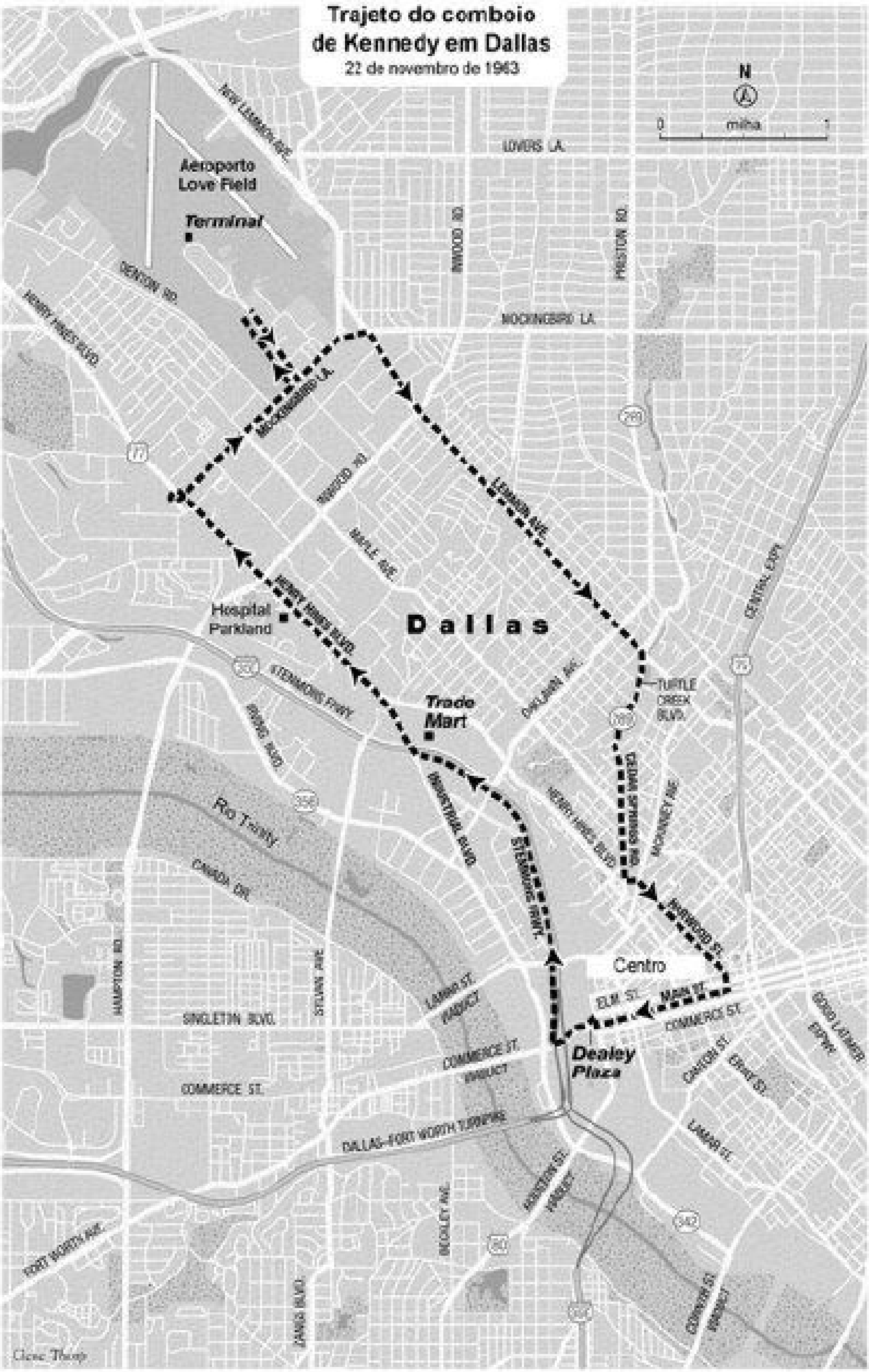
– Por que você vai para casa hoje? – Frazier pergunta.

– Vou buscar uns varões para cortina – Oswald responde.

Oswald, então, rouba um pedaço de papel de embrulho marrom do departamento de remessas do depósito. Ele passa o resto do dia criando uma bolsa onde esconder seus "varões para cortina".

O tempo todo, enquanto dobra o papel para formar o melhor estojo possível onde esconder seu fuzil, Lee Harvey Oswald não tem certeza de que matará o presidente Kennedy. O que ele quer mesmo é reatar de uma vez por todas com Marina e as meninas. Esta noite, ele vai implorar para que a esposa o aceite de volta. Mas, se ela não aceitar, Oswald não terá escolha.

Tal é o nível de delírio a que chegou o mundo de Lee Harvey Oswald. Ele agora só lida com absolutos: ou viver feliz para sempre – ou matar o presidente dos Estados Unidos.


Trajeto do comboio
de Kennedy em Dallas
22 de novembro de 1963
N
0
milha
1
Aeroporto
Love Field
Terminal
DENTON RD.
HENRY HINES BLVD.
LOVERS LA.
INWOOD RD.
PRESTON RD.
MOCKINGBIRD LA.
MOCKINGBIRD LA.
INWOOD RD.
LEMMON AVE.
MAPLE AVE.
Hospital
Parkland
Dallas
HENRY HINES BLVD.
STEMMONS FWY.
Trade
Mart
TURTLE
CREEK
BLVD.
CENTRAL EXPY.
INDUSTRIAL BLVD.
STEMMONS FWY.
Rio Trinity
CANADA DR.
MCKINNEY AVE.
HARWOOD ST.
Centro
ELM ST.
MAIN ST.
COMMERCE ST.
Dealey
Plaza
SINGLETON BLVD.
HAMPTON RD.
SYLVAN AVE.
COMMERCE ST.
COMMERCE ST.
DALLAS–FORT WORTH TURNPIKE
LAMAR ST.
FORT WORTH AVE.
BECKLEY AVE.
ZANG BLVD.
Gene Thorp

23

22 DE NOVEMBRO DE 1963
IRVING, TEXAS
6h30

Os Oswald brigaram. De novo. Mas desta vez é diferente. Desta vez acabou. Lee Harvey está ao pé da cama no quarto apertado na casa de Ruth Paine, vestido para trabalhar, de calça cinza e camisa velha. Ele tira a aliança da mão esquerda e a joga dentro da xícara de porcelana em cima da cômoda. Um dia a aliança foi o símbolo de seu amor por Marina, mas agora é só mais uma confirmação do fracasso que o acompanha.

Hoje Oswald fará alguma coisa para mudar tudo isso. Hoje ele provará que não é um fracasso, mesmo que isso signifique perder a própria vida.

Ele deixa sobre a cômoda 187 dólares em dinheiro como um presente de despedida para a esposa e as filhas. Afinal, não tem exatamente um futuro pela frente.

Marina está deitada na cama, meio acordada. A noite passada com o marido não foi romântica. Oswald virou de um lado para o outro enquanto Marina se levantou duas vezes por causa do bebê. Eles não fizeram amor, embora Marina tenha arriscado um carinho nele às três horas da manhã. Ele respondeu afastando-a com raiva.

O motivo da viagem de Oswald foi principalmente buscar o fuzil. Mas ele estava disposto a deixar de lado seu plano obscuro se Marina concordasse em morar com ele. A noite inteira ele implorou à esposa uma reconciliação. Falou do quanto sentia falta das meninas e até prometeu comprar uma máquina de lavar roupas, porque sabia o quanto Marina queria uma.

Mas Marina estava furiosa por ele ter vindo visitá-la numa quinta-feira, o que era contra as regras da casa de Ruth Paine. Por isso, as súplicas de Oswald se transformaram em mais uma briga. Ainda assim, ele não desistiu.

Marina, no entanto, não parece querer o marido de volta. Eles passaram a noite do lado de fora, brincando com June e Audrey na grama rala de outono do pátio de Ruth Paine. Oswald implorou para que Marina voltasse a ser sua esposa. Ela hesitou, porque Lee Harvey Oswald um dia foi o amor de sua vida. Mas não cedeu.

Oswald foi para a cama cedo. Ficou lá deitado, pensando. Mesmo quando Marina se deitou, o corpo morno e cheirando a sabonete do banho recém-tomado, ele fingiu estar dormindo. As horas se passaram. Com o tempo, ele criou coragem. Já não lhe restava nada no mundo. Ele levaria o plano adiante.

Agora, ao amanhecer, depois de se vestir para o trabalho e deixar suas coisas sobre a cômoda, Lee Harvey Oswald escuta Marina se mexer atrás dele.

– Não se levante – ele diz – Eu mesmo preparo o café.

Ela está exausta e não tem a menor intenção de se levantar. Audrey se agita, e Marina a acomoda para amamentá-la. Oswald sai do quarto de mansinho, sem se despedir.

O assassino prepara uma xícara de café solúvel na cozinha e então vai até a garagem abarrotada de Ruth Paine para recuperar seu fuzil. Ele desenrola o cobertor que está ao lado de seu saco verde-oliva do Corpo de Fuzileiros, deixando à mostra a carabina de infantaria Mannlicher-Carcano de 6,5 milímetros. Envolve a arma no papel de embrulho marrom que havia furtado do trabalho.

Segurando pelo cano os "varões para cortina", ele sai da garagem, abandonando sua antiga vida de uma vez por todas. Às oito horas da manhã, Oswald e Wesley Frazier estão chegando ao trabalho no Texas School Book Depository. Oswald sai do carro sem esperar Frazier desligar o motor. Ele pega o pacote marrom e corre para dentro do edifício antes de Frazier conseguir alcançá-lo e perguntar por que ele está com tanta pressa.

* * *

– Está chovendo – diz George Thomas, entrando na suíte de John Kennedy no hotel em Fort Worth. O mordomo do presidente o desperta precisamente às sete e meia da manhã. Uma multidão já está reunida no estacionamento oito andares abaixo, esperando ouvir Kennedy falar do alto de um caminhão-plataforma. O público de quase cinco mil pessoas é predominantemente masculino, a maioria trabalhadores sindicalizados. Muitos estão esperando na chuva há horas.

– Isso é péssimo – Kennedy responde ao mordomo. Ele se levanta e corre para o chuveiro. Chuva significa que o teto transparente estará instalado na limusine durante o trajeto em Dallas. Não são simples cidadãos locais que ficarão decepcionados pelas horas de espera no frio e na chuva até o comboio passar, impossibilitados de ver o presidente e a primeira-dama dentro do carro, mas eleitores não muito influenciados a mudar o voto nas próximas eleições.

O presidente coloca sua faixa para a coluna em volta do corpo, ajustando bem as tiras. Em seguida, veste um terno azul com dois botões, uma gravata azul-escura e uma camisa branca com listras cinza, da Cardin de Paris. Ele lê os informes da CIA, prestando atenção ao número de baixas no Vietnã. Depois disso, lê rapidamente vários jornais. O *Chicago Sun-Times* informa que Jackie poderia ser o fator crucial para a reeleição em 1964. Esta é a melhor notícia da viagem até agora: todos amam a primeira-dama. Visivelmente, o alvoroço sobre suas fotos de biquíni foi esquecido.

O povo do Texas grita e vibra por JFK no primeiro dia de viagem pelo estado. Mas, por mais que a ovação seja grande e que a audiência preste atenção

a cada palavra de seus discursos, a recepção não é nada calorosa em comparação com o modo como a esposa é acolhida. No Texas só se fala em Jackie, e trazê-la com ele possivelmente foi a atitude política mais acertada que o presidente já tomou.

Às nove horas da manhã, John Kennedy está de pé na parte de trás do caminhão-plataforma. Parece otimista e triunfante.

– Não há fracos em Forth Worth – ele diz à multidão, em tom de aprovação. Ele tem a merecida fama de não sucumbir às intempéries. Os trabalhadores sindicalizados sabiam que sua espera na chuva seria recompensada e que o discurso não seria cancelado.

– Onde está Jackie? – alguém grita.

– Onde está Jackie? – escuta-se outra voz.

John Kennedy sorri e aponta para o quarto do hotel.

– A sra. Kennedy está se organizando – ele brinca.

No oitavo andar, sentada diante da penteadeira, Jackie pode ouvir o discurso vindo do estacionamento. Ela gosta de escutar seu nome e a facilidade com que o marido brinca com a multidão.

– Ela demora um pouquinho mais – o presidente acrescenta. – Mas, é claro, fica um pouquinho mais apresentável do que nós quando faz isso.

A multidão cai na risada, como se o presidente fosse um grande companheiro de bebida e estivesse compartilhando algum detalhe suculento de sua vida pessoal.

Mas a verdade é que, hoje, Jackie não precisa de um pouquinho mais de tempo para se arrumar – ela precisa de muito mais tempo. A primeira-dama está visivelmente exausta ao se enfeitar diante do espelho. Fazer campanha é trabalho duro. Mas ela está determinada a seguir em frente. Haverá outra turnê pela Califórnia daqui a duas semanas, e ela quer fazer essa viagem também. De fato, Jackie Kennedy está decidida a estar ao lado do marido a partir de agora até ele ser reeleito daqui a um ano.

Tudo isso é futuro. O que importa agora é que a viagem ao Texas já está meio caminho andado. Tudo que Jackie tem de fazer é enfrentar o dia de hoje e depois poderá relaxar. "Ah, Deus", ela diz, olhando para sua imagem cansada no espelho. "Um dia de campanha pode fazer uma pessoa envelhecer trinta anos."

A primeira-dama não faz ideia de que hoje envelhecerá como em nenhum outro dia de sua jovem vida.

* * *

A energia no estacionamento em Fort Worth alimenta o presidente, que faz um discurso intenso e apaixonado. "Estamos avançando!", ele exclama ao encerrar, lembrando o público de que está cumprindo as promessas que fez em seu discurso inaugural há menos de três anos. A Guerra Fria está para trás, ele

diz, o tempo todo insinuando que o futuro é uma Camelot para todos os americanos.

Os gritos ensurdecedores de aprovação daqueles milhares de trabalhadores sindicalizados e calejados é toda a prova que John Kennedy precisa de que o Texas não é um mau lugar, afinal.

Sob uma onda de adrenalina, o presidente sai do palco e retorna ao hotel. Fazer campanha o revitaliza, mesmo em um começo de manhã chuvoso no Texas.

Mas, por melhor que se sinta, o presidente sabe que o resto da sexta-feira 22 de novembro não será fácil. Tanto do ponto de vista político quanto do pessoal, ele deve estar em sua melhor forma se quiser convencer o povo durão de Dallas.

Ou, como o presidente adverte a Jackie: "Hoje estamos indo para uma terra de malucos".

22 DE NOVEMBRO DE 1963
TEXAS SCHOOL BOOK DEPOSITORY, DALLAS
9h45

Em Dallas, a multidão de ansiosos cidadãos está na beira da calçada em frente ao Texas School Book Depository. O presidente não passará nas próximas três horas, mas eles chegaram cedo para conseguir um bom lugar. O melhor de tudo é que parece que o sol vai sair. Talvez eles consigam ver John F. Kennedy e Jackie, afinal.

Lee Harvey Oswald espreita por uma janela no primeiro andar do edifício do depósito, estudando a rota do presidente onde o público o aguarda. Ele pode ver claramente a esquina da Elm Street com a Houston, onde a limusine de John Kennedy fará uma lenta curva para a esquerda. Isso é importante para Oswald. Ele escolheu um lugar no sexto andar do depósito como seu posto de franco-atirador. O andar é fracamente iluminado por poucas lâmpadas de sessenta watts e está vazio por causa de uma reforma. Pilhas de caixas de livros perto da janela que dá para a Elm e a Houston formarão um esconderijo natural, possibilitando que Oswald coloque o fuzil para fora e aviste o comboio na curva esperada. O atirador que há em Lee Harvey Oswald sabe que terá tempo para dois tiros, talvez até três se for rápido o bastante ao manipular o ferrolho.

Mas um disparo deve ser tudo o que ele precisa.

* * *

O Air Force One encara o vento cruzado quando o coronel Jim Swindal o acomoda na pista de aterrissagem de Love Field, em Dallas. John Kennedy está em êxtase. Observando das janelas do avião, ele vê que o tempo ficou ensolarado e quente e que outra grande multidão texana espera para recebê-lo. “Esta viagem está se revelando extraordinária”, ele confidencia alegremente para Kenny O'Donnell. “Aqui estamos, em Dallas, e parece que tudo no Texas estará a nosso favor!”

Carros de polícia circundam o campo. Há policiais até nos telhados. Mas essas são as únicas visões sinistras no aeroporto. Pois as cerca de duas mil pessoas presentes na festa de boas-vindas estão radiantes ao ver o Air Force One tocar o solo, na primeira vez que um presidente visita Dallas desde 1948. Homens altos ficam na ponta dos pés para ver por sobre a multidão à frente. Os funcionários do aeroporto abandonam suas mesas dentro do terminal e se acotovelam perto da cerca de arame que separa a pista de aterrissagem do estacionamento. O U.S. Air Force C-130, que carrega a limusine blindada do

presidente, pousa e abre sua rampa de carga. O teto transparente permanece a bordo do avião. O teto conversível está completamente abaixado. Um repórter de uma emissora de TV local, que está cobrindo o espetáculo ao vivo, relata com entusiasmo que não há nem sinal do teto transparente e que as pessoas conseguirão ver o presidente e a primeira-dama "em carne e osso". O repórter também lembra aos telespectadores que o presidente regressará a Love Field entre "duas e quinze e duas e meia da tarde" para seguir viagem para Austin.

Lyndon Johnson e a esposa, Lady Bird, esperam o presidente na pista, como fizeram em cada etapa da viagem pelo Texas. O trabalho do vice-presidente é ficar ao pé da rampa e receber o presidente. Johnson não está feliz com essa designação, mas ele coloca um sorriso no rosto quando Jackie surge da porta traseira do avião, radiante no tailleur rosa da Chanel com o chapéu combinando. Dois passos atrás, e visto em pessoa pela primeira vez pelo povo de Dallas, vem John Kennedy. "Vejo o bronzeado dele daqui!", solta o repórter da TV local.

O plano oficial é que JFK vá direto para sua limusine e se una ao comboio, mas em vez disso ele para e se dirige ao povo. Não satisfeito com distribuir alguns apertos de mão, o presidente se mete na multidão, arrastando Jackie consigo. Os dois permanecem cercados por esse muro de pessoas por mais de um minuto, para delírio geral. Então, o presidente e a primeira-dama ressurgem, só para se embrenhar em outra parte do público.

"Uau, isso não se vê todo dia", entusiasma-se o repórter. "É um bônus para as pessoas que esperaram aqui!"

O presidente e a primeira-dama prosseguem com os apertos de mão durante o que parece uma eternidade para sua equipe de segurança pessoal, nervosíssima. "Kennedy está mostrando que não tem medo", anota em seu caderno Ronnie Dugger, do *Texas Observer*.

Finalmente, John e Jackie Kennedy abrem caminho até a limusine presidencial. Esperando por eles estão o governador John Connally e a esposa, Nellie. Há três fileiras de assentos no veículo. Na da frente está o motorista, Bill Greer, de 55 anos. À sua direita senta-se Roy Kellerman, que, como Greer, é um agente do Serviço Secreto de longa data. O agente especial Kellerman trabalha na equipe de segurança da Casa Branca desde os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial. Protegeu os presidentes Roosevelt, Truman, Eisenhower e agora Kennedy.

JFK está no banco de trás, do lado direito, ajeitando o cabelo depois de sua incursão pelo público. Jackie está à sua esquerda. A primeira-dama recebeu um buquê de rosas vermelhas ao desembarcar em Dallas, que agora estão sobre o assento entre ela e o presidente.

O governador Connally senta-se logo de frente ao presidente, na fileira do meio, com assentos removíveis. Connally tira seu chapéu de vaqueiro para que as multidões possam vê-lo. Nellie senta-se de frente para Jackie e, logo atrás do

motorista, o agente especial Greer.

Quando o comboio sai de Love Field às 11h55 da manhã, a limusine presidencial – codinome SS-100-X – é o segundo carro na fila, escoltado de cada um dos lados por quatro motocicletas.

À frente está um carro cheio de agentes do Serviço Secreto e policiais da região, entre os quais o chefe de polícia de Dallas, Jesse Curry, e o agente especial do Serviço Secreto, Winston Lawson.

Atrás do veículo de John Kennedy está um conversível de codinome Halfback. Os dois principais homens de Kennedy na Máfia Irlandesa, Dave Powers e Kenny O'Donnell, estão lá, cercados por agentes do Serviço Secreto, armados com revólveres e pistolas automáticas. Clint Hill, encarregado da segurança pessoal da primeira-dama, está de pé no estribo esquerdo do Halfback. Os agentes especiais Bill McIntyre, John Ready e Paul Landis também estão apoiados nos estribos.

O quarto carro é uma limusine conversível que foi alugada na cidade para o vice-presidente. Quando os veículos se afastam de Love Field, é visível que LBJ está irritado e de cara feia. Enquanto todos os outros políticos no comboio estão acenando para as multidões, ele olha para a frente e não sorri. Na retaguarda está o quinto carro, de codinome Varsity, cheio de policiais do estado do Texas e quatro agentes do Serviço Secreto.

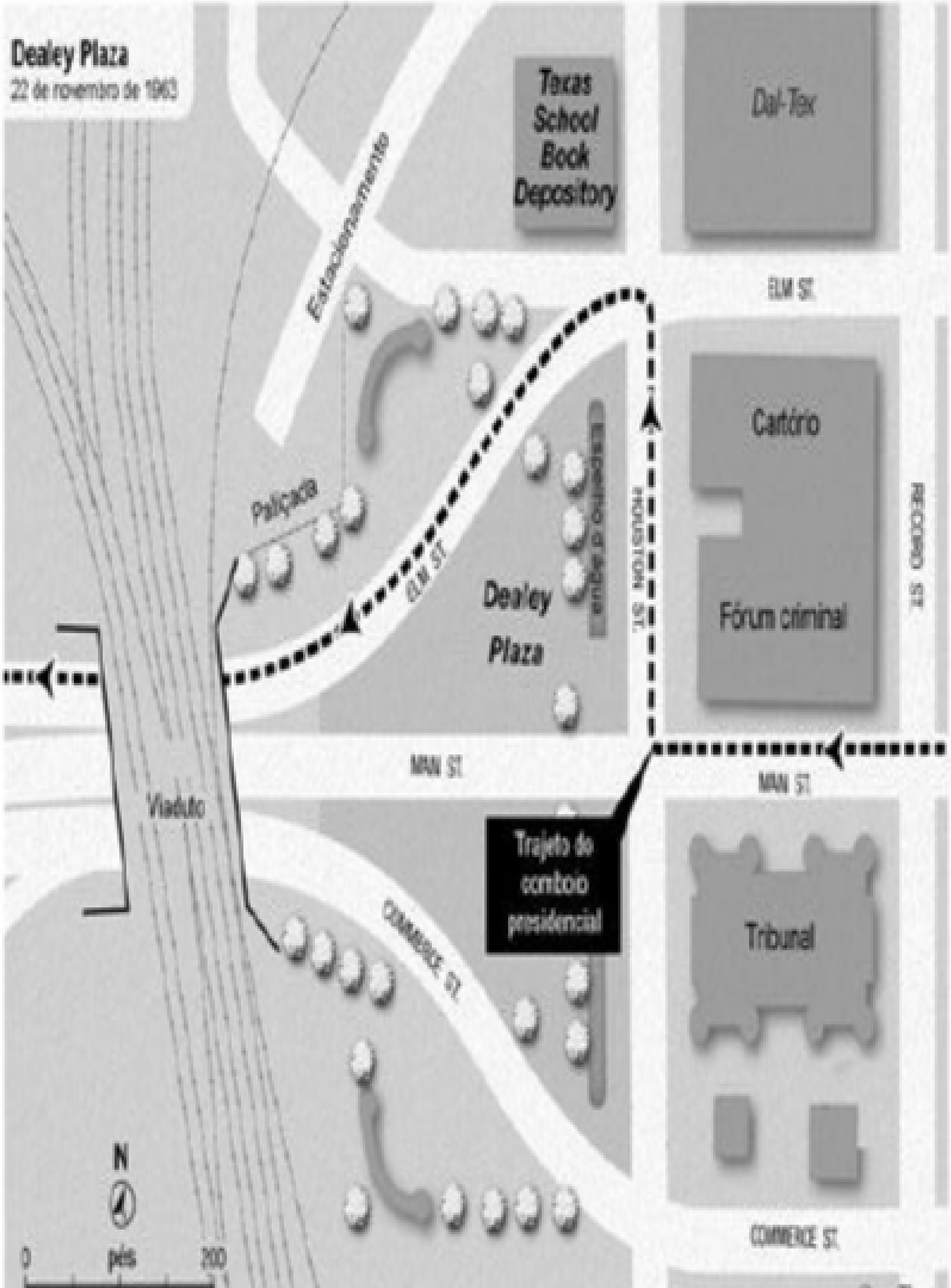
Bem à frente do comboio, a vários carros de distância do SS-100-X, o chefe de polícia de Dallas, Jesse Curry, tem o compromisso de fazer com que a visita do presidente tenha o mínimo de incidentes possível. Curry, hoje com cinquenta anos, sempre trabalhou em segurança pública. Além de fazer carreira na polícia de Dallas, ampliou seus conhecimentos entrando para a Academia do FBI. Ele participou de quase todos os passos e detalhes do planejamento da visita de John Kennedy e designou 350 policiais – um terço de seus homens – para acompanhar o trajeto do comboio, cuidar da segurança na chegada do presidente ao aeroporto e policiar a multidão durante o discurso em Trade Mart.

No entanto, Curry escolheu não posicionar nenhum homem nos arredores da Dealey Plaza, acreditando que as principais dificuldades no controle da multidão acontecerão antes desse destino. Depois que o comboio sair da Houston Street e entrar na Elm, passa debaixo de um viaduto, vira à direita na Stemmons Freeway e atravessa uma área relativamente calma até chegar a Trade Mart. Melhor concentrar seus oficiais nas vias mais movimentadas ao longo do percurso, em vez de desperdiçá-los em um lugar onde haverá poucas pessoas.

Curry também ordenou que seus homens ficassem voltados para a rua, em vez de para a multidão, pensando que não seria uma má ideia eles verem o homem que estão protegendo, como uma recompensa pelas longas horas que ficarão de pé. Isso ignora o exemplo da cidade de Nova York, onde os policiais ficam de costas para a rua, pois assim podem ajudar o Serviço Secreto a

proteger o presidente examinando as muitas janelas da cidade à procura de sinais da presença de um franco-atirador.

Mas isso não importa durante os primeiros quilômetros do comboio, que são tranquilos. Há tão pouco a fazer e tão poucas pessoas para ver que Jackie, aborrecida, coloca os óculos escuros e começa a acenar para os cartazes, só por diversão. Os funcionários administrativos da Lemmon Avenue são poucos e não demonstram entusiasmo. Preferem desfrutar do intervalo do almoço antes de voltar à fábrica da IBM.


Dealey Plaza
22 de novembro de 1963
Texas School Book Depository
Dal-Tex
Estacionamento
ELM ST.
Cartório
Fórum criminal
Paliçada
ELM ST.
Dealey Plaza
Espelho d'água
HOUSTON ST.
RECORD ST.
MAIN ST.
MAIN ST.
Viaduto
Trajeto do comboio presidencial
COMMERCE ST.
Tribunal
COMMERCE ST.
N
0
pés
200
Gene Thorp

* * *

Exatamente no mesmo instante é hora do almoço no Texas School Book Depository. A maioria dos colegas de trabalho de Lee Harvey Oswald saiu do edifício, na esperança de conseguir ver o presidente.

A poucos metros dali, o agente especial do FBI James Hosty se esqueceu completamente de investigar Lee Harvey Oswald e só está tratando de pôr o olho em seu herói, o presidente Kennedy.

Lee Harvey Oswald não trouxe comida para o trabalho hoje. E não planeja almoçar. Em vez disso, ele move uma pilha de caixas no sexto andar imundo do edifício do depósito, dando forma a um posto de tiro bem escondido.

Às 12h24, quase trinta minutos depois que o comboio saiu, o carro do presidente passa pelo agente especial James Hosty na esquina da Main Street com a Field. O agente do FBI realiza seu desejo de ver Kennedy em pessoa, antes de dar meia-volta e caminhar até o Alamo Grill para almoçar.

Às 12h28, o comboio entra em um bairro pobre do centro. Logo em frente, a bela grama verde da Dealey Plaza é claramente visível. Os agentes do Serviço Secreto estão impressionados com a recepção que o presidente está tendo: as pessoas festejam e aplaudem em toda parte.

Às 12h29, o comboio faz a fatídica curva fechada para a direita, entrando na Houston Street. Do alto, em sua toca de franco-atirador no sexto andar, Lee Harvey Oswald vê John F. Kennedy pessoalmente pela primeira vez. Depressa, ele aponta o Mannlicher-Carcano, mirando pelo telescópio enquanto o comboio contorna a Dealey Plaza.

As multidões aqui ainda são numerosas e entusiásticas, apesar da previsão de Curry de que teriam diminuído nesse ponto. As pessoas gritam para que Jackie e o presidente apareçam. Como se houvessem combinado, JFK acena para as pessoas à frente dos edifícios do lado direito da rua, enquanto Jackie acena para as que estão na Dealey Plaza, à esquerda. Isso garante que nenhum eleitor vá embora sem um aceno. O comboio está a apenas cinco minutos de Trade Mart, onde Kennedy fará seu discurso. Quase lá.

Dentro da limusine presidencial, Nellie Connally para de acenar a tempo de olhar por sobre o ombro direito e sorrir para John Kennedy.

– O senhor certamente não pode dizer que Dallas não o ama, sr. presidente.

Ironicamente, no mesmo instante, se JFK tivesse olhado para o sexto andar do Texas School Book Depository, ele teria visto um cano de fuzil saindo por uma janela aberta, apontado direto para sua cabeça. Mas Kennedy não olha para cima. Nem o Serviço Secreto.

São 12h30. Chegou a hora de o agente especial Bill Greer conduzir o SS-100-X pela curva de 120 graus para a esquerda, saindo da Houston e entrando na Elm.

* * *

A maioria das pessoas vive a vida como se o fim estivesse sempre longe. Elas medem os dias em amor, risadas, conquistas e perdas. Há momentos de sol e de tempestade. Há compromissos, ligações telefônicas, ansiedades na carreira, alegrias, viagens exóticas, comidas preferidas, romance, vergonha e fome. Uma pessoa pode ser definida por sua roupa, pelo cheiro de seu hálito, pelo modo como penteia o cabelo, pela forma do torso ou mesmo pelas companhias que mantém.

No mundo inteiro, as crianças amam seus pais e esperam amor em troca. Elas ficam felizes quando sentem uma carícia materna ou paterna no rosto. E, mesmo nos piores dias, cada pessoa tem sonhos sobre o futuro – sonhos que às vezes se tornam realidade.

Assim é a vida.

Mas a vida pode terminar em um piscar de olhos.

22 DE NOVEMBRO DE 1963
DEALEY PLAZA, DALLAS, TEXAS
12h14

Antecipando a chegada do presidente dos Estados Unidos, um estudante de ensino médio chamado Aaron Rowland e sua esposa, Barbara, aguardam na Dealey Plaza. Ao olhar para o Texas School Book Depository, ele vê a silhueta de um homem contra uma janela de esquina no sexto andar. Um caçador aficionado, Rowland percebe que o homem está segurando um fuzil na posição de cruzar armas – em diagonal à frente do corpo, com uma mão na coronha e a outra no cano. É assim que um fuzileiro naval seguraria a arma enquanto espera para disparar no polígono de tiro.

Rowland está fascinado, mas pelos motivos errados.

– Quer ver um agente do Serviço Secreto? – ele pergunta à esposa.

– Onde?

– Naquele prédio, ali – ele responde, apontando.

Seis minutos depois, e dez minutos antes de o comboio chegar à Dealey Plaza, Ronald Fischer e Robert Edwards, que trabalham no escritório de auditoria do condado, perto dali, olham para cima e veem um homem parado na janela do sexto andar. "Ele nunca se moveu", Fischer lembrará mais tarde. "Ele nem piscava os olhos. Estava só olhando, feito uma estátua."

No mesmo instante, Howard L. Brennan, um encanador da região, usa a manga de sua camisa cáqui para secar o suor da testa. Isso o faz pensar em como o dia está quente. E então ele olha para o painel da Hertz no alto do telhado do Texas School Book Depository, que mostra a hora e a temperatura. Ao fazer isso, ele identifica um homem misterioso completamente imóvel, posicionado na janela superior para atirar.

Mas logo vem o som de euforia à medida que o comboio se aproxima. Na Main Street, as multidões ocupam faixas de três a seis metros de largura, e seu barulho ecoa pelas ruas estreitas ladeadas de janelas do centro de Dallas. Em meio a toda a empolgação, a visão de um homem parado em uma janela empunhando um fuzil é esquecida. O presidente está perto. Nada mais importa.

* * *

Lee Harvey Oswald teria preferido atirar deitado, com a barriga no chão. É a posição ideal para um atirador. Quando o corpo está nessa posição, o fuzil não é sustentado pelo músculo, que pode se cansar ou se contrair; em vez disso, o chão duro e os ossos dos antebraços direito e esquerdo formam um triângulo perfeito e

estável.

Mas Oswald não tem opção. Ele terá que atirar de pé. Mas, sendo um atirador veterano, ele sabe manter o corpo o mais quieto possível. Agora ele se apoia firmemente contra o batente esquerdo da janela e pressiona a parte de trás da carabina italiana contra o ombro direito. A madeira arranhada da coronha está contra seu queixo, como esteve durante tantas horas no polígono de tiro com o fuzil M-1 em sua época no Corpo de Fuzileiros. Seu dedo indicador direito está curvado ao redor do gatilho de 33 anos.

Lee Harvey Oswald espreita a mira telescópica com 4x de aumento, que faz a cabeça de John Kennedy aparecer como se estivesse a pouco mais de meio metro de distância. Oswald sabe que o tempo é curto. Ele conseguirá dar dois tiros com certeza. Três, se for rápido. Ele provavelmente tem nove segundos.

Vendo o alvo com nitidez, Oswald exala, aperta o gatilho e, quando sente o forte tranco do fuzil contra seu ombro, puxa calmamente o ferrolho para carregar mais uma bala. Ele não sabe dizer se o primeiro tiro causou grande estrago. Mas isso não importa. Oswald precisa atirar outra vez imediatamente.

O assassino é um homem impulsivo e talvez ainda menos capaz de evitar o fluxo de adrenalina que correria pelo corpo de qualquer homem depois de disparar um fuzil de alta potência contra o presidente dos Estados Unidos. No instante em que um homem comete um ato como esse, sua vida é transformada para sempre. Não há como voltar atrás. Daquele segundo em diante, ele será caçado até os confins da terra. Talvez passe o resto da vida na prisão. Talvez seja executado.

A coisa sensata a fazer depois de disparar um tiro no presidente é jogar o fuzil no chão e correr.

Mas se o primeiro tiro falhou, como aquele disparado contra o general Walker em abril, e o presidente continuar vivo, Oswald parecerá um idiota. E essa é a última coisa que ele quer. Não, seu plano é matar John Fitzgerald Kennedy. E Lee Harvey Oswald executará esse plano. Ele não pensa duas vezes. Oswald atira de novo.

O som do segundo tiro não é abafado pela multidão lá embaixo. É tão alto que arranca pedaços do teto de gesso dentro do Texas School Book Depository, e estilhaça as vidraças das janelas ao lado das quais Lee Harvey Oswald se encontra.

Aproximadamente 8,4 segundos depois de disparar o primeiro tiro, Lee Harvey Oswald aperta o gatilho pela terceira vez. E então vai embora. Derruba a carabina italiana, agora desnecessária, e sai de trás da torre de caixas de livros onde se escondia. Ele corre para dar o fora do depósito.

Marrion L. Baker, um policial de Dallas, corre para o prédio e sobe as escadas. Apontando a arma para Oswald, o policial o detém no segundo andar, mas o libera quando fica claro que Lee Harvey é funcionário do Texas School

Book Depository.

Sessenta segundos depois, Lee Harvey Oswald sai do edifício do depósito e ganha as ruas ensolaradas desta tarde de dezoito graus em Dallas. Contrariando todas as probabilidades, o assassino está escapando.

* * *

Testemunhas auriculares na Dealey Plaza mais tarde confirmarão que os três tiros foram disparados do depósito. Um dos tiros erra totalmente o carro do presidente. Décadas depois ainda se especula se foi o primeiro ou o terceiro. Mas permanece o fato de que dois dos tiros acertaram o alvo.

O primeiro impacto atinge o presidente na parte debaixo da nuca. Viajando a 580 metros por segundo, a bala de 6,5 milímetros de diâmetro atravessa a traqueia do presidente e sai de seu corpo pelo nó apertado de sua gravata azul-escura. Nenhum osso é quebrado e, embora seu pulmão direito esteja ferido, o coração e os pulmões ainda funcionam perfeitamente.

O presidente está muito ferido, mas continua vivo. Ele tem dificuldade de respirar, pois o sangue inunda sua traqueia. Não fosse por isso, o tiro do fuzil provavelmente não o teria matado.

Não se pode dizer o mesmo do governador do Texas, John Connally. Seu assento removível, logo em frente o do presidente, é quase oito centímetros mais baixo que o banco onde JFK está sentado. A balística mostra que a bala que atravessou Kennedy depois atingiu as costas de Connally.

O governador havia virado o corpo justo antes de Oswald disparar. Ele estava tentando falar com o presidente cara a cara. Assim, a chamada “bala mágica” (que viajava a pouco mais de 520 metros por segundo) consegue perfurar a pele de Connally e atravessar seu corpo, saindo abaixo do lado direito de seu peito. Mas a bala mágica ainda não terminou. Perfura o pulso do governador e, ao atingir o osso, desvia e penetra sua coxa esquerda, onde finalmente se aloja.

O impacto derruba o governador Connally para a frente, dobrando-o ao meio. Seu peito se banha de sangue. “Não, não, não, não”, ele grita, “eles vão matar nós dois.”

Roy Kellerman tem a impressão de ouvir o presidente gritar “Meu Deus, fui atingido” e, ao virar, vê por sobre o ombro esquerdo o homem cujo sotaque de Boston ele conhece tão bem. Kellerman vê, com toda a certeza, que JFK foi atingido. O presidente Kennedy e o governador Connally estão a apenas seis quilômetros e meio do hospital Parkland. Lá, uma equipe de cirurgiões de emergência pode salvar a vida deles. Cabe ao motorista do Serviço Secreto, Bill Greer, levá-los até lá. Mas o motorista do SS-100-X também olhou para trás para verificar o estado do presidente. Essa distração significa que a limusine oscila de um lado para outro em vez de acelerar rumo à sala de emergência. Quando

Greer retorna ao volante, ainda há tempo de salvar o presidente. Tudo que ele precisa fazer é acelerar.

Mas o choque do que aconteceu ainda não foi assimilado. Não por Greer. Nem por Kellerman. Nem mesmo por Jackie, que se volta para JFK. E a limusine presidencial continua andando muito devagar pela Elm Street.

* * *

O agente especial do Serviço Secreto Clint Hill, a cargo da equipe de segurança pessoal da primeira-dama, escuta o tiro e parte para a ação. Saltando do estribo no Halfback, o veículo logo atrás da limusine do presidente, Hill avança correndo em uma tentativa de pular na pequena plataforma que sai da parte de trás do carro do presidente.

Enquanto isso, JFK está inclinado para a esquerda, mas ainda de pé. Em um gesto amoroso, Jackie envolve o rosto do marido em suas mãos. A primeira-dama olha dentro dos olhos do presidente para entender o que há de errado com ele. A distância entre seu rosto bonito e sem marcas de expressão e o rosto bronzeado e atônito de John Kennedy é de uns quinze centímetros.

O torso de um homem normal teria sido lançado ainda mais para a frente pela força de uma bala em seu corpo a uma velocidade que é quase duas vezes à do som. Isso é precisamente o que aconteceu com o governador Connally. Se John F. Kennedy houvesse sido empurrado para a frente, ele poderia ter vivido por muitos anos.

Mas agora a longa e dolorosa batalha do presidente com os problemas de coluna o torturam uma última vez.

A faixa que ele usa para as costas mantém seu corpo ereto. O presidente a tornou mais rígida esta manhã, envolvendo não só a faixa, mas também suas coxas, com uma densa camada de ligaduras.

Não fosse pela faixa, a bala seguinte, menos de cinco segundos depois, teria passado sobre sua cabeça. Mas não. A bala seguinte explode seu crânio.

* * *

O diâmetro da ferida provocada pelo segundo impacto é só um pouco maior que o de um lápis número dois. A alta velocidade faz com que a bala atravesse o cérebro do presidente e saia pela frente do crânio, em vez de se alojar lá dentro como a bala mais lenta que matou Abraham Lincoln. Quando Lincoln foi assassinado, os médicos inseriram algo chamado sonda de Nélaton em seu cérebro. Essa vareta fina e flexível com ponta de porcelana seguiu o caminho do ferimento até que a ponta encontrou a bala sólida de metal disparada pela pistola de John Wilkes Booth. O caminho da bala foi extremamente linear.

Mas a bala de 6,5 milímetros disparada por Lee Harvey Oswald é um

pedaço de chumbo muito mais cruel. Uma bala tão fina pode parecer insignificante, mas é capaz de abater um veado a 180 metros de distância.

Esse míssil revestido de cobre põe fim à vida de John F. Kennedy em um instante. Mal desacelera enquanto atravessa a terna massa cinzenta do cérebro antes de explodir a fina parede óssea ao sair pela frente de seu crânio.

Os braços de Jackie continuam em volta do marido quando a frente de sua cabeça explode. Cérebro, sangue e fragmentos de osso banham o rosto da primeira-dama e seu tailleur rosa da Chanel; salpicam até mesmo os quebra-sóis do para-brisa da limusine.

Como é seu costume quando alguma coisa bagunça seu cabelo, John Kennedy, num ato reflexo, tenta ajeitar a parte de cima da cabeça com a mão. Mas agora a parte de cima de sua cabeça já não está lá.

* * *

Não há nenhuma chance de ressuscitá-lo com uma respiração boca a boca, como se tentou quando Lincoln jazia moribundo no chão do camarote do Teatro Ford. Não haverá vigília noturna, como com Lincoln, para que os amigos e os entes queridos possam acompanhar JFK em seus momentos finais, assimilando aos poucos a dor da perda iminente, e talvez pronunciando algumas palavras sinceras sobre o quanto amam John Fitzgerald Kennedy. O homem que nadou quilômetros para salvar os homens do *TP-109*, que apertou as mãos de reis e rainhas e primeiros-ministros, que inspirou o mundo inteiro com seus discursos ousados e sua profunda crença no poder da democracia e da liberdade, que acariciou as bochechas de seus filhos, que suportou a perda de tantos familiares queridos e que enfrentou cara a cara homens que, não fosse por isso, poderiam ter destruído o mundo, teve morte cerebral.

* * *

Mal sabem os espectadores, horrorizados, mas historiadores e teóricos da conspiração, e também cidadãos comuns nascidos anos depois desse dia, questionarão se Lee Harvey Oswald agiu sozinho ou se teve ajuda de outros. As autoridades federais examinarão a balística e usarão um cronômetro para medir com que rapidez um homem é capaz de mirar e recarregar um Mannlicher-Carcano 6,5 milímetros. As pessoas mais variadas se autonomearão especialistas em vídeos caseiros do assassinato em baixa resolução, em colinas gramadas, e nos muitos malfeitores que ansiavam para ver John F. Kennedy afastado do poder.

Os argumentos conspiratórios se tornarão tão convincentes e tão intricados que um dia ameaçarão sobrepujar a tragédia de 22 de novembro de 1963.

Então, que fique registrado, de uma vez por todas, que às 12h30 de uma

tarde ensolarada de sexta-feira em Dallas, Texas, John Fitzgerald Kennedy é morto a tiros num piscar de olhos. Deixa uma bela viúva. Deixa duas crianças adoráveis. Deixa uma nação que o ama.

22 DE NOVEMBRO DE 1963
DALLAS, TEXAS
12h31

Dentro da limusine presidencial, é o caos.

"Ah, não, não, não. Ah, meu Deus. Eles atiraram no meu marido. Eu te amo, Jack", chora Jackie Kennedy.

A primeira-dama não se lembrará do que faz nos segundos depois que o marido é baleado. Ela está em choque. No futuro, ela se verá nos vídeos e sentirá como se estivesse assistindo outra mulher. Os filhos a protegerão arrancando dos livros as imagens do assassinato antes que ela as veja.

"Eles mataram meu marido", Jackie diz para cada uma das pessoas. À frente, o motorista Bill Greer e o agente especial Roy Kellerman estão informando por rádio que o presidente foi atingido. O governador Connally ainda está consciente, mas desfalecendo depressa. Sua esposa, Nellie, jogou o corpo sobre o dele. Com isso, Jackie está sozinha no banco de trás, o corpo sem vida do presidente apoiado contra o dela. "Há pedaços de cérebro na minha mão", ela grita. E então Jackie se levanta e sai do banco. Ela está em uma missão.

O agente especial do Serviço Secreto Clint Hill sabe exatamente o que a primeira-dama está fazendo. Em vez de permanecer sentada junto ao corpo do marido, ela está se arrastando para o porta-malas da limusine presidencial em movimento a fim de recolher pedaços de crânio e de cérebro que cobrem o metal azul escuro. Alguns fragmentos têm cor de carne, com a pele ainda grudada. Atrás dela, o corpo do presidente continua ereto, embora pendendo para a esquerda. Do ferimento em sua cabeça, jorram torrentes de sangue, encharcando suas roupas e as rosas sobre o banco e derramando no chão do veículo.

"Meu Deus, ela vai voar pelo fundo do carro", Hill pensa enquanto pula na pequena plataforma presa à parte de trás do Lincoln. Para o agente especial Hill, o tiro que matou o presidente fez o barulho de um "melão explodindo no cimento". Respingos da cabeça do presidente cobrem o rosto e as roupas de Hill, já que ele e a bala fatal foram simultaneamente ao encontro de Kennedy.

Os olhos da primeira-dama se enchem de pavor. Seu rosto está coberto de sangue e massa cinzenta. Esta é uma mudança brutal para uma mulher tantas vezes consumida pela preocupação de se apresentar sempre elegante. Mas Jackie não se importa nem um pouco. "Meu Deus, eles explodiram a cabeça dele", ela grita.

Hill está a poucos centímetros de Jackie Kennedy quando Bill Greer acelera rumo ao hospital Parkland. O SS-100-X é um veículo gigantesco, especialmente

modificado para ser usado pelo presidente. Além dos assentos removíveis no meio do veículo – que exigem que a distância entre os eixos seja 3,86 metros, em vez dos 3,38 metros de um Lincoln de fábrica –, o carro pesa quase quatro toneladas. O motor de 350 cavalos é seu ponto fraco, impossibilitando-o de acelerar rápido. Mas, quando o veículo alcança velocidade, corre pela autopista com uma força imbatível.

Que é precisamente o que está fazendo agora. Dispersando as motocicletas da escolta policial, Bill Greer pisa fundo no acelerador. Clint Hill, tratando de evitar que Jackie Kennedy caia do veículo, quase voa do para-choque ele mesmo. Sua mão alcança uma haste no porta-malas, colocada ali especialmente para servir de apoio para os agentes do Serviço Secreto. Agora ele se agarra com toda a força usando apenas uma mão, e com a outra tenta alcançar Jackie, enquanto a limusine vai como um foguete pela Elm Street. Hill agarra o cotovelo de Jackie, o que enfim lhe permite se equilibrar sobre o porta-malas da limusine presidencial.

A principal função de Hill é proteger Jackie Kennedy. Enquanto pressiona o corpo com força contra o porta-malas e segura firme, ele a empurra de volta ao banco de trás. O corpo do presidente cai no colo dela. Ela segura a cabeça dele com suas mãos vestidas em luvas brancas, ninando-o como se ele simplesmente tivesse caído no sono. "Jack, Jack. O que fizeram com você?"

À frente, o motorista Bill Greer depende do chefe Curry para conduzir a limusine do presidente ao hospital Parkland, que fica a seis quilômetros e meio dali.

Ainda agarrado ao porta-malas, Clint Hill vira para trás e olha para o Halfback, onde os agentes do Serviço Secreto continuam em pé nos estribos. Ele faz contato visual com o agente especial Paul Landis, e então balança a cabeça e estende a mão com o polegar para baixo.

O agente especial Emory Roberts vê o gesto de Hill e no mesmo instante se comunica por rádio com os agentes que protegem Lyndon Johnson. Com um polegar para baixo, Clint Hill confirmou que Lyndon Baines Johnson é agora o presidente dos Estados Unidos. Proteger a vida dele passa a ser a prioridade número um do Serviço Secreto.

No banco de trás do Lincoln, Jackie Kennedy segura a cabeça do presidente e chora em silêncio. "Ele está morto. Eles o mataram. Ah, Jack, ah, Jack, eu te amo."

* * *

Lee Harvey Oswald está fazendo tudo certo. Ele está caminhando pela Elm Street em direção ao leste para tomar um ônibus. O pânico e o caos que agora definem a Dealey Plaza se perdem na distância. Ninguém parou Oswald. Neste momento, ninguém nem sequer suspeita dele.

Enquanto isso, seu plano de fuga pouco a pouco ganha forma. Por enquanto, o assassino está a caminho da pensão onde mora para pegar sua pistola – só por via das dúvidas.

* * *

A chamada de rádio de "Código 3" significa uma emergência da maior importância para os hospitais de Dallas. O termo quase nunca é usado. Então, quando a atendente Anne Ferguson, do hospital Parkland, pede mais detalhes, eles informam simplesmente: "O presidente foi baleado". São 12h33.

Três minutos depois, a limusine presidencial entra acelerando no hospital Parkland e passa voando pela placa que diz "Somente casos de emergência". Bill Greer estaciona no meio de três vagas de ambulâncias.

Mas não há nenhuma maca esperando, nenhuma equipe de emergência correndo para socorrer o presidente. Por incrível que pareça, o hospital não estava preparado para um atendimento imediato em virtude de uma pane no sistema de comunicação. A equipe de traumatologia mal foi notificada. Portanto, as pessoas dentro da limusine presidencial apenas esperam. Nellie Connally está deitada sobre o marido, enquanto Jackie, gemendo, segura a cabeça de John Kennedy.

O Halfback estaciona logo atrás do SS-100-X. Dave Powers e Kenny O'Donnell, homens que estiveram nas trincheiras políticas com JFK desde a campanha para o Congresso em 1946, correm para o Lincoln, esperando o melhor. O presidente ainda tem um pulso débil – que continua a bombear gota após gota de sangue pelo ferimento em sua cabeça.

– Levante-se – o agente especial do Serviço Secreto Emory Roberts ordena a Jackie Kennedy.

Jackie não se mexe. Ela posicionou os braços e o casaco para que ninguém possa ver o rosto ou a cabeça de JFK. A primeira-dama não quer que o marido seja lembrado dessa maneira.

Roberts delicadamente ergue o braço de Jackie para poder ver por si mesmo se o presidente está morto. Um olhar é tudo de que ele precisa. Roberts recua.

Dave Powers vê as pupilas fixas fitando sem vida a distância e irrompe em lágrimas. O'Donnell, que serviu no Corpo Aéreo do Exército durante a Segunda Guerra Mundial, relembra seus dias de soldado e assume a posição de sentido, em um entorpecido sinal de respeito.

Mesmo se Jackie tentasse se mexer agora, ela não teria para onde ir. O corpo caído de John Connally bloqueia a porta do carro, o que significa que o governador do Texas precisa ser deslocado antes que o presidente dos Estados Unidos possa ser retirado do veículo. É Dave Powers, e não os funcionários do hospital, quem finalmente enxuga as lágrimas, ergue Connally pelas pernas e o coloca em uma maca. O governador está consciente, embora só um pouco. Seus

ferimentos representam risco de vida, e os médicos da emergência em Parkland estarão muito ocupados hoje tentando salvar a vida de Connally. (Eles conseguirão – ao menos uma notícia boa neste dia tão brutal.)

Connally foi levado para a Sala de Traumatologia no 2 e já não está obstruindo a porta do carro, mas Jackie Kennedy ainda se recusa a deixar o marido. Ao deixá-lo ir, ela sabe que é para sempre. Esta será a última vez que ela o abraça. A primeira-dama curva o corpo para a frente, apoiando o peito contra o rosto empapado de sangue do presidente. Ela chora em silêncio, apertando o corpo contra o do marido com cada vez mais força.

– Sra. Kennedy – diz o agente especial Clint Hill –, por favor, deixe-nos ajudar o presidente.

Jackie não responde. Mas ela conhece aquela voz. É o comando suave de um homem que a protegeu do perigo dia e noite.

A voz de Clint Hill é a única voz que Jackie escuta em seu doloroso momento de choque.

Com delicadeza, Hill coloca a mão no ombro dela. A primeira-dama treme, sofrendo.

A aglomeração silenciosa de agentes do Serviço Secreto e funcionários dos Kennedy ao redor do Lincoln não pronuncia uma palavra. Os segundos passam.

– Por favor, sra. Kennedy. Deixe-nos levá-lo ao hospital – Hill implora.

– Eu não o deixarei ir, sr. Hill – diz Jackie.

– Nós precisamos levá-lo para dentro, sra. Kennedy.

– Não, sr. Hill. Você sabe que ele está morto. Deixe-me sozinha.

Jackie chora. Seu corpo sacode, atravessado pela dor.

Hill percebe uma coisa. Já é terrível que ela esteja vendo o homem que ama com a cabeça estourada, mas ela não quer que ninguém mais o veja assim. E quando a mídia chega ao hospital Parkland em meio à Piedade solitária de Jackie, não há nada no mundo que a faça permitir que John Fitzgerald Kennedy seja fotografado nesse estado. Clint Hill está exausto. Ele trabalhou horas seguidas nesta viagem e passou com pouca comida e ainda menos horas de sono. Mas não há nada que ele não faça por Jackie Kennedy. Sabendo no mesmo instante que esta é a coisa certa a fazer, o agente especial Hill tira seu paletó e o coloca gentilmente sobre o corpo do presidente.

Jackie Kennedy, o tailleur rosa e as luvas brancas agora cobertos com o sangue abundante do presidente, envolve a cabeça e o torso do marido com o paletó de Clint Hill.

Então, pela última vez, Jacqueline Bouvier Kennedy solta o homem que ama. O presidente é colocado em uma maca e levado às pressas para a Sala de Traumatologia no 1; os que estão empurrando a maca seguem a linha vermelha no piso. As paredes são azulejadas de bege, e sobre o peito do presidente está o buquê de rosas ensanguentadas, que grudaram em seu corpo.

* * *

A cerca de seis quilômetros e meio da cena sangrenta do hospital, Lee Harvey Oswald toma um ônibus na esquina da Elm Street com a Murphy e conclui sua fuga.

* * *

O assassinato de Abraham Lincoln em abril de 1865 foi uma rede de conspirações. Na mesma noite em que Lincoln foi morto no Teatro Ford, também havia planos de matar o vice-presidente e o secretário de Estado. Se aqueles planos houvessem se concretizado, o alto escalão do governo americano teria sido decapitado.

Assim que o primeiro tiro é disparado em Dallas, aqueles acontecimentos longínquos logo vêm à memória. Tomam-se medidas imediatas para garantir que uma possível conspiração não seja consumada. Vários membros do Gabinete estão a oeste do Havaí, a caminho do Japão. Uma chamada de rádio ordena que eles deem meia-volta e regressem ao país.

O vice-presidente Lyndon Johnson está sob observação constante desde o instante em que sua limusine alugada chega ao hospital Parkland. Ele é levado às pressas a uma pequena baia branca na área de atendimento ambulatorial de Parkland com a esposa, Lady Bird. Uma equipe de segurança pessoal protege sua vida. Um paciente e uma enfermeira são expulsos para dar espaço a eles. Ainda não há nenhuma palavra sobre o destino do presidente, embora todos saibam que sobreviver a um ferimento desse tipo é quase impossível. O Serviço Secreto quer que LBJ seja levado imediatamente de volta a Washington e esteja fora de perigo. Se isso não for possível, que ele pelo menos seja trasladado à zona de maior segurança em Dallas: o Air Force One.

Mas o vice-presidente se recusa a deixar o hospital. Ele continua esperando alguma palavra sobre o destino do presidente Kennedy. O Serviço Secreto o pressiona repetidas vezes para ir embora, mas LBJ não vai. Johnson está planejando seus próximos passos. Enquanto a sucessão não for oficial, ele não dará ordem alguma. O juramento de posse não é necessário para torná-lo oficialmente presidente. A sucessão acontecerá no instante em que JFK for declarado morto. De modo que LBJ fica lá na pequena baia no hospital Parkland, encostado contra a parede e tomando café em silêncio absoluto, esperando o pronunciamento oficial da morte do presidente Kennedy.

Na Sala de Traumatologia no 1, o corpo do presidente está nu, exceto por sua roupa íntima. Seu relógio de ouro é retirado de seu pulso. Ele já não tem uma pulsação regular, mas ainda respira, em intervalos curtos. O sangue continua a jorrar do ferimento em sua cabeça e do orifício em sua garganta; o resto de seu corpo está ileso. Uma lâmpada fluorescente ilumina o pequeno exército de

médicos trabalhando na sala de traumatologia. O primeiro médico em cena é Charles J. Carrico, que, em seu segundo ano de residência, sabe o que fazer e age rápido. Um tubo é inserido na garganta de John Kennedy para abrir sua via respiratória, e uma solução salina é bombeada em seu corpo através de sua veia femoral direita.

Aos poucos, a sala se enche de cirurgiões, até que há catorze médicos ao redor do presidente. Fora da sala de traumatologia, Jackie Kennedy está de vigília sentada em uma cadeira dobrável.

O dr. Mac Perry, um cirurgião de 34 anos, agora assume a liderança da equipe. Ele usa um bisturi para abrir a garganta do presidente e realizar uma traqueotomia, enquanto alguém acopla um tubo a um respirador para induzir uma respiração regular.

Jackie agora se levanta da cadeira, determinada a entrar na sala de traumatologia. Ela escutou conversas sobre fluidos e ressuscitação e está começando a ter esperanças de que o marido possa sobreviver. Uma enfermeira a impede de entrar, mas a recatada primeira-dama pode apresentar uma vontade de ferro quando quer.

– Eu vou entrar nesta sala – ela repete várias vezes enquanto disputa com a enfermeira Doris Nelson, que não mostra nenhuma intenção de ceder. – Eu vou entrar nesta sala.

– Sra. Kennedy, você precisa de um sedativo – um médico lhe diz

Mas a primeira-dama não quer ser sedada. Ela quer sentir cada um dos últimos instantes com o marido.

– Eu quero estar lá quando ele morrer – ela diz, com firmeza.

* * *

Bobby Kennedy recebe a má notícia de J. Edgar Hoover.

Como chefe do principal órgão de segurança dos Estados Unidos, Hoover é informado do assassinato quase imediatamente. O diretor do FBI é um homem desapaixonado, mas nunca como agora. Ele está sentado em sua mesa no quinto andar do edifício do Departamento de Justiça quando pega o telefone e liga para Bobby Kennedy. Passaram-se quinze minutos desde que Lee Harvey Oswald puxou o gatilho pela primeira vez. A equipe de traumatologia cirúrgica em Parkland está lutando para que o presidente sobreviva.

Bobby está prestes a comer um sanduíche de atum no pátio de sua casa na Virgínia quando sua esposa, Ethel, diz que há um telefonema para ele.

– É J. Edgar Hoover – ela diz a Bobby.

O procurador-geral sabe que isso deve ser importante. O diretor do FBI sabe que é melhor não ligar para Bobby em sua residência. Ele solta o sanduíche e vai até o telefone. É uma linha especial de comunicação direta do governo conhecida como Extensão 163.

– Tenho uma notícia para você – diz Hoover. – O presidente foi baleado.

Bobby desliga. Sua primeira reação é de grande agonia, e seu corpo parece desfalecer. Mas seu pensamento seguinte, como sempre, é proteger o irmão mais velho. Ele telefona para a Casa Branca e solicita que as chaves de todos os arquivos de JFK sejam trocadas para que Lyndon Johnson não possa acessá-los. Os arquivos mais delicados são completamente removidos da Casa Branca e colocados sob vigilância 24 horas.

Então, Bobby atende telefonema atrás de telefonema, de amigos e familiares. Ele segura as lágrimas, mas Ethel sabe que o marido está com os nervos à flor da pele e lhe entrega um par de óculos escuros para esconder os olhos avermelhados.

As ligações não cessam. Em meio a tudo isso, Bobby percebe que a mesa virou. E sabe que logo receberá um telefonema de um homem que ele despreza.

* * *

Jackie Kennedy recebe a má notícia do dr. William Kemp Clark.

Chega poucos instantes depois que, contrariando a tudo e a todos, a primeira-dama finalmente consegue entrar na sala de traumatologia. Ela espera em um canto, fora do caminho, só querendo estar perto do marido.

A visão é tipicamente médica, com tubos saindo da boca, do nariz e do peito do presidente. Sua pele é branquíssima. Seu corpo está recebendo transfusão de sangue. O dr. Mac Perry pressiona o externo do presidente para reanimar o coração, enquanto o aparelho de eletrocardiograma mostra uma linha reta. O dr. William Kemp Clark, neurocirurgião-chefe em Parkland, auxilia Perry monitorando o eletrocardiograma na expectativa de uma variação, por menor que seja.

Finalmente, Clark sabe que eles já não podem fazer nada. Um lençol é estendido sobre o rosto de JFK. O dr. Clark se volta para Jackie Kennedy.

– Seu marido sofreu um ferimento fatal – o cirurgião experiente diz à primeira-dama.

– Eu sei – ela responde. – O presidente está morto.

Jackie se inclina e pressiona a bochecha contra a do dr. Clark. É uma expressão de agradecimento. Kemp Clark, um homem valente que serviu no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, não se contém. Ele desaba a chorar.

* * *

A maioria das pessoas nos Estados Unidos recebe a má notícia da morte do presidente pelo jornalista da CBS Walter Cronkite.

O homem de maior confiança nos Estados Unidos aparece no meio da telenovela *As the World Turns* apenas oito minutos depois do tiroteio, dizendo que

um assassino disparou três tiros contra o presidente. Apesar de a maioria dos americanos estar no trabalho ou na escola, e não em casa assistindo televisão durante o dia, mais de 75 milhões de pessoas já sabem do incidente à uma hora da tarde.

* * *

Lyndon Baines Johnson recebe a má notícia por Kenny O'Donnell.

Logo após a uma da tarde, o assessor especial de John F. Kennedy entra na pequena baia branca no ambulatório do hospital e se detém diante de Lyndon Johnson. O'Donnell está nitidamente perturbado. Ele não é o tipo de homem que chora em uma calamidade, mas o olhar devastado em seu rosto é visível a todos.

Mesmo antes de O'Donnell abrir a boca, LBJ sabe que é oficial: Lyndon Baines Johnson é o 36o presidente dos Estados Unidos.

* * *

Jack Ruby recebe a má notícia pela televisão, como a maioria dos americanos.

O dono da boate está no segundo andar do edifício do *Dallas Morning News*, a apenas quatro quadras da Dealey Plaza. Ele veio colocar um anúncio para seu negócio, o Carousel Club – "um antro puta classudo", em suas próprias palavras. Ele paga em dinheiro porque o *Morning News* cancelou seu crédito depois que ele atrasou os pagamentos inúmeras vezes. O anúncio divulga os principais artistas que se apresentarão no próximo fim de semana, e não é diferente de seus outros anúncios que decoram o jornal todas as semanas.

Ruby mede um metro e 75 e pesa oitenta quilos, e gosta de carregar um grande maço de dinheiro. Ele tem amigos na máfia e na polícia. É conhecido por gostar de comida saudável e ter o pavio curto. Mas, acima de tudo, Jack Ruby se considera um democrata e um patriota.

As primeiras reportagens afirmam que um homem do Serviço Secreto foi morto, mas, quando Ruby e a equipe de publicidade do *Morning News* se reúnem ao redor de uma pequena televisão preto e branco para mais informações, a dura verdade é anunciada.

Desanimado, Jack Ruby se afasta e senta sozinho em uma mesa. Depois de um tempo, ele levanta e anuncia que está cancelando o anúncio da casa noturna. Ele coloca outro anúncio no lugar. Este diz aos bons cidadãos de Dallas que o Carousel Club estará fechado durante todo o fim de semana, em respeito ao presidente Kennedy.

Nos próximos dias, Jack Ruby não se ocupará dos negócios. Ele se ocupará de outra coisa.

* * *

Lee Harvey Oswald está em movimento. Quando o ônibus fica preso no tráfego pesado pós-assassinato, ele desce e caminha um pouco antes de encontrar um táxi, que o leva mais perto de sua pensão no número 1026 da North Beckley. Ao chegar lá, ele corre para o quarto, pega sua pistola calibre 38 e a enfia na cintura. Ele vai embora depressa.

Oswald não sabe de nada, mas testemunhas na cena do crime o descreveram para a polícia. Agora os tiras estão à procura de um "homem branco, de aproximadamente trinta anos, magro, um metro e 78 de altura, 75 quilos".

À uma e quinze da tarde, o oficial J.D. Tippit, do Departamento de Polícia de Dallas, está dirigindo pela Tenth Street em direção ao leste. Logo após o cruzamento da Tenth com a Patton, ele vê um homem que corresponde à descrição do suspeito andando sozinho, usando uma jaqueta de cor clara.

Tippit é casado e pai de três filhos. Ele tem 39 anos, foi condecorado com uma Estrela de Bronze como soldado paraquedista na Segunda Guerra Mundial, concluiu até o décimo ano de estudo e ganha pouco mais de cinco mil dólares por ano. As iniciais "J.D." não significam nada.

Tippit tem onze anos de experiência no Departamento de Polícia de Dallas quando para o carro ao lado de Lee Harvey Oswald. Ele sabe ser cauteloso. Ele também sabe ser eficiente em seu interrogatório.

Oswald se inclina e fala com Tippit pela abertura da janela dianteira do lado direito. Ele é hostil.

Tippit abre a porta e sai da viatura. Ele contorna a frente do carro, pretendendo fazer mais algumas perguntas a Oswald. Com base nas respostas, Tippit decidirá se deve algemá-lo. Mas o policial não vai além da roda dianteira esquerda. Lee Harvey Oswald saca sua 38 e dispara quatro balas em rápida sucessão. Tippit morre no mesmo instante. Oswald, o homem que, num momento de nervosismo, errou o general Walker há tantos anos, agora matou o presidente dos Estados Unidos e um policial de Dallas a sangue frio num intervalo de apenas 45 minutos.

Mas Oswald está ficando sem opções. Ele não tem dinheiro, quase não tem munição, e a polícia de Dallas sabe como ele é. Ele terá de ser muito esperto nos próximos minutos se quiser continuar fugindo.

O assassino recarrega a arma sem demora e continua sua jornada, virando na Patton Avenue. Mas desta vez ele não caminha; ele corre. Não há dúvida: Oswald está sendo caçado. A polícia está se aproximando. Ele precisa ser rápido. São 13h16.

* * *

Às 13h26, o Serviço Secreto leva Lyndon Johnson para o Air Force One, onde ele imediatamente sobe a escada que dá para a porta traseira do avião. Lá, ele se muda para o quarto pessoal do presidente Kennedy, tira o casaco e se esparrama na cama enquanto espera o regresso de Jackie Kennedy ao avião. Ela ficou para trás em Parkland, recusando-se a ir embora enquanto o corpo do marido não for com ela.

E assim LBJ espera. Enquanto saboreia seus primeiros momentos de poder, fora do quarto, mecânicos estão removendo vários dos assentos de primeira-classe na parte traseira do Air Force One para abrir espaço para o caixão de John Kennedy.

LBJ escolheu o quarto porque quer privacidade. Ele pega o telefone presidencial de John Kennedy ao lado da cama e faz uma chamada para um homem que ele odeia.

Do outro lado da linha, Bobby Kennedy atende o telefone e diz um "oi" profissional a seu novo chefe.

* * *

Lee Harvey Oswald ouve as sirenes e sabe que estão atrás dele.

Ele corre em direção ao esconderijo mais rápido que consegue encontrar, um cinema chamado Teatro Texas. Oswald atravessou oito quadras nos 25 minutos desde que matou o oficial Tippit. Ele se livrou da jaqueta logo depois de atirar em Tippit, esperando confundir seus perseguidores. Correndo, ele passa pelo Templo Bethel, onde uma placa aconselha: "Prepara-te para encontrar teu Deus". Mas Lee Harvey Oswald não mostra medo.

Numa atitude estúpida, ele passa correndo pela bilheteria. No escuro do teatro, encontra um assento, tentando ficar invisível. Seu assento fica no andar principal, junto do corredor central direito. O filme da matinê é *War Is Hell*, um nome irônico para um dia que definitivamente é um inferno criado por Oswald.

Ao ver o homem correr para dentro sem pagar, e ao mesmo tempo ouvir sirenes quando os carros de polícia correm para a cena do assassinato do oficial Tippit, a bilheteira Julia Postal liga os pontos. Percebendo que o homem que acabou de ver está "fugindo deles por algum motivo", ela pega o telefone e liga para a polícia.

Viaturas chegam à cena do crime quase imediatamente. A polícia fecha as saídas do cinema. As luzes se acendem. O guarda M.N. McDonald se aproxima de Oswald, que de súbito se levanta e dá um soco no rosto do policial, enquanto tenta sacar a pistola que traz na cintura. McDonald não se machuca e revida. Outros policiais se somam à briga. Assim, protestando contra a brutalidade policial, Lee Harvey Oswald é arrastado para fora do teatro e levado para a prisão.

* * *

O agente funerário Vernon Oneal recebe o telefonema de Clint Hill, solicitando que ele traga seu melhor caixão ao hospital Parkland. Oneal é especializado em cuidar dos mortos, administrando uma frota de sete carros fúnebres brancos equipados com rádio que conduzem o recém-falecido à sua casa funerária, onde os parentes podem beber na cafeteria antes de prestar a última homenagem na sala de velório.

O caixão que Oneal escolhe para John Kennedy é o modelo "Britannia" da Elgin Casket Company. Tem parede dupla e é de bronze sólido. O forro é de cetim.

Ao chegar ao hospital Parkland, Oneal é informado de que Jackie Kennedy quer um último momento com o marido. Isso é tudo. Ela tira a aliança de seu dedo e a enfia no dedo mínimo de Jack com a ajuda de um servente, para que não caia durante o embalsamamento. Em seguida, fuma um cigarro. Jackie está exausta e com o coração partido. O clima em Parkland é de luto, mas aos poucos retorna à rotina normal de um hospital. À medida que os médicos e as enfermeiras começam a atender outros casos, Jackie Kennedy se sente cada vez mais fora de lugar.

– Você poderia voltar para o avião – alguém lhe diz.

– Eu não vou voltar sem o Jack – ela responde.

Enquanto isso, Vernon Oneal forra com plástico o interior do caixão. Depois, com cuidado, ele enfaixa o corpo de John Kennedy em sete camadas de sacos de borracha e mais uma de plástico. Finalmente, o corpo do presidente é acomodado dentro do caixão. Oneal teme que o sangue do presidente manche o forro de cetim.

Quase uma hora depois de ser declarado morto, John Kennedy agora está pronto para sair do hospital Parkland e regressar a Washington.

Mas, por ironia do destino, a cidade de Dallas, que um dia quis que JFK mantivesse distância, agora não o deixará partir.

* * *

É um fato pouco conhecido que matar o presidente dos Estados Unidos não é um crime federal. É contra a lei federal iniciar uma conspiração para matar o presidente, e é por isso que J. Edgar Hoover está agora insistindo que o assassinato de JFK foi o ato de muitos, e não de um só. Hoover quer jurisdição sobre o caso. Mas, neste momento, ele não consegue. A jurisdição cabe ao estado do Texas e à municipalidade de Dallas.

Assim, os oficiais de Dallas não deixarão o corpo de John Kennedy sair do estado do Texas até que seja realizada uma autópsia oficial. O médico-legista de Dallas, que acaba de chegar a Parkland, não fará concessões a esse respeito.

O agente especial do Serviço Secreto Roy Kellerman, que agora assumiu o comando, está perplexo.

– Meu caro – Kellerman esclarece para o médico-legista, o dr. Earl Rose –, este é o corpo do presidente dos Estados Unidos, e nós vamos levá-lo de volta a Washington.

– Não. Não é assim que as coisas são – Rose responde. – Onde há um homicídio, precisa haver uma autópsia.

– Ele vai conosco – Kellerman diz a Rose.

– O corpo fica – insiste o médico-legista, um homem correto que gosta de enfiar o dedo no nariz das pessoas.

Enquanto isso, Lyndon Johnson e o Air Force One estão emperrados no chão por causa dessa disputa legal. Jackie Kennedy não irá embora sem o corpo de JFK, e LBJ não irá embora sem Jackie, temendo que se fizesse isso seria considerado insensível.

A discussão agora se torna um antiquado impasse texano – um confronto físico entre o Serviço Secreto, o dr. Rose e membros do Departamento de Polícia de Dallas. Há quarenta homens presentes. Começa um cabo de guerra. O Serviço Secreto está determinado a conseguir o que quer, mas a polícia de Dallas não irá ceder. Finalmente, os grandes amigos de Kennedy, Kenny O'Donnell e Dave Powers, ordenam que os agentes do Serviço Secreto peguem o caixão de JFK e passem à força pela polícia.

– Nós vamos sair daqui – grita O'Donnell, enquanto a maca do agente funerário onde está o caixão é empurrada em direção à porta de saída. – Não damos a mínima para o que essas leis dizem. Estamos indo embora já!

O corpo do presidente é carregado no Cadillac branco de 1964 de Vernon Oneal. Jackie Kennedy se senta no assento removível traseiro, ao lado do corpo do marido. Clint Hill e outros agentes se apinham no banco da frente. Bill Greer continua dentro do hospital, mas Roy Kellerman não espera por ele. O agente especial do Serviço Secreto Andy Berger assume o volante e corre a toda velocidade para Love Field. Enquanto observa o carro fúnebre se afastar, Vernon Oneal se pergunta, em voz alta, como e quando receberá o pagamento.

Nada os detém quando o Cadillac chega ao aeroporto. Cantando pneus, o agente especial Berger acelera o carro fúnebre pela pista de decolagem, ignorando as placas que dizem "Área restrita" e "Devagar – Caminhões perigosos." Ele passa correndo pelos hangares da Braniff e da American Airlines, indiferente a todos os perigos, até que o carro breca ruidosamente ao pé da escada que leva à parte traseira do Air Force One. Então, os amigos e os guarda-costas de Kennedy carregam sozinhos os mais de 270 quilos do caixão com o presidente, batendo-o ao sair da escada que conduz ao avião e inclinando-o em ângulos difíceis. Eles carregam o corpo no Air Force One pela mesma porta traseira de onde John Kennedy saiu, três horas antes. Aquele momento foi

cerimonial e presidencial. Este momento é tétrico e funesto.

Jackie Kennedy espera que o corpo do marido esteja a bordo para subir a escada. O interior do Air Force One é um inferno; o ar-condicionado está desligado há horas. As persianas estão fechadas, e a cabine está com a luz apagada por medo de que houvesse mais assassinos à solta que poderiam atirar contra as janelas do avião. Mas Lyndon Johnson insiste em prestar juramento antes de o Air Force One deixar o solo. De modo que os funcionários de Kennedy e os de Johnson estão desconfortavelmente lado a lado quando a juíza federal Sarah Hughes, que foi nomeada ao tribunal por LBJ e agora convocada às pressas ao jato presidencial de que John F. Kennedy tanto gostava, conduz o juramento.

– Você, Lyndon Baines Johnson, jura solenemente...

– Eu, Lyndon Baines Johnson, juro solenemente...

No Air Force One, LBJ tem a cabeça erguida. À sua esquerda, ainda usando o tailleur rosa manchado de sangue, está Jacqueline Bouvier Kennedy. A ex-primeira-dama não trocou de roupa. Ela insiste que o mundo tenha uma lembrança visual do que aconteceu com seu marido. Diante de Johnson está a juíza. Vários centímetros atrás deles, no fundo do avião, jaz o corpo de John F. Kennedy.

Após a cerimônia de posse, Jackie ocupa um assento perto do caixão enquanto tem início a longa viagem para casa.

O presidente Lyndon B. Johnson, com Jackie ao seu lado, faz o juramento de posse no Air Force One após o assassinato do presidente John F. Kennedy.

(Cecil Stoughton, Fotografias da Casa Branca, Museu e Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston)

* * *

É domingo de manhã, 24 de novembro. A nação está desconsolada pelo assassinato de John F. Kennedy e, com uma fascinação deprimida, permanece grudada à televisão enquanto os eventos são revelados. Jackie Kennedy está longe das câmeras, chorando a morte do marido. E assim os olhos da América se voltam para Lee Harvey Oswald. O assassino se tornou infame desde a sexta-feira, sobretudo depois de dizer a uma multidão de repórteres: “Sou só um otário”.

Aquela conferência de imprensa improvisada no meio da noite na sede da polícia de Dallas foi surreal. Os repórteres foram autorizados a se aglomerar ao redor de um Oswald algemado. Muitos em Dallas, e em toda a América, estão tão exasperados com a morte de JFK que ficariam felizes com uma vingança. E a polícia de Dallas faz pouco para proteger Oswald.

Um desses exasperados é Jack Ruby, que abriu caminho pela conferência de imprensa sem ser perturbado, com uma Cobra calibre 38 carregada no bolso do paletó.

A falta de segurança em torno de Oswald continuou durante toda a conferência de imprensa. Ele disse aos repórteres que a polícia só estava atrás dele porque ele havia morado na União Soviética. Negou ter atirado no presidente. Suas palavras intrigantes, “Sou só um otário”, pairaram no ar, insinuando que ele foi alguma espécie de bode expiatório.

Para alguns, essas palavras trouxeram à cabeça outro incidente, ocorrido trinta anos antes.

Em 15 de fevereiro de 1933, em Miami, na Flórida, Giuseppe “Joe” Zangara descarregou uma pistola calibre 32 no presidente Franklin Delano Roosevelt. Zangara errou o alvo, atingindo e matando o prefeito de Chicago Anton Cermak. O julgamento foi incrivelmente rápido, e Zangara foi executado na cadeira elétrica apenas cinco semanas depois.

Alguns insistem que Roosevelt não era o alvo pretendido. Acreditam que, em vez disso, o tempo todo o objetivo era matar Cermak, como parte de uma conspiração da máfia.

Na gíria popular, Zangara era um “otário” – alguém cuja culpa foi arquitetada para promover um crime coordenado nos bastidores.

A afirmação pública de Lee Harvey Oswald de que ele é um otário acende a chama de que a morte de John Kennedy é parte de uma conspiração maior.

Lee Harvey Oswald, não arrependido.
(Associated Press)

* * *

Ainda hoje há americanos que acreditam que Lee Harvey Oswald não agiu sozinho ao matar John F. Kennedy. Alguns vieram a acreditar nisso graças aos comentários de Oswald e à insistência de J. Edgar Hoover de que havia uma conspiração. Até Bobby Kennedy acreditava que Oswald não agira sozinho. O mundo nunca saberá a resposta.

Depois de dizer algumas poucas palavras à imprensa no domingo de manhã, Lee Harvey Oswald é conduzido pelo porão do Departamento de Polícia de Dallas a um carro blindado que o está esperando, onde será transferido à prisão do condado. Na verdade, o carro blindado é um chamariz – por medidas de segurança, Oswald será levado a uma viatura.

Uma multidão de jornalistas observa Oswald algemado e sorrindo enquanto caminha pelo corredor, seu braço direito algemado ao esquerdo do detetive J. R. Leavelle.

Entre quarenta e cinquenta jornalistas e mais de setenta policiais estão esperando quando Oswald é trazido. Três câmeras de televisão estão filmando.

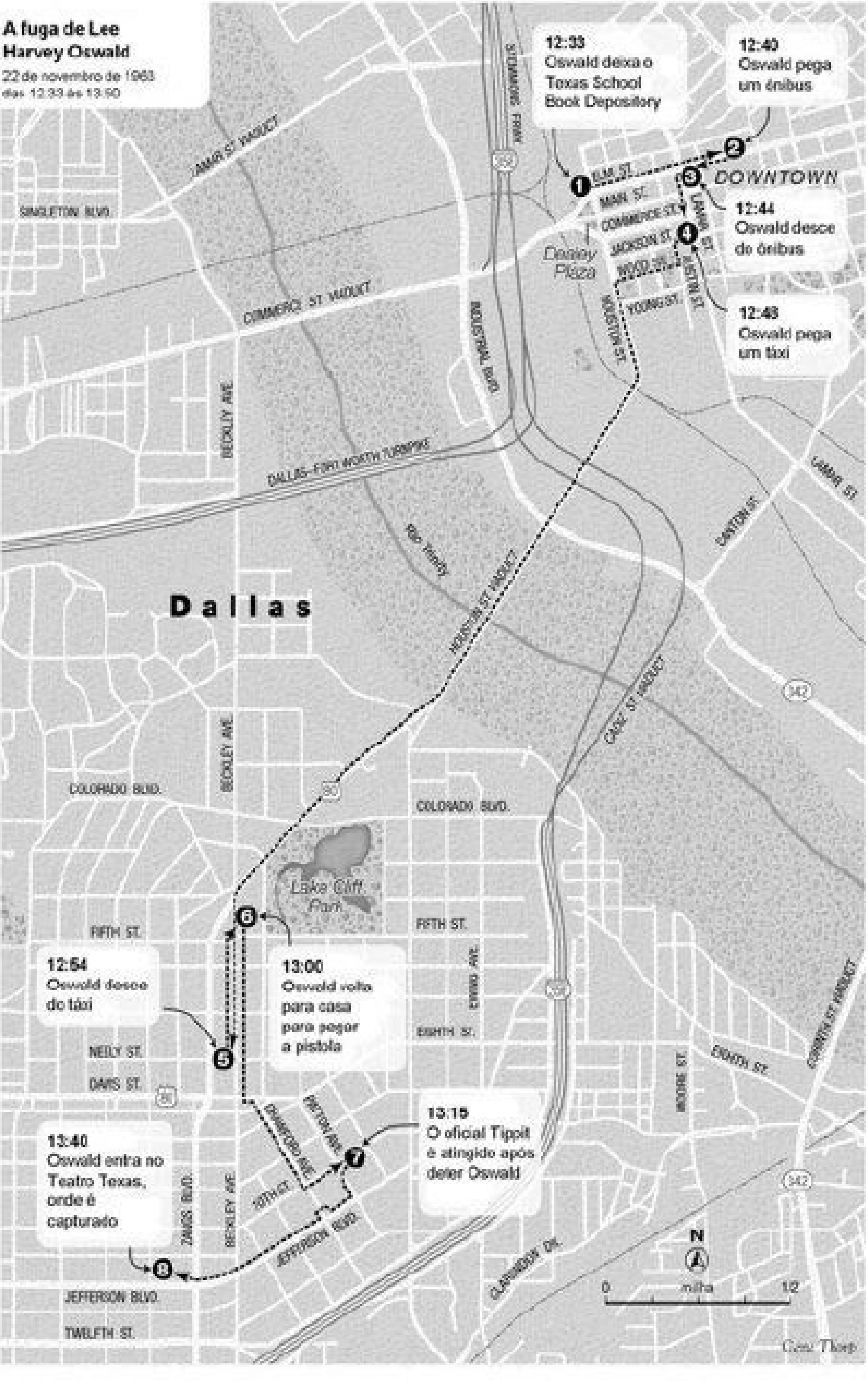
"Aí vem ele!", alguém grita quando Oswald surge da delegacia. Os jornalistas avançam. Eles enfiam microfones na cara de Oswald e berram perguntas. Flashes são disparados quando os fotógrafos capturam o momento para a posteridade.

Oswald caminha três metros fora da delegacia, a caminho da rampa onde a viatura o está esperando.

De repente, Jack Ruby surge da multidão à esquerda de Oswald. Ele voltou para ver Oswald pela segunda vez e traz consigo sua pistola. Conhecido pelos policiais e repórteres, Ruby não teve dificuldade em se aproximar do criminoso, embora não haja absolutamente motivo algum para ele estar lá. Ruby deixou o cachorro esperando no carro. Mas ele é um homem impulsivo, que gosta de bater em bêbados que dão em cima das strippers no clube. Ele ficou tão arrasado com o assassinato de Kennedy que os amigos o viram chorando. Agora, furioso com a presença sorridente de Oswald, Jacob Rubinstein se assegura de que nunca voltará a ver seu cachorro. Ele age rápido, apontando a arma para o abdômen de Oswald, e dispara um tiro. São 11h21 da manhã.

Jack Ruby é agredido pela polícia. Lee Harvey Oswald desaba e é levado imediatamente ao hospital Parkland. Ao chegar, ele é colocado na Sala de Traumatologia no 2, logo do outro lado do corredor em frente à sala de emergência onde John Kennedy passou os últimos minutos de vida. Às 13h07, 48

horas e 7 minutos após a morte de JFK, Lee Harvey Oswald também morre. Mas, ao contrário da de Kennedy, a morte de Oswald não é lamentada. Por ninguém.



A fuga de Lee
Harvey Oswald
22 de novembro de 1963
12:33
Oswald deixa o Texas School Book Depository
12:40
Oswald pega um ônibus
12:44
Oswald desce do ônibus
12:48
Oswald pega um táxi
12:54
Oswald desce do táxi
13:00
Oswald volta para casa para pegar a pistola
13:15
O oficial Tippit é atingido após deter Oswald
13:40
Oswald entra no Teatro Texas, onde é capturado
DOWNTOWN
ELM ST.
MAIN ST.
COMMERCE ST.
JACKSON ST.
WOOD ST.
YOUNG ST.
HOUSTON ST.
LAMAR ST.
AUSTIN ST.
Dealey Plaza
STEMMONS FRWY
SINGLETON BLVD.
COMMERCE ST. VIADUCT
INDUSTRIAL BLVD.
BECKLEY AVE.
DALLAS–FORT WORTH TURNPIKE
Rio Trinity
HOUSTON ST. VIADUCT
CANTON ST.
Dallas
CADIZ ST. VIADUCT
COLORADO BLVD.
Lake Cliff Park
FIFTH ST.
EIGHTH ST.
NEELY ST.
DAVIS ST.
ZANG BLVD.
TENTH ST.
JEFFERSON BLVD.
TWELFTH ST.
CLARENDON DR.
CORINTH ST. VIADUCT
MOORE ST.
PATTON AVE.
N
0
milha
1/2

14 DE JANEIRO DE 1964
GABINETE DO PROCURADOR-GERAL, WASHINGTON D.C.

Jackie Kennedy está sentada em uma poltrona simples de couro diante do fogo crepitante de uma lareira. Sobre seu ombro esquerdo, pode-se ver a bandeira dos Estados Unidos. Seus olhos, um dia tão brilhantes e alegres, são apáticos. Ela está vestida de preto. De frente para ela quando as câmeras começam a filmar, estão Bobby e Teddy Kennedy, para oferecer apoio moral. Bobby, em particular, tornou-se um pai substituto para Caroline e John, e uma companhia constante para Jackie.

Quando seu marido morreu, há oito semanas, Jackie Kennedy não tinha para onde ir – o protocolo determinava que ela se mudasse da Casa Branca imediatamente, o que também significava o fim da educação especial de Caroline e dos passeios de John no helicóptero Marine One. Jackie estava longe de ser pobre, mas na verdade tinha pouco dinheiro em seu nome, circunstância que continuaria até o testamento de JFK ser resolvido.

Toda a vida de Jackie era John Kennedy. Mesmo agora ela às vezes esquece que ele está morto. Está filmando este cinejornal, que será exibido nos cinemas de todo o país, porque quer agradecer as numerosas

demonstrações de afeto do povo americano. Ela recebeu mais de oitocentas mil cartas de condolências. "Saber da afeição que todos vocês tinham por meu marido me deu força", Jackie diz firmemente para a câmera, "e o carinho desses tributos é algo que jamais esqueceremos."

As palavras de Jackie estão escritas em fichas, que ela lê. Mas são palavras suas, escolhidas para evocar emoção sincera. O mesmo povo americano que elevou o presidente e sua esposa ao status de celebridades de cinema não abandonou Jackie quando ela precisou. E, embora já não seja a primeira-dama, Jackie Kennedy carrega todo o peso desse título como nunca antes carregara.

Mas as aparências enganam: em seu íntimo, ela sofre, fumando compulsivamente um Newport atrás do outro e roendo as unhas até os dedos ficarem em carne viva. Seus olhos estão o tempo todo vermelhos de choro.

Jackie pausa várias vezes durante a filmagem para tomar fôlego ou mexer os olhos para afastar as lágrimas. "Todos vocês que escreveram para mim sabem o quanto nós o amávamos, e que ele retribuiu esse amor de todo o coração", ela diz ao mundo.

E então Jackie Kennedy assume o mesmo tom visionário do marido. Ela fala de construir uma Biblioteca Presidencial John F. Kennedy em Boston, para que pessoas do mundo inteiro conheçam o legado do ex-presidente.

É um discurso corajoso e pungente. Em menos de dois minutos, Jackie

Kennedy faz um agradecimento comovedor ao povo americano. Sua dor é evidente, assim como a elegância. Ela simboliza a grandeza de Camelot, que já desperta nostalgia nos americanos.

Uma das últimas ocasiões em que Jackie Kennedy viu o rosto do marido foi naquela tarde no hospital Parkland, pouco antes de a reverência silenciosa da Sala de Traumatologia no 1 se transformar em uma briga feia entre os agentes do Serviço Secreto e a polícia de Dallas. Foi naquele momento silencioso antes de ela colocar sua aliança no dedo de Jack. Ela lembra daquele instante como se fosse ontem, mas prefere se concentrar apenas nos momentos maravilhosos. Todas as indiscrições e controvérsias do passado são esquecidas.

Irá lembrar-se de Jack calmo e no comando. E é como ela quer que a história se lembre dele. "Para Jack, a história estava cheia de heróis", ela disse a Theodore White, da revista *Life,* uma semana após o assassinato. "Ele era um homem tão simples, mas também muito complexo. Jack tinha seu lado heroico, sua visão idealista, mas também tinha aquele outro lado, o lado pragmático. Seus amigos eram seus velhos amigos, ele amava sua Máfia Irlandesa."

Foi nessa entrevista, que saiu na edição de 6 de dezembro da *Life*, que ela contou ao mundo pela primeira vez que o presidente escutava a trilha sonora de Camelot antes de dormir e do quanto ele amava a última fala: "Não deixe que esqueçam que um dia houve um lugar, por um breve momento de esplendor, conhecido como Camelot".

Quando White ditou a história a seus editores em Nova York, Jackie ficou por perto, escutando. Ela insistia que o tema de Camelot fosse predominante. É assim que ela quer a presidência do marido lembrada.

Quando Jackie Kennedy acaba de filmar o cinejornal e se levanta da poltrona no gabinete de Bobby Kennedy – ele conservará o cargo de procurador-geral por mais nove meses –, ela entende que tudo isso é parte de sua obrigação de dar forma ao legado do marido. Mas também sabe que é hora de partir para uma vida mais normal – muito menos mágica do que a que ela quer que o mundo recorde. Esse projeto chegou a ser admitido em um tom triste a Theodore White da *Life*: "Nunca haverá outra Camelot".

E, até hoje, a afirmação permanece verdadeira.

O fim de Camelot. Bobby, Jackie, Patricia, irmã do presidente Kennedy, e seus

filhos, Caroline e John Jr., de luto.
(Abbie Rowe, National Park Service, Museu e Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston)

POSFÁCIO

O imenso sofrimento de Jackie Kennedy, e a graça com que ela se protegeu após o assassinato, só aumentaram a admiração pública que ela conquistou na presidência do marido. Em 1968, Jackie se casou com Aristóteles Onassis, o magnata grego em cujo iate ela se recuperou da morte do filho Patrick. Os paparazzi a apelidaram de “Jackie O” e a perseguiram constantemente, uma prática que cultivaram pelo resto da vida dela. Lamentavelmente, Onassis morreu de uma parada respiratória aos 69 anos, apenas sete anos depois de seu casamento, fazendo de Jackie uma jovem viúva pela segunda vez, aos 46. Após a morte de Onassis, Jackie se retirou dos olhos do público e conseguiu um emprego como editora da Viking Press em Nova York. Ela saiu do emprego três anos depois, irritada e constrangida porque a empresa havia publicado uma obra de ficção em que Ted Kennedy era o presidente dos Estados Unidos e havia uma conspiração de assassinato contra a vida dele. Depois disso, Jackie trabalhou para a Doubleday durante as quase duas décadas restantes de sua vida, editando livros de pessoas tão diversas quanto Michael Jackson, Carly Simon e o romancista egípcio Naguib Mahfouz, vencedor do prêmio Nobel. No início dos anos 90, seu hábito vitalício de fumar finalmente a atingiu. Ela morreu em 19 de maio de 1994, de linfoma não Hodgkin, aos 64 anos.

Caroline Kennedy estudou no Radcliffe College e mais tarde obteve seu *Juris Doctor* na Universidade de Columbia. Ela se casou com Edwin Schlossberg, teve três filhos, e em geral se mantém longe dos olhos do público. Em dezembro de 2011, o cantor Neil Diamond admitiu que Caroline foi a inspiração para sua música “Sweet Caroline”, um sucesso de vendas multimilionário.

John F. Kennedy Jr. se tornou um símbolo para a história trágica da família Kennedy. A imagem de John Jr. em seu terceiro aniversário saudando o caixão do pai partiu corações no mundo inteiro. John Jr. – cujo apelido, “John-John”, foi, na verdade, fabricado pela imprensa – frequentou a escola preparatória em Brown e em seguida a Escola de Direito da Universidade de Nova York, que finalmente o levou a um breve período na Procuradoria-Geral do distrito de Manhattan. Em 1988, a revista *People* o nomeou “O homem mais sexy vivo”. Como a mãe, John Jr. foi objeto de intensa vigilância da mídia. Em 16 de julho de 1999, ele estava pilotando um pequeno avião quando caiu no oceano Atlântico perto da costa da ilha Martha’s Vineyard. O acidente matou John Kennedy Jr., sua esposa, Carolyn Bessette Kennedy, e sua cunhada, Lauren. Ele tinha 38 anos. Suas cinzas e as da esposa foram jogadas no mar.

Quanto a Lyndon Johnson, não foram poucas as atividades inacabadas que ele herdou da administração Kennedy, em especial a Guerra do Vietnã. Habilmente, ele logo formou coalizões com o Congresso para ajudar a aprovar a histórica Lei dos Direitos Civis de 1964. Johnson, trabalhando em sólida parceria com Martin

Luther King Jr., apresentou a questão como parte do legado de JFK a fim de conseguir apoio para a lei. No entanto, o Vietnã foi uma enxaqueca herdada e, ao mesmo tempo, sua ruína. O assassinato de Diem foi o caminho sem volta do envolvimento dos Estados Unidos, e, embora sejam muitos os que questionam se o governo americano teve algo que ver com sua morte, não há dúvida de que a situação só piorou depois disso. Depois de ganhar a eleição de 1964 em uma vitória esmagadora sobre Barry Goldwater, do Arizona (derrota republicana, como JFK havia previsto), Johnson começou a administrar mal a guerra no Sudeste Asiático. Uma vez que o movimento antiguerra ganhou força, LBJ, temendo a derrota, escolheu não concorrer novamente em 1968. Ao deixar Washington, Lyndon Baines Johnson regressou à sua fazenda no Texas, onde morreu de um ataque cardíaco aos 64 anos, em 22 de janeiro de 1973.

Da mesma forma que a morte de John Kennedy, foi Walter Cronkite quem deu a notícia da morte de LBJ à nação. O próprio Cronkite continuou sendo repórter da CBS até 1980. Ele morreu em 2009, aos 92 anos de idade, ainda ressentido por ter sido substituído por Dan Rather como o âncora do *CBS Evening News*.

O homem que mais se beneficiou da decisão de Lyndon Johnson de não concorrer à presidência em 1968 foi Bobby Kennedy. O ex-procurador-geral ficara arrasado com o assassinato do irmão, mas superou seu sofrimento para preparar uma campanha de sucesso. No entanto, como o irmão, Bobby Kennedy foi assassinado por um atirador solitário e perturbado, Sirhan Sirhan, que atirou em Bobby em um hotel de Los Angeles poucos instantes depois de ele ter declarado vitória nas eleições primárias da Califórnia. Ele viveu por 26 horas antes de morrer em 6 de junho de 1968, aos 42 anos.

Lee Harvey Oswald foi enterrado no Cemitério Shannon Rose Hill em Fort Worth, no Texas, em 25 de novembro de 1963, o mesmo dia em que John F. Kennedy foi enterrado em Arlington. Em 1967, no quarto aniversário da morte de Oswald, sua lápide foi furtada por vândalos da região. Embora tenha sido devolvida, sua mãe, temendo que o túmulo fosse roubado novamente, substituiu a lápide por uma muito mais barata e escondeu a original no vão debaixo de sua casa em Fort Worth. Depois que Marguerite Oswald morreu em 1981, aos 73 anos, a casa foi vendida. Quando os novos proprietários descobriram a placa de quase sessenta quilos debaixo da casa, eles a venderam secretamente ao Museu Histórico de Atrações Automotivas em Roscoe, Illinois, por menos de dez mil dólares. O museu também abriga a ambulância que transportou Oswald ao hospital Parkland e o táxi da Checker que ele tomou logo depois de atirar em JFK.

Os proprietários do museu, no entanto, se recusaram a comprar o caixão de pinho original de Oswald, substituído depois que seu corpo foi exumado em 1981, dizendo que era muito macabro.

Outro anônimo não viu nada de errado e comprou o caixão em leilão por 87.468 dólares em dezembro de 2010.

Jack Ruby, apelido de Jacob Rubinstein, argumentou que atirou em Lee Harvey Oswald para redimir a cidade de Dallas pelo assassinato. O famoso advogado de São Francisco, Melvin Belli, defendeu Ruby gratuitamente durante o julgamento, mas seu argumento de que Ruby estava insano no momento do assassinato não influenciou o júri. Jack Ruby foi declarado culpado de homicídio doloso e condenado à morte. Depois disso, Ruby testemunhou sobre o assassinato de Kennedy diante da Comissão Warren e acabou tendo direito a um novo julgamento pelo Tribunal de Apelação do Texas, pois o juiz comprou o argumento de que Ruby não poderia ter recebido um julgamento justo em Dallas devido à enorme publicidade em torno do caso. Mas, antes que o processo judicial pudesse ser realizado, Ruby deu entrada no hoje lendário hospital Parkland com sintomas de gripe. Seu diagnóstico, no entanto, foi câncer no fígado, nos pulmões e no cérebro. Morreu de embolia pulmonar em 3 de janeiro de 1967, aos 55 anos. Jack Ruby está enterrado ao lado dos pais no cemitério Westlawn, em Norridge, Illinois. É digno de nota que Ruby pudesse saber de seu câncer agressivo antes de atirar em Oswald.
Martin Luther King Jr. continuou a cruzada pelos direitos civis e se tornou um dos homens mais admirados do mundo. Em 4 de abril, King foi morto a tiro em Memphis, Tennessee, por um assassino chamado James Earl Ray, racista que fugiu para o Canadá e depois para a Inglaterra antes de ser preso pelo crime. Ray foi condenado a 99 anos de prisão, sentença prolongada para mais cem anos como punição depois que ele escapou novamente, desta vez da Penitenciária Estatal de Brushy Mountain. Ele foi pego três dias depois. Alguns acreditam que Ray teve ajuda ao assassinar King, mas isso nunca foi provado. Os assassinos de Martin Luther King Jr. e de Robert Kennedy, combinados com o prolongado envolvimento americano no Vietnã, levaram a uma sensação nacional de desilusão que era diametralmente oposta ao otimismo e à esperança de Camelot.
J. Edgar Hoover sobreviveu às tentativas de vários presidentes de substituí-lo como diretor do FBI. Houve muitos rumores de que Hoover era homossexual, com base em sua relação próxima com Clyde Tolson, diretor da agência de investigação. Bem depois da morte de JFK, Hoover continuava fornecendo aos presidentes arquivos sigilosos com as indiscrições pessoais de indivíduos influentes e de alto posto. Lyndon Johnson tirou grande proveito dessa prática. Assim que assumiu a presidência, ele solicitou dossiês pessoais detalhados sobre cada um dos “Harvard”: os membros da administração Kennedy que um dia tiveram tanto prazer em ridicularizá-lo. Em uma escala ainda maior, Johnson pediu a Hoover para conseguir informações sobre cerca de 1.200 adversários reais ou imaginados. J. Edgar Hoover, que, assim como LBJ, havia se sentido pessoalmente humilhado pelos Kennedy durante o mandato de JFK, teve enorme prazer em atendê-lo. Lyndon Johnson devolveu o favor aprovando um decreto-lei que isentava Hoover da aposentadoria obrigatória, o que permitiu que o diretor

permanecesse no FBI até sua morte em 1972, aos 77 anos.

John Connally sobreviveu aos ferimentos em Dallas e foi duas vezes governador do Texas antes de regressar a Washington para ser secretário do Tesouro de Richard Nixon. Ele mudou do Partido Democrata para o Republicano e concorreu à presidência em 1980. No entanto, sua campanha não deu resultado, e ele foi forçado a se retirar depois de conseguir apenas um delegado. John Connally morreu de fibrose pulmonar em 15 de junho de 1993. Ele tinha 76 anos.

Marina Oswald nunca voltou à União Soviética. Continua viva e mora em Dallas há muitos anos. Ela se casou novamente e teve um filho do segundo casamento, que logo terminou em divórcio. Como às filhas, June e Audrey (que agora atende pelo nome de Rachel Porter), o estigma de Lee Harvey Oswald a perseguiu desde 22 de novembro de 1963. As garotas até adotaram o nome do padrasto, Porter, para evitar ainda mais exposição pública. De tempos em tempos, a família de Lee Harvey Oswald faz aparições na televisão, mas fora isso sua vida é reservada.

Em março de 1977, um jovem repórter de televisão do canal WFAA, em Dallas, começou a investigar o assassinato de Kennedy. Como parte de sua reportagem, ele tentou uma entrevista com o misterioso professor russo que havia feito amizade com os Oswald quando eles chegaram a Dallas em 1962. O repórter rastreou George de Mohrenschildt até Palm Beach, na Flórida, e viajou até lá para encontrá-lo. Na época, De Mohrenschildt havia sido convocado a depor em uma comissão no Congresso que investigava os acontecimentos de novembro de 1963. Quando o repórter bateu à porta da casa da filha de De Mohrenschildt, ele escutou o barulho do tiro que marcou o suicídio do russo, determinando que sua relação com Lee Harvey Oswald jamais seria totalmente compreendida.

A propósito, o nome do repórter é Bill O'Reilly.

Uma nota de rodapé: um ano antes, De Mohrenschildt enviou uma carta a George H.W. Bush, então diretor da CIA. Na carta, o russo pedia proteção contra pessoas que o estavam "seguindo". Aquela correspondência com o sr. Bush levou a especulações de que De Mohrenschildt tinha relações com a CIA – e também conhecimentos não revelados sobre o assassinato de Kennedy.

Outro ex-diretor da CIA, Allen Dulles, morreu de um caso severo de gripe em 1969, aos 65 anos. Até hoje, os adeptos de teorias da conspiração acreditam que Dulles estava envolvido no assassinato de Kennedy como vingança por sua demissão em consequência da invasão fracassada à Baía dos Porcos. Dulles também participou da Comissão Warren, que investigou o assassinato de JFK.

O gângster de Chicago Sam Giancana, segundo os teóricos da conspiração, também era suspeito de estar ligado ao assassinato de Kennedy. Giancana estava prestes a depor em uma comissão do Senado que investigava se a CIA e a máfia tiveram algum vínculo com o assassinato. Antes que pudesse depor, o próprio Giancana foi assassinado em sua casa em 19 de junho de 1975. O assassino

atirou na parte de trás de sua cabeça, virou o corpo e descarregou o resto do pente no rosto de Giancana. O assassino nunca foi pego.

Frank Sinatra se tornou republicano nos anos que sucederam a afronta de John Kennedy em Palm Springs e apoiou abertamente o presidente Ronald Reagan. Mas o cantor permaneceu em silêncio quanto a seus sentimentos com relação a JFK. Não é o caso de Peter Lawford, o homem que John Kennedy obrigou a telefonar para Sinatra e informar que o presidente ficaria em outro lugar durante sua visita a Palm Springs. Em 1966, Lawford se divorciou de Patricia, a irmã de JFK, e começou a fazer acusações sórdidas contra a família Kennedy. Entre elas estava que Marilyn Monroe havia tido um caso com Bobby Kennedy e também com JFK, e de que Bobby era cúmplice na morte de Monroe. Essas acusações surgiram em um momento em que Lawford havia destruído sua carreira de ator em virtude de uma vida de sexo, drogas e bebidas – e nunca foram comprovadas. Peter Lawford morreu em 1984 de uma parada cardíaca provocada por uma falência no fígado. Ele tinha 61 anos.

Greta Garbo viveu até os 84 anos; morreu em 15 de abril de 1990 na cidade de Nova York. Ela foi uma pessoa reclusa até o fim da vida; nunca se casou nem teve filhos. Sempre morou sozinha. A famosa atriz, no entanto, gostava de fazer longas caminhadas pelas ruas de Nova York, quase sempre usando um par de óculos escuros gigantes – um hábito que sua admiradora, Jackie Kennedy, também adotaria. Greta Garbo administrava muito bem seu dinheiro e, embora estivesse aposentada há quase quarenta anos quando morreu, deixou para a sobrinha uma propriedade que valia mais de 32 milhões de dólares.

Argumenta-se que Camelot foi um mito criado por Jackie Kennedy para dar brilho ao legado do marido. Se as comparações com Camelot eram ou não discutidas na Casa Branca dos Kennedy durante a vida do presidente não está claro. Mas as comparações são apropriadas e, como Jackie havia esperado, a história de Camelot definiu o modo como a presidência do marido é lembrada até hoje.

John Fitzgerald Kennedy está enterrado em um declive perto da ex-casa de Robert E. Lee, no Cemitério Nacional de Arlington, o lugar que ele tanto admirou poucas semanas antes de sua morte. Ele é um dos dois únicos presidentes enterrados lá – o outro é William Howard Taft, que morreu em 1930.

Jackie Kennedy insistiu que o funeral do marido fosse o mais parecido possível com o de Abraham Lincoln. O professor James Robertson Jr., diretor da Comissão do Centenário da Guerra Civil Americana, e David Mearns, da Biblioteca do Congresso, foram designados para pesquisar o funeral de Lincoln no breve período entre o assassinato de JFK e seu enterro. O Salão Leste da Casa Branca foi transformado para que ficasse quase exatamente igual ao que era quando recebeu o corpo de Lincoln em 1865. Além disso, a carreta e o cortejo fúnebre por Washington foram copiados da jornada final de Lincoln.

O enterro de John Kennedy em Arlington é iluminado por uma chama eterna, por sugestão de Jackie Kennedy. Queima no centro de uma placa circular de granito de Cape Cod, com um metro e meio de diâmetro. Jackie jaz ao lado dele, bem como seus dois bebês falecidos, Arabella e Patrick A cobertura televisiva do funeral de John Kennedy transformou Arlington de um lugar de enterro de soldados e marinheiros a um popular destino turístico. Até hoje, nenhum local em Arlington é mais popular do que o túmulo de John Fitzgerald Kennedy. Mesmo uma geração após o seu assassinato, o túmulo atrai mais de quatro milhões de pessoas por ano a Arlington. São pessoas dispostas a prestar homenagem ao presidente morto.

E também ao grande sonho americano que ele representou.

EPÍLOGO

Nós começamos este livro associando John F. Kennedy com Abraham Lincoln. E assim também o concluímos.

Em 10 de fevereiro de 1962, JFK escreveu uma carta ao advogado de Washington, Ralph E. Becker. A carta seria lida como uma celebração do centésimo aniversário da Proclamação da Emancipação. Durante todo o seu mandato, John Kennedy fez referências frequentes a Abraham Lincoln. Havia uma forte conexão entre os dois homens. A carta a seguir é o melhor indício de que John Fitzgerald Kennedy e Abraham Lincoln tinham, de fato, laços estreitos de afinidade.

THE WHITE HOUSE

WASHINGTON

TO: Ralph E. Becker, Toastmaster

It gives me great pleasure to send greetings to all of you who are commemorating the 100th Anniversary of the Emancipation Proclamation tonight. I wish that I could have joined you.

Lincoln said about the Declaration of Independence that it "gave liberty not alone to the people of this country, but hope to all the world." It "gave promise that in due time the weights would be lifted from the shoulders of all men, and that all should have an equal chance."

The Emancipation Proclamation is even better described by his words. Its importance has never been greater than it is now -- the weights of slavery, lifted in this country 100 years ago, have now been lifted almost everywhere in the world. But it is a long slow march to a world which recognizes freedom and equality as a right basic to human life.

Our progress is marked, but it is not completed. Lincoln's clarity of purpose and thought can serve to strengthen all of us for the tasks still ahead.

John F. Kennedy

February 10, 1962

A CASA BRANCA
WASHINGTON
PARA: Ralph E. Becker, mestre de cerimônias

Tenho grande prazer em me dirigir a todos vocês que estão comemorando o centésimo aniversário da Proclamação da Emancipação esta noite. Eu gostaria de poder estar com vocês.

Sobre a Declaração de Independência, Lincoln disse que "não só proporcionou liberdade às pessoas deste país, mas esperança ao mundo inteiro". Entregou "a promessa de que, no devido tempo, esse peso será tirado do ombro de todos os homens, e de que todos devem ter igual oportunidade".

A Proclamação da Emancipação é ainda mais bem descrita por suas palavras. Sua importância nunca foi maior do que hoje – o peso da escravidão, eliminado deste país há cem anos, agora foi eliminado em quase todos os lugares do mundo. Mas esta é uma marcha longa e lenta rumo a um mundo que reconhece a liberdade e a igualdade como direitos básicos da vida humana.

Nosso progresso é notável, mas não está completo. A clareza do propósito e das ideias de Lincoln pode servir para fortalecer todos nós para as tarefas que temos pela frente.

John F. Kennedy
10 de fevereiro de 1962

REFERÊNCIAS

Este livro demandou pesquisa em fontes primárias e secundárias. Grande parte do material de primeira mão veio de entrevistas e reportagens que Bill O'Reilly fez ao longo dos anos. De fato, ele foi premiado pelo Dallas Press Club por sua reportagem sobre o assassinato de JFK enquanto trabalhava para o canal de televisão WFAA. Um volume considerável de informações novas foi fornecido por vários oficiais, em particular Richard Wiehl, o agente do FBI designado para investigar e interrogar Marina Oswald após o assassinato. Somos gratos ao sr. Wiehl, que pela primeira vez divulgou suas descobertas.

A vida e a morte de John Kennedy não precisam de embelezamento. É um dos períodos mais fascinantes da história. Mas como muitos dos eventos relatados neste livro são tão fantásticos e também tão terríveis, assim como muitos dos detalhes são um tanto íntimos, é importante lembrar o leitor de que *Os últimos dias de John F. Kennedy* não é uma obra de ficção. É tudo verdade. As ações de cada indivíduo e os episódios descritos realmente aconteceram. As citações são palavras que as pessoas realmente falaram. Esses detalhes foram possíveis, em grande medida, porque JFK é uma figura histórica contemporânea, cujo mandato foi documentado pela mídia em todos os aspectos.

Esse volume impressionante de material disponível sobre a vida e a morte de John F. Kennedy proporcionou surpresas agradáveis ao ser compilado. Não só havia uma série de manuscritos em primeira pessoa que forneciam detalhes específicos sobre reuniões, conversas e acontecimentos, como também há vários vídeos na internet dos discursos de Kennedy e de suas aparições na televisão. Tais documentos deram vida às suas palavras e à sua voz durante cada dia de escrita. Para os leitores, dedicar tempo a encontrar e assistir a esses vídeos contribuirá imensamente para aprender mais sobre John Kennedy. É indicado ao leitor, em especial, o discurso de Galway em 1963 como um exemplo da sabedoria, ternura e presença do presidente.

Para ouvir da própria Jackie a vida dentro da Casa Branca dos Kennedy, escute *Jacqueline Kennedy: Historic Conversations on Life with John F. Kennedy* , uma série de gravações que ela fez não muito depois do assassinato. É notável ouvir a candura com que a ex-primeira-dama fala, sobretudo quando ela faz revelações sobre tantas das figuras mais famosas e poderosas do mundo na época. Assim como ocorria com o marido, a sabedoria, ternura e presença de Jackie são palpáveis.

Os autores têm uma dívida especial com a equipe de Laurie Austin e Stacey Chandler, da Biblioteca Kennedy. Nenhuma solicitação de pesquisa era grande ou pequena demais. Basta dizer que foi uma grande emoção receber, por exemplo, cópias da agenda diária de John Kennedy, mostrando sua localização precisa, o nome de diferentes pessoas em várias reuniões, e a hora em que ele

escapava para a piscina ou para a "Mansão" à tarde. Ler a agenda de compromissos foi ver o dia do presidente ganhar cor e proporcionou uma sensação nítida de como era a vida na Casa Branca. Estando em Boston, a Biblioteca Kennedy é uma visita obrigatória.

Um agradecimento especial também deve ir para *Death of a President*, de William Manchester, escrito logo após o assassinato e construído com base em entrevistas em primeira mão com quase todos os que estiveram com JFK em Dallas no dia 22 de novembro de 1963. A obra de Manchester foi escrita com a cooperação absoluta de Jackie e da família Kennedy. O nível de detalhamento é fantástico e se mostrou de valor inestimável como a resposta decisiva para muitas perguntas quando outras fontes eram conflitantes entre si.

A espinha dorsal desta obra são livros, artigos de revistas, vídeos, o tão sinistro e sempre fascinante Relatório da Comissão Warren, além de visitas a lugares como Dallas, Washington, Galway e a região de Texas Hill Country. Os autores têm uma dívida de gratidão com os muitos pesquisadores brilhantes que se embrenharam na vida de John Fitzgerald Kennedy. A seguir, uma referência detalhada às fontes. Esta lista, no entanto, não é exaustiva, e só inclui as obras consultadas para a laboriosa tarefa de escrever história.

Prólogo: *A Thousand Days*, de Arthur Schlesinger; *The Fitzgeralds and the Kennedys*, de Doris Kearns Goodwin; *John F. Kennedy's Inaugural Speech*, de Karen Price Hossell; e *Ask Not: The Inauguration of John F. Kennedy and the Speech That Changed America*, de Thurston Clarke. O artigo de Todd S. Purdum sobre a posse oficial de JFK, publicado na *Vanity Fair* de fevereiro de 2011, também foi muito útil, assim como o banco de dados dos Arquivos Nacionais e o Relatório da Comissão Warren.

Capítulo 1: A história de John Hersey na *New Yorker* sobre o *TP-109*, de 1944, forneceu o melhor relato dessa dolorosa experiência. *The Best Years of Their Lives*, de Lance Morrow, uma leitura rápida e fascinante, contrabalança muito bem a versão de Hersey, às vezes aduladora. Detalhes sobre o discurso às Mães de Estrela de Ouro e o nascimento da Máfia Irlandesa podem ser encontrados em *One Brief Shining Moment*, de William Manchester.

Capítulo 2: O website do Museu da Casa Branca oferece um excelente mapa de todo o edifício, junto com sua história em palavras e imagens. Além disso, o relato de Robert Dallek sobre as várias afecções médicas de JFK foi bastante útil para compreendermos os muitos medicamentos que o presidente precisava tomar. O website da Biblioteca Kennedy é uma grande fonte de detalhes sobre a vida na Casa Branca. As informações sobre Jackie são cortesia de Sally Bedell Smith em *Grace and Power*.

Capítulo 3: *Marines and Helicopters*, de William R. Fails, detalha a evolução do transporte presidencial, enquanto *An Unfinished Life*, de Dallek, e *Fidel: Hollywood's Favorite Tyrant*, de Humberto Fontova, fornecem detalhes

sobre as atrocidades de Fidel Castro. As informações sobre o clima são cortesia do Farmers' Almanac, ao passo que *Brief Shining Moment*, de Manchester, acrescenta comentários de bastidores aos pensamentos do presidente sobre a Baía dos Porcos. Outras fontes dignas de nota: *As I Saw It*, de Dean Rusk; *Presidents and Foreign Policy*, de Edward R. Drachman; *John F. Kennedy: A Biography*, de Michael O'Brien; *Kennedy's Quest for Victory* , de Thomas G. Paterson; *The Brilliant Disaster*, de Jim Rasenberger; *Robert Kennedy*, de James Hilty; *Sons and Brothers*, de Richard Mahoney; e o excelente *Remembering America*, de Richard Goodwin.

Capítulo 4: O leitor é levado a acessar a internet e assistir ao excelente passeio pela Casa Branca, em particular a linguagem corporal entre o presidente e a primeira-dama no final. *O lado negro de Camelot*, de Seymour Hersh, tem enorme prazer em revelar os segredos das infidelidades da Casa Branca, enquanto *Grace and Power*, de Sally Bedell Smith, *Jack and Jackie*, de Christopher Andersen, *The Kennedy Women* , de Laurence Leamer, e *A Woman Named Jackie*, de C. David Heymann, parecem mais interessados em entender os porquês.

Capítulo 5: A Biblioteca de JFK e as próprias palavras de Jackie em *Historic Conversations on Life with John F. Kennedy* abordam o assunto de Camelot, bem como o artigo de Sally Bedell Smith, "Private Camelot", publicado na *Vanity Fair* de maio de 2004. *The Secret Life of Marilyn Monroe*, de Randy J. Taraborrelli; *The Sinatra Files*, de Tom e Phil Kuntz; e o dossiê do FBI sobre Sinatra acrescentam detalhes convincentes sobre o que aconteceu em Palm Springs. *Robert Kennedy*, de Evan Thomas, permite saber mais sobre RFK. *Dark Side of Camelot*, de Hersh, também foi valiosíssimo. Os comentários de JFK sobre o assunto vieram da entrevista com Sally Bedell Smith em *U.S. News and World Report* (9 de maio de 2004). O website da Gallup Poll forneceu informações sobre os índices de aprovação, ao passo que *Double Cross*, de Sam e Chuck Giancana, proporcionaram o pano de fundo para as várias possíveis tramas da máfia contra Marilyn e os irmãos Kennedy.

Capítulo 6: O website da Biblioteca Kennedy tem uma função que permite navegar pelo *New York Times* por data. Isso fornece grande parte das informações contextuais sobre as viagens do presidente, as atrocidades em Berlim Oriental e o interesse do mundo em questões como os cosmonautas soviéticos e o revolucionário telefone por rádio. *Passage of Power*, de Robert Caro, foi um grande achado, com informações sobre os hábitos de Lyndon Johnson, em particular suas angústias como vice-presidente. Os detalhes sobre a vida no Extremo Sul vêm de relatórios do FBI documentando esse período, enquanto a história de Emmett Till veio diretamente do depoimento de seus assassinos à revista *Look*, junto com outras fontes que lhe dão magnitude, e da fotografia da revista *Ebony* mostrando sua cabeça espancada. O artigo de Dave

Garrow na edição de julho/agosto de 2002 do *Atlantic Monthly* documenta a fascinação do FBI por Martin Luther King Jr. As lembranças de Fain, agente especial do FBI, sobre Lee Harvey Oswald vêm do depoimento de Fain na Comissão Warren.

Capítulo 7: Fotografias do quarto de JFK podem ser vistas no site www.whitehousemuseum.org, e mais detalhes podem ser encontrados em *Brief Shining Moment*, de Manchester. Mais histórias sobre a Casa Branca podem ser encontradas em www.whitehouse.gov; Jackie Kennedy fala muito sobre a vida na Casa Branca em *Historic Conversations on Life with John F. Kennedy*. Conversas específicas sobre a Crise dos Mísseis em Cuba podem ser encontradas em *The Kennedy Tapes*, de Ernest May e Philip Zelikow, e em *True Compass*, de Ted Kennedy. Também são dignos de nota: *The Week the World Stood Still* , de Stern; os documentos de arquivo da reunião de Dean Rusk com Gromyko, o ministro de Relações Exteriores da União Soviética; *The Cuban Missile Crisis*, de Charles Tustin Kamps; *Jackie, Ethel, and Joan*, de Randy J. Taraborrelli; *The Mind of Oswald*, de Diane Holloway; *Khrushchev*, de William Taubman; e *The Memoirs of Nikita Khrushchev*, do falecido ditador soviético. A história de Robert Dallek na *Atlantic* sobre as afecções médicas de Kennedy (dezembro de 2002) também foi muito útil.

Capítulo 8: Acredite ou não, a inauguração da *Mona Lisa* pode ser encontrada no YouTube. Fascinante. *Mona Lisa in Camelot*, de Margaret Leslie Davis, lança luz sobre esse capítulo improvável da história do país. O glossário de *Death of a President*, de Manchester, fornece os codinomes do Serviço Secreto, enquanto o Relatório da Comissão Warren inclui um sumário consistente sobre a história de assassinatos presidenciais e a necessidade de um Serviço Secreto. O próprio website do Serviço Secreto também mostra isso. Grande parte das informações de bastidores sobre os vários agentes e seguranças pessoais dos Kennedy pode ser encontrada em *Mrs. Kennedy and Me*, de Clint Hill, e em *The Kennedy Detail*, de Gerald Blaine. *All Too Human*, de Edward Klein, também foi muito útil.

Capítulo 9: *Passage to Power*, de Caro, fornece mais detalhes valiosos sobre LBJ. *Double Cross*, dos Giancana, detalha as conspirações da máfia. Essas conspirações não são apresentadas como fatos neste livro, e sim como teorias – e *Double Cross* esboça essas possibilidades muito bem. Também são dignos de nota neste capítulo: *Bobby Kennedy*, de Evan Thomas; *Bobby and J. Edgar*, de Burton Hersh; *All Too Human*, de Edward Klein; *Crossfire*, de Jim Marrs; e o website da Biblioteca de LBJ.

Capítulo 10: O website de Winston Churchill tem uma excelente visão geral desse dia especial, ao passo que *Rethinking Camelot*, de Noam Chomsky, trata dos primeiros dias no Vietnã com riqueza de detalhes.

Capítulo 11: Muitos detalhes sobre os manifestantes vieram da cobertura

do *Washington Post* no dia seguinte. *But for Birmingham*, de Glenn Eskew, e *Carry Me Home*, de Diane McWhorter, trazem informações adicionais impressionantes. *Birmingham 1963*, de Shelley Tougas, fala de como um único fotógrafo mudou tantas mentes. *Cold War Mandarin*, de Seth Jacobs, fornece detalhes terríveis sobre a queima de monges e o regime de Diem. E, mais uma vez, Manchester permite vislumbrar os bastidores da Casa Branca dos Kennedy.

Capítulo 12: *Parting the Waters*, de Taylor Branch; *Everything Martin Luther King, Jr. Book*, de Jessica McElrath; *Martin Luther King, Jr.: A Life*, de Marshall Frady; *Conversations*, de Jackie Kennedy; e a infame edição da *Newsweek* de 19 de janeiro de 1998 foram todas fontes valiosas, bem como *Robert Kennedy*, de Evan Thomas; *Passage to Power*, de Robert Caro e *The Mind of Oswald*, de Dianne Holloway. *Mrs. Kennedy and Me*, de Clint Hill, que permite vislumbrar a relação entre o segurança pessoal e a primeira-dama, é uma fonte valiosíssima e extremamente útil.

Capítulo 13: Manchester, mais uma vez. E também são úteis *All Too Human*, de Hill. Klein, e *The Kennedy Men*, de Leamer.

Capítulo 14: *Unfinished Life*, de Dallek; e *Robert Kennedy*, de Thomas. O discurso inteiro de King pode ser ouvido online em www.americanrhetoric.com.

Capítulo 15: Esta entrevista entre Cronkite e JFK é outra joia da internet e vale assistir para ver a facilidade com que Kennedy demonstra dominar os muitos assuntos com que Cronkite aborda e o modo como os dois homens relaxam tão nitidamente quando a filmagem formal é concluída.

Capítulo 16: Informações da Biblioteca de JFK, *Death of a President*, *Passage of Power* e do Relatório da Comissão Warren formam o núcleo deste capítulo. *The Road to Dallas*, de David Kaiser, é minucioso e informativo, e os arquivos do FBI sobre Aristóteles Onassis fornecem detalhes fascinantes.

Capítulo 17: Há uma série de websites dedicados a Camp David. Vale a pena consultá-los para conhecer um pouco desse complexo tão privado e exclusivo. As informações sobre Oswald vêm da Comissão Warren, enquanto *A Woman Named Jackie*, de Heymann, e o website do Museu da Casa Branca acrescentam detalhes valiosos sobre a sala de jantar da residência da família. *Conversations with Kennedy*, de Ben Bradlee, documenta esse jantar especial. *JBKO*, de Donald Spoto, detalha a data da última aparição de Jackie em campanha; Manchester forneceu detalhes sobre a pontuação da então primeira-dama; e Heymann e Leamer documentam a carta enviada do iate *Christina*.

Capítulo 18: A maior parte deste capítulo vem de relatos de jornal e de Manchester. As *Conversations* de Bradlee fornecem a declaração "Sem perfis".

Capítulo 19: O depoimento do agente especial Hosty na Comissão Warren fornece os detalhes sobre sua visita a Ruth Paine. *The Kennedy White House: Family Life and Pictures, 1961–1963*, de Carl Sferrazza Anthony, fornece as declarações sobre Arlington. Vale observar que o sargento Clark também deu o

toque de silêncio no funeral de JFK.

Capítulo 20: *Garbo,* de Barry Paris, e *Jack and Lem*, de David Pitts, falam dessa noite esquecida na história da Casa Branca. Agradecemos a Camille Reisfield, de Ross, Califórnia, por escrever perguntando se o episódio estaria no livro, tornando os autores cientes deste último jantar em Camelot.

Capítulo 21: A Comissão Warren e *Road to Dallas,* de Kaiser, proporcionam esclarecimentos excepcionais sobre os dias que antecederam o assassinato. Ainda há dúvidas sobre se Oswald foi de fato o atirador que Sterling Wood testemunhou ter visto, já que o dono do polígono de tiro jurou que viu Oswald lá em uma data completamente diferente. O fato de que um homem solitário foi visto disparando um fuzil italiano peculiar, entretanto, está fora de discussão.

Capítulo 22: Hill, Manchester, depoimentos na Comissão Warren e o website do Museu da Casa Branca.

Capítulos 23 a 26: Uma ampla gama de websites e livros foram usados para examinar o vasto número de fatos em torno do assassinato de John F. Kennedy. Os horários, as descrições da multidão, a cena da chegada e todos os outros aspectos do momento em que ele toma o tiro e é levado ao hospital Parkland são fatos consumados. No entanto, as fontes principais para conversas específicas, momentos íntimos e outros detalhes particulares são *Death of a President*, a Comissão Warren, o fascinante *Mrs. Kennedy and Me*, de Clint Hill, *Reclaiming History*, de Vincent Bugliosi, os escritos de Dallek sobre as afecções médicas de JFK e sobre o próprio assassinato e, é claro, a filmagem de *Zapruder*. Nós a assistimos repetidas vezes para entender a sequência dos acontecimentos e nunca ficou menos terrível – e o desfecho também não mudou.

Capítulo 27: O cinejornal filmado por Jackie pode ser encontrado online. Sua tristeza continua sendo muitíssimo dolorosa de se assistir. Uma série de biógrafos de Jackie menciona brevemente essa gravação. Mas ela está longe de ser irrelevante. Assim como a noite com Greta Garbo, ou aquela com a *Mona Lisa*, este evento foi único e memorável, tendo sido negligenciado com demasiada facilidade.

AGRADECIMENTOS

Meu superagente Eric Simonoff continua a ser incrivelmente perspicaz em empreendimentos comerciais e criativos.

Makeda Wubneh, minha assistente há mais de vinte anos, mantém todos os meus negócios funcionando sem percalços, uma tarefa nada fácil.

Também sou muito grato a meu editor Stephen Rubin, o melhor no ramo, e a meu chefe na Fox News, Roger Ailes, um guerreiro brilhante e destemido.

– Bill O'Reilly

Eu gostaria de estender uma dívida de gratidão a todos aqueles que tornaram este livro possível, incluindo Steve Rubin, o confiável Gillian Blake e Eric Simonoff. E, é claro, o meu mais sincero amor e obrigado a Calene Dugard – musa, alma gêmea e secreta historiadora.

– Martin Dugard

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Killing Kennedy: The End of Camelot*
Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto da capa: John F. Kennedy © Wayne Miller/Magnum Photos
Tradução: Otavio Albuquerque e Janaína Marcoantonio
Preparação: Bianca Pasqualini
Revisão: Patrícia Yurgel

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O77u

O'Reilly, Bill, 1949-
Os últimos dias de John F. Kennedy / Bill O'Reilly, Martin Dugard; tradução Otavio Albuquerque e Janaína Marcoantonio. – [1. ed.] – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Tradução de: *Killing Kennedy: The End of Camelot*
ISBN 978.85.254.3076-2

1. Kennedy, John F. (John Fitzgerald), 1917-1963. 2. Presidentes - Estados Unidos - Biografia. 3. Estados Unidos - Política e governo. 4. Kennedy, John F. (John Fitzgerald) - Assassinato. I. Dugard, Martin. II. Título

13-05313 CDD: 923.173
CDU: 929:32(73)

Copyright © 2012 by Bill O'Reilly and Martin Dugard
Published by arrangement with Henry Holt and Company, LLC, New York. All Rights Reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br